

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

ALEX PIZZIO DA SILVA

**DILEMAS DA JUSTIÇA SOCIAL: REDISTRIBUIÇÃO E RECONHECIMENTO
NO ÂMBITO DE COLETIVIDADES AMBIVALENTES**

SÃO LEOPOLDO

2011

ALEX PIZZIO DA SILVA

**DILEMAS DA JUSTIÇA SOCIAL: REDISTRIBUIÇÃO E RECONHECIMENTO
NO ÂMBITO DE COLETIVIDADES AMBIVALENTES**

**Tese apresentada como requisito parcial
para obtenção de título de Doutor, pelo
Programa de Pós-Graduação em Ciências
Sociais da Universidade do Vale do Rio
dos Sinos – UNISINOS.**

Orientador: Prof. Dr. José Rogério Lopes

SÃO LEOPOLDO

2011

Dados da Catalogação na Publicação

Silva, Alex Pizzio da.

Dilemas da justiça social: redistribuição e reconhecimento no âmbito de coletividades ambivalentes / Alex Pizzio da Silva. – São Leopoldo, RS, 2011.
255 p. : il., color. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 2011.

Orientação: José Rogério Lopes.

1. Justiça social. 2. Redistribuição e reconhecimento. 3. Paridade participativa. 4. Matrizes culturais. 5. Conflito difuso. I. Lopes, José Rogério. II. Título. III. Título: redistribuição e reconhecimento no âmbito de coletividades ambivalentes.

ALEX PIZZIO DA SILVA

**DILEMAS DA JUSTIÇA SOCIAL: REDISTRIBUIÇÃO E RECONHECIMENTO
NO ÂMBITO DE COLETIVIDADES AMBIVALENTES**

**Tese apresentada à Universidade do Vale do
Rio dos Sinos como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor em ciências
sociais.**

Aprovado em 26 abril de 2011

BANCA EXAMINADORA

Dr. José Rogério Lopes – UNISINOS

Dr. José Luiz Bica de Mélo – UNISINOS

Dr. José Odelso Schneider – UNISINOS

Dr. Emil Albert Sobottka – PUC-RS

Dr. Ronaldo Augusto Campos Pessoa – UFT

À Mônica, companheira inigualável cujo
amor me move.

Agradecimentos

Sou sabedor de que certos reconhecimentos devem ser realizados em público e de própria voz. Contudo, a memória nos trai e as palavras são esquecidas, entretanto, quando escritas, se perpetuam e ficam registradas ao longo dos tempos. Gostaria de manifestar aqui minha dívida e minha gratidão para com meu orientador Prof. José Rogério Lopes. Seu papel em minha trajetória acadêmica é inquestionável. Suas orientações iniciaram-se muito antes de me tornar seu orientando e extrapolaram todas as barreiras das orientações formais que preparam o aluno para concluir uma tese de doutoramento. Seus ensinamentos e sua postura ética sempre tiveram outros propósitos, o de me preparar para o mundo acadêmico. Se, atualmente, me encontro em outro momento pessoal e profissional como professor em uma universidade federal, isso se deve em grande medida a sua dedicação. Espero, seguindo seus ensinamentos, poder fazer por outros o que ele fez por mim.

Continuando, agradeço:

- à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela bolsa de pesquisa que me proporcionou as condições para a realização deste curso.
- à Universidade do Vale do Rio dos Sinos por me propiciar todas as condições necessárias à realização do meu aprendizado.
- aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pelos ensinamentos. Em especial, aos professores Luiz Inácio Gaiger, José Odelso Schneider, José Luis Bica de Mélo, Marília Veríssimo Veronese e Carlos Gadea.
- à Maristela, pela sua imensa dedicação aos alunos, em especial por sua amizade e incentivo.
- Aos alunos do grupo de pesquisa *Atores Sociais Políticas Públicas e Cidadania*: Mirian, Raquel, Everson, Carlos, Deise e Adimilson.
- aos meus colegas de turma de doutorado pelas trocas fecundas, em especial à Leandro Vargas pela amizade sincera.

- aos trabalhadores informais de rua do Vale do Rio dos Sinos pela atenção e disposição em participar do estudo.
- aos meus colegas do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Tocantins pelo apoio na fase de conclusão do doutorado.
- à minha mãe, “dona” Clair (*in memoriam*), por ter me ensinado o valor da perseverança.
- aos meus filhos Thales, Rerison e Caetano pela compreensão e apoio nas minhas ausências.
- ao meu irmão Alan e minha cunhada Cristiane pelo apoio constante.
- à Mônica, minha companheira, pela colaboração prestimosa à conclusão desta tese.
- à Cidinha por zelar por mim.
- aos amigos, Joni, Carlos Daniel, Naíma e Eric, Omar, Francisco Perna e Rosana, George, Nélio, Josefa, Waldecy, José Carlos, pelo incentivo nas dificuldades e pelas comemorações nas vitórias.

RESUMO

Esta tese é fruto de uma pesquisa realizada no ambiente urbano com trabalhadores informais de rua no Vale do Rio dos Sinos. Trata-se de uma população que se apresenta envolta em uma multiplicidade de conflitos e demandas sociais que permitem pensar a desigualdade com base em seus condicionantes econômicos, políticos e culturais. O ponto de partida para as discussões realizadas foi a constatação da existência de hierarquias valorativas que, ao classificar sujeitos e grupos, legitima uma distribuição desigual das possibilidades de vida. O debate, assim, foi ampliado para além das tradicionais reivindicações por redistribuição, passando a considerar, nesse processo, a importância das demandas por reconhecimento. Recorreu-se, então, ao princípio normativo de *paridade participativa*, formulado por Nancy Fraser, por entender ser ele capaz de dissolver as hierarquias e estabelecer situações em que os sujeitos e grupos possam interagir em condições de igualdade. Em decorrência, o objetivo geral da tese consistiu em refletir sobre a justiça social, fundamentalmente no que se refere ao tratamento institucional dispensado a grupos e sujeitos por ocasião da partilha de recompensas e ônus sociais. Os resultados da pesquisa indicam que matrizes culturais atuam no estabelecimento de hierarquias valorativas e na manutenção e reprodução de situações de desigualdade social. O trabalho, como bem de acesso, lida com formas de dominação, expressa valores, constitui microambientes e se desdobra em uma relação dialética que repercute no *status* adquirido e atribuído a quem dele participa. Na prática, a ressignificação das situações de trabalho (formal/infomal, legal/ilegal) tem representado, para a maioria desses trabalhadores, a institucionalização da precariedade das relações sociais de produção e de proteção social. Sugere-se, portanto, que esse cenário, associado ao caráter difuso dos conflitos, representa, nesse momento, grandes entraves ao processo de articulação e organização desses trabalhadores no tocante às demandas coletivas.

Palavras-chave: justiça social, redistribuição e reconhecimento, paridade participativa, matrizes culturais, conflito difuso.

RESUMEN

Esta tesis es fruto de una investigación realizada en el ambiente urbano con trabajadores informales de la calle no Vale do Rio dos Sinos. Se trata de una población en medio de una multiplicidad de conflictos y demandas sociales que permiten pensar la desigualdad con base en sus condiciones económicas, políticas y culturales. El punto de partida para las discusiones realizadas fue la constatación de la existencia de jerarquías valorativas que, al clasificar sujetos y grupos, legitima una distribución desigual de las posibilidades de vida. El debate, así, fue ampliado superando las tradicionales reivindicaciones por distribución, pasando a considerar, en este proceso, la importancia de las demandas por reconocimiento. Se recurrió, entonces, al principio normativo de la *paridad participativa*, formulado por Nancy Fraser, por entender que tal concepto es capaz de disolver las jerarquías y establecer situaciones en que los sujetos y grupos puedan interactuar en condiciones de igualdad. En consecuencia, el objetivo general de la tesis consistió en reflexionar sobre la justicia social, fundamentalmente referido al tratamiento institucional dispensado a grupos y sujetos por ocasión de la división de recompensas y onus sociales. Los resultados de la investigación indican que matrices culturales actúan en el establecimiento de jerarquías valorativas y en la mantención y reproducción de situaciones de desigualdad social. El trabajo, como bien de acceso, lucha con formas de dominación, expresa valores, constituye microambientes y se desdobra en una relación dialéctica que repercute en el *status* adquirido y atribuido a quien participa de él. En la práctica, la resignificación de las situaciones de trabajo (formal/informales, legal/ilegal), han representado, para la mayoría de esos trabajadores, la institucionalización de la precariedad de las relaciones sociales de producción y de protección social. Se sugiere, no obstante, que ese escenario, asociado al carácter difuso de los conflictos, representa en este momento, grandes obstáculos al proceso de articulación y organización de esos trabajadores en lo referente a las demandas colectivas.

Palavras-chave: justicia social, redistribución y reconocimiento, paridad participativa, matrices culturales, conflicto difuso.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	39
Figura 2	47
Figura 3	87
Figura 4	92
Figura 5	95
Figura 6	95
Figura 7	96
Figura 8	96
Figura 9	99
Figura 10	99
Figura 11	101

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	106
Gráfico 2	106
Gráfico 3	108
Gráfico 4	110
Gráfico 5	111
Gráfico 6	111
Gráfico 7	112
Gráfico 8	113
Gráfico 9	114
Gráfico 10	114
Gráfico 11	116
Gráfico 12	123
Gráfico 13	125
Gráfico 14	127
Gráfico 15	128
Gráfico 16	129
Gráfico 17	130
Gráfico 18	131
Gráfico 19	138

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. EMBATES ACERCA DA JUSTIÇA SOCIAL	16
1.1 Justiça social afinal do que se trata?	16
1.2 O reconhecimento como medida de justiça social	22
1.3 A tridimensionalidade da justiça: a perspectiva de Nancy Fraser	30
1.4 Espaço das ambivalências: a esfera pública	40
1.4.1 Considerações iniciais sobre a justiça social no Brasil	43
2. A ESFERA DO TRABALHO COMO LÓCUS DA JUSTIÇA SOCIAL	51
2.1 Os bens no mundo	53
2.2 O trabalho como bem	61
2.2.1 Rede de suporte de valores e sistemas de marcação social	63
2.3 Aspectos históricos da questão social no Brasil	70
2.4 O trabalho informal de rua: conflito difuso e injustiça	78
3. PESQUISANDO COLETIVIDADES AMBIVALENTES: NOTAS METODOLÓGICAS	86
3.1 O campo empírico: antecedentes históricos e atualidade	86
3.2 O cotidiano da pesquisa	93
3.3 Tratando os dados: as aplicabilidades do Nvivo9	102
4. COLETIVIDADES AMBIVALENTES EM CONTEXTO DE JUSTIÇA SOCIAL: NOTAS DE PESQUISA	104
4.1 Conhecendo os sujeitos da pesquisa	106
4.2 As demandas em relação a atividade: conflitos e consequências	115
4.2.1 As situações de conflito no trabalho de rua	118
4.3 O que pensam os trabalhadores do mercado informal de rua: seus desejos, expectativas e valores compartilhados	122
4.4 As matrizes culturais e a paridade participativa: permanências de um Brasil moderno	132
4.5 Trabalho: bem de acesso e categoria interpretativa da realidade	137
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
BIBLIOGRAFIA	148
APÊNDICE A	159
APÊNDICE B	163

INTRODUÇÃO

Gostaria de iniciar esta tese relatando, de forma sucinta, a minha trajetória pessoal, uma vez que compreendo que ela revela, em parte, as minhas inquietações enquanto pesquisador. Nasci em São Leopoldo e morei nesta cidade até os meus cinco anos de idade, quando, devido às atividades profissionais de meu pai, iniciamos um período de constantes transferências, que só se encerrou aos meus 16 anos, devido ao seu falecimento. Neste período, residi em diversos municípios do estado do Rio Grande do Sul e em outros estados, tais como: Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro. Foi uma época muito profícua em termos de convivência com populações de culturas diversas da gaúcha, afinal, vivemos em um país de proporções continentais e de grande diversidade cultural.

Iniciei minha primeira experiência profissional aos 16 anos, trabalhando como empacotador em uma grande loja da capital gaúcha, um ano após, eu já era vendedor, atividade a que me dediquei por quinze anos. No decorrer desse período, realizei muitas viagens e, outra vez, tive a oportunidade de conviver com pessoas de nacionalidades diferentes, etnias, classes sociais, religiões, entre outros. Posso dizer que foram anos de muito contato com a diversidade. Ao longo deste período, aprimorei a minha imaginação sociológica, a qual foi estruturada e sofisticada com o auxílio de teorias e conceitos advindos das Ciências Sociais, conforme os meus estudos iam avançando na Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

O desenvolvimento de uma atividade profissional como a de vendedor, embora profundamente marcada pelos ditames do mercado, não impediram, ao contrário, colaboraram para que eu percebesse e me interessasse pelas questões ligadas à desigualdade social. Contudo, não era somente a questão da desigualdade econômica que me incomodava, o que mais foi me inquietando, ao longo desses anos, foi o fato de perceber a existência, na sociedade brasileira, de hierarquias valorativas que ao classificar sujeitos e grupos, legitima uma distribuição desigual das possibilidades de vida. Esse, sim, tem sido o rubicão de conhecimento que venho buscando transpor. Iniciei uma primeira tentativa de realizar uma investigação sobre essa problemática,

ao abordar as questões relativas à desqualificação e qualificação social, em meus estudos de mestrado. Naquele período, busquei compreender a temática da desqualificação social¹, conceito que traz à discussão os estigmas relacionados às condições de vida degradadas ou precarizadas e ganha complexidade teórica na medida em que não é apenas uma forma de referir-se a velhos problemas, mas aponta para a temática da chamada nova pobreza; para posteriormente pensar o que poderia ser um processo de qualificação social. Entendendo este último, não como o caminho inverso do primeiro, mas como um sobrepujar de barreiras que impedem uma inserção adequada como cidadão. Agora, nesta nova empreitada, retomo a questão das hierarquias valorativas tendo como elemento central a questão da justiça social mediada pelas teorias do reconhecimento.

No Brasil, o fenômeno da desigualdade social surge como um componente da nossa questão social a perdurar desde os tempos do período colonial. A temática tem sido recorrente em diversos estudos nas ciências sociais e, não raro, sua ocorrência tem sido tematizada em associação com a realidade dos trabalhadores. As análises têm se orientado por vieses específicos de cada área, cada qual acentuando mais um ponto ou outro e compondo um cenário geral que, embora divergente em alguns aspectos, em geral, apresentam um sentimento de perplexidade diante de uma realidade marcada por enormes disparidades em termos sociais.

Não somos um país pobre, mas desigual e com um número expressivo de pessoas pobres. O país apresenta um enorme potencial em termos de desenvolvimento econômico, entretanto, ainda enfrenta sérios desafios no que diz respeito às demandas por redistribuição e reconhecimento. O Brasil possui uma das maiores populações do mundo e ostenta o oitavo maior Produto Interno Bruto (PIB)² em nível mundial, no entanto, ocupa apenas a 73ª posição no *ranking* do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), segundo os dados do relatório elaborado pela Programa para as Nações Unidas (PNUD, 2010). Apesar de ser um país que vem inovando em termos de políticas sociais de redistribuição e justiça social, apresenta, não obstante, um grande número de

¹ O conceito de desqualificação social foi desenvolvido pelo sociólogo francês Serge Paugan (1999, 2003). Realizo uma análise aprofundada acerca do conceito em: Pizzio (2007, 2008).

² Entre outros, ver: IPEA (2010).

pessoas que continuam a enfrentar grandes dificuldades para o exercício da cidadania.

Ao retratar este cenário desconcertante, surgem as múltiplas dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores nos centros urbano do país. Dentre as questões mais frequentes podemos destacar o desemprego, a informalidade, a falta de proteção social, a baixa renda média real, a discriminação por sexo, idade e raça, dentre outros. Todos estes fatores, quando considerados em conjunto, configuram uma realidade social complexa e de difícil diagnóstico.

Tal embate, quando teorizado no âmbito da justiça social e da consolidação da democracia, indica a necessidade de articulação das políticas de redistribuição e de reconhecimento. As evidências de tal contexto sobre a teoria social “são visíveis na importância que o conceito de reconhecimento vem ganhando nas últimas décadas, seja na filosofia e na ciência política, na sociologia e nos estudos culturais, seja ainda no direito” (NEVES, 2005, p.81).

Em decorrência dessas questões, o objetivo da presente tese é refletir sobre a justiça social, fundamentalmente no que se refere ao tratamento institucional dispensado a grupos e sujeitos por ocasião da partilha de recompensas e ônus sociais. O intuito é aprofundar o debate acerca da singularidade da desigualdade social, tendo como ênfase principal suas determinações econômicas e culturais.

Nesta perspectiva, entende-se que a desigualdade é consequência de uma série de desajustes e que seu aparecimento não decorre apenas da ordem econômica (mesmo considerando-se a importância que essa dimensão possui), mas entende-se que ela tem uma origem multidimensional e conflituosa.

A tese é resultado de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida com trabalhadores informais de rua, no Vale do Rio dos Sinos. A opção por esse grupo deu-se em função de se tratar de uma população que se apresenta envolta em uma multiplicidade de conflitos e demandas sociais, que permitem pensar a desigualdade com base em seus condicionantes econômicos, políticos e culturais. Enquanto estratégia de exposição da tese, o texto encontra-se organizado em quatro capítulos, aos quais se seguem as

considerações finais. Os capítulos iniciais representam o esforço do pesquisador em delimitar a discussão, no que se refere ao *corpus* teórico do estudo.

Assim, o primeiro capítulo focaliza os aspectos que envolvem o entendimento sobre a ideia de justiça social. Nele se descortina toda a complexidade no que diz respeito à ideia de justiça social, pois como se verá adiante, ela tanto pode se referir às atitudes individuais de um sujeito ou grupo em relação a outros, como pode aludir ao tratamento institucional dispensado a sujeitos e grupos, em relação à distribuição de benefícios e ônus sociais.

No segundo capítulo, realiza-se uma imersão no mundo dos bens, cujo objetivo é compreender as funções que os mesmos desempenham socialmente e os motivos que conduzem as pessoas a desejarem bens. O trabalho, como bem de acesso, lida com formas de dominação, expressa valores e apresenta um modelo originário de racionalidade, que opera discriminações sobre as relações que se estabelecem na vida coletiva. Debater essas questões permite ao pesquisador aprofundar o debate, fundamentalmente, naqueles aspectos pertinentes ao mundo do trabalho e relacionados ao debate sobre a justiça social em contextos de ambivalência.

O terceiro capítulo da tese é, todo ele, composto de elementos metodológicos. Trata-se do momento em que o pesquisador relata o universo da pesquisa, seus procedimentos e opções em termos de método de coleta e tratamento de dados.

O quarto capítulo e as considerações finais anunciam os resultados, descobertas e conclusões a que se chegou, a partir da observação, sistematização e análise dos dados coletados durante todo o percurso de elaboração desta tese.

CAPÍTULO I

EMBATES ACERCA DA IDEIA DE JUSTIÇA SOCIAL

1.1 Justiça social: afinal do que se trata?

Quando se fala de justiça social de que conjunto de questões se trata? Quais são seus elementos constitutivos? Quando se pode dizer que uma pessoa ou instituição é justa ou injusta? Em outras palavras, quando se sabe ou se pode afirmar que as ocorrências cotidianas refletem arranjos sociais justos? A temática não é nova, a busca pelas respostas a essas interrogações tem sido objeto de reflexão desde a Antiguidade³. Em sua vertente mais difundida, a ideia de justiça tem sido tratada em termos de uma justiça distributiva⁴ e tem encontrado seu princípio fundamental na máxima: *dê a cada individuo o que lhe é devido*, seja com base em suas necessidades, seu mérito ou suas escolhas. Ao longo dos tempos, a figura da balança tem servido de representação simbólica da imparcialidade ante as reivindicações por justiça.

Trata-se de perspectivas históricas, que variam de acordo com os valores e bens dominantes em cada sociedade e, neste sentido, encontram-se sujeitas às ideologias, uma vez que se assentam em concepções de mundo que emergem de relações sociais concretas.⁵

³ Na filosofia clássica, há referências ao tema, com as formulações de Platão e Aristóteles. Em *A República*, Platão (2002) define a justiça como a relação harmônica das três virtudes fundamentais que devem regular a alma: a temperança, a coragem e a sabedoria. A justiça é a justa medida, a temperança representa a sensibilidade regulamentada segundo a justiça, a coragem é a justiça do arbítrio (da vontade), e a sabedoria é a justiça do espírito. Já na obra *Ética a Nicômacos*, Aristóteles (2002) diz que a justiça é a virtude da *equidade*, que tem por objeto ordenar e dirigir a convivência humana. Aristóteles (2002) deparou-se com dificuldades na tentativa de encontrar a definição de justiça. Reconhecendo-a como um termo ambíguo, relacionou-a com a virtude. Para ele a justiça é a virtude mais relevante, inclui todas as outras e resume toda excelência. Ver Platão (2002); Aristóteles (2002).

⁴ Com referência à justiça distributiva siga as indicações de Walzer (2003), para quem: “distribuir significa dar, repartir, trocar e assim por diante, e o foco está nos indivíduos que ficam em cada extremo desses atos: não nos produtores e consumidores, mas nos agentes distribuidores e receptores de bens” (p. 5).

⁵ Ver os trabalhos de: Walzer (2003), Heller (1998), Heller & Fehér (1998), Kley (1997), Campbell (1996), dentre outros.

Esses poucos apontamentos iniciais já são suficientes para demonstrar que o enfrentamento dos aspectos que envolvem a ideia de justiça social constitui uma tarefa árdua, da mesma forma que o tratamento teórico-conceitual da temática ocorre em um terreno pantanoso. Trata-se de questões complexas, uma vez que um breve balanço acerca das sociedades de modo geral evidencia que, em muitas delas, as desigualdades são não apenas aceitas, mas encontram respaldo e legitimidade no ordenamento social. Sem pretender esgotar a pluralidade dos elementos que norteiam o debate referente à ideia de justiça na atualidade, pretende-se destacar alguns aspectos conceituais relevantes para a discussão que se realizará neste trabalho.

O primeiro ponto em relevo diz respeito às ideias de justiça formal e material. Nesse caso, a ideia de justiça formal encontra-se amplamente alicerçada no pressuposto de que as distribuições devam ser realizadas com base em critérios ou regras existentes ou aceitas. Geralmente aparece identificada com a justiça jurídica e ou individual e implica igualdade formal, caso se entenda que, em uma sociedade, todas as pessoas devem ser tratadas de acordo com as mesmas regras. Os direitos civis e políticos presentes na ideia de cidadania, nos regimes democráticos, exemplificam bem essa questão. A justiça material, por sua vez, relaciona-se à identificação de critérios distributivos adequados em relação à riqueza socialmente produzida e aos seus benefícios (CAMPBELL, 1996).

O segundo aspecto refere-se à ideia de que a justiça se apresenta vinculada a uma pluralidade de situações. Segundo Agnes Heller (1998), existe uma variedade de atos que podem ser considerados justos ou injustos. Podem ser atos de julgamento, os que concedem ou negam alguma coisa, de castigo ou premiação, de distribuição, dentre outros. A consequência imediata desta pluralidade de situações reside na concepção de que o tratamento igualitário, concebido como fonte de justiça, acaba por expressar relações de dois tipos.

Em um sentido, o ato justo ou injusto surge como resultante da forma de tratamento dispensado por um indivíduo a outro em situações cotidianas. É correto afirmar que a qualificação desse ato depende da forma como os membros de uma comunidade ou agrupamento aplicam as regras e normas uns aos outros nas interações sociais. A maneira diferenciada com que são tratadas pessoas diferentes em situações idênticas constitui a variável mais

significativa dessa questão. Nessa perspectiva teórica, a justiça é entendida em termos de virtude pessoal, vinculada ao agir correto no dia a dia.

Por outro lado, as situações de justiça e injustiça também se referem à aplicação de critérios institucionais, segundo a qual as instituições básicas, políticas, econômicas e sociais devem ser avaliadas em seu fundamento. Desse modo, quando se analisa esse aspecto da temática reflete-se acerca de um conjunto de questões que envolvem, além de elementos éticos e morais, aspectos materiais e simbólicos. De forma contingente, esse ponto tende a ficar intrincado à medida que se constata que as avaliações das instituições sociais e políticas funcionam em numerosas relações de interdependência ou de subordinação. Em decorrência, a discussão sobre o que é justo ou injusto, particularmente em referência às conseqüentes partilhas de recompensas e ônus sociais, encontra-se permeada pelo debate sobre a igualdade e desigualdade na distribuição de bens sociais. Nesse sentido, Heller e Fehér (1998) destacam que a “igualdade e desigualdade não são uma substância; tanto igualdade quanto desigualdade são constituídas na aplicação de regras e normas, e só por elas” (p. 174). Trata-se da razão pela qual é possível falar que as ideias de justiça são princípios gerais de comparação e classificação, pois, as ações humanas só podem ser justas ou injustas se podem ser comparadas e, incidentalmente, classificadas.

Posição semelhante é apresentada por Kymlicka (2006). O autor destaca que “temos obrigações morais mutuas, das quais algumas são de responsabilidade pública – impostas por meio de instituições públicas – e outras são de responsabilidade pessoal – envolvendo regras de conduta pessoal” (p.8). Nesse sentido, ressalta-se que,

ainda que sejam necessárias a virtude pessoal da justiça, ou seja, o bem agir das pessoas para a realização das relações sociais justas, tem preeminência, sistematicamente, a justiça entendida como critério de crítica institucional e expressa em princípios de justiça social. Com efeito, os homens agem, em grande parte, num contexto institucional constituído de regras jurídicas e outras. Não é tanto o agir do indivíduo como tal, mas são, em primeira linha, os efeitos das instituições sociais, em seu conjunto que determinam o convívio humano, bem como a distribuição de bens importantes e influem profundamente nas perspectivas de vida de cada membro da sociedade (KLEY, 1997, p. 354-355).

No âmbito da justiça social, o conjunto dessa alteração apresenta no primeiro plano os aspectos relacionados à formação de hierarquias e os conflitos delas decorrentes, o que leva à reflexão acerca da hierarquia produzida por esse processo de classificação, pois toda classificação implica num processo de hierarquização. Em um primeiro momento, o contraste entre hierarquia e igualdade é a parte mais visível da questão. Contudo, conforme Dumont (2000), existe outro contraste, “subjacente ao primeiro e de aplicação mais geral: a grande maioria das sociedades valoriza, em primeiro lugar, a ordem, portanto, a conformidade de cada elemento ao seu papel no conjunto, à sociedade como um todo” (p.14). A essa orientação geral dos valores Dumont chama de *holismo* em contraposição a outras sociedades caracterizadas pelo *individualismo*, ou seja, aquelas sociedades que valorizam em primeiro lugar o ser humano individual, e na qual “cada homem é uma encarnação da humanidade inteira e, como tal, é igual a qualquer outro e livre.” (p.14)

Desse modo, o autor enfatiza que

entre as grandes civilizações que o mundo conheceu, predominou o tipo holista de sociedade. [...] No plano lógico o holismo implica hierarquia e o individualismo igualdade, mas, na realidade, nem todas as sociedades holistas acentuam a hierarquia no mesmo grau, nem as sociedades individualistas a igualdade. [...] trata-se de valores sociais gerais, englobantes, que devem ser distinguidos claramente da simples presença de um traço ou de uma ideia num plano ou noutro da sociedade. Em sentido mais amplo, igualdade e hierarquia estão necessariamente combinados, de uma forma ou de outra, em todo o sistema social (p. 14-15).

Outros autores compartilham essa perspectiva. Godelier (1974), ao analisar o funcionamento das sociedades hierarquizadas e as formas de Estado, constata que essas sociedades possuem uma diversidade de caminhos pelos quais as aristocracias, ou os grupos que detêm privilégios, despojam progressivamente outros grupos e ou comunidades de parte de seus direitos sobre solo e recursos raros. No entanto, afirma o autor, existem nas sociedades complexas dois setores de atividade econômica, aos quais se devem atentar e que correspondem a uma divisão geral dos bens em categorias hierarquizadas: os bens de subsistência e os bens de prestígio. A hierarquia dos bens expressa a hierarquia dos valores ligados às diversas

atividades sociais, e esses valores traduzem o papel dominante no seio da sociedade de certas estruturas sociais.

Nesse sentido, prossegue Godelier (1974), a limitação do número de papéis dominantes faz que a competição social no seu aspecto econômico, se realize através da posse e da distribuição de bens de difícil acesso. Em decorrência, a competição no interior do grupo inicia-se, na maioria das vezes, além da esfera da produção e da apropriação dos bens de subsistência e conduz a uma perda do *status* social dos indivíduos.

Por essa via reflexiva, o trabalho analítico não se alicerça no enfrentamento de uma questão de ordem natural, mas abarca questões decorrentes de relações sociais concebidas com base em interesses diversos e, em alguns casos, antagônicos. Em outras palavras, trata-se de questões que surgem da maneira como, na sociedade, alguns grupos subordinam ou dominam outros grupos, baseados na definição e distribuição de bens sociais.

Diante de tal constatação, considera-se importante o posicionamento adotado por Walzer (2003), em relação às teorias dos bens e da igualdade complexa. Segundo esse autor, “as pessoas concebem e criam bens que então distribuem entre si” (p. 6). De acordo com essa definição, a concepção e a criação precedem e controlam a distribuição, e os bens possuem significados compartilhados sendo assim importantes meios de relações sociais. Essa perspectiva completa-se com a visão de Douglas e Isherwood, segundo a qual, “os bens são investidos de valores socialmente utilizados para expressar categorias e princípios, cultivar ideias, fixar e sustentar estilos de vida, enfrentar mudanças e criar permanências” (apud ROCHA, 2009, p. 8).⁶ Em outros termos, os bens do mundo compartilham significados porque a concepção e significação são processos sociais. Pelo mesmo motivo, os significados dos bens variam de uma sociedade para outra. Nesse contexto, homens e mulheres assumem identidades concretas em virtude do modo como concebem e criam, e depois possuem e empregam bens sociais.

Como visto, a concepção e a distribuição dos bens é gestada socialmente e, em consequência repercute na construção identitária dos sujeitos. Contudo, quando se fala de definição e distribuição deve-se ter

⁶ Essas questões serão retomadas com mais afinco no segundo capítulo deste trabalho.

presente que tais definições envolvem a delimitação de critérios e de escalas valorativas, e elas não são questões consensuais a que as pessoas aderem livremente, mas envolvem conflitos. Os critérios adotados para estabelecer distribuições não dizem respeito apenas ao que está sendo distribuído, mas se refere igualmente a quem é objeto de tal distribuição.

No caso da sociedade brasileira, a constatação de que a busca por justiça social encontra-se eivada por conflitos é significativa. Conforme Silva (2003), uma das bases mais gerais e mais permanentes dos conflitos é que os indivíduos são iguais no que tange à sua humanidade. No entanto, geneticamente falando, são diferentes uns dos outros. Tais diferenças não decorrem apenas da ordem genética, mas são, em parte, produzidas socialmente. A produção social da diferença, não seria problemática uma vez que enriqueceria o conjunto da humanidade. Não obstante, as diferenças andam sempre de par com relações de força que as transformam em hierarquias,⁷ isto é, algumas pessoas tornam-se superiores em relação a outros conjuntos de pessoas que passam a serem concebidos como inferiores, temos aqui um elemento importante a ser considerado.

Como consequência, o debate acerca da justiça social coincide com o discurso sobre a igualdade. Walzer (2003), ao referir-se ao igualitarismo, ressalta que não se trata de eliminar todas as diferenças, mas um determinado conjunto delas. As análises referentes ao igualitarismo político demonstram que ele sempre buscou eliminar um conjunto diferente de desigualdades a cada época e lugar. Desta forma,

seus alvos são sempre específicos: privilégios, riqueza capitalista, poder burocrático, supremacia racial ou sexual. Em todos esses casos, porém, as lutas se assemelham um pouco. O que está em jogo é a capacidade de um grupo de pessoas dominar seus semelhantes. Não é o fato de existirem ricos e pobres, que gera a política igualitária, mas o fato de que os ricos “oprimem os pobres”, impõem-lhes sua pobreza, exigem-lhes comportamento respeitoso. De maneira semelhante, não é a existência de aristocratas e plebeus, ou de autoridades e cidadãos comuns (e, de certo, não é a existência das diversas raças ou dos sexos) que produz a exigência popular de abolição das diferenças sociais e políticas; é o que os aristocratas fazem aos plebeus; o que as autoridades fazem aos cidadãos comuns; o que as pessoas que tem poder fazem aos que não tem. Tal exigência encontra-se referenciada no tratamento dispensado

⁷ Em vários campos teóricos isso foi discutido. Ver Demo (2003); Estenssoro (2003); Eysenck (1976); Ianni (2004); Velloso (1991); dentre outros.

pelas autoridades aos cidadãos comuns e no que as pessoas que possuem poder fazem aos que não tem. A experiência da subordinação – sobretudo a subordinação pessoal – está por trás do ideal de justiça (WALZER, 2003, p. XV-XVI).

Segundo esse autor, a justiça social é a esperança vigorosa por trás da palavra igualdade. Não se trata, portanto, de eliminar todas as diferenças, que não é necessário, pois as pessoas não precisam serem iguais, nem possuírem as mesmas coisas. A igualdade entre as pessoas (para todos os fins morais e políticos) é obtida quando ninguém possui nem controla os meios de dominação. Nesse sentido, Walzer (2003) observa que, ao longo dos tempos, os meios de dominação apresentaram formas variadas em cada sociedade, linhagem, propriedade, capital, cultura, poder, dentre outros, e desempenharam ou desempenham esse papel. Contudo, o domínio é sempre mediado por algum tipo de bem social (WALZER, 2003).

1.2 O reconhecimento como medida de justiça social

A busca pela superação da desigualdade social tem sido o grande objetivo das teorias contemporâneas da justiça. A atualização do debate nas últimas décadas fez com que outros paradigmas entrassem em cena. Durante muito tempo, o paradigma da justiça distributiva foi considerado muito adequado para analisar as reivindicações, fundamentalmente as advindas dos trabalhadores e dos pobres. Nos regimes democráticos de bem-estar desencadearam-se conflitos, sobretudo, por recursos, e a discussão polarizou-se no terreno distributivo, com apelo a normas universalistas e, mantendo à margem todo um outro conjunto de questões relacionadas à diferença. Entendia-se que as reivindicações de uma distribuição igualitária representava o ideal de justiça. Dentre os seus principais expoentes, pode ser citado John Rawls. Sem dúvida, seus princípios definidores de justiça encontram-se na origem do atual debate.

Kymlicka (2006) referindo-se à teoria de Rawls, destaca que

sua concepção de justiça é composta de uma ideia central: todos os bens primários sociais – liberdade e oportunidade, renda e riqueza, e as bases do respeito de si mesmo devem ser distribuídos igualmente, a menos que a distribuição desigual de qualquer um ou de todos esses bens seja vantajosa para os menos favorecidos. Nessa concepção geral Rawls vincula a ideia de justiça a uma parcela igual de bens sociais, mas acrescenta uma importante modificação. Tratamos as pessoas como iguais não removendo todas as desigualdades, mas apenas as que trazem desvantagem para alguns (p. 66).

Sinteticamente, Rawls procura harmonizar os princípios liberais de igualdade jurídica com o objetivo de reduzir as desigualdades sociais, priorizando em sua teoria o princípio distributivo. No entanto, os anos 1960 registram o surgimento de demandas referentes a questões identitárias, de gênero, culturais e lutas contra as mais variadas formas de discriminações, que passaram a compor o cenário mais amplo na esfera pública. Surgia então um novo campo de conflitos, com base no qual deveria ser pensado o princípio da igualdade e seu universalismo.

No Brasil, a década de 1970 foi marcada pelo afloramento de uma diversidade de movimentos sociais, assim “a heterogenidade constitutiva da estrutura social induziria a reprodução das diversidades no plano das manifestações sociais” (SADER, 1988, p.197).

Em tal contexto, o reconhecimento passa a chamar a atenção, configurando-se em objeto de análise de vários teóricos como Charles Taylor (2000), Nancy Fraser (2001, 2006, 2008) e Axel Honneth (2003, 2006).⁸ Para esses autores, essa categoria vem se transformando em elemento fundamental nos trabalhos que buscam esclarecer o teor dos debates acerca da identidade e a diferença, independentemente do conteúdo, sejam reivindicações territoriais, questões de gênero, discriminação etc. Assim, recorre-se cada vez mais ao termo para revelar as bases normativas das reivindicações políticas. Entretanto, se a categoria reconhecimento é, atualmente, indiscutível, a sua

⁸ Axel Honneth (2003, 2006) e Nancy Fraser (2001, 2006, 2008), junto com Charles Taylor (2000), são os principais autores que procuram retrabalhar, cada um a seu modo, o tema do reconhecimento como sendo central para uma teoria crítica da sociedade contemporânea. Outras abordagens e leituras acerca das teorias da justiça e seus elementos podem ser encontradas em estudos de Michael Walzer (2003), Will Kymlicka (2006), Rainer Forst (2010), François Dubet (2003), dentre outros.

relação com a redistribuição carece de um tratamento maior. Atualmente, diante das transformações promovidas pelos processos de globalização,⁹ a busca por um patamar de justiça social deve englobar pelo menos dois conjuntos de questões: as que se projetam com base nas lutas por redistribuição e as que se originam nas reivindicações por reconhecimento (Fraser; Honneth, 2006).

No plano teórico, o enfrentamento dessas questões tem sido objeto de controvérsias uma vez que tem mobilizado um contingente expressivo de intelectuais, que, com base em orientações díspares, enfrentam o problema da relação entre redistribuição e reconhecimento, “buscando estabelecer uma posição crítica em relação às lutas sociais contemporâneas, teorizar o lugar da cultura no capitalismo e pensar padrões de justiça” (Silva, 2005, p. 4).

O debate que envolve o reconhecimento como um elemento fundamental na busca pela igualdade e, conseqüentemente, por uma sociedade livre de desigualdades sociais, pode ser agrupado em dois grandes blocos de trabalhos. De um lado, há os que entendem que a categoria reconhecimento diz respeito a autorealização (estima). De outro, em contraposição, há os que entendem que o reconhecimento deve ser tematizado como uma questão de justiça. Nas próximas páginas apresentam-se algumas das formulações teóricas que embasam cada perspectiva.

Para Charles Taylor (2000), o prestígio adquirido pela categoria reconhecimento nas sociedades contemporâneas deve-se ao vínculo existente entre reconhecimento e identidade, em que a identidade designa algo como a compreensão de quem a pessoa é, de suas características definidoras e fundamentais da condição de seres humanos. Sua tese é que a identidade é moldada, em parte, pelo reconhecimento ou por sua ausência, de tal forma que uma pessoa ou grupo pode sofrer danos reais ou uma real distorção, caso a sociedade da qual faz parte lhe devolva um quadro redutor de si mesma, desmerecedor ou mesmo desprezível. Assim, o devido reconhecimento não é

⁹ Anthony Giddens (1991) define a globalização como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos que ocorrem (simultaneamente ou não) a muitas milhas de distância e vice e versa. Trata-se de um processo dialético porque tais acontecimentos locais podem deslocar-se em uma direção contrária às relações muito distanciadas que os modelam.

uma mera cortesia que se deve conceder às pessoas, mas sim uma necessidade humana vital.

Honneth (2003), adotando um quadro interpretativo próximo ao de Charles Taylor, afirma que, por meio do reconhecimento intersubjetivo, os sujeitos podem garantir a plena realização de suas capacidades e uma autorrelação marcada pela integridade. Em consequência os sujeitos são forjados em suas interações, e eles só conseguem formar uma autorrelação positiva, se forem reconhecidos pelos seus parceiros de interação. Dessa constatação, Honneth (2003) deriva outra, de suma importância, qual seja, que o reconhecimento da dignidade individual de todos os membros da sociedade deve ser visto como o principal critério válido de justiça, uma vez que ele concentra outros princípios, incluindo o distributivo.

Axel Honneth é um representante da Escola de Frankfurt que busca reconstruir a teoria crítica com base em uma teoria do reconhecimento. Para tanto, busca inspiração na obra de dois autores: Hegel e Mead. No conceito de luta por reconhecimento, proposto por Hegel, o autor encontra os elementos para desenvolver um conceito de luta moralmente motivada que permite reproduzir a noção de conflito. Hegel em seus textos de Jena defende

naquela época a convicção de que resulta de uma luta dos sujeitos pelo reconhecimento recíproco de sua identidade uma pressão intra-social para o estabelecimento prático e político de instituições garantidoras da liberdade; trata-se da pretensão dos indivíduos ao reconhecimento intersubjetivo de sua identidade, inerente à vida social desde o começo na qualidade de uma tensão moral que volta a impelir para além da medida institucionalizada de progresso social e, desse modo, pouco a pouco a um estado de liberdade comunicativamente vivida, pelo caminho negativo de um conflito a se repetir de maneira gradativa (HONNETH 2003, p. 29).

Entretanto, para Honneth (2003), o modelo teórico de luta por reconhecimento proposto por Hegel deve ser retomado na perspectiva de uma teoria social normativa. Essa empreitada apresenta algumas dificuldades, uma vez que, as reflexões que embasam o modelo hegeliano devem parte de sua força a pressupostos da razão idealista que não podem mais ser sustentados, sendo necessária uma re-atualização de suas formulações. É com essa dificuldade em vista que Honneth recorre à psicologia social de George H. Mead, no qual o conceito intersubjetivista de pessoa, além de apropriado às

formulações de Hegel, pode funcionar, segundo Silva (2000), como um corretivo aos seus propósitos idealistas.

Para Mead (apud HONNETH, 2003), o processo de socialização e as interações são responsáveis pelo desenvolvimento pleno da identidade dos indivíduos e a luta por reconhecimento é o ponto de referência da evolução moral da sociedade. Dois são os pontos de partida da empreitada de Mead. Inicialmente ele parte de um olhar intersubjetivista, pelo qual “um sujeito só pode adquirir uma consciência de si mesmo na medida em que ele apreende a perceber sua própria ação da perspectiva de uma segunda pessoa” (apud HONNETH, 2003, p. 131). Em segundo lugar, Mead investiga a relevância das normas morais nas relações humanas. De acordo com ele, nas interações sociais, ocorrem conflitos entre o *eu*, a *cultura* e os *outros*, por meio dos quais indivíduos e sociedade se desenvolvem moralmente. Em outras palavras, para Mead, a autorrealização dos sujeitos depende de uma relação de reconhecimento, segundo a qual, “todo sujeito pode saber-se confirmado como uma pessoa que se distingue de todas as outras por propriedades e capacidades particulares” (Ibidem, p. 149).

Por fim, Honneth (2003) encontra nos estudos de Donald Winnicott os elementos finais de sua proposta teórica. Winnicott (apud HONNETH, 2003) analisa as interações entre mãe e filho buscando compreender como se constitui o processo pelo qual mãe e filho podem se separar do estado de ser-um, para aprenderem a se amar e se conceberem como pessoas autônomas. Para Winnicott, um aprende com o outro a diferenciar-se e se ver como ser independente (mesmo que em certa medida eles mantenham um certo grau de dependência mútua), podendo sobreviver sozinhos, do que advém a possibilidade da autoconfiança.

Assim, com base nestes autores, Honneth (2003) desenvolve uma tipologia formada por três formas distintas de reconhecimento:

- a) as relações primárias, cujas formas de reconhecimento são o amor e a amizade;
- b) as relações legais, cujas formas de reconhecimento são as identificadas com os direitos;

c) as comunidades de valor, cuja forma de reconhecimento é a solidariedade.

Para cada uma dessas dimensões – amor, direito, solidariedade – existe uma relação prática do sujeito com o *self*, relações definidas respectivamente como autoconfiança básica, autorrespeito e estima social. Conforme esse quadro, a possibilidade de formação de indivíduos autônomos depende do desenvolvimento dessas três formas de relação com o *self*. Por outro lado, essas formas de relação com o *self* só podem ser adquiridas mediante o reconhecimento de outros (SILVA, 2000). Assim, pode-se dizer que o sujeito deve ter suas qualidades e capacidades reconhecidas e legitimadas pelos outros, de forma que, se sentindo reconhecido, disponha-se a reconhecer também o outro em suas singularidades.

Por fim, cada uma dessas formas de reconhecimento contém um potencial para o conflito, pois são moralmente motivadas por formas de desrespeito. Os componentes violados por essas formas de desrespeito são, respectivamente, a integridade física, a integridade social e a dignidade da pessoa. Esses padrões de reconhecimento intersubjetivo são considerados capazes de dar um fundamento normativo às noções intuitivas de justiça e, como contraponto, de injustiça.

As ideias de Honneth (2003) são extremamente promissoras em termos de teoria social, uma vez que o autor coloca no centro do debate elementos importantes para que se analise a desigualdade social em termos de conflito. Nesse tocante, há proximidade entre seu trabalho e algumas perspectivas desenvolvidas no Brasil, como às teses apresentadas por Vera da Silva Telles. Segundo essa autora, é pelo conflito

que os não iguais impõem o seu reconhecimento como indivíduos e interlocutores legítimos, dissolvendo as hierarquias nas quais estavam submissos numa diferença sem equivalência possível. É nele, portanto, que se decifra o enigma dos direitos, enquanto conquistas de reconhecimento e legitimidade, sem o que a cidadania formulada nos termos da lei não se universaliza e não tem como se enraizar nas práticas sociais (TELLES, 2001, p. 30).

Entretanto, os aportes de Honneth (2003) ainda suscitam alguns questionamentos. Ao ampliar significativamente a categoria reconhecimento, o autor acaba por criar uma teoria monística, ou seja, uma teoria estruturada com

base em um conceito único capaz de englobar todas as dimensões da vida social. Em sua versão de uma teoria do reconhecimento diferenciada, o autor esclarece serem os sentimentos de injustiça e de desrespeito o combustível que alimenta grande parte dos conflitos vivenciados na sociedade contemporânea (HONNETH, 2006, p. 91)¹⁰. Assim, deve-se buscar na base dessas ofensas moralmente localizadas o fio condutor para interpretar a ação moralmente motivada, do mesmo modo que ele deve servir de guia para o equacionamento das situações de injustiça.

Pois bem, de um lado, Honneth (2003) tem o mérito de apontar que o reconhecimento, como autorreconhecimento (estima), é fundamental para a construção do sujeito da ação na luta social, o que é particularmente evidente em alguns grupos ou movimentos sociais no Brasil.¹¹

De outro, o autor não apresenta uma explicação acerca do contrário. Em outras palavras, não explica quando os sentimentos de injustiça ou desrespeito funcionam não mais como combustível para a ação reivindicadora de justiça social, mas como elementos inibidores da ação.

Em muitas situações, indivíduos ou grupos submetidos a um sentimento de humilhação pública ou de inferioridade acabam por assimilar essa visão negativa, autointerpretando-se como não capazes ou não merecedores de determinadas considerações sociais. Paugam (2003), em uma pesquisa realizada com pessoas expostas a estigmas, em decorrência do desemprego, conclui que elas acabam, em última instância, buscando o isolamento social e não a mobilização. Nesses casos, o sentimento de vergonha social fala mais alto que a capacidade de mobilização e superação das adversidades.

Outra dificuldade a ser enfrentada é a maneira como Honneth (2003) incluí a luta pelo reconhecimento na tradição crítica. Avritzer (2007) pondera

¹⁰ Honneth (2006) ao afirmar estar renovando a teoria crítica com base em uma teoria do reconhecimento substancialmente diferenciada, busca desvincular-se das críticas de Fraser (2006) às proposições de Charles Taylor (2000), as quais ela estende a Honneth. Entretanto, o saldo de sua discussão acaba conduzindo a uma visão do reconhecimento como autorrealização e, nesse aporte teórico ele se aproxima em demasia de Charles Taylor.

¹¹ Celi Pinto (2008) enfatiza a importância desse aporte teórico ao entendimento do desenvolvimento do Movimento Negro no Brasil. Segundo essa autora, só é possível compreendê-lo tendo em vista que “nele, a noção de autorreconhecimento é fundamental: não existe política que provoque mudança de *status* na condição do negro, se o negro não se reconhece como tal (como sujeito negro dominado).” (p. 39).

que a visão de Honneth não possibilita compreender a maneira como os movimentos sociais postulam o reconhecimento como luta política. Nesse sentido, para Avritzer (2007) o problema diz respeito essencialmente a duas questões. Em primeiro lugar, para o autor, Honneth reduz cada uma das formas de desrespeito à falta de autoestima do próprio *self*. Como o *self* é uma categoria do indivíduo, o problema reside em que as formas de reconhecimento mais vigorosas, notadamente gênero e raça, encontram-se vinculadas às formas de ação coletiva, como o movimento feminista e os movimentos raciais. Em segundo lugar, há o problema do *status* heurístico diferenciado das três categorias apontadas por Honneth. Em sua tipologia, as três formas de reconhecimento representam momentos de equacionamento das injustiças advindas das três formas de desrespeito. O problema com a homologia das três categorias, é que o amor é uma categoria do *self*,

ao passo que nem os direitos nem a solidariedade podem ser considerados categorias do *self*, mesmo quando esse é pensado nos termos de um reconhecimento do outro. Sendo assim, o equívoco que Honneth comete de saída é categorizar o reconhecimento nos termos do *self* (Honneth, 1992, p.190-191), sem perceber que a luta pelo reconhecimento assume dimensões inerentemente coletivas e está ligada a maneira como movimentos sociais colocam a reivindicação de reconhecimento em público (AVRITZER, 2007, p.7).

Sem dúvida, a visão restrita de Honneth (2003) acaba por retirar da categoria reconhecimento grande parte do seu potencial. O reconhecimento, como destaca Pinto (2008), é um conceito polissêmico e reduzi-lo à autorrealização exclui tanto seu valor heurístico para a teoria social, como sua potencialidade na luta por justiça. A redução do reconhecimento à autorrealização permite a Honneth, no mesmo movimento, reduzir a redistribuição ao reconhecimento. Como consequência deste ato de abstração, a difícil tarefa de pensar as injustiças econômicas, que os indivíduos ou grupos possam sofrer, são consideradas por Honneth (2003) como derivadas de um processo de baixa estima ou de ausência de estima social. Na tentativa de escapar a essas e outras dificuldades, novas propostas teóricas têm sido formuladas com base em outras leituras em relação às dimensões que tipificam o conceito de justiça social.

1.3 A tridimensionalidade da justiça social: a perspectiva de Nancy Fraser

Atualmente, parece que as reivindicações de justiça social se dividem, cada vez mais, em dois tipos. O primeiro, mais conhecido, relaciona-se as reivindicações redistributivas que pretendem uma distribuição mais justa dos recursos e da riqueza. O segundo tipo de reivindicação por justiça social refere-se à política de reconhecimento, e seu objetivo, em sua forma mais aparente, é um mundo que aceite a diferença. Diante desse cenário Fraser (2006) aponta a possibilidade de desenvolvimento de um novo paradigma de justiça social que integrem as duas reivindicações, em vez de separá-las, uma vez que esses conjuntos de reivindicações aparecem dissociados tanto na prática como intelectualmente.

Em alguns casos, entretanto, essa dissociação constitui-se em polarização. Nesse sentido, observa-se que alguns proponentes da redistribuição rechaçam de pronto a política do reconhecimento, considerando as reivindicações pelo reconhecimento da diferença uma falsa consciência, verdadeiros óbices à consecução da justiça social. Do mesmo modo, os defensores das políticas de reconhecimento desdenham as políticas de redistribuição, citam o fracasso do igualitarismo em garantir a justiça social as mulheres e as minorias, e consideram a política distributiva como um materialismo fora de moda, incapaz de articular ou questionar as novas experiências de injustiça (FRASER, 2006).

Contra essa bipolarização de reivindicações opõe-se Fraser (2001), na obra *Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça na era pós-socialista*¹² a autora faz um diagnóstico dos conflitos políticos do final do século XX, ressaltando que a mudança paradigmática na agenda dos movimentos sociais conduziu a um deslocamento das demandas por redistribuição para a emergência de lutas por reconhecimento. Os discursos por justiça social, que

¹² Este trabalho, apresentado primeiramente em *Justice interruptus: critical reflections on post-socialist condition*, embora inovador não ficou isento de críticas. Para as formulações que se seguem recorre-se em grande medida aos trabalhos apresentados em Fraser e Honneth (2006) e Fraser (2008), que constituem um momento maduro da produção intelectual da autora com referência a essa temática.

outrora se centravam na distribuição, atualmente apresentam-se cada vez mais divididos entre reivindicações de redistribuição e reivindicações por reconhecimento.

Essa crítica foi retomada por outros autores, como Bauman (2005):

a guerra por justiça social foi reduzida a um excesso de batalhas por reconhecimento. "Reconhecimento" pode ser aquilo que mais falta a um ou outro grupo dos bem-sucedidos – a única coisa que parece estar faltando no inventário rapidamente preenchido dos fatores de felicidade. Mas, para uma parcela ampla e em rápido crescimento da humanidade, trata-se de uma ideia obscura que assim continuará sendo enquanto o dinheiro for evitado enquanto tema de conversa (p. 44).

Partindo de uma definição em que a justiça social engloba ambas as reivindicações, Nancy Fraser (2006) elabora uma tipologia dos movimentos sociais que ajuda a ilustrar sua tese da irreducibilidade entre as duas categorias. Como paradigmas *populares* tanto a redistribuição quanto o reconhecimento associam-se aos movimentos sociais concretos. Desta forma, a política de redistribuição identifica-se com as políticas de classe, de um lado, ao passo que a política de reconhecimento se assimila às políticas de identidade e elas, com as lutas de gênero, sexualidade, nacionalidade, raça etc. Nesse caso, entretanto, redistribuição e reconhecimento diferem pelo menos em quatro aspectos.

Em primeiro lugar, os dois paradigmas assumem pontos de vistas distintos. A concepção paradigmática da redistribuição concentra-se nas injustiças definidas como socioeconômicas e atribui que suas ocorrências advêm da estrutura econômica da sociedade. Já o paradigma do reconhecimento centra suas atenções nas injustiças caracterizadas como culturais, que supõem arraigadas em padrões sociais de representação, interpretação e comunicação.

Em segundo lugar, os dois paradigmas propõem diferentes tipos de soluções para as injustiças. A redistribuição busca o equacionamento das injustiças em alguma forma de reestruturação econômica, ao passo que o paradigma do reconhecimento propõe uma mudança de âmbito cultural e simbólico. No entanto, há outras diferenças. Ambos os paradigmas divergem em relação às coletividades que sofrem injustiças. De um lado, os proponentes do paradigma da redistribuição, especificam que os sujeitos que sofrem

injustiças são as coletividades similares às classes que se definem economicamente por uma relação com o mercado e os meios de produção. De outro lado, o paradigma do reconhecimento entende que os sujeitos vítimas de injustiça encontram-se submetidos a padrões institucionalizados de valor cultural e se assemelham aos grupos de *status* weberiano. Definidas pelas relações de reconhecimento distinguem-se pelo respeito, estima e prestígio que desfrutam em relação a outros grupos da sociedade, abarcam outros casos como os grupos estigmatizados institucionalmente, os grupos racializados marcados como diferentes e inferiores, dentre outros, que sofrem formas variadas de desrespeito.

Por fim, em relação ao quarto aspecto, os paradigmas apresentam ideias distintas acerca das diferenças de grupo. No tocante ao paradigma da redistribuição, não se trata de conceber os diferenciais como algo intrínseco aos grupos, mas como uma economia política injusta socialmente estruturada. Já o paradigma do reconhecimento trata as diferenças de duas maneiras possíveis. Em uma versão, são variações culturais transformadas em hierarquias de valores mediante esquemas interpretativos injustos. Em outra, as diferenças de grupos não existem antes de sua transvalorização hierárquica e são contemporâneas de si mesmas (FRASER, 2006).

Diante dessas observações e contra a visão que apregoa que, perante tanto antagonismo, a redistribuição e o reconhecimento são alternativas mutuamente excludentes, Fraser (2001; 2006; 2008) posiciona-se afirmando que se trata de uma falsa antítese.

Sua tipologia consiste, inicialmente, na formulação de um modelo bidimensional construído com base em tipos puros. Nesta direção, pode-se imaginar um espectro conceitual de tipos diferentes de coletividades sociais, em que, em um extremo estão os modos de coletividade que se ajustam aos modelos redistributivos de justiça e, em outro, estão os modos de coletividades relacionados aos modelos de reconhecimento. Esse procedimento permite à autora classificar os movimentos sociais segundo suas demandas na relação redistribuição/reconhecimento.

Em relação ao aspecto da redistribuição, a autora estabelece um tipo ideal de coletividade cuja existência esteja ligada à economia política. Desse modo, “a raiz da injustiça será a má distribuição socioeconômica e qualquer

injustiça cultural adicional derivará em última instância da raiz econômica” (FRASER, 2001, p, 254). Desta forma, o remédio requerido para reparar essa injustiça é a redistribuição político-econômica, em oposição ao reconhecimento cultural. Nesse quadro, considerado para fins heurísticos, a classe operária explorada assume o modelo de tipo ideal.

Assim, a diferenciação de classe enraíza-se na estrutura econômica da sociedade capitalista. A classe trabalhadora constitui-se como um conjunto de pessoas que necessita vender sua força de trabalho em condições que permitem à classe capitalista apropriar-se da mais-valia para seu benefício privado. A injustiça fundamental, portanto, é a exploração: uma forma especialmente profunda de má distribuição na qual as próprias energias do proletariado se voltam contra ele, usurpadas para sustentar um sistema que beneficia outros. Mesmo sabendo que os proletários sofrem graves injustiças culturais, elas derivam da ordem econômica. Entretanto, longe de estar vinculada diretamente a uma ordem autônoma injusta de categorias, derivam da estrutura econômica, em que proliferam as ideologias da inferioridade de classe para justificar a exploração (FRASER, 2001; 2006).

Seguindo os mesmos critérios, pode-se colocar na outra ponta do espectro um tipo ideal de coletividade que se ajuste ao modelo de reconhecimento da justiça. Uma coletividade desse tipo deve estar totalmente enraizada na cultura e não na economia política. Cabe destacar que essas coletividades são diferenciadas por padrões sociais dominantes e não pela divisão social do trabalho. Desse modo, todas as injustiças estruturais que lhes atribuem derivam de padrões institucionalizados de valor de uma sociedade. O núcleo dessas injustiças é o reconhecimento incorreto, ao passo que as injustiças econômicas que se adicionam a elas procedem, em última instância, da ordem de *status*.

O remédio requerido para esses tipos de injustiça é o reconhecimento e não a redistribuição. Um exemplo de coletividades que se aproxima desse tipo ideal são os grupos que enfrentam as diferenças sexuais, conforme a concepção weberiana de *status*. Neste sentido, a divisão social entre heterossexuais e homossexuais distribui-se por toda estrutura de classe na sociedade capitalista, não ocupa uma posição característica na divisão do trabalho e não constitui uma classe explorada.

Dessa forma,

La división se enraíza, mas bien, en el orden de estatus de la sociedad, pues los patrones institucionalizados de valor cultural interpretan la heterosexualidad como natural y normativa, y la homosexualidad como perversa y depreciable. Esos patrones heteronormativos de valor, institucionalizados de forma generalizada, estructuran grandes franjas de interacción social. Expresamente codificadas en muchas áreas del derecho (incluyendo el derecho de familia y el derecho penal), informan las interpretaciones jurídicas de la familia, la intimidad, la privacidad y la igualdad. También están muy arraigados en muchas áreas de la política de gobiernos (incluyendo las políticas de inmigración, naturalización y asilo) y en las prácticas profesionales estándar (incluyendo la medicina y la psicoterapia). Los patrones heteronormativos de valor también invaden la cultura popular y la interacción cotidiana. El efecto es considerar a gays y lesbianas como representantes de una sexualidad despreciable, sometida a formas sexualmente específicas de subordinación de estatus (FRASER, 2006, p.27).

Entre os diversos exemplos que podem ser citados para exemplificar esse tipo de injustiça, o caso dos militares brasileiros Fernando Alcântara e Laci de Araújo tornou-se emblemático. Em maio de 2008, após concederem entrevista à revista *Época*¹³ admitindo que mantinham uma relação estável de caráter homossexual, a justiça militar brasileira decretou a prisão de um deles, com acusação de deserção e possibilidade de expulsão do exército.

Desse modo, quando se lida com coletividades que se aproximam da classe operária explorada, os remédios são redistributivos, e com coletividades que se aproximam do tipo ideal da sexualidade menosprezada, as injustiças requerem ações no âmbito do reconhecimento. Assim, no primeiro caso, a lógica consiste em homogeneizar os grupos. No segundo, a lógica é valorizar a peculiaridade do grupo, reconhecendo sua especificidade. Em outras palavras, os remédios redistributivos e de reconhecimento indicam lógicas opostas.

As questões apresentam-se de uma forma mais fácil de identificar e postular equacionamentos nos extremos desse espectro conceitual. Do mesmo modo, elas se tornam mais complexas quando se lida com grupos que se encontram no meio desse modelo conceitual. Nessa posição, há uma forma híbrida que relaciona ambas as características, aspectos da classe explorada com elementos da sexualidade desprezada, isto é, são grupos que demandam ao mesmo tempo redistribuição e reconhecimento. A estes grupos Fraser

¹³ Entrevista veiculada no dia 02 de Junho de 2008.

(2006) chama de *coletividades ambivalentes*, por eles caracterizarem-se por uma bidimensionalidade de injustiças, arraigadas simultaneamente na estrutura econômica e na ordem de *status*. Nenhuma dessas injustiças caracteriza-se como uma consequência da outra. Ao contrário, ambas são primárias e co-originais (FRASER, 2001; 2006).

Assim, a autora apresenta duas categorias que podem ser caracterizadas como bidimensionais. Segundo seus comentários, o gênero é uma diferenciação social bidimensional, uma vez que

no es una simple clase ni un mero grupo de estatus, sino una categoría híbrida enraizada al mismo tiempo en la estructura económica y en el orden de estatus de la sociedad. Por tanto, comprender y reparar la injusticia de género requiere atender tanto a la distribución como al reconocimiento. Desde el punto de vista distributivo, el género sirve de principio organizador básico de la estructura económica de la sociedad capitalista. Por una parte, estructura la división fundamental entre trabajo retribuido, "productivo" y no retribuido y doméstico, asignando a las mujeres la responsabilidad primaria de este último. Por otra parte, el género estructura también la división, dentro del trabajo pago, entre las ocupaciones de fabricación y profesionales, de salarios altos y predominio masculino, y las ocupaciones de "delantal" y de servicios doméstico, de salarios bajos y predominio femenino. El resultado es una estructura económica que genera formas de injusticia distributiva, específicas de género, incluyendo la explotación basada en el género, la marginación económica y la privación.[...] De hecho, el género no es sólo una división semejante a la de las clases sociales, sino una diferenciación de estatus también. En cuanto tal, también engloba elementos que recuerdan más la sexualidad que las clases sociales, que lo incluyen directamente en la problemática del reconocimiento. El género codifica patrones culturales omnipresentes de interpretación y evaluación, que son fundamentales para el orden de estatus en su conjunto. En consecuencia, no sólo las mujeres, sino todos los grupos de estatus inferior corren el riesgo de la feminización y por tanto, de la depreciación. Así pues, una característica importante de género es el androcentrismo: un patrón institucionalizado de valor cultural que privilegia los rasgos asociados con la masculinidad, al tiempo que devalúa todo lo codificado como "femenino", paradigmáticamente, pero no sólo, las mujeres. Los patrones androcéntricos de valor, institucionalizados de forma generalizada, estructuran grandes franjas de interacción social. [...] Los patrones androcéntricos de valor también invaden la cultura popular y la interacción cotidiana. A consecuencia de ello, las mujeres sufren formas específicas de subordinación de estatus, incluyendo las agresiones sexuales y la violencia doméstica; representaciones estereotipadas trivializadoras, cosificadoras y despreciativas en los medios de comunicación; hostilidad y menosprecio en la vida cotidiana; exclusión o marginalización en las esferas públicas y en los cuerpos deliberantes, y negación de los derechos plenos y protecciones equiparables de los ciudadanos (FRASER, 2006, p. 28-29).

Do mesmo modo como ocorre com o gênero, a raça também se constitui em uma categoria bidimensional, uma combinação de *status* e classe social. Neste sentido, na economia a raça organiza divisões estruturais no trabalho assalariado “entre ocupações mal pagas, sujas, domésticas desproporcionalmente ocupadas por pessoas de cor, e ocupações técnicas administrativas de maior status e melhor pagas e desproporcionalmente dominadas por brancos” (FRASER, 2001, p. 262). Já na ordem de *status*, os padrões eurocêntricos de valor cultural privilegiam as características associadas ao branco, e estigmatizam tudo que é codificado como negro, moreno e amarelo. O mesmo estigma estende-se aos imigrantes racializados e às minorias étnicas, considerados indivíduos deficientes e inferiores (FRASER, 2006). Assim,

esas normas eurocéntricas, institucionalizadas de un modo generalizado, producen formas racialmente específicas de subordinación de estatus, que incluyen la estigmatización y la agresión física, la desvaluación cultural, la exclusión social y la marginalización política; a hostilidad y menosprecio en la vida cotidiana y negación de los derechos plenos y protecciones equiparables de los ciudadanos (FRASER, 2006, p. 31).

Esta constatação é relevante, pois, como demonstra Fraser (2001) existem coletividades ambivalentes que demandam simultaneamente por remédios de redistribuição e reconhecimento.

As coletividades formadas por identificação de gênero e raça, por exemplo, são ambivalentes paradigmáticas. Na perspectiva da autora, embora cada uma tenha peculiaridades não compartilhadas pela outra, ambas englobam dimensões político-econômicas e culturais-valorativas. Como sofrem injustiças de ordem socioeconômicas e de não reconhecimento, simultaneamente, nem remédios redistributivos, nem remédios de reconhecimento são suficientes isoladamente. Coletividades ambivalentes necessitam de ambos (FRASER, 2001).

Em um trabalho recente, Fraser (2008) acrescentou uma terceira dimensão ao debate: a dimensão política. Na sua perspectiva, o político é entendido em um sentido mais específico e constitutivo, que remete à natureza da jurisdição do Estado e às regras de decisão com que se estrutura a confrontação. Nesse entendimento, o político é ele próprio o cenário no qual se

desenvolvem as lutas por distribuição e reconhecimento. Ao estabelecer os critérios de pertencimento e ao determinar quem conta como membro, a dimensão política da justiça especifica o alcance das outras dimensões. Ela informa quem faz parte ou não do grupo dos que têm direito a uma justa redistribuição ou ao reconhecimento mútuo.

Ao determinar as regras de decisão, a dimensão política, do mesmo modo, determina os procedimentos para representar e resolver os conflitos nas outras dimensões. Em síntese, a dimensão política não apenas indica quem tem o direito a reivindicar redistribuição e reconhecimento, como estabelece e avalia essas reivindicações (FRASER, 2008).

Tendo como pano de fundo a questão do pertencimento e procedimentos, Fraser (2008) destaca:

a dimensión política de la justicia se interesa sobre todo por la representación. En un primer nivel, el que atañe al aspecto de establecimiento de límites de lo político, la representación es asunto de pertenencia social. De lo que se discute aquí es de la inclusión en o de la exclusión de la comunidad de aquellos que tiene derecho a dirirse mutuamente reivindicaciones de justicia. En otro nivel, el relativo al aspecto de las reglas de decisión, la representación se interesa por los procedimientos que estructuran los procesos públicos de confrontación. Aquí, lo que se cuestiona son las condiciones en las que los incluidos en la comunidad política airean sus reivindicaciones y arbitran sus disputas. En ambos niveles puede surgir la cuestión de si y hasta qué punto son justas las relaciones de representación (p. 42).

Se a representação é a condição que define o político como dimensão da justiça, então a injustiça política característica é a *representação falida*. Segundo Fraser (2008), a representação falida ocorre quando os limites políticos e as regras de decisão vigentes negam a determinados sujeitos a possibilidade de participar em paridade com outras, nos processos de interação social. Na prática, essa forma de injustiça não ocorre desvinculada, mas imbricada com as demais.

Com a entrada em cena dessa terceira dimensão, a autora busca superar um dos limites do seu modelo anterior (bidimensional), qual seja: a apropriação do discurso. Conforme observa Pinto (2008), parece haver nas formulações de Fraser um elemento faltante entre o reconhecimento e a redistribuição

O elo perdido parece ser o processo de construção de discurso ou a apropriação de elementos discursivos (que Fraser chama de paradigmas populares) por parte daqueles excluídos sociais, para que no espaço público eles possam constituir-se como promotores da ação social a partir da sua própria construção como agente, concomitante às demandas e ao aparecimento de espaços e possibilidades políticas de reconhecimento (p.48)¹⁴.

Os recursos mobilizados e articulados na ação discursiva servem como bússolas para direcionar as ações, da mesma forma que fornecem subsídios para pensar e interpretar a ação na prática.

Ao falar da justiça social, o objetivo de Fraser (2001; 2002) é o de mostrar que tanto as injustiças formadoras das desigualdades econômicas, quanto as do não reconhecimento são impedimentos à participação plena na esfera pública. Neste caso, o problema reside em encontrar soluções que contemplem ambos os níveis da justiça, de maneira que não haja uma substituição de um nível por outro. Em outras palavras, sem o estabelecimento da igualdade em seus vários níveis, não há uma participação que se dê, de fato, entre iguais. O reconhecimento torna-se, portanto, “um meio de superar as formas de subordinação que são institucionalizadas, ao invés de, simplesmente, valorizar um grupo excluído” (OGANDO; ASSIS, 2006, p. 2).

Tendo como ponto de partida esse conjunto de ponderações, Fraser (2001; 2006) postula a formulação de um princípio normativo que inclua ambas reivindicações sem reduzir umas às outras. Desta forma, propõe o princípio da *paridade de participação*, segundo o qual a justiça requer arranjos sociais que permitam a todos os membros da sociedade interagirem como pares. São necessárias, contudo, duas condições para que a paridade participativa seja possível. Primeiro, deve haver uma distribuição de recursos materiais que garanta a independência e a voz dos participantes. Esta condição impede a existência de formas e níveis de dependência e desigualdade econômicas que constituem obstáculos à paridade de participação. Segundo, a paridade participativa requer que os padrões institucionalizados de valor cultural expressem igual respeito por todos os participantes e garantam iguais oportunidades com o objetivo de alcançar a consideração social.

¹⁴ Celi Pinto (2008) estende o conteúdo dessas observações em igual medida à teoria de Axel Honneth.

Com base na equivalência estabelecida pela autora entre os extremos do espectro conceitual e, com interpretação pessoal, foi elaborada uma representação gráfica da sua teoria que apresenta a seguinte forma:

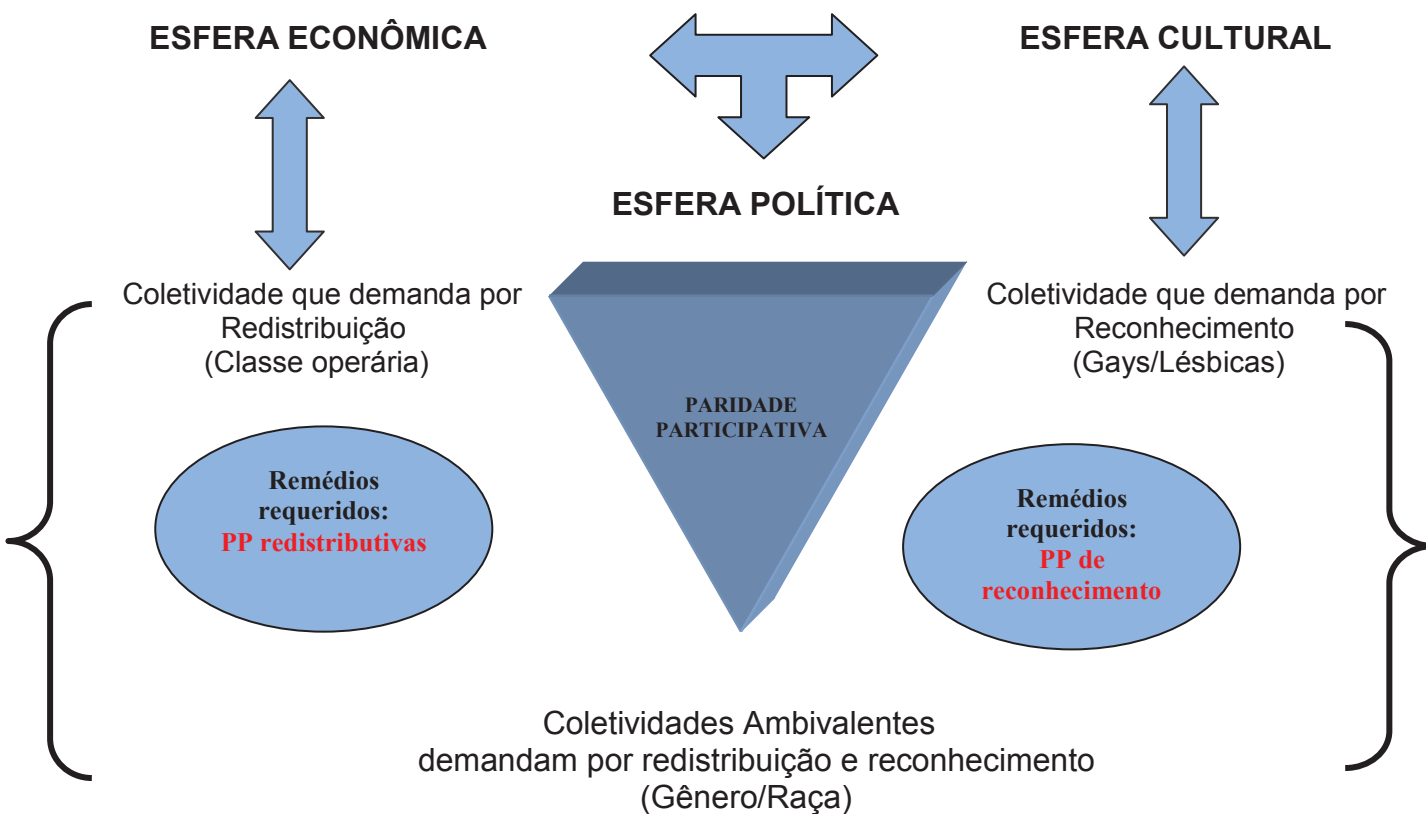


Figura 1 - Representação do Esquema Teórico Proposto por Nancy Fraser

1.4 O espaço das ambivalências: a esfera pública

O saldo da discussão empreendida até o momento indica que tanto as demandas por redistribuição como por reconhecimento passam pela negociação na esfera pública, na qual adquirem legitimidade mediante um mútuo reconhecimento, como indicado.

Mas o que é uma esfera pública? Taylor (2000) descreve-a como um espaço comum em que os membros da sociedade se congregam, por meio de uma variedade de meios, sejam eles impressos, eletrônicos ou em encontros diretos, para discussão de questões de interesse comum para então serem capazes de formar uma ideia comum acerca dessas questões. Doutra feita, a esfera pública surge como uma característica moderna, de modo que, se ela for suprimida ou manipulada, deve ser simulada. Por que isso ocorre? Porque a esfera pública não é só uma característica ubíqua da sociedade moderna, mas desempenha também um papel crucial na autojustificação dessa sociedade como livre, autogovernada. Em outras palavras, trata-se de uma sociedade em que as pessoas formam livremente suas opiniões, tanto individualmente, como em termos de uma ideia comum, e, essas ideias comuns são importantes, pois, de alguma maneira agem sobre o governo ou o controlam. Justamente por ter esse papel central, a esfera pública é objeto de preocupação e de crítica.

Conforme destaca Taylor (2000), há uma tendência de considerar algo tão importante e central como um fato da natureza, como se algo do tipo sempre tivesse existido. Contudo, pensar que sempre existiu algo análogo a uma opinião pública é um erro que obscurece o que há de novo nesse tipo de espaço comum. Nesse sentido, ver o que há de novo nesse espaço nos ajuda a compreender o que há de especial na esfera pública moderna. Pode-se perceber algumas diferenças básicas entre a anterior concepção de opinião pública e a visão moderna. Na primeira concepção a opinião da humanidade é considerada como irrefletida, não mediada pela discussão crítica e passivamente inculcada em cada geração sucessiva. Já na versão moderna em contraste, espera-se que ela seja produto de reflexão, surja da discussão e reflita um consenso ativamente produzido.

Entretanto, a diferença deve ser percebida além de uma aceitação passiva no passado e do pensamento crítico na contemporaneidade. A mudança crucial está no processo subjacente. No passado a opinião da humanidade era considerada como transmitida de pais e pessoas mais velhas, em uma miríade de atos locais de transmissão sem vínculo entre si, e, no presente, à opinião é tida como tendo sido elaborada mediante uma discussão entre aqueles que a sustentam e no âmbito da qual suas diferentes concepções foram de algum modo confrontadas até alcançar uma ideia comum. Mas em ambos os casos, tanto no da opinião da humanidade como no da opinião pública, as mesmas concepções podem ser sustentadas por pessoas que nunca se encontraram umas com as outras, por isso, as duas podem ser confundidas (TAYLOR, 2000).

Nas conclusões de Taylor (2000), o novo pode ser articulado em dois níveis, primeiro o que a esfera pública faz, ou o que é feito nela. Nessa visão, a esfera pública é o *lócus* de discussão que engaja potencialmente todos, de modo que a sociedade possa chegar a uma ideia comum acerca de questões importantes. Essa ideia comum é uma visão reflexiva que emerge do debate público, e não apenas da soma de eventuais concepções que a população venha a ter. Logo, ela tem um *status* normativo, e o Estado deve escutá-la. A segunda razão decorre da ideia de que o povo deve ser soberano, assim não só o governo é sábio ao seguir a opinião pública, ele está moralmente obrigado a fazê-lo. Assim, a esfera pública surge como o *lócus* em que são elaboradas as concepções racionais que devem guiar o governo, o que passa a ser visto como uma característica essencial de uma sociedade livre (TAYLOR 2000).

Entretanto, sempre pode haver suspeitas que fortes interesses manipulem o público por meio do seu controle sobre a mídia, dos principais partidos políticos e dos recursos de propaganda e que na realidade estão conduzindo o debate público para canais estreitos que servem às metas desses interesses.

Diante disso, Habermas (1984) tem insistido no papel fundamental das associações e organizações livres que formam a sociedade civil para a teoria democrática deliberativa, pois, essas associações e atores tem voz ativa no processo argumentativo no mundo da vida. Cabe aos atores da sociedade civil, nesse modelo discursivo de democracia, um duplo papel. Eles são

responsáveis pela preservação e ampliação da infraestrutura comunicativa própria do mundo da vida e pela produção de microesferas públicas associadas à vida cotidiana. Ao mesmo tempo, tais atores canalizam os problemas tematizados na vida cotidiana para a esfera pública, tratando de apresentar novas contribuições e soluções de problemas. Entretanto, essa concepção idealizada da esfera pública formulada por Habermas (1984), onde a negociação no espaço público se pauta pelo melhor argumento, não se confirma na prática.

A esfera pública como tal é ocupada por atores diversos e potencialmente atravessada por instituições como o Estado e o Mercado. Nas palavras de Taylor (2000) ela é habitada por todo tipo de agentes, incluindo aqueles com grandes interesses políticos. O fato de operarem, e serem vistos como operando com sua própria dinâmica tem tido crucial importância para a limitação do poder e, por conseguinte, para a manutenção da liberdade no ocidente moderno.

Quando se considera a dinâmica e a importância dos processos participativos na construção de consensos e na formulação de agendas que venham a se tornar públicas e objeto de consideração do Estado, não se pode deixar de considerar que elas são frutos de debate entre interesses diferenciados que se encontram muitas vezes condicionadas por fatores externos. Neste sentido há sempre uma conjuntura expressa por uma correlação de forças que congrega necessidades, interesses políticos, interesses do mercado e interesses privados. A equação, quando posta desta maneira, apresenta um resultado que nem sempre é o do melhor argumento.

Segundo Neves e Lima (2007), em se tratando de justiça, Habermas considera que

não existem critérios *ad hoc* e universais, exceto o de que para uma sociedade ser considerada justa é necessário que os critérios de justiça em vigor tenham sido definidos de tal forma que todo membro da sociedade possa aceitá-los como razoáveis. Ou seja, ainda aqui temos a ideia de que todos são iguais e que, portanto, todos podem participar da construção dos critérios de justiça, os quais podem eventualmente colocar em suspensão a igualdade jurídica entre os membros da sociedade, desde que isso possa ser aceito como algo justo pelos grupos não beneficiados por tais critérios. No fundo, Habermas tenta construir uma teoria equidistante entre as teses universalistas e contextualistas das teorias da justiça, aceitando, por um lado, a ideia da igualdade inata entre os homens, e por outro, a

possibilidade de negociação dos critérios de justiça em uma dada sociedade, desde que eles tenham sido frutos de negociação legítima (p. 21).

Neste sentido, Nancy Fraser (apud YÚDICE, 2006, p. 226),

tem destacado que os conflitos suscitados entre as interpretações rivais das necessidades na sociedade contemporânea revelam que habitamos um novo espaço social no qual as reivindicações são legitimadas, não pelo melhor argumento numa esfera pública idealizada, mas pelo ethos cultural que, em princípio, é responsável pelas necessidades (FRASER, 1989: 157).

A política, portanto, toma a forma dos antagonismos culturais em um contexto de iniquidades estruturadas entre as posições do dominante e do marginalizado (YUNG, 2000). Remetendo essa discussão para o cenário nacional, cabe destacar que o processo de consolidação da democracia no Brasil tem ampliado os espaços de participação e de diálogo entre o Estado e a Sociedade Civil e, ao mesmo tempo, contribuído para a criação de espaços e fóruns de debate e de inclusão de novos temas na agenda política, dentre eles, as políticas de reconhecimento. Contudo, frequentemente, há uma série de impedimentos estruturais que restringem a entrada dos indivíduos no espaço público¹⁵. Esses impedimentos podem ser caracterizados no âmbito das matrizes culturais das desigualdades contextualizando, a necessidade de incluir o referencial de valor na análise proposta.

1.4.1 Considerações iniciais ao estudo da justiça social no Brasil

No Brasil, a desigualdade e a discriminação de gênero e raça são fenômenos que atingem não apenas grupos específicos da sociedade, mas à maioria dela. Segundo dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT) Brasil (2006), as mulheres e a população negra representam, respectivamente, 42% e 44,5% da população economicamente ativa (PEA) brasileira. Somadas, correspondem a 55 milhões de pessoas ou a 68% da PEA no Brasil, ou seja,

¹⁵ Ver Dagnino (2002).

uma ampla maioria: 36 milhões de negros de ambos os sexos e quase 19 milhões de mulheres brancas. Acrescente-se a esse quadro uma infinidade de outras desigualdades que se situam em questões de ordem material e simbólica.

Diante de tais dilemas, nos últimos anos, tem havido um esforço do governo brasileiro em implantar e consolidar políticas com o objetivo de reduzir as desigualdades sociais no país. A repercussão destas ações no âmbito político fizeram-se sentir por ocasião da re-eleição de Luis Inácio Lula da Silva à presidência do Brasil. Seu primeiro mandato suscitou entre os eleitores e observadores internacionais muitas expectativas no tocante a implementação de políticas de redistribuição de renda e justiça social (KRISCHKE, 2003).

Desconsiderando todo o debate realizado sobre o plano macroeconômico, (por ocasião da campanha eleitoral para a reeleição), assistiu-se a uma ampla discussão das políticas sociais que chegou, em certo momento, a ser assumido como estratégia de campanha da oposição, a qual admitia a continuidade e ampliação das políticas sociais e programas, como o Bolsa Família¹⁶.

Contudo, no âmbito de alguns setores da sociedade, não raro ouviu-se contra tais políticas frases como, “não vou votar no Lula porque ele está dando dinheiro para vagabundos”; “desse jeito eles nunca vão ir trabalhar, pois ganham sem fazer nada”. Tal embate, quando teorizado no âmbito da justiça social e da consolidação da democracia, indica que, mesmo diante da aprovação das ações governamentais nas urnas, verifica-se a existência de conflitos acerca das demandas por justiça social. Neste sentido, surge uma série de questionamentos, conduzindo ao centro do debate um conjunto de imprecisões referentes a quem tem legitimidade para reivindicar justiça. Em outras palavras, quais são os sujeitos ou grupos que devem ser objetos das ações em prol da justiça social? O que se deve distribuir para garantir um patamar de justiça social? Quem deve ser o agente operacionalizador das ações para justiça social e como? Ou, para usar os termos de Fraser (2006), quem deve ministrar os remédios, a Sociedade Civil, o Estado, ou ambos?

¹⁶ Discurso adotado pelo candidato da oposição Geraldo Alckimin, que manifestava o desejo de ser o presidente do *Bolsa Família* quando das eleições de 2006. Em 2010, passados mais quatro anos o fato se repetiu. Os discursos da maioria dos candidatos à presidência do Brasil defendiam a importância do programa e a necessidade de ampliá-lo.

Ante a esses questionamentos, nos capítulos subsequentes pretende-se aprofundar o debate acerca da singularidade da desigualdade social no Brasil, tendo como ênfase principal a paridade participativa, visto que o conflito social moderno “diz respeito ao ataque às desigualdades que restringem a participação cívica integral, por meios políticos, econômicos ou sociais, e ao estabelecimento de prerrogativas que constituam um status rico e integral de cidadania” (DAHRENDORF, 1992, p. 52). Desse modo, entende-se que a desigualdade é conseqüência de uma série de desajustes e que seu aparecimento tem uma origem multidimensional, fundamentalmente quando se considera que o Brasil realizou um processo de modernização periférico¹⁷.

Tendo como referência as demandas que envolvem a justiça social, entende-se necessária a identificação de elementos presentes nos discursos que pode-se denominar de matrizes culturais, que não permitem a redução, pelo contrário, contribuem decisivamente para a manutenção e a reprodução da desigualdade no país, não permitindo, dessa forma, que se obtenha um patamar de justiça social. Destarte, como destaca Iris Young (apud YÚDICE, 2006),

nós nos encontramos situados em relações de classe, gênero, raça, nacionalidade, religião e assim por diante, [dentro de uma dada história de significados sedimentados e uma paisagem material, interagindo com outros no campo social que são fontes tanto de possibilidades de ação como de coação (p. 15).

Neste sentido, no estudo das interações sociais, as matrizes culturais das desigualdades em circulação assumem um papel importante para o entendimento da ação, seja a que visa manter inalteradas situações e ou condições sociais, seja a empreendida com o objetivo de alterar uma realidade social. Martín-Barbero (2008) ressalta que as matrizes culturais não se referem à evocação do arcaico, mas ao residual, substrato da constituição dos sujeitos, veios de entrada para outras matrizes dominadas, porém ativas.

Segundo Mazzarino (2006), as matrizes culturais podem ser entendidas como marcas incrustadas na experiência social dos sujeitos, que

¹⁷ O conceito de modernidade periférica tem sido utilizado por autores como Jessé de Souza (2004) para designar o processo pelo qual se implantou um modelo de modernização no país, de fora para dentro. O modelo de modernidade importado incluía um padrão cultural alinhado com a visão européia, uma modernidade que chega de navio, para usar as palavras do autor.

são acionadas nas interações sociais, misturando-se às novas experiências. São fazeres na vida do sujeito, sejam de individuais ou coletivos. Essas matrizes culturais atualizam-se no desencontro cultural da interação social (momento em que se modificam), desterritorializam-se para reterritorializarem-se. As matrizes culturais constituem-se por meio das mediações sociais, e, ao mesmo tempo, são elas mesmas mediações para os processos sociais e a construção de novos arranjos sociais ¹⁸.

Neste sentido, suspeita-se que as matrizes culturais atuem de maneira negativa na superação de patamares de injustiça mediante ideologias que colonizam os discursos por justiça social. Segundo Yúdice (2006), em situações nas quais grupos distintos se enfrentam na esfera pública na disputa por recursos, sejam eles materiais, simbólicos, reconhecimento ou outros, os atores representam seus papéis tendo por sustentação um discurso.

Essa suspeita parte do entendimento de que as ideologias são, acima de tudo, “conjuntos de ideias e valores comuns em uma sociedade” (DUMONT, 2000, p. 19). Nesse caso, não se trata de simples ideias, mas

de ideias que (necessariamente, ou pelo menos, sistematicamente) surgem e subsistem em determinados contextos. Ideologias são, portanto, sistemas de convencimento, mas que tem, ademais, consequência prática. Além disso, ideologias parecem possuir um status peculiar: quando se afirma que ele é “ideológico”, então não se diz apenas que seja falso ou equivocado, mas o caráter de equivoco faz sim parte da ideologia. Quem está sob influência de uma ideologia não está apenas a mercê de uma circunstância falsa, mas também nas garras de uma falsa interpretação dessa circunstância. Ou dito de outro modo, ideologias constituem nossa referência ao mundo e o horizonte de interpretação dentro do qual compreendemos a nós mesmos e à realidade, e o modo e a forma como nos movimentamos dentro dela (JAEGGI, 2008, p. 139).

Segundo esse entendimento, as ideologias são o meio pelo qual as relações que predominam na sociedade se abrigam “nas cabeças e nos corações dos indivíduos” (JAEGGI, 2008, p. 139). Pode-se complementar esse raciocínio dizendo que, se as ideologias são os meios, os discursos são seus canais de difusão e sustentação, constituídos no inter-relacionamento de

¹⁸ Diante dessa possibilidade e pensando em elementos de mediação social, adquire importância às considerações realizadas por Charles Taylor (1997). Segundo ele, devemos atentar para o papel que as ideias desempenham na ciência e na prática política. No Brasil, Jessé de Sousa (2000) tem insistido na relevância desta abordagem para se pensar o processo de modernização país.

grupos distintos e interesses diversos. Se esta empreitada se mostrar-se exitosa, a avaliação crítica destes elementos deverá conduzir a um entendimento mais sistemático de como elementos culturais são apropriados por discursos ideológicos e constituem formas de dominação que têm por objetivo final naturalizar desigualdades no âmbito da distribuição e da negação do reconhecimento (Figura 2).

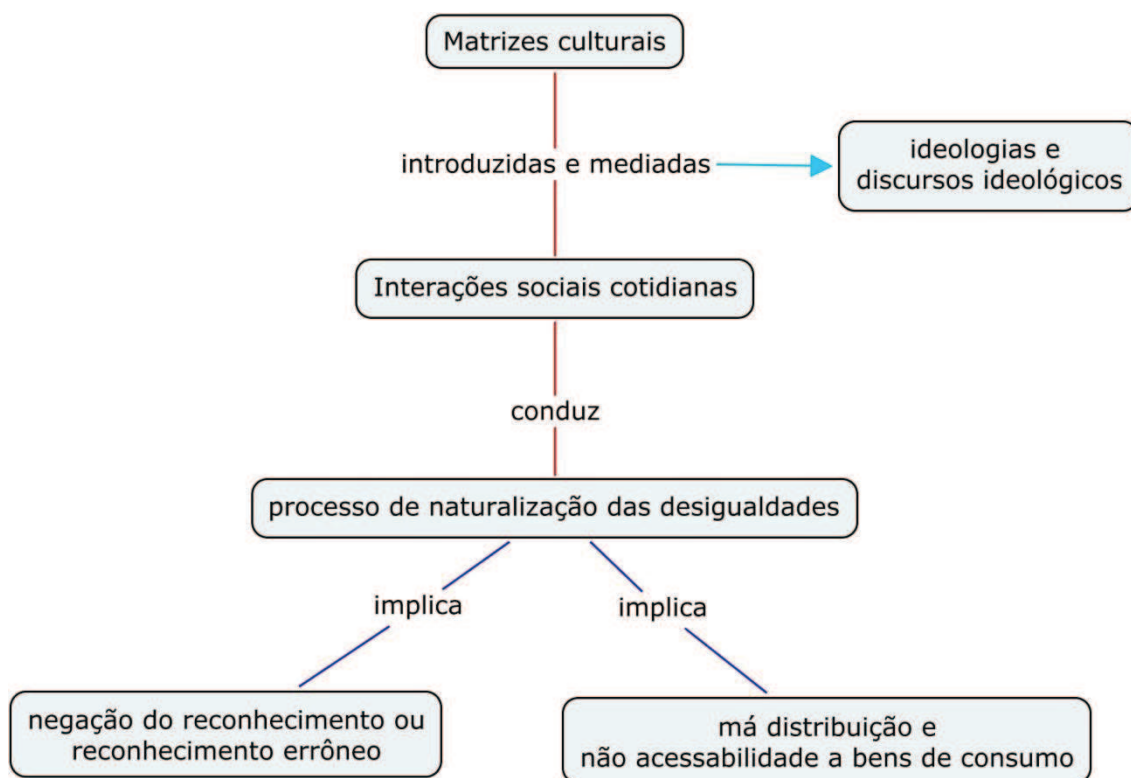


Figura 2 – Esquema de Hipótese Teórica

Nesse quadro de questões e retomando o debate em relação às teorias abordadas, observa-se que tanto os pensamentos de Axel Honneth, quanto o de Nancy Fraser, apesar de eles adotarem perspectivas diferentes, não chegam a se constituírem em teorias antagônicas. Celi Pinto (2008) tem insistido na importância de conceber ambas as teorias de maneira complementar em pesquisas aplicadas ao caso brasileiro, uma vez que

para a avaliação de situações brasileiras, abandonar uma proposta em favor de outra empobreceria as qualidades heurísticas e normativas, que podem ser encontradas na combinação das duas. Tal procedimento é fundamental no meu entendimento, pois

possibilita a não redução da distribuição ao reconhecimento e, ao mesmo tempo, não limita o reconhecimento ao auto-reconhecimento (auto-estima) ou à política de *status*. Esta abertura permite o entendimento da complexidade de cenários em embates, tanto no interior da sociedade, como nas políticas públicas, suas aplicações e limites. (p. 57).

Neste sentido, tal perspectiva encontra consonância na visão de Kymlicka (2006). O autor entende que, em relação da pluralidade de valores e objetos existentes nas sociedades contemporâneas, deve-se rejeitar o monismo teórico e aceitar que uma teoria da justiça bem-sucedida deve acolher peças e pedaços da maioria das teorias existentes. Valendo-se desses conselhos teóricos busca-se deslindar os elementos que operam como *agentes* na manutenção da desigualdade social. De maneira análoga, são importantes as intuições de Caillé (2008), para quem o debate acerca do reconhecimento e da redistribuição ganharia novo alcance se acrescido de uma teoria do valor. Essas questões serão abordadas no próximo capítulo. Por ora, tecem-se alguns comentários elucidativos do caminho que se pretende percorrer.

Ao admitir vincular uma teoria do valor ao debate nos remete, entre outras coisas, a algumas observações realizadas no início deste capítulo, que chamam a atenção para o fato de que nas sociedades, os grupos e ou sujeitos valem-se da concepção e utilização dos bens para a instituição de hierarquias de controle ou subordinação de outros grupos. Por consequência, remete-se a discussão ao âmbito da divisão social do trabalho, percebendo, por outro lado, que as mudanças da estrutura social e das formas de produção fizeram que viessem à tona “outras figuras da desigualdade do que as vinculadas ao modelo clássico da sociedade industrial. Mais que as desigualdades propriamente ditas é a fragmentação do mercado de emprego que caracteriza os últimos anos” (DUBET, 2003, p. 34). O autor continua:

a segmentação do mercado de trabalho não se opera unicamente em função de necessidades econômicas, ela ativa e exacerba diferenciações sociais em função do sexo, da idade, do capital educacional, da origem étnica [...] quanto ao desemprego, ele constitui ainda a mais flagrante das desigualdades atingindo grupos sociais tipificados: os jovens, os menos qualificados, os mais idosos, as mulheres, os imigrantes (p. 35).

Seguindo essa linha, observa-se que a distribuição do trabalho envolve bem mais do que questões econômicas. Ela se refere, igualmente, à realização

pessoal, ao prestígio, ao *status*, ao poder, à dignidade pessoal e de uma série de outras recompensas sociais. O trabalho, para além da função social e ou de sua necessidade, determina o lugar social e político fundamental e surge como precondição de outros mais. Em outras palavras, o local de trabalho é o espaço “onde o status social costuma ser definido, onde a vida continua a ser garantida e os direitos de respeito e direito continuam a ser obtidos ou perdidos” (BAUMAN, 2005, p. 36). Nessa perspectiva, Luhmann (1998), destaca que “na sociedade moderna a função que exercemos na divisão do trabalho determina nossa posição nos padrões de estratificação” (apud Heller, 1998, p. 186).

Por fim, reconhece-se importância de ter presentes os fenômenos que atuam como construtores dos sujeitos da ação na luta social. Contudo, esta análise focaliza outro momento do processo de busca por justiça social. Em decorrência, os sentimentos morais (como a injustiça, por exemplo) serão considerados, inicialmente, apenas de forma subsidiária à análise. Essa opção justifica-se pelo interesse em averiguar circunstâncias que se manifestam em um momento posterior ao da formação do sujeito da ação na luta. Este campo de análise situa-se no contexto de ironia histórica apontado por Lavallo (2003), em que se materializam sérias restrições à expansão da cidadania, fundamentalmente no que diz respeito à capacidade de o Estado universalizar benefícios. Configura-se assim um panorama em que as demandas por reconhecimento encontram-se abertas, porém sem equidade.

No Brasil, essas questões são extremamente pertinentes, visto que atravessou-se, em décadas próximas, um conturbado período de afirmação como nação democrática. O processo de redemocratização do país posto em prática nos anos 1980 teve na promulgação da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1998) um dos seus marcos. Constituição que representou uma ruptura histórica de grandes proporções, receptáculo de um longo processo de lutas sociais.

A Carta de 1980 anunciava um novo período, o de um Estado democrático reconhecedor de direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais. Alcançava-se um outro patamar de cidadania, comparável à concepção clássica de Marshall (1967): direitos civis, políticos e sociais. A crítica ao caráter excludente da política social vigente até então encontrava, enfim, seu reconhecimento (IPEA, 2009).

Entretanto, no que diz respeito ao mundo do trabalho, esse período encerra controvérsias. Se, de um lado, a Constituição Federal consolidava direitos sociais, de outro, ao longo dos vinte anos seguintes, vários foram os embates e conflitos que envolveram tentativas de reforma trabalhista. Apesar de certa resistência, houve um movimento expressivo de flexibilização do trabalho, centrado em mudanças na legislação infraconstitucional e, até mesmo, em entendimentos jurisprudenciais e administrativos. Em paralelo, o contexto do mercado de trabalho favoreceu a proliferação de formas precárias de trabalho, em detrimento do assalariamento regular, que só voltou a aumentar no final do período. Essas questões voltam-se cada vez mais para o debate da justiça social no país (IPEA, 2009).

CAPÍTULO II

A ESFERA DO TRABALHO COMO LÓCUS DE JUSTIÇA SOCIAL

A ordem econômica fundada na valorização do trabalho humano e na livre iniciativa, tem por fim assegurar a todos existência digna, conforme os ditames da justiça social [...] A ordem social tem como base o primado do trabalho, e como objetivo o bem-estar e a justiça sociais. Artigos 170 e 193 da Constituição da República Federativa do Brasil (1988).

No capítulo anterior, realizou-se uma discussão teórica considerando aspectos que envolvem o entendimento sobre a ideia de justiça social. A temática em questão mostra-se complexa, uma vez que implica definições variáveis, pois são elaboradas tendo como referências esferas distintas e interesses diversos. Diante de tal quadro, o ato justo pode envolver a maneira como uma pessoa age em relação a outra em processos de interação ou pode referir-se ao tratamento institucional dispensado aos membros de uma sociedade. Tendo por base o plano institucional, o debate sobre a justiça social apresenta momentos distintos.

Em um primeiro momento, pode-se dizer que o embate se concentra nos aspectos distributivos, de modo que as demandas por justiça social convergem para o equacionamento das desigualdades surgidas na esfera econômica. No segundo momento, contudo, observa-se uma alteração na agenda de reivindicações, fundamentalmente aquela apresentada pelos novos movimentos sociais que passam a concentrar seus esforços em demandas relativas à diferença. Com base nesse conjunto de reivindicações, outros conceitos surgem como critério de justiça, é o caso, por exemplo, do reconhecimento. Em decorrência dessa nova conjuntura, há uma constante bipolarização do debate acerca da dicotomia distribuição/reconhecimento.

Nesse contexto, Axel Honneth (2003; 2006) e Nancy Fraser (2001; 2006) entram em cena como autores centrais ao debate. Por fim, destaca-se a pertinência de abordar as questões de justiça social tendo como pano de fundo o mundo do trabalho. Tal delimitação deu-se em razão da complexidade que envolve a sociedade brasileira. Neste sentido, considerando os avanços

observados nas últimas décadas na sociedade brasileira, constata-se que ela se encontra em um momento de mudanças e de conformação a novas situações na estrutura social. Pode-se definir o momento como complexo. Telles (2006) oferece uma excelente síntese do momento atual, ao destacar que a sociedade brasileira vem se transformando rapidamente,

tornando-se cada vez mais complexa e heterogênea e diferenciada: novas clivagens surgem e cruzam transversalmente a estrutura de classe, desfazem identidades tradicionais, criam outras tantas e geram uma pluralidade de interesses nem sempre convergentes, quando não conflitantes e mutuamente excludentes. É uma dinâmica societária feita de formas distintas de sociabilidade, algumas antigas outras novas, que seguem as rápidas transformações da vida urbana, da organização da produção e do consumo; de novas hierarquias sociais, atravessadas por enormes disparidades de renda, de cultura, de valores e também de acesso a mecanismos de representação e participação política; de diferenças no uso da cidade, nos modos de fixação e mobilidade no espaço urbano e acesso a bens materiais e simbólicos de uma sociedade de consumo pujante, mas também extremamente estratificada e excludente; de diferentes e muito desiguais formas de integração em um mercado que se altera em ritmo acelerado desestabilizando posições consolidadas, desfazendo hierarquias ocupacionais tradicionais e criando novas clivagens e novas formas de diferenciação social (p. 143-144).

Neste capítulo, pretende-se aprofundar algumas dessas questões, fundamentalmente aquelas relativas ao mundo do trabalho relacionadas ao debate sobre a justiça social em contextos de ambivalência. No primeiro momento, será desenvolvido o argumento geral, segundo o qual o trabalho constitui-se em um bem. No momento posterior, a abordagem refere-se aos aspectos que dizem respeito à estruturação e à distribuição do trabalho no espaço público. Por fim, realiza-se um debate acerca dessas questões tendo como base reflexiva a especificidade da questão social no Brasil. A adoção desses procedimentos analíticos implica a possibilidade de um maior entendimento acerca dos modos como as desigualdades se reproduzem na sociedade, tendo como base o estabelecimento de hierarquias. Antes de adentrar propriamente o debate, vale esclarecer, brevemente, o que vem a ser um bem, uma vez que a sua definição varia de acordo com a esfera de análise.

Afinal o que é um bem? Segundo o Houaiss (2009), ele pode ser entendido como um conjunto de princípios fundamentais propícios ao desenvolvimento e ao aperfeiçoamento moral, seja dos indivíduos, seja da comunidade. Pode significar aquilo cuja posse e fruição (física ou espiritual) a

coletividade julga ser conveniente para manutenção e/ou o progresso do homem. Do ponto de vista jurídico, o bem pode ser definido como coisa, corpórea ou incorpórea, da esfera econômica ou moral, suscetível de uma apropriação legal, isto é, tudo aquilo que é propriedade de alguém.

Mesmo sendo usuais, essas definições dizem muito pouco acerca dos processos que compõem a disputa por bens, do mesmo modo que revelam pouco acerca da sua utilização, sobretudo quando o cenário em questão envolve o debate por justiça social. Tendo essa dificuldade em mente, recorreu-se ao trabalho de uma antropóloga e de um economista, Mary Douglas e Baron Isherwood (2009)¹⁹, em que os autores elaboram uma definição de bens que será extremamente proveitosa ao estudo proposto. Com base na análise desses autores, é possível adotar uma definição de bens segundo a qual eles são concebidos como objetos animados ou inanimados, materiais ou simbólicos, investidos de valores que são apropriados tanto para suprir necessidades, quanto para emitir sinais (mensagens) públicos.

2.1 Os bens no mundo

Em *O mundo dos bens*, Douglas e Isherwood (2009) oferecem uma excelente porta de entrada para o debate sobre as funções que os bens desempenham socialmente e sobre os motivos de as pessoas desejarem bens. Os autores questionam a ideia de pobreza como carência objetiva de posses, em favor de uma perspectiva que aborda a pobreza como medida de envolvimento social. Eles partem da ideia de que “as coisas cuja posse significa riqueza não são necessárias por elas mesmas, mas pelas relações sociais que elas sustentam” (DOUGLAS, 2007, p.19). Assim sendo, afirmam ser mais profícuo concentrar a atenção nos laços que os pobres conseguem estabelecer e manter com a sociedade, do que se fixar nas resultantes da carência material.²⁰ Desse modo, a pobreza encontra-se imbricada com a

¹⁹ Os autores partem de um questionamento inicial: *por que as pessoas querem bens?*

²⁰ Embora seja pertinente a observação destacada pelos autores, não se deve perder de vista que tal questão não exclui o fato de as resultantes da carência material serem importantes.

capacidades de que os sujeitos dispõem para obtenção e gerenciamento de informações. Pode-se dizer que se trata de um ponto nevrálgico, pois, “se suas conexões com a informação forem fracas, mais cedo ou mais tarde estará tão isolado que perderá o acesso a comida e ao calor” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2009, p. 35).

Esses elementos operam como pano de fundo para que os autores construam uma sofisticada teoria que vincula o grau de envolvimento social com a capacidade de consumo de bens, na qual os bens são algo mais do que meros objetos (abstratos ou não); eles são investidos de valores socialmente utilizados para exprimir categorias e princípios, dar sustentação a grupos, produzir mudanças ou criar permanências. Nessa perspectiva, os bens, além da supressão das necessidades, cumprem funções sociais.

Dentre as funções que os bens cumprem, duas são particularmente importantes para a discussão que ora se realiza. A primeira diz respeito ao fato de que os bens funcionam como marcadores mais ou menos temporários de categorias racionais. Desse modo, “comportar-se como agente econômico significa fazer escolhas racionais. Pode-se dizer que os bens reunidos em uma propriedade fazem afirmações físicas e visíveis sobre a hierarquia de valores de quem escolheu.” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2009, p. 28).

Tal constatação é de extrema relevância. Com base nela, pode-se concluir que nada tem valor por si mesmo, os valores são, em essência, conferidos por juízos humanos. Assim, a importância de cada coisa depende do lugar que ocupa em uma série de outros objetos complementares. Em vez de tomar um objeto isoladamente para obter a informação que ele transmite, torna-se mais elucidativo buscar capturar todo o espaço de significação. Em outras palavras, deve-se investigar a realidade dentro do ambiente cultural que lhe é constitutivo.

O ambiente cultural, por suas características, pode ser entendido à semelhança de uma comunidade²¹. Os autores destacam, que na atualidade,

Essa questão será melhor desenvolvida adiante quando se aborda a ocupação do espaço público pelo trabalho informal.

²¹ Mesmo tendo clareza de que o conceito de comunidade constitui-se em uma das noções mais vagas das ciências sociais, pode-se delimitar que, “no mínimo, comunidade geralmente indica um grupo de pessoas dentro de uma área geográfica limitada que interagem dentro de instituições comuns e que possuem um senso comum de interdependência e integração” (SHORE, 1996, p. 115).

as comunidades tendem a ser usadas como o lugar em que se descortina uma série de interações cujo caráter se expressa, em muitos casos, por meio dos laços de amizade e solidariedade. Ao mesmo tempo, a comunidade impõe limites aos seus integrantes, ela censura seus membros e pode até mesmo produzir exclusões, degradações e ostracismos²².

Nessa abordagem, o caráter social da demanda expressa-se por meio de serviços de marcação que os bens fornecem nos rituais de consumo, definido como um “sistema de rituais recíprocos que envolvem gastos para a marcação apropriada da ocasião, seja visitantes e anfitriões, seja da comunidade” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2009, p. 40). Em outras palavras, os autores chamam de rituais de consumo as marcas normais da amizade. Assim, o fluxo padronizado de bens de consumo permite identificar uma cartografia da integração social. Neste sentido,

a comunidade que envolve seus membros na maioria dos compromissos sociais tem mais rituais de consumo, e em tempos de crise a informação e o apoio fluem mais livremente. Membros de outro tipo de comunidade menos envolvidos em trocas rituais, são mais vulneráveis a choques, econômicos ou não. Por implicação, esta explicação delega a responsabilidade aos outros consumidores pelo traçado de linhas de exclusão em torno de seus padrões de consumo (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2009, p. 40).

Em decorrência, os sujeitos, como consumidores, estão continuamente fazendo seleções deliberadas entre seus pares, tanto para suas associações quanto para os rituais privados. Assim, a vida social passa a ser uma questão de alinhamentos favoráveis ou contrários, em que se elegem parceiros preferenciais de interação, constituem-se grupos, estabelecem-se ambientes de convivência e, para assinalar os alinhamentos, os bens funcionam como marcadores. Portanto, na vida social reside a importância dos usos que as pessoas fazem dos bens, já que eles operam como sinais. Neste sentido, os bens como objeto são neutros, todavia seus usos são sociais, e, portanto,

²² Em relação às coerções e exclusões que as comunidades realizam, os casos de xenofobia do Velho Mundo podem ser considerados emblemáticos. É sempre importante recordar que um dos pilares fundamentais da União Européia foi a introdução das chamadas quatro liberdades, ou seja, a livre circulação de capitais, bens, serviços e pessoas. Na prática observa-se constantes ondas de protestos em relação à convivência com membros provenientes de outros locais, de outras etnias etc. Em parte, essas restrições devem ser entendidas no âmbito do mundo do trabalho e suas constantes transformações, que têm resultado na queda geral dos níveis e oferta dos postos de trabalho. No Brasil, a tendência é que esses tipos de conflitos adquiram uma aparência mais difusa. Essa questão será retomada adiante.

podem ser usados para estabelecer aproximações ou para restringir movimentos. Em outras palavras, os bens “podem ser usados como cercas ou pontes” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2009, p. 36).

Entretanto, o produto final, se pontes ou cercas, aproximações ou restrições, depende da maneira como as pessoas estão organizadas. Por conseguinte, os grupos, as comunidades, as associações e outros que integram o espaço público assemelham-se a uma caixa de sinais para os sujeitos e outros agrupamentos. Decorre então a necessidade de tentar descobrir o sistema de respostas que opera entre o modo como as pessoas vivem, quando enunciam coisas sobre elas mesmas, por meio dos bens, em um determinado ponto do tempo, e o que fazem sobre esse modo de viver, depois de receber as mensagens e começarem a emitir uma nova rodada de sinais. Na perspectiva dos autores,

precisamos prestar atenção quando o consumidor tem sucesso em abrir certas portas, e fechar outras às tentativas menos bem-sucedidas de outros consumidores. Precisamos nos interessar pela infinidade de maneiras através das quais o consumidor usa bens para criar barreiras contra outros indesejados. Isto é cultura, essencialmente um conjunto de princípios justificadores para reunir apoio e solidariedade e um conjunto de sinais de entrada proibida (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2009, p. 44).

Com base nessas considerações, pode-se falar do consumo como produtor de interações que conduzem a processos de reflexividade, eleição de parceiros e projetos. Esta ideia permite situar a crítica que alguns autores, como Rudá Ricci (2010), fazem às políticas sociais do governo Luís Inácio Lula da Silva segundo a qual elas promovem a inclusão social de parcelas da população pelo consumo. Para o autor, o governo Lula adotou um modelo de gerenciamento em que o Estado aparece como ator fundamental e indutor do processo de desenvolvimento. Nessa perspectiva, o autor defende que os movimentos sociais devem ter por objetivo primeiro

a luta por direitos. A inscrição, aceitação e institucionalização de direitos universais que garanta a autonomia política e social. Em segundo lugar, a sustentabilidade ou garantia desta conquista, o que significa aumentar o poder da sociedade civil no interior do Estado. Sem participação e controle social, os direitos tornam-se uma dívida e se reduzem a interesses de grupos sociais. Somente o controle social sobre o Estado articula e dá sentido universal aos direitos e

configura um novo país. Infelizmente, no Brasil de hoje, o que temos é a criação do pacto fordista tupiniquim, que gera inclusão no mercado de consumo, mas não inclusão no processo decisório da política pública brasileira. Continuamos com uma cidadania inacabada. E efetivamos a modernização conservadora em nosso país (p. 3).

Ainda na perspectiva desse autor, na atualidade, vivencia-se um processo de instauração de “um modelo gerencial e de estrutura de poder político a partir do Estado. Está circunscrito ao conceito de modernização conservadora” (RICCI, 2010a, p. 9). Este modelo é denominado pelo autor como lulismo e sua dinâmica tem a nova classe média como seu alvo e foco principal. Segundo ele,

Lula fala para a nova classe média, que até ontem foi pobre. Estamos falando de quase 50% da população brasileira (que recebe até 10 salários mínimos de renda mensal familiar). Ele mesmo tenta criar a imagem de representante desta classe, como ex-metalúrgico e retirante que chegou ao posto maior da gestão pública nacional e se tornou astro internacional. Por falar de uma classe em transição, acaba por atingir os menos abastados, além desta classe média baixa. O lulismo trata da esperança de sucesso familiar (p. 9).

Em relação aos valores sociais que emergem dessa nova classe média com base no lulismo, o autor enfatiza:

São conservadores e individualistas. Religiosos, tratam da fé como instrumento de negociação para o sucesso pessoal e familiar. São refratários a mobilizações sociais, ao espaço público, não seguem líderes (daí não aceitar a tese de André Singer de que o lulismo é uma vertente do bonapartismo) e sente que está sendo incluída no país pelo consumo. Formam um caldo de cultura popular muito conservador, que não gosta de confronto, de rupturas, da agenda de direitos civis (p. 9).

Contudo, mesmo considerando a pertinência dessas críticas, há que se reconhecer que projetos que pretendem ser alternativas de um modelo excludente começam pelo consumo. É o caso, por exemplo, dos primórdios do cooperativismo, em que os Pioneiros de Rochdale, ao criarem a primeira cooperativa, que congrega princípios aceitos até os dias atuais como balizadores da doutrina cooperativista, o fizeram estabelecendo uma cooperativa de consumo. Tratava-se de possibilitar o acesso, aos trabalhadores, a formas mais dignas de consumo.

Neste sentido, vale lembrar que os trabalhadores naquele contexto eram expropriados não somente nas relações de trabalho, mas, em igual medida, nas relações de consumo, que muitas vezes se apresentavam viciadas pela relação capital *versus* trabalho. Tendo apresentado esses elementos, e, tendo como referência a discussão realizada até o momento, pode-se seguir para o segundo aspecto relevante para a discussão, qual seja: os bens funcionam como acessórios rituais.

O bem, como objeto, é um acessório ritual, entretanto, ele é um acessório que opera no consumo, porque o consumo é um processo ritual cuja função primária é dar sentido ao fluxo incompleto dos acontecimentos. Mas o que é esse fluxo incompleto dos acontecimentos? Pode-se dizer que seus limites e seus significados são definidos em uma relação direta com a mercadoria, pois a mercadoria é o meio não verbal para a faculdade humana de criar. Não obstante, há uma ausência de significado na mercadoria como objeto. Para que ela possa circular e completar o fluxo dos acontecimentos, é necessário que o objeto seja dotado de valor, de significado, e esse significado só existe porque ele é um suporte ritual. A seguir aborda-se esse processo de forma mais detalhada.

A questão dos significados envolve uma necessidade adicional: o imperativo social de fixação de significados públicos, pois eles são difíceis de serem captados, embora cotidianamente as pessoas se deparem com conjuntos de impressões. Enquanto um sujeito apresenta uma percepção cujo vetor de sentido aponta determinada direção, um outro apresenta um sentido diferente em relação ao mesmo acontecimento. Em decorrência, pode-se dizer que um dos principais problemas da vida social é fixar os significados de modo que fiquem estáveis por algum tempo. Pois,

sem modos convencionais de selecionar e fixar significados acordados falta uma base consensual mínima para a sociedade. Tanto para a sociedade tribal quanto para nós, os rituais servem para conter a flutuação dos significados. Os rituais são convenções que constituem definições públicas visíveis. Antes da iniciação havia um menino depois um homem, antes do rito do casamento, havia duas pessoas livres, depois dele, duas reunidas em uma. Antes da internação no hospital, o atestado médico da doença; antes do atestado de óbito o morto é considerado vivo [...] viver sem rituais é viver sem significados claros e, possivelmente, sem memórias. Alguns são rituais puramente verbais, vocalizados, não registrados; desaparecem no ar e dificilmente ajudam a restringir o âmbito da

interpretação. Rituais mais eficazes usam coisas materiais, e podemos supor que, quanto mais custosa a pompa ritual, tanto mais forte a intenção de fixar significados. Os bens nessa perspectiva são acessórios rituais; o consumo é um processo ritual cuja função primária é dar sentido ao fluxo incompleto dos acontecimentos [...] Daqui é um passo curto para identificação do objetivo global que – supõem-se – os seres racionais, por definição, consideram. Sua própria racionalidade deve pressioná-los a dar sentido ao seu ambiente (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2009, p. 112).

Portanto, o objetivo mais geral do consumidor só pode ser o de construir um universo inteligível com os bens que escolhe. A construção cognitiva ocorre em um universo social, com a necessidade de demarcação da dimensão temporal. Neste sentido, a passagem do tempo passa a ser repleta de significados, e os bens são utilizados para delimitar esses intervalos. Sua variação de qualidade surge com a necessidade de estabelecer uma diferenciação entre a passagem do tempo e o ciclo da vida (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2009).

As percepções em relação aos acontecimentos cotidianos, igualmente, variam no espaço e, assim, vinculado “ao processo cultural suas divisões são carregadas de significados: casa, tamanho, o lado da rua, a distância de outros centros, limites espaciais – todos são categorias conceituais” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2009, p.114).

Ainda, prosseguem os autores:

a escolha do bem cria continuamente certos padrões de discriminação, superando ou reforçando outros. Os bens são, portanto, a parte visível da cultura. São arranjados em perspectivas hierárquicas que podem dar espaço para a variedade total de discriminações de que a mente humana é capaz (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2009, p.114).

Em outras palavras, os bens são usados para tornar visível um conjunto particular de julgamentos nos processos fluidos de classificação de pessoas e eventos, e, neste sentido, as pessoas precisam de bens para compreender o que se passa à sua volta. A maneira de conceber os bens como substantivos à interação social também é compartilhada por outros autores.

Para Walzer (2003),

os bens com seus significados – por causa de seus significados – são o meio fundamental das relações sociais, entram nas mentes antes de passar pelas mãos; as distribuições se modelam segundo conceitos compartilhados do que são os bens e para que eles servem. [...] é o significado dos bens que define sua movimentação. Os critérios e os acordos distributivos não são intrínsecos ao bem em si, mas ao bem social. Se entendermos o que ele é, o que significa para aquele para quem é um bem, entenderemos como, por quem e por quais motivos deve ser distribuído (p. 6-8).

Já é possível então responder ao questionamento de Douglas e Isherwood (2009): afinal para que as pessoas querem bens? Nas palavras dos autores:

trata-se sempre de controle. Nossa resposta requer que façamos uma suposição: supomos que há um conjunto compreensivo e fundamental de desejos humanos que diz respeito ao controle de outros humanos (e também a fugir do controle alheio). O foco no controle abre caminho para envolver culturas políticas no ciclo econômico. Teremos eventualmente um modelo que começa com os consumidores cujas tendências culturais comandam sua demanda por bens. A demanda do consumidor comanda a produção, e a produção provocada pela demanda comanda a tecnologia e a tecnologia tem efeitos nas vidas humanas. Por causa dos resultados da tecnologia os consumidores se agrupam, e o agrupamento pode ser em grandes e arrumadas pirâmides ou em grandes montanhas desarrumadas, ou em pequenos blocos altamente divisíveis, ou então as pessoas podem escapar e viver separadas em paisagens esparsas. Cada ambiente social permite apenas certos tipos de controle, e isso permite que a tendência cultural dominante se desenvolva (p. 47).

Tendo delimitado essas questões pretende-se, nas próximas páginas, valer-se desse referencial teórico para pensar o trabalho como bem e como a sua distribuição no espaço público colabora para estabelecer hierarquias sociais.

2.2 O trabalho como bem

Diante do que foi exposto até o momento, destacam-se três características importantes acerca dos bens e que são úteis para este estudo. São elas:

- a) os bens realizam serviços de marcação;
- b) são investidos de significados e, portanto, operam como sistemas de informação;
- c) são acessórios rituais e, neste sentido, sua disposição em um universo cultural qualquer integra redes de suporte a adscrição de valores.

Antes de tratar dessas questões, deve-se destacar uma diferença básica existente entre os bens mercadorias que são objeto de consumo – como os apontados por Douglas e Isherwood (2009) – e o trabalho como bem social. Embora o trabalho apresente um conjunto de características similares aos bens de consumo, sua natureza é diferente. A dessemelhança entre os bens mercadoria e o trabalho como bem social encontra-se na gênese de ambos. O trabalho, declara Friedmann (1973),

merece ser considerado como traço específico da espécie humana. O homem é um animal social que, ainda hoje, através de ritmo na marcha do progresso técnico, de evolução na estrutura e no nível econômico das sociedades se ocupa essencialmente de trabalho. O trabalho é um denominador comum e uma condição de toda a vida humana em sociedade (p.19).

Na mesma linha, Albornoz (2008) ressalta que, em épocas passadas,

o trabalho foi concebido por alguns como um estímulo para o desenvolvimento do homem e não como obstáculo. O trabalho é a expressão do homem e expressão do indivíduo. O homem se torna um criador por sua própria atividade; pode realizar qualquer coisa. O trabalho é a melhor maneira de preencher sua vida (p. 58).

Por fim, Brandão (2005) enfatiza que

o trabalho é um aspecto fundamental da vida por atender às necessidades humanas, tanto do ponto de vista material como espiritual, já que através das tarefas concretas o homem se sustenta

e, ao mesmo tempo, expressa seu modo original de realizar valores em um determinado tempo e lugar (p. 8).

Com base nesses entendimentos, pode-se referir ao trabalho em dois sentidos. O primeiro diz respeito ao seu caráter ontológico²³. O trabalho, além de fornecer sentido ao vivido (ANTUNES, 1999), também promove a inserção dos sujeitos em um universo de representação social, em que as experiências no trabalho se traduzem em construção identitária. Em outros termos, o trabalho percebido conforme uma lógica de contribuição social confere ao sujeito um sentido, e ao fazê-lo, possibilita um *retorno* para o sujeito que trabalha em termos de realização pessoal. Nesta perspectiva, é possível falar do trabalho como um bem constitutivo.

Em outro sentido, pode-se afirmar que o trabalho é um bem de acesso. O trabalho como atividade produtiva, além de propiciar meios de subsistência, permite o acesso a outros bens, materiais ou simbólicos, por meio das possibilidades abertas ao consumo. Trata-se de um aspecto importante da questão, pois, como visto, o consumo possibilita que os sujeitos ampliem seu leque de interações sociais. Conforme Martins (1997), no âmbito do consumo, os sujeitos inserem-se na sociedade capitalista. Neste sentido, caso se interprete corretamente Douglas (2007), os processos de consumo devem considerar a interação entre formas de empregos e cultura. Desse modo, o esquadrihar do consumo deve levar em conta os padrões culturais, entendendo que esses padrões dependem da forma de organização, e que eles ditam qualidades para bens de consumo. A cultura, segundo esse modelo, desenvolve-se em um ambiente no qual os tipos de atitudes morais, que uma organização requer para que possa funcionar, são vistos como emergindo em respostas a prêmios e penalizações que a organização emprega. Cultura e organização produzem uma a outra.

²³ Esta é uma questão que vem de longa data e diversos autores se debruçaram sobre ela. Na sociologia clássica, Marx (2002) realiza uma análise detalhada do significado concreto do trabalho para o desenvolvimento capitalista. Ele destaca que a essência do homem está no trabalho e o que os homens produzem é o que eles são. Em outras palavras, o homem é o que ele faz. Neste sentido, o trabalho constitui-se em um elemento ontológico na formação do ser social. Na atualidade, esse é um debate em aberto. Posições divergentes podem ser encontradas em autores como Offe (1989), Antunes (1995; 1999), dentre outros.

2.2.1 Redes de suporte de discriminação de valores e sistemas de marcação social

Como se verificou, os bens são acessórios rituais. Do ponto de vista dos objetos, eles são integrados em conjuntos dispostos de maneira a possibilitar a formação de uma rede de suporte adscrição de valores. Propõe-se então pensar a disposição dos objetos em um ambiente cultural qualquer, e ao fazê-lo, refletir sobre a distribuição do trabalho no espaço público. Que consequências ou, melhor dizendo, que relações sociais podem ser inferidas dessa disposição?

Em geral, essa disposição tem basicamente dois referenciais. O primeiro é aquele que se pode imaginar invadido pela dimensão do mercado, que traça linhas gerais acerca das mercadorias como necessidades de efetivação de um consumo que sustenta relações de produção e circulação de mercadorias e que, por fim, dispõe acerca da divisão social do trabalho.

Neste sentido, Costa (1999) destaca que a

produção da mercadorias, como forma generalizada da produção humana, subordina a existência humana ao consumo mediatizado pelo mercado. Só depois de realizado como valor de troca, os objetos, frutos do trabalho humano, são disponibilizados para o consumo e para saciar as necessidades humanas. Primeiro compramos e depois comemos! Aí vem a primeira questão – como existir e sobreviver sem entrar na esfera do mercado? Na sociedade capitalista isso é impossível, já que o mercado é a grande instância que mediatiza as relações entre os homens (p. 4).

Nessa mesma linha, Charles Taylor (1997) ressalta que o mercado é, com o Estado, uma instituição central no mundo moderno. Ele atua, dentre outros processos, na instituição de hierarquias valorativas por meio da articulação da subjetividade moderna. Dessa forma, o mercado, dentre suas funções, age como uma fonte moral para o *self* com repercussões na construção identitária dos sujeitos.

O segundo referencial é a seleção que os indivíduos efetuam em relação aos objetos, para oferecer suporte ao conjunto ritual, em uma série de rituais que dizem respeito às interações mais valorativas de uma cultura. Então, a grande questão é que a mercadoria nesse contexto, não tem sentido, porque

ela é imposta por uma estrutura de mercado, constituída para que as relações se formem.

Quando a questão se relaciona à dimensão de um processo ritual que dá sentido ao fluxo incompleto dos acontecimentos, esse fluxo é reconhecido no trabalho, ao passo que a mercadoria apresenta uma carga negativa já apontada por Marx (2002)²⁴ e diz respeito ao trabalho morto. Pode-se dizer que, quando se reconhece um bem, de certa maneira, o suporte ritual se faz presente, para que as interações e elaborações humanas sejam significativas no contexto de uma cultura.

De acordo com a lógica ritual, há pelo menos dois aspectos a serem enfatizados. O primeiro diz respeito ao ato de trabalhar, que em si mesmo constitui-se em um ato ritual. Neste sentido, os objetos que integram o ambiente de trabalho interagem conformando um aspecto da rede. Por outro lado, a disposição do trabalho no espaço público completa a rede, que será explorado com maior profundidade.

Abordou-se até o momento o argumento geral, segundo o qual o modo como os bens são dispostos em um ambiente qualquer configura uma rede de suporte adscrição de valores. Nessa perspectiva, e concebendo o trabalho como um bem social, a maneira como o trabalho aparece distribuído no espaço público, em suas mais variadas formas, configura uma rede de suporte que discrimina valores. Quando se trata essas questões no campo empírico, percebe-se que os valores discriminados pela rede operam ora como elementos de integração entre grupos e sujeitos, ora como elementos que reforçam hierarquias e produzem estranhamentos a grupos e sujeitos. Esses eventos não são de difícil visualização.²⁵

O pressuposto básico é que a distribuição do trabalho no espaço público conforma uma rede que discrimina valores e, com base nessa valoração, cria ambientes²⁶, estabelece lugares sociais mais ou menos

²⁴ Para maior detalhamento dessas questões, ver: Karl Marx, em *O capital: crítica da economia política*, livro I, 2002.

²⁵ Em outras áreas do conhecimento os estudos sobre a distribuição das atividades e ocupações no espaço urbano tem sido uma constante. Diversos deles vêm sendo produzidos pelo *Observatório das metrópoles* e podem ser acessados. Em geral, esses estudos levam para o centro do debate o papel das cidades no contexto de transformações em escala global. Uma excelente abordagem dessas questões é realizada por Bógus e Pasternack (2009).

²⁶ Ambiente, por definição, corresponde ao conjunto de condições materiais, culturais, psicológicas e morais que envolve uma ou mais pessoas (HOUAISS, 2009).

valorizados. Desse modo, certas áreas do espaço urbano abrigam determinados conjuntos de atividades em detrimento de outras. Neste sentido, pode-se dizer que a base espacial que abriga atividades produtivas projeta sobre elas próprias, e sobre aqueles que delas se ocupam, uma expectativa valorativa que pode ser positiva ou negativa. Fala-se de lugares sociais, microambientes²⁷ no espaço urbano, no qual algumas atividades e sujeitos são mais valorizados que outros.

Nessa perspectiva, a delimitação dos microambientes leva em conta a distinção elaborada por Milton Santos (2008) entre espaço como ente indiferenciado que se configura por estruturas sociais, e lugar como configurações de forma e funções organizadas socialmente por processos que fazem mediações com as estruturas sociais. Para o que interessa neste estudo, os microambientes são lugares estabelecidos em uma hierarquia social das disposições geográficas, que consideram formas recíprocas de movimentação de pessoas neles envolvidas, segundo tipos de atividades e finalidades de inserção social. Eles se estabelecem em conformidade com a capacidade de *organização* que os lugares apresentam para o desenvolvimento de determinada atividade.

Como ocorre essa operação? Não são poucos os casos em que uma atividade ou um sujeito pode obter um *status* maior pelo fato de desempenhar ou realizar suas atividades em um ambiente considerado nobre.²⁸ É de amplo domínio público que certos profissionais e certas atividades tais como, cirurgias plásticas, advogados de grande renome, e outros, tendem a estabelecer suas clínicas e escritórios em regiões mais valorizadas da cidade em detrimento de áreas periféricas.²⁹ Um médico (independentemente da especialidade) que exerça suas atividades profissionais em uma clínica situada

²⁷ Adota-se a expressão microambiente em vez de termos, tais como zonas, bairros, áreas, por entender que o microambiente fornece um referencial mais preciso, uma vez que, uma zona, um bairro, uma área podem abrigar mais de um microambiente, o que não invalida as ocorrências em que um microambiente possa corresponder a totalidade de um bairro, de uma zona ou de uma área.

²⁸ Essa questão desdobra-se e se complementa na constante valorização territorial que determinadas áreas recebem em razão da incidência de certas atividades.

²⁹ Não se desconhece que o estabelecimento de uma atividade, de uma empresa, de um profissional nas diversas regiões que compõem o ambiente urbano de uma cidade sofre influência de outros fatores, tais como: capacidade de investimento, projeção de consumo, questões ambientais, etc. Contudo, tais questões não inviabilizam os argumentos que se vêm desenvolvendo.

na periferia da cidade assume um *status* inferior em comparação com outro que preste os mesmos serviços numa clínica estabelecida em uma região nobre da cidade. Neste sentido, projeta-se sobre a atividade e sobre o sujeito que a desempenha uma expectativa em relação à qualidade do trabalho, à qualificação do sujeito e suas possibilidades futuras. Esse exemplo pode-se estender a uma infinidade de atividades.³⁰

Analogamente o inverso também é verdadeiro. Uma atividade ou um profissional pode experimentar um *status* desvalorizado em virtude de sua inserção em áreas consideradas menos valorizadas ou periféricas. A presença de certas atividades em determinadas regiões da cidade pode servir de mote de desvalorização da região, bem como de outras atividades adjacentes, como nas áreas que abrigam galpões de reciclagem, por exemplo. Tanto atividade, quanto sujeitos e local ficam subordinados a um *status* inferior e desvalorizado que marca profundamente quem as vivencia.³¹

Essas observações, entretanto, deixaram em aberto algumas questões. Alguém poderia contrapor-se a esses argumentos, apelando para a lógica de valorização espacial e citando a tendência logística de situar grandes empresas, complexos e outros, em áreas que do ponto de vista financeiro, não são tão valorizadas. Um exemplo é a implantação da unidade produtiva da General Motors³², no município de Gravataí, no estado do Rio Grande do Sul. A empresa instalou-se em uma região mais periférica, local de baixa valorização econômica. Convém enfatizar, que apesar do grande apelo logístico, o fato de o terreno situar-se às margens da autoestrada, facilitando o acesso e o escoamento da produção, não foi o aspecto determinante da escolha do local. Nesses casos, as determinantes e a valorização espacial

³⁰ Um trabalhador empregado no Vale do Silício, pelo simples fato de integrar aquele ambiente, tem projetado sobre o seu trabalho uma expectativa valorativa positiva que lhe confere um *status* superior. Tal fato pode ser explicado em razão de o Vale do Silício ser reconhecido pela alta qualificação daqueles que trabalham nas empresas lá estabelecidas. No Brasil estudos têm sido realizados enfocando tais questões. Neste sentido, Mamão e Santos (2004) elaboraram, com base em dados coletados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) um mapa referencial das cidades brasileiras consideradas polos de inovação, e a cidade de São Carlos, localizada a 250 km da capital paulista, ganhou fama não só por de abrigar um grande polo tecnológico, mas por ser conhecida por aglutinar um alto índice de profissionais com nível de doutorado.

³¹ Para uma ampliação sobre o debate acerca do *status* desvalorizado da atividade de catação, ver Pizzio (2007; 2009).

³² Para efeitos de argumentação, não se considera a disputa entre diversos municípios do Rio Grande do Sul para sediarem a referida empresa e, igualmente, não considera a valorização que o município obteve com a implantação dessa montadora.

vinculam-se à infraestrutura criada e disponibilizada para a implantação dessas unidades, e às políticas de incentivos fiscais.

Contudo, a disposição das outras empresas que compõem o complexo segue a mesma lógica, com as mais valorizadas situadas mais ao centro, e as menores, mais à periferia. Do ponto de vista da repercussão para os trabalhadores, o fato de desempenhar suas atividades profissionais em tal complexo transfere a esses sujeitos certo *status* profissional, que é maior para aqueles que ocupam cargos da montadora e variável para aqueles que desempenham suas atividades em empresas fornecedoras que se situam no pátio da montadora.³³

Nos exemplos citados, lida-se com hierarquias que se traduzem em estratificação e diferenciação de *status*, seja pela diferenciação obtida na comparação entre sujeitos que desempenham atividades diferentes, seja aquela entre sujeitos que realizam as mesmas funções. Essas questões encontram-se, igualmente, imbricadas com a ideia de qualificação e desqualificação (ou não qualificação) e seguem uma longa tradição que combina a meritocracia e a ideologia do mercado livre como medida de justiça.

Segundo Walzer (2003), o princípio fundamental da ideia de meritocracia é simplesmente que se deve reservar os melhores cargos e ocupações a pessoas com maior qualificação, pois a qualificação é um caso especial de mérito. Nesses casos, as pessoas podem merecer ou não suas qualidades, mas ocupam os lugares nos quais suas qualidades se enquadram. A essa visão combina-se uma outra, a que confere ao mercado o critério de justiça. Deste ponto de vista, o mercado, quando é livre, oferece a cada qual o que merece. Seguindo essa lógica, o mercado recompensa as pessoas na justa medida das suas contribuições para o bem-estar dos outros. Assim, os “bens e serviços que fornecemos são avaliados pelos consumidores em potencial desta ou daquela maneira, e esses valores são agregados pelo mercado, que define o preço que recebemos. E esse preço é o nosso mérito” (p.145). Deste modo, quanto maior for a qualificação do sujeito, maior será sua retribuição.

³³ Pôde-se colher tais depoimentos e impressões em eventos do qual se participou, quando trabalhava na prefeitura de São Leopoldo e, em diversos eventos realizados pelo Sindicato dos Metalúrgicos do Município de São Leopoldo.

Mesmo reconhecendo que esse sistema avaliativo tem sido considerado válido em muitas sociedades, Walzer (2003) tem questionado sua legitimidade. Segundo ele, “no sentido exato da palavra não existe meritocracia. Sempre se fizeram escolhas particulares entre possíveis ‘méritos’ ou, mais exatamente, no conjunto das qualidades humanas e, depois, entre indivíduos relativamente qualificados.” (p.195).

Esses apontamentos permitem dar um passo adiante. Douglas e Isherwood (2009) mostram que os bens integram redes de suporte adscrição de valores. Propõe-se, segundo tal concepção, que, em relação ao trabalho, essa rede forma-se com base na distribuição das atividades no espaço público. Pode-se falar de outra característica: os valores discriminados pela rede operam como sistemas de marcação social. Em outros termos, o trabalho, ao transferir expectativas valorativas às atividades e a seus participantes influencia não somente as possibilidades futuras, mas impõe posições na estratificação social, do mesmo modo que exerce influência na hierarquia das ocupações.

Há, em cada atividade, em cada ocupação, um conjunto de signos/sinais, que são valorados e convertidos em marcas sociais vinculadas aos sujeitos que vivem de determinadas atividades, em determinados lugares. Quando se detém nas atividades de alto prestígio e nas ocupações dispostas em áreas nobres, pode-se observar que os sinais emitidos tendem a refletir, em sua maioria, representações positivas.

Quando se fala de atividades e sujeitos vistos como socialmente desvalorizados, o constructo valorativo que define sujeitos e situações apoia-se na percepção de certos *signos externos de inferioridade* que repercutem nas representações sociais acerca desses sujeitos, e tendem a reproduzir imagens distorcidas, verdadeiras caricaturas de quem desempenha uma atividade indentificada como menos digna ou mesmo degradante. Essas questões podem ser interpretadas como o trabalho árduo, descrito por Walzer (2003). Para ele, o adjetivo árduo corresponde a algo brutal, desagradável, difícil de suportar.

O autor continua:

Nesse caso, a palavra define trabalhos que parecem penas criminais, trabalhos que ninguém procura e não escolheria se tivesse ao menos uma alternativa muito pouco melhor. Esse tipo de trabalho é um bem negativo, e costuma carregar consigo outros bens negativos: pobreza, insegurança, enfermidades, riscos físicos, desonra e degradação. Não obstante é trabalho socialmente necessário; é preciso fazê-lo e isso significa que é preciso encontrar alguém para tal. A solução convencional desse problema tem a forma de uma equação simples: o bem negativo iguala-se ao *status* negativo das pessoas em cujas mão é depositado. Distribui-se trabalho duro para pessoas degradadas. Os cidadãos têm liberdade; o trabalho é imposto a escravos, estrangeiros residentes, trabalhadores convidados – todos forasteiros. Alternativamente, os compatriotas que fazem esse trabalho são transformados em forasteiros locais, como os intocáveis da Índia, ou os negros norte-americanos após a escravatura. Em muitas sociedades, as mulheres têm sido o mais importante grupo de forasteiras locais, fazendo os serviços que os homens desdenham e liberando os homens, não só para as atividades econômicas compensadoras, mas também para a cidadania e a política. [...] a ideia em todos os casos é cruel: gente negativa para bens negativos. O serviço deve ser prestado por pessoas cujas qualidades se presume que seja compatível. Em razão da raça ou do sexo, ou da inteligência presumida, ou do *status* social, merecem prestá-lo ou não merecem, ou estão, de alguma forma, qualificadas para ele (WALZER, 2003, p. 225).

No caso brasileiro, esse conjunto de questões segue uma longa tradição e se relaciona com a questão social do país. A compreensão da atual realidade social, exige que se faça “uma revisitação crítica da ação dos sujeitos e dos processos históricos que amalgamam cada sociedade” (WANDERLEY, 2004, p. 51). Assim, torna-se importante perceber que a questão social adquire um conteúdo especial na multidimensionalidade das relações sociais e na forma pela qual os sujeitos, individuais e coletivos, são determinados pelos processos e estruturas sociais, ao mesmo tempo que instituem esses processos e estruturas. Neste sentido, identifica-se no Brasil urbano das últimas décadas do século XIX e das primeiras do século XX, o germe de elementos importantes ao debate realizado até então.

2.3 Aspectos históricos da questão social no Brasil

Como ensina Bastos (1991), a questão social encontra-se permeada pela problemática vigente no tempo e espaço. Neste sentido, ela diz respeito “a um conjunto de problemas de caráter social, econômico e cultural que se refere a determinado setor da sociedade” (p. 31). Em regra, essas questões referem-se à formação do povo brasileiro. Se, atualmente, a diversidade pode ser saudada em virtude da riqueza cultural que dela emerge, não é menos verdade que a diversidade de raças que deu origem ao povo brasileiro, na mesma intensidade (ou até mais) era percebida como impedimento para o desenvolvimento da nação. Assistiu-se, em períodos anteriores, à busca pela “homogeneização da sociedade e, portanto, a superação e acomodação da diversidade” (BASTOS, 1991, p. 31).

A sociedade brasileira era uma sociedade em mudança, que desejava ser moderna e civilizada, com um progresso sintonizado ao padrão europeu. Contrastando com esse projeto de modernização do país – implementado e desejado pelas classes dominantes – a classe trabalhadora, com suas peculiaridades, representava o avesso da sociedade que se queria construir (TELLES, 2006). Tratava-se de uma classe operária de característica urbano-industrial, composta por camponeses que migravam do campo, por imigrantes estrangeiros, mulheres e escravos libertos. Em relação a este último grupo, sua substituição pela mão de obra de origem europeia, além da competição que ensejou, ampliou a sua marginalização social.

Naquele contexto, a questão do negro, em muitos casos, foi entendida como uma questão de higiene pública. Esse é um ponto-chave, pois trata-se de importante elemento para discussão que se desenvolverá adiante: a ideia de inferioridade social, ou seja, a existência de contingentes populacionais em condições hierarquizadas de inferioridade.

Assim, a questão social era tematizada tendo como base um cenário em transformação e a literatura acadêmica da época colocava no centro do

debate a questão racial. Em relação ao racismo científico é possível afirmar que

o debate sobre a questão racial ganha seus verdadeiros contornos a partir de 1870, colocando-se como marco a figura de Silvio Romero. Este autor ao procurar compreender a história do Brasil, afirma tratar-se da história de um tipo novo de homem – o mestiço. “Todo brasileiro é um mestiço, quando não no sangue, nas ideias” (ROMERO, 1960, p. 34-35). Aliando a questão racial ao meio físico e a imitação, traça o esboço do caráter brasileiro, partindo do princípio de que há uma inferioridade racial na nossa formação, resultante do caldeamento de índios e negros, que se reflete ao nível do pensamento. Trata-se de uma “sub-raça mestiça e crioula, distinta da européia” (ROMERO, 1960, p. 101). Neste sentido, almejar a civilização é possível, mas o autor acredita que essa tarefa seja muito difícil (BASTOS, 1991, p. 34).

Para a autora, o ponto mais radical em relação ao racismo científico encontra-se em Nina Rodrigues que “sustenta não só a existência de raças inferiores – negros e índios – como também a necessidade de um tratamento diferenciado em termos jurídico- políticos para os mesmo” (BASTOS, 1991, p. 34).

O estudo de Ianni (2002) apresenta conclusões semelhantes. Ao analisar as figuras que colonizam o imaginário brasileiro, imaginário formado por tipos que emergem como representação do povo e da cultura brasileira, o autor destaca:

É muito sintomático que essas figuras e figurações sejam formuladas e vividas em uma sociedade na qual houve praticamente quatro séculos de escravismo. Há aí, portanto, um dilema: em uma sociedade em que o trabalho é visto como atividade subalterna, escrava, de casta inferior, outra raça, quando se dá a abolição do escravismo, coloca-se o desafio premente de redefinir o trabalho, conferindo-lhe dignidade, com o qual se expressa a dignidade do indivíduo e da sociedade, resultando em riqueza e prosperidade; principalmente para os proprietários dos meios de produção, a burguesia em formação (p. 8).

Esse ideário adentra o século XX e tem origem nas preocupações abolicionistas dos fins do século XIX. Conforme o autor, em decorrência do fim do regime do trabalho escravo,

intensifica-se a imigração de europeus, enquanto “braços para a lavoura”, destinados a substituir o escravo e, simultaneamente, “branquear”, “europeizar” ou “arianizar” a população, a sociedade, a cultura, a civilização. De repente, toda uma cultura do trabalho como atividade do “trabalhador escravo” precisa ser abandonada ou

redefinida em termos do trabalho como atividade do “trabalhador livre”. De repente, todos são desafiados a redefinir a ética do trabalho. Desenvolve-se um vasto e complicado processo sociocultural, psicossocial e ideológico destinado a conferir dignidade ao trabalho e ao trabalhador. Daí os tipos, como estereótipos sátiros, irreverentes e críticos, inocentes e negativos, com os quais se taquigrafam e exorcizam traços, figuras e figurações, ou modos de ser que a nova ideologia dominante rejeita (p. 8).

Em síntese, pode-se dizer que a inferioridade, que inicialmente se apresentava relacionada ao negros e a suas atividades, gradativamente começa a se impor ao operariado e às classes populares em geral. Constituíam-se clivagens, e as práticas de vida e lazer dos trabalhadores ganhavam importância tornando-se objeto de intervenção de médicos higienistas, autoridades públicas e reformadores sociais do início do século XX. Desse modo, observa-se que o “interesse pelo assunto [...] se inscreve nas preocupações da burguesia industrial que, na conjuntura toma medidas para viabilizar o seu projeto de construção de uma sociedade moderna e racional” (SILVA, 1990, p.17).

A sociedade brasileira, que se desejava moderna e orientada para um padrão civilizacional considerado desenvolvido, era influenciada ou melhor dizendo, orientada por uma concepção de sociedade correspondente a um paradigma sociocultural que Boaventura Santos (2002) denomino de *razão indolente*. Segundo esse autor, a partir de meados do século XIX, com a consolidação da convergência entre o paradigma da modernidade e o capitalismo, a tensão entre a regulação social e a emancipação entrou em um processo histórico de degradação, caracterizado pela gradual e crescente transformação das energias emancipatórias em regulatórias. Este paradigma, representado pelo positivismo – em suas várias formulações – assentava-se na distinção entre sujeito e objeto, entre natureza e sociedade ou cultura, na redução da complexidade do mundo a leis simples suscetíveis de formulação matemática. Tratava-se de uma concepção da realidade dominada pelo mecanicismo determinista e separação absoluta entre conhecimento científico – considerado o único válido e rigoroso – e outras formas de conhecimento, como o senso comum e, por fim, centrada na manipulação e transformação da realidade estudada pela ciência (SANTOS, 2002a; 2004).

Seguindo essa orientação, no Brasil, foram realizadas pesquisas e estudos que tinham por objetivo fornecer embasamento científico para a formulação de políticas de Estado, como as que resultaram no inquérito nacional para a formulação do salário mínimo, na década de 1930. A essas formulações seguiram-se outras. Segundo Rodhen (2004), as concepções de família no Estado Novo formavam um espectro importante da política social do período, havendo uma valorização da ideia de uma homogeneidade política e social que refletia a coesão, a unidade e a ordem necessárias à pátria. Este apelo implicava, sobretudo, a definição de um modelo de família consoante com os objetivos do Estado que tentava expurgar as ameaças à ordem pretendida. Buscando modelar o novo cidadão, o Estado Novo visou prioritariamente a família, procurando intervir nas condutas, modos de relacionamentos, relações sexuais, habitação etc. O modelo de família previsto, adequado à construção de uma moralidade pública era aquele pretendido pelas elites, bem diferente das famílias reais das classes populares.

Toda essa inquietação em relação aos trabalhadores não se reduziu ao discurso científico, mas compôs o discurso intelectual. Assim, como em um lance de má sorte, seus hábitos e costumes

ganham espaço público, sendo tematizados pelos artistas plásticos, romancistas e pela crônica jornalística, representações que buscam resgatá-los do anonimato, ainda que alguns discursos tragam a marca domesticadora, quando a intenção era denunciar suas precárias condições de vida e trabalho. Essa postura aparece na descrição dos bairros operários, feita pela imprensa da época, nos inquéritos sobre o padrão de vida dos operários, nos romances que, ao representarem uma visão negativa do viver proletário, acabam desqualificando as suas práticas culturais (SILVA, 1990, p. 18).

Conforme Paoli (1989), toda empresa discursiva acabava por ressaltar a ideia de proteção de

um povo imaturo sem interligação entre si e com o resto da sociedade, sem vocação para a universalidade e incapaz de solidariedade e ação coletiva; de outro lado, o perigo que representavam quando em seu protesto, formavam a “ralé” e a “populaça” sem raízes culturais onde ancorar alguma legitimidade (*apud* WANDERLEY, 2004, p. 111).

Se, de um lado, a situação foi tematizada tendo como marco uma possível imaturidade atribuída à classe trabalhadora, de outro, a questão ganhava complexidade, pois, esse período foi marcado pelo ânimo trabalhista, com mobilizações, protestos e greves (FAUSTO,1977). Neste sentido, há que se destacar o papel do Estado como interventor social. Segundo Wanderley (2004), nesse período, os problemas gerados pela industrialização e pela concentração da mão de obra nas zonas urbanas foram considerados pelas autoridades como tendo um caráter de higiene pública e ordenamento social. Para o autor, essa maneira de ver e conceber a questão

pode ser simbolizado, na frase atribuída a Washington Luís de que a questão social é uma questão de polícia. O que trouxe a postura de criminalização do pobre e do vagabundo, e posteriormente a qualificação dos trabalhadores como constituindo classes perigosas (p. 113).

Diante de tal perspectiva, verificam-se formas de regulação da população baseadas na tutela daqueles considerados inferiores. Em outras palavras, desenvolveu-se um olhar sobre os trabalhadores, pelo qual foram percebidos como

selvagens, ignorantes, incivilizados, rudes, feios e grevistas. Sobre os trabalhadores urbanos que compõem a classe operária em formação nos inícios da industrialização no Brasil constituiu-se paulatinamente *uma vasta empresa de moralização*. Seu eixo principal: a formação de uma nova figura do trabalhador, dócil, submisso, mas economicamente produtivo; a imposição de uma identidade social ao proletariado emergente, se assim podemos chamá-lo. Conjuração do mal, contenção das convulsões futuras da história, a tentativa de domistificação do operariado passa pela construção de um novo modelo de comportamento e de vida, que se tenta impor aos dominados (RAGO, 1997, p. 12).

Essa maneira de conceber a questão, ao mesmo tempo que ensejou, que o Estado estabelecesse políticas de tutela do trabalhador, manteve relações sociais baseadas em permanência do passado. Conforme o estudo apresentado por Adorno (1990),

na história da constituição das relações industriais capitalista de São Paulo, há inúmeros exemplos de situações de permanente

desrespeito aos direitos do trabalhador que não se devem apenas ao caráter selvagem da exploração econômica em sua etapa de acumulação originária, mas antes de tudo, à permanência de uma cultura que pressupunha laços de dependência pessoal, que desqualificava os despossuídos de sua condição de cidadãos, custava a laicizar e a racionalizar condutas e naturalizava a desigualdade social com fundamentos em critérios extraídos da dominação patrimonial (*apud* WANDERLEY, 2004, p. 111)

Não se pode deixar de assinalar, entretanto, que a história dos trabalhadores, nesse período, registrou conquistas. Em decorrência das “lutas dos trabalhadores internos e das influências vindas do exterior, os operários progressivamente adquiriram as mesmas formas de proteção e de assistência operadas em outros países” (WANDERLEY, 2004, p.113).

Mesmo considerando a importância de tais conquistas, ao focalizar os processos sociais consignados naquele período, encontra-se a raiz de grande parte dos estigmas e das representações atribuídos, atualmente, aos trabalhadores. Tais estigmas e representações constituem verdadeiros entraves à busca por paridade participativa na sociedade.

Nessa perspectiva, o estudo apresentado por Lopes (2008), referente ao debate brasileiro acerca dos processos de exclusão e das mudanças verificadas na abordagem sobre a especificidade da questão social e da desigualdade no país, elucida as mudanças operadas no escopo da análise social. Segundo o autor, a literatura acerca do tema

permite afirmar que as condições que configuram a pobreza confirmam a dimensão de sujeito do pobre, na razão do controle de sua participação na economia. Porém, nos processos de exclusão produzidos no mundo neoliberal, mais que controlar ou negar o acesso ao trabalho ou ao consumo, controla e nega-se a própria condição de *sujeitidade* (o que faz o ser humano ser sujeito) do indivíduo. Essa transformação qualificativa dos pressupostos antes identificados com os problemas decorrentes da desigualdade socioeconômica (a exploração, a marginalização, a pobreza), permite entrever que a injustiça primordial não é mais exclusivamente socioeconômica ou material, mas também de ordem simbólica (p. 357)

Ora, essa constatação é de extrema relevância, uma vez que se observa que certas características e/ou situações, como, ser desempregado ou estar subempregado, possuir carência, ser passível de, ou estar assistido,

possuir baixa qualificação, viver na informalidade, dentre outros, são atributos e situações que se assemelham aos bens negativos de que fala Walzer (2003).

Esses bens negativos, por assim dizer, quando combinados à situação de pobreza compõem uma equação de difícil resposta, pois o imaginário que os fixa como marcas de inferioridade conduz à produção de uma hierarquia que diferencia os indivíduos em superiores e inferiores. No Brasil, vários são os exemplos acerca da existência de um *status* social hierarquizado entre superiores e inferiores.

Para Telles (2001), a violência policial é a prova cabal da existência de uma hierarquia que diferencia os cidadãos. Segundo essa autora, a forma de atuação policial – agindo distintamente em casos semelhantes – declara que os direitos civis mais elementares, como a integridade física e moral, só valem para aqueles que detêm os atributos de respeitabilidade, percebidos como o monopólio das classes superiores, reservando às classes inferiores à imposição autoritária da ordem. Nesta mesma linha de raciocínio, Lopes (2008) afirma que “os problemas decorrentes das injustiças simbólicas caracterizam-se pela hostilidade, pela invisibilidade social e pelo desrespeito que a associação de interpretações ou estereótipos sociais reproduzem na vida cotidiana ou institucional” (p. 357).

A digressão histórica dos processos que amalgamam a sociedade brasileira pode ser melhor obtido quando se incorporam outras análises como as realizadas por Jessé de Souza (2005) que vinculam a questão social brasileira à especificidade do seu processo de modernização periférico.³⁴ Na perspectiva desse autor, ao importar um modelo de modernização de fora para dentro incorporou-se também uma concepção de mundo, vinculada diretamente a duas das instituições fundamentais da modernidade: o Estado e o mercado. O argumento do autor é que essas instituições não são apenas grandezas materiais regidas por critério de eficácia formal, mas sim, materialização de concepções de mundo com uma hierarquia peculiar específica e, que esta é a forma especificamente moderna de construir distinções sociais e legitimá-las (SOUZA, 2005). Em suas conjecturas, o autor leva ao centro do debate um conceito caro à ciência social, o conceito de

³⁴ Sobre processo de modernização periférica ver, as observações da nota 17 deste trabalho.

classe social. Ele argumenta que o problema da classe social tem sido injustamente relegado a segundo plano no contexto do debate acerca da singularidade da desigualdade brasileira.

Na tentativa de superar essa inobservância, Jessé Souza (2005) recupera os estudos de Bourdieu (1990), indicando que ele constrói uma noção de estratificação social que combina aspectos econômicos e socioculturais e vincula a situação de classe a uma condução da vida específica. Esta condução de vida representa uma dada atitude em relação ao mundo em todas as dimensões sociais e não se restringe somente ao econômico. Esta condução da vida específica, ou seja, a dimensão weberiana do *status*, permite construir laços objetivos de solidariedade, de um lado, e de preconceito, de outro. Para o autor, essa atitude em relação ao mundo propicia a justificação de privilégios, ao permitir que eles apareçam como qualidades inatas dos indivíduos e não como socialmente determinadas (SOUZA, 2005). Conforme suas conclusões,

esta concepção “sócio-cultural” de classe faz toda a diferença por oposição a um conceito economicista de classe, precisamente por apontar para fatores extra-econômicos, existenciais, morais e políticos, subliminares e subconscientes que constroem e permitem um padrão de desigualdade que é o único possível no contexto formal e de democracia aberta, típicos da moderna sociedade capitalista: um padrão que pressupõe opacidade e intransparência ao esconder a fonte cultural e portanto, construída da desigualdade. A desigualdade passa a ser justificada e naturalizada na medida em que é percebida como resultado do “mérito” e, portanto, como resultado de qualidades individuais. [...] O que está em jogo é a noção historicamente construída e culturalmente contingente de personalidade e de condução de vida que vai separar e unir por vínculos de solidariedade e preconceito pessoas e grupos sociais em superiores e inferiores, segundo critérios que passam a dever sua objetividade incontestável ao fato de estar inscritos na lógica opaca e intransparente de funcionamento do Estado e do mercado (p. 46-49).

Essas questões não esgotam os debates relativos à questão social no Brasil, mas oferecem elementos suficientes para que se possa avançar em direção a perspectiva de justiça social, delineada por Nancy Fraser (2006) e que tem na *paridade de participação* seu elemento normativo. Neste sentido, a parte final deste capítulo aborda alguns elementos em relação ao trabalho no Brasil, especificamente, o trabalho informal objetivado no trabalho de rua.

2.4 Trabalho informal de rua: conflito difuso e injustiça

É cada vez mais crescente o interesse da sociologia brasileira pelas questões que envolvem o mercado de trabalho e as formas e experiências associadas ao desemprego (GUIMARÃES, 2009). O interesse justifica-se pelas transformações observadas no capitalismo a partir da década de 1970. As mudanças em seu conjunto, são responsáveis por uma alteração conjuntural, cujos elementos-chave são a internacionalização do capital e o processo de *globalização*. Diante desse cenário, Francisco de oliveira (2004) destaca que

o capitalismo contemporâneo produz dois tipos antípodas de emprego. O primeiro, no topo da divisão social e técnica do trabalho, é o de altas *performances* técnico-científicas, nos ramos dedicados a pesquisar e programar o progresso técnico, isto é, as novas formas da acumulação. O segundo localiza-se no estrato mais baixo da mesma divisão social e técnica do trabalho: o trabalho mais banalizado, geralmente braçal, como paradoxo do progresso técnico-científico e devidamente instrumentalizado por este, uma espécie de forma virtual de extração da mais-valia. Os demais empregos, na indústria – sede da classe operária – e nos serviços, estão em extinção: não apresentam nenhum crescimento há décadas e apenas renovam uma parte do antigo emprego. No espaço entre os dois extremos, uma miríade de ocupações que se encarregam da distribuição e circulação das formas da riqueza e do valor produzidos pelos extremos. Isso dá lugar a uma curiosa territorialidade dos novos empregos: nos países mais centrais do capitalismo globalizado, as ocupações banais são preenchidas por imigrantes – latinos nos Estados Unidos, indianos na Inglaterra, turcos e balcânicos na Alemanha, árabes e subsaarianos na França, nisseis brasileiros que viram decasségus no Japão (p. 3).

Tal diagnóstico abre uma excelente perspectiva analítica, pois vem ao encontro de questões anteriormente discutidas. de um lado, foi visto que o trabalho constitui-se em um bem e, neste sentido, algumas atividades podem ser classificadas, como o trabalho árduo definido por Walzer (2003) e, conseqüentemente, identificadas como um bem negativo. De outro lado, a distribuição do trabalho no espaço público constitui-se em um elemento capaz de definir sujeitos e criar lugares sociais (microambientes).

Nesta direção, Oliveira (2004) enfatiza, em relação às ocupações, que na atual conjuntura,

os novos empregos no topo da pirâmide são exclusividade do núcleo central desenvolvido e, em um ou outro caso, da periferia, o que contribui para concentrar ainda mais a renda: é o caso da Índia, o maior produtor mundial de *software* e de cinema. Na maior parte dos casos, servem apenas como exibição orgulhosa da capacidade científica potencial, mas raramente estão acoplados de maneira simbiótica ao sistema produtivo. Na periferia capitalista, avassalada pelo neoliberalismo globalizante, os números da última década são desalentadores: uma assustadora queima de empregos industriais e um crescimento exponencial da informalidade, que já nem tem força explicativa como conceito no Brasil, como alhures. Camelôs no Brasil e *piqueteros* na Argentina dizem menos da ocupação e mais da forma parapolítica de seus protestos e de sua ação contestadora. A tragédia dessa internacionalização da classe trabalhadora, ao contrário do que pregaram e pensaram Marx e Engels, é que mesmo um número substancial das novas ocupações de baixa qualificação é criado nos países centrais, que para lá atraem a força de trabalho da periferia. Então, a ocupação indireta gerada na periferia é de qualificação e remunerações ainda mais baixas do que as existentes no centro dinâmico. Por isso, ocorre a enorme informalidade (p. 3).

No tocante à questão da informalidade, Noronha (2003) apresenta alguns elementos importantes ao debate proposto. Segundo o autor, no Brasil, o entendimento popular de trabalho formal ou informal defini-se pela ordem jurídica e, neste caso, formal e informal está definido pela ausência ou não de carteira de trabalho assinada. O autor, entretanto, empreende um esforço conceitual, com o objetivo de redefinir a informalidade com base na forma pela qual os economistas, os juristas e a opinião pública³⁵ o interpretam.

Na sua perspectiva, existem “três grandes matrizes de abordagem do tema: (1) os economistas com a oposição formal/informal; (2) os juristas, com a oposição legal/ilegal; e (3) o senso comum com a oposição justo/injusto” (p. 112). Para a vertente econômica, o informal refere-se a atividades periféricas não rentáveis e, especificamente no Brasil, significa não possuir carteira assinada, registro de autônomo ou *status* de empregador. A vertente jurídica interpreta a maior parte dessas situações como ilegais, uma vez que não existem contratos formais ou informais, mas legais e ilegais. Sob influência de

³⁵ Por opinião pública, o autor designa “os grupos não especialistas, mas diretamente envolvidos ou interessados, tais como empregados, empregadores e seus representantes” (NORONHA, 2003, p. 112).

ambos, a população tende a identificar o formal como a ausência de carteira assinada e, em decorrência, como injusto (NORONHA, 2003).

O autor amplia esse conjunto de questões com o intuito de dotar o conceito de trabalho informal de um conteúdo capaz de conferir maior precisão à mensuração e, conseqüentemente, ao entendimento do fenômeno no Brasil. Entretanto, de conformidade com os limites e objetivos do estudo proposto, esses aportes iniciais, em especial as noções de trabalho *ideal/justo/aceitável* e *pessoalmente inaceitável/injusto/socialmente intolerável*, são suficientes para o quadro de análise que se está delimitando. Segundo Noronha (2003), o quadro sobre o trabalho informal não se completa sem o entendimento do senso comum acerca dos contratos de trabalho. São conceitos construídos dialógica e difusamente, mediado por noções especializadas, divulgadas pela mídia, de juristas e economistas (NORONHA, 2003). Neste sentido, é sempre importante destacar o papel que as ideias exercem no desenvolvimento e na configuração de realidades históricas³⁶.

Na perspectiva do autor, em se tratando de sociedades democráticas, a lei define o que é justo, muito embora muitos contratos considerados justos, por determinados grupos, não se encontrem previstos em lei. Conforme Noronha (2003),

as linhas divisórias entre contratos de trabalho *ideal, justo, aceitável* *pessoalmente inaceitável, injusto* ou *socialmente intolerável* são tênues e misturam noções de necessidade pessoal, de eficiência, de éticas pessoais e familiares, de justiça e de valores, normas e hábitos socialmente definidos (muitos deles de natureza tradicional, não problematizados). Um trabalho pode ser *aceitável* porém *injusto*, ou, *inaceitável* para um indivíduo porém socialmente *justo*. O par *justo* e *injusto* diz respeito à esfera pública, enquanto as noções de *ideal, aceitável* e *inaceitável* se referem às preferências individuais, mas não as definem de forma linear ou mecânica (p. 121).

Não se pode esquecer que, do mesmo modo, as concepções acerca do justo e do injusto, do aceitável e do inaceitável são moldadas por um amplo conjunto de valores morais e de éticas (NORONHA, 2003). As preferências individuais encontram-se referenciadas em contextos institucionais de possibilidades dadas à satisfação pessoal, e,

³⁶ Chamou-se atenção para a importância das ideias, como elemento de mediação nos processos sociais e na construção de novos arranjos societais, no primeiro capítulo desta tese. Questão que será retomada nos próximos capítulos.

embora a ideia de *socialmente aceitável* não seja correlata de *justo*, dada a resignação pragmática dos indivíduos à realidade do mercado de trabalho (expressa na frase: um emprego nunca é *justo*, mas assim é a vida), a ideia do *socialmente inaceitável* tende a ser próximo do *injusto*. Assim para o entendimento da forma como o homem comum enfrenta o conflito entre a abordagem jurídica (*ilegal versus legal*) e a econômica (*informal versus formal*) é mais apropriado investigarmos a noção de *socialmente inaceitável* do que qualquer outro termo acima mencionado. [...] Um trabalho pode ser inaceitável para uma pessoa devido a muitos fatores, tais como tarefas requeridas (por exemplo, atividades inferiores às qualificações não são bem vistas pelos empregados, essencialmente as degradantes), as condições do ambiente de trabalho (por exemplo ambientes sujos e insalubres), ou relações pessoais (chefes autoritários), entre outras. Ademais a percepção da ilegalidade de um tipo de contrato varia conforme as práticas populares locais. O trabalho infantil, por exemplo, pode ser popularmente visto no Brasil como ilegal, apenas informal ou pode nem mesmo ser reconhecido como trabalho (e, portanto, como problema), dependendo de variáveis culturais e econômica das regiões do país. O piso de direitos e benefícios para um contrato justo ou aceitável varia de acordo com o padrão contratual aí prevalecente, com as expectativas prévias de trabalho do indivíduo e de sua família, bem como em função das expectativas profissionais, o que por sua vez é definido por muitos outros elementos das histórias individuais, incluindo variáveis como grau de escolarização, sexo e idade (NORONHA, 2003, p. 121-123).

Nessa mesma linha de pensamento, Lopes (2008) examina as transformações sociais contemporâneas vivenciadas no mundo da produção e do trabalho e afirma que, em decorrência da crescente precarização da atividade remunerada e dos altos índices de desemprego, assistiu-se a uma constante ampliação do mercado informal. Como efeito cascata,

isso tem provocado a proliferação de ocupações exercidas nos espaços antes reconhecidos como de circulação – ruas, praças, e largos –, modificando a lógica do trabalho como atividade, que se confunde com o espaço ampliado da cidade. Nesse contexto, a distinção entre espaços de produção ou trabalho e espaços de circulação de pessoas e mercadorias é rompida, em prejuízo dos espaços públicos, gradualmente tomados por atividades ocupacionais e de geração de renda, modificando a percepção ambiental urbana e as identidades de vários segmentos sociais. Assim à ocupação de espaços públicos pelo trabalho informal antes restrito às atividades de trocas tradicionais que ocorriam em espaços reduzidos e localizados, foi se difundindo por diversos espaços públicos que concentram circulação de pessoas, impondo intervenções dos governos locais (LOPES, 2008, p. 358).

Ainda na perspectiva desse autor, esses ordenamentos

resultaram numa distribuição desigual dos espaços (considerando o potencial de venda de cada um, identificado pelos trabalhadores informais), hierarquizando os lugares e estratificando os trabalhadores informais segundo classes desiguais de inserção territorial. [...] essas referências, entre outras coletadas, mostram o aumento do desemprego, arrastando milhares de sujeitos para o mercado informal, produz uma ocupação espontânea dos espaços públicos da cidade pelo trabalho, gerando a necessidade de novas políticas públicas e modelos para o ordenamento urbano (na forma de ações formais e informais) que agem sobre a distribuição espacial do trabalho informal. Trata-se de uma forma de controle que opera pela produção de reformas urbanas que parcelam os espaços públicos em zonas hierarquizadas de comércio informal nos municípios. Esse ordenamento implica tensões e conflitos sociais, como afirmou Wanderley (2004), uma vez que o controle do acesso dos trabalhadores informais no espaço público é visto pelos próprios trabalhadores como desrespeito. Assim, diversas manifestações desses trabalhadores, que vimos assistindo em regiões pesquisadas, mas também em capitais do país onde esse processo vem ocorrendo com regularidade, mostram que o parcelamento espacial imposto aos sujeitos em situação de vulnerabilidade não pressupõe a combinação entre o direito à diferença com participação econômica (LOPES, 2008, p. 359).

Tendo como referência os estudos apresentados, considera-se importante enunciar três questões que foram formuladas e que serão objeto de uma maior reflexão, no momento da análise dos dados coletados para esta tese. A primeira questão diz respeito às atividades e ocupações concebidas como inaceitáveis ou injustas. Neste sentido, percebe-se uma inquietação em relação à dignidade do trabalho e, em igual medida, uma preocupação com a sua concretização, uma vez que ela é considerada como um direito fundamental, pois o trabalho digno ou dignificante está estabelecido na Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988)³⁷. O interesse pela questão também se encontra expresso nas agendas públicas de âmbito internacional³⁸ e nacional. É o caso, por exemplo, das ações que envolvem *Agenda Nacional do Trabalho Decente* (OIT-BRASIL, 2006).

Segundo as definições apresentadas no referido documento, o trabalho decente é uma condição fundamental para a superação da pobreza, a redução das desigualdades sociais, a garantia da governabilidade democrática e o

³⁷ Ver epígrafe no início deste capítulo.

³⁸ Para uma maior descrição dessas questões em âmbito internacional, ver OIT-Brasil (2006a)

desenvolvimento sustentável. Neste sentido, a OIT-Brasil (2006), entende por trabalho decente aquele adequadamente remunerado, exercido em condições de liberdade, equidade e segurança e capaz de garantir uma vida digna. Trata-se da tentativa de enfrentamento de uma realidade em que se observa

a persistência de importantes desigualdades de rendimento entre homens e mulheres, assim como nos seus níveis e formas de inserção no trabalho, demonstra que ainda existem problemas de discriminação de gênero dentro e fora do mercado de trabalho. Homens e mulheres não estão integrados e não participam do mercado de trabalho em condições de igualdade de oportunidades, de disponibilidade de ativos e de poder de negociação. Além do gênero, a raça e a cor, a origem étnica, a origem social e a idade influem na qualidade e quantidade de oportunidades de emprego e renda a que homens e mulheres têm acesso, independentemente de suas aspirações, competências e conhecimentos (OIT-BRASIL, 2006a).

A segunda questão refere-se à sua caracterização e a seus aspectos organizacionais. O trabalho informal de rua nas suas formas organizativas, institui hierarquias ao subordinar sujeitos e distinguir lugares, nega o reconhecimento ao tipificar ocupações como socialmente degradantes e ao conferir-lhes um *status* negativo. No plano econômico, não promove e/ou limita a distribuição equânime de riquezas socialmente produzidas e de benefícios sociais, uma vez que esses últimos são concebidos e concedidos tendo como marco a carteira assinada. No caso dos trabalhadores autônomos, a situação não é muito diferente, pois os benefícios são concedidos em número limitado. Em situações de paridade participativa não se garante uma apropriação econômica e de meios econômicos que possibilite a independência e a voz em debates públicos, ao mesmo tempo que não se reconhecem as reivindicações como legítimas, desqualificando o sujeito no discurso público. Em tal contexto, o trabalho informal de rua constitui-se em um campo de conflito difuso. Por não apresentar limites claro seu caráter difuso, expressa-se por meio da identificação de reivindicações, que na maioria das vezes, não se tornam demandas coletivas ou politicamente organizadas. Trata-se de reivindicações fragmentadas, por vezes isoladas e pontuais. Como enunciado, esse conjunto de questões será retomado por ocasião da análise do material empírico.

Finalizando, a terceira questão encontra-se imbricada com as anteriores e se refere ao trabalho como difusor de bens. Além do acesso aos

bens de consumo, considerando-se o mercado informal de rua, o trabalho em si mesmo, representa uma via de acesso a direitos sociais, que tem por objetivo compensar as assimetrias oriundas das relações de trabalho e poder, oferecer proteção contra os revezes econômicos e os infortúnios da vida. Neste sentido, Telles (2006) destaca que

é certo que os modelos conhecidos de proteção social vem sendo postos em xeque pelas atuais mudanças no mundo do trabalho e que as conquistas sociais vem sendo demolidas pela onda neoliberal no mundo inteiro, também é verdade que esse questionamento e essa desmontagem reabrem as tensões, antinomias e contradições que estiveram na origem dessa história. E fazem ver as difíceis (e frágeis) relações entre o mundo social e o universo público da cidadania, na disjunção sempre reaberta entre a ordem legal que promete a igualdade e a reposição das desigualdades; entre exigência ética da justiça e os imperativos de eficácia da economia; entre universos culturais e valorativos de coletividades diversas e a lógica devastadora do mercado (p. 177).

Entretanto, ressalta a autora, essa disjunção estrutura o terreno dos conflitos que inauguram a moderna questão social. Essas questões, se bem se avalia, apresentam um importante potencial analítico, uma vez que elas abrem espaço para refletir e reavivar o sentido político inscrito nos direitos.

Nessa direção, é importante destacar que o trabalho, como bem de acesso, constitui-se em um importante meio de inserção dos sujeitos nas cidades (espaço privilegiado de produção, circulação e usufruto de riquezas – bens materiais, culturais e simbólicos –, de concretude de experiências humanas e referência da vida moderna). Nesse contexto, o trabalho é uma importante fonte moral que contribui para a estima pessoal (autoestima), a qual pode constituir-se em um elemento essencial à redução, ou não, das assimetrias verificadas entre sujeitos ou grupos no espaço público.

O trabalho, ao prover os sujeitos dos meios de garantir a sua subsistência ou suas necessidades básicas vitais, permite aos sujeitos perseguirem, em melhores condições e com maiores facilidades, outros bens como, por exemplo, os relativos aos direitos políticos e civis. Nesse caso, entende-se que os direitos, em sua forma geral, podem ser definidos como bens.

Por fim, o trabalho produz um modelo originário de racionalidade, que opera discriminações sobre as relações que se estabelecem na vida coletiva.

Com esta constatação, pode-se deduzir que o trabalho desenvolve racionalidades e raciocínios, com base em concepções diversas em termos culturais, religiosos, ético-morais e outros, as quais podem, ou não, estar em consonância umas com as outras, uma vez que advêm de interesses variados. Portanto, pode-se dizer – a exemplo das conclusões de Douglas e Isherwood (2009) sobre o papel dos bens nos processos interpretativos – que o trabalho oferece uma base racional para interpretação da realidade vivida e dos diversos arranjos presentes no *modus vivendi*.

É importante ressaltar que as observações finais constantes deste capítulo não se esgotam em si mesmas. No entanto, elas servem para chamar a atenção para a pertinência desses aspectos para o estudo proposto.

CAPÍTULO III

PESQUISANDO COLETIVIDADES AMBIVALENTES: NOTAS METODOLÓGICAS

Várias foram as questões debatidas nos capítulos anteriores. No primeiro momento, o debate concentrou-se nos elementos empíricos e teóricos que envolvem a justiça social. No segundo momento, mostrou-se a pertinência de abordar o trabalho como um bem, teorizou-se sobre a sua estruturação e distribuição no espaço público, e, por fim, refletiu-se sobre essas questões com base nas especificidades da questão social brasileira. Tais procedimentos tiveram por objetivo possibilitar uma ampliação do entendimento acerca dos modos como as hierarquias constituem-se e se legitimam socialmente, atuando na manutenção e reprodução das desigualdades sociais. O debate serviu de base para fornecer o referencial analítico que foi aplicado a um estudo empírico. Este capítulo tem por objetivo apresentar uma descrição sintética do campo de pesquisa e dos procedimentos metodológicos adotados.

3.1 O campo empírico: antecedentes históricos e atualidade

Alguns critérios foram determinantes para a definição do campo empírico a ser pesquisado, dentre eles, citam-se: a área de influência geopolítica da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), as possibilidades de acesso contínuo ao campo de pesquisa e os antecedentes históricos.

A história da região do Vale do Rio dos Sinos confunde-se com a do município, atualmente conhecido como São Leopoldo. Povoadada inicialmente por açorianos, era um vilarejo quando, no ano de 1824, aportou o primeiro grupo de imigrantes alemães oficialmente enviados para colonizar a região.

Inicialmente, eles se estabeleceram na Real Feitoria do Linho Cânhamo³⁹, situada à margem esquerda do Rio dos Sinos.



Fonte: Site Hagar.

Figura 3 – Casa do Imigrante Atualmente

A localidade, ocupada inicialmente por negros⁴⁰ escravos passou a ser conhecida como *Colônia Alemã de São Leopoldo*. Intergrada a uma região de mais de mil quilômetros quadrados, a colônia estendia-se indo em direção sul-norte de Esteio até o Campo dos Bugres (atualmente Caxias do Sul), e em direção leste-oeste, de Taquara até o Porto dos Guimarães, no Rio Caí (atualmente São Sebastião do Caí). Com a contínua chegada de imigrantes, a região foi ocupada em sua totalidade. Em decorrência, houve um amplo desenvolvimento da Colônia Alemã que, apenas 22 anos após sua fundação, se emancipou de Porto Alegre. Segundo fontes oficiais⁴¹, concorreu para esse acontecimento, o fato de serem os alemães, além de *landmänner*

³⁹ Empreendimento agrícola falido em que se processava o cânhamo, utilizado sobretudo na fabricação de cordas.

⁴⁰ Segundo, Menz (2005), desde a transferência da Real Feitoria Linha Cânhamo, originariamente estabelecida em Canguçu Velho, a região passou a ser habitada e modificada por negros. A presença do negro na região ensejava situações conflitos que envolveram, além de atos de resistência, articulação com a Corte em Porto Alegre. Por outro lado, após a chegada dos imigrantes e o início da colonização, há diversos relatos de conflitos entre os imigrantes, os negros e os chamados bugres. Um maior detalhamento dessas questões pode ser obtido consultando os arquivos de notícias históricas do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo.

⁴¹ Descrição histórica apresentada em *site* oficial da cidade de São Leopoldo. Disponível em: <<http://www.saoleopoldo.net/cidade.php>>

(agricultores), também *handwerker* (artesãos). Para historiadores como Muller (s/d)⁴², ademais da ética do trabalho atribuída ao imigrante, devem ser considerados, algumas características culturais a ele relacionadas, tais como a disciplina e o caráter associativo.

Essa maneira de conceber e explicar o desenvolvimento da região encontra-se difundida na população, para quem o trabalho e outras características, associadas ao imigrante, constituem fonte de progresso econômico e moral⁴³, o que pode ser constatado nos dados coletados neste estudo. Também se observa a presença desses elementos em símbolos cívicos na região, como por exemplo, nos hinos dos seus dois principais municípios, citados a seguir. Neste sentido, o hino da cidade de São Leopoldo destaca:

Louro Imigrante, só a natureza
Te viu chegar pra trabalhar aqui
E o gigante Vale, com certeza,
Se engalanou para esperar por ti.

Penso que a brisa acariciou faceira
Teu peito aberto ao sol do meu país
E a passarada te saudou fagueira
Cantou, por certo, pra te ver feliz.

Com teu braço forte
Lutando com a morte
Mostrando coragem
Mostrando valor

De pele tostada
Na mão uma enxada
Plantaste mensagens
De paz e amor.

Não teve flores nunca o teu caminho
E nem teu céu foi sempre todo azul
Mas foi sincero, sempre, o teu carinho
Com a terra virgem dos rincões do sul.

Da pátria antiga te restou saudade
Um novo mundo viu costumes teus
No coração que não poupou bondade
Na frente erguida a se inspirar em Deus.
(Fonte: Museu Histórico Visconde de São Leopoldo)

⁴² Para ampliação da descrição de época, ver Muller (s.d.).

⁴³ No capítulo anterior, debateu-se por meio de outras referências, aspectos que apresentam o mesmo núcleo comum a essas questões.

Nas estrofes seguintes, do hino do município de Novo Hamburgo, encontra-se presente os mesmos elementos:

Foram uns poucos imigrantes,
Vindos lá do fim do mar,
Desbravaram estas terras,
Trabalhando sem parar...

E essa gente aventureira,
Fez o vale prosperar;
As indústrias e o comércio,
Nossas riquezas sem par...

Novo Hamburgo é um recanto,
Onde a arte foi morar;
E a Fenac do calçado,
É o orgulho do lugar...

Em relação a essas questões, é importante que não se perca de vista o papel que os símbolos, cívicos ou não, representam na vida e na cultura dos povos, tema largamente debatido na antropologia⁴⁴. No Brasil, a manipulação dos símbolos cívicos não chega a constituir uma novidade, pois ela existe pelo menos desde a Primeira República (1889-1930. Segundo Carvalho (2010), durante esse período, havia certa perplexidade em relação às pessoas que compunham a nação. Entendia-se que o país não contava com um povo politicamente organizado, opinião pública ativa, eleitorado amplo e esclarecido. Por ocasião da *Proclamação da República*, de acordo com o autor, “não houve grande movimentação popular nem a favor da República, nem contra a Monarquia. Era como se o povo assistisse como algo alheio a seus interesses” (p. 81).

De certa forma, a República significou um fortalecimento das lealdades provinciais em detrimento da lealdade nacional. Neste sentido, torna-se emblemática a tentativa de os republicanos legitimarem o regime por meio da manipulação de símbolos patrióticos e da criação de heróis, tais como: a modificação da bandeira nacional, a tentativa de alteração do hino nacional e a promoção da imagem de figuras nacionais, como Tiradentes, dentre outros (CARVALHO, 2010).

⁴⁴ Um estudo já clássico sobre a cultura e os símbolos foi apresentado em Gertz (1973), publicado na obra: *A interpretação das culturas*.

O Vale do Rio dos Sinos conforma um campo de pesquisa singular em virtude de suas especificidades históricas, culturais e políticas. Neste trabalho, o campo político é definido, a exemplo de Fraser (2008), como o lugar em que se disputam lutas por redistribuição e reconhecimento; em outras palavras, ele é um espaço de conflitos. A essas questões incorporam-se outras, que dizem respeito ao momento atual do vale.

A região em foco, atualmente, é formada por quatorze municípios agregados em torno de uma unidade geopolítica de planejamento, o Conselho Regional de Desenvolvimento (Corede), e conta com uma população de aproximadamente 1.290.883⁴⁵ habitantes. Além dos elementos já destacados as características da região para o estudo proposto assentam-se na sua localização da mesma em um eixo produtivo que se estende desde a região metropolitana de Porto Alegre, com concentração industrial diversificada e um recente desenvolvimento acelerado que acentua a diversidade e a heterogeneidade da composição de municípios da região, até a encosta da serra gaúcha.

Acrescente-se a isso a crescente importância que os governos municipais adquiriram a partir da promulgação da Constituição de 1988, tanto no plano da elaboração como da implementação das políticas sociais. Desse modo, a região do Vale do Rio dos Sinos surge como um espaço complexo e de singularização propícia ao desenvolvimento da pesquisa. O grande contingente populacional da região, embora dividido em um conjunto heterogêneo de municípios, conforme as sub-regiões que os conformam geográfica e/ou politicamente, vem demandando ações públicas cada vez mais integradas regionalmente.

Destaque-se que, apesar da diversidade de atividades produtivas desenvolvidas no Vale dos Sinos, a região é um dos maiores pólos mundial de empresas industriais e de serviços ligadas ao setor couro. Encontram-se nesse

⁴⁵ A população é estimada com base no ano de 2010, conforme dados da Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser (FEE). Disponível para consulta no *site* da fundação:

<http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg_coredes_detalhe.php?corede=Vale+do+Rio+dos+Sinos>. Acesso em 16 dez. 2010.

*cluster*⁴⁶, diversas empresas, como as de fabricação de máquinas e equipamentos, insumos, componentes, atividades comerciais e de exportação. Já em 1858, havia em Novo Hamburgo a primeira aglomeração industrial do setor couro no estado (RUPPENTHAL, 2001). A tendência a promoção do setor pode ser observada na

na primeira metade da década de 50, o então prefeito Plínio Arlindo de Moura decidiu promover uma feira de calçados na cidade. Chegou a encomendar o projeto de um pavilhão de exposições, mas não conseguiu a adesão do empresariado e sua ideia ressurgiria somente em 1959, quando o próprio Moura a incluiu no plano de governo do candidato a prefeito Martins Avelino Santini (FENAC, s. d.).

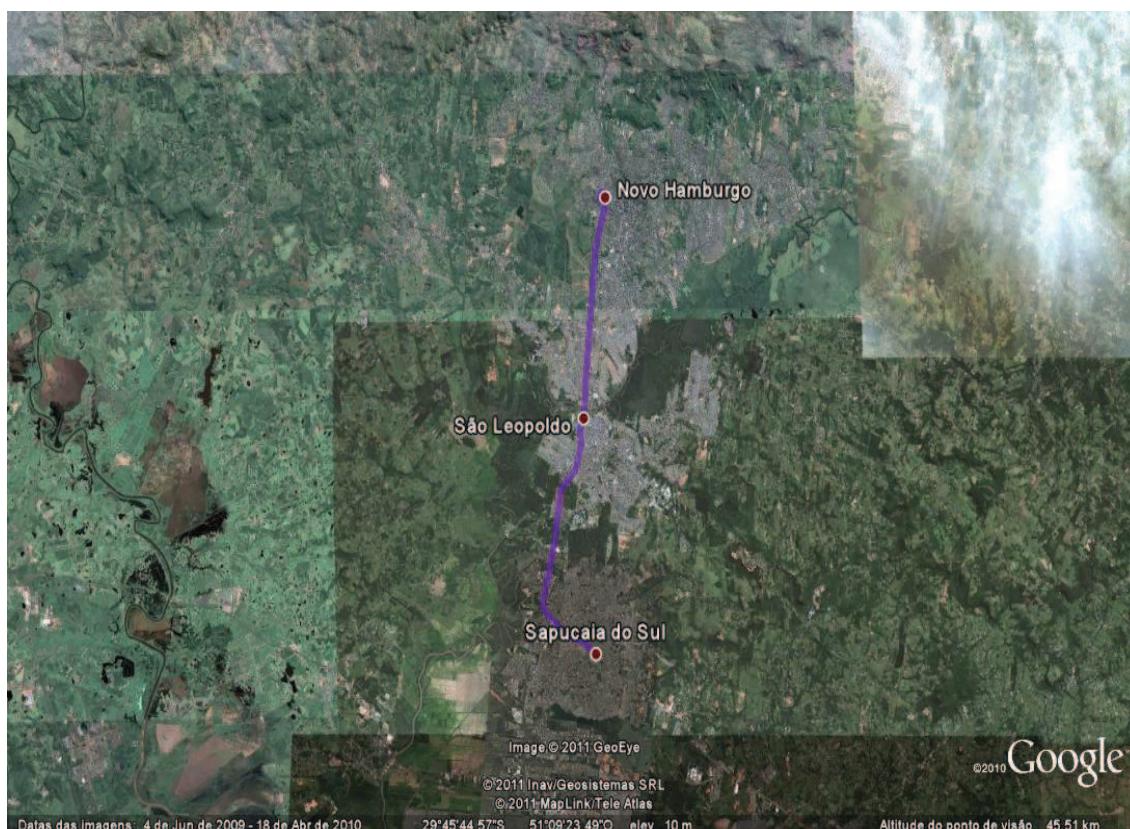
Tal fato repercutiu na criação, na década de 1960, da Festa Nacional do Calçado (FENAC) destacada no hino da cidade de Novo Hamburgo. Nas décadas seguintes, o Vale dos Sinos consolidou-se como polo exportador. Entretanto, fatores conjunturais ligados à abertura da economia brasileira, à globalização, dentre outros, têm provocado a desestabilização tanto dos mercados internos como externos. Em decorrência, a população e o poder público, têm empreendido ações que buscam enfrentar as consequências dessa desestabilização.

Em virtude desse cenário, entendeu-se que o mercado informal de trabalho podia constituir um campo fecundo para a implementação desta pesquisa, pois, se caracteriza por ser um campo extremamente conflituoso, em que as questões relativas às coletividades ambivalentes estão presentes. Não se desconsiderou, nesta escolha, o fato de o Brasil apresentar, nos últimos anos, um quadro que aponta redução do desemprego e criação de novos postos de trabalho em números consideráveis. Entretanto, é verdadeiro que o Vale dos Sinos, como outras regiões, encontra-se submetido aos reveses econômicos em escala global. Em decorrência, a economia do Vale dos Sinos tem acumulado um histórico de crises, que são responsáveis, em parte, pela criação e manutenção de um mercado informal constante.

A opção pelo mercado informal do Vale dos Sinos ensejou, igualmente, um recorte em termos espaciais. Neste sentido, elegeu-se uma faixa territorial

⁴⁶ Um *cluster*, no mundo da indústria, é uma concentração de empresas que se comunicam por possuírem características semelhantes e coabitarem no mesmo local. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Cluster_industrial> .

à margem da BR- 116 – principal via de integração da região –, composta pelos municípios de Novo Hamburgo, São Leopoldo e Sapucaia do Sul.



Fonte: Google Earth(2010)

Figura 4 – Eixo Sapucaia do Sul à Novo Hamburgo

Essa opção deveu-se, primeiramente, por esses municípios serem representativos da heterogeneidade populacional e da diversidade econômica que compõem a região. Em termos econômicos, os dois primeiros são responsáveis pelos maiores números em termos de produto interno bruto – (PIB)⁴⁷. O município de Sapucaia do Sul, por sua vez, apresenta uma interessante movimentação no tocante ao trabalho de rua. Por fim, o fato de os três municípios, na época da coleta de dados, serem dirigidos pelo mesmo partido político (Partido dos Trabalhadores – PT) foi considerado significativo.

Como exposto no primeiro capítulo, a questão que norteou este estudo foi saber, quais matrizes culturais se encontram presentes nos processos de interação social e como atuam no estabelecimento de uma hierarquia

⁴⁷ A série histórica do Corede apresentada pela Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser (FEE, 2008; 2010), demonstra que essa situação tem sido uma constante.

valorativa, que, além de permitir a manutenção e reprodução da desigualdade, repercute nos níveis da redistribuição e do reconhecimento, interferindo no estabelecimento do princípio de paridade participativa. A esse respeito, consideram-se os aspectos relativos às coletividades ambivalentes de gênero.

Neste sentido, mais do que o entendimento de dados quantitativamente mensuráveis, ficou clara a necessidade de obter, compreender e interpretar dados não mensuráveis, como sentimentos, motivações e comportamentos. Assim, optou-se pela adoção de uma abordagem qualitativa, lançando mão de técnicas etnográficas. Essa opção justifica-se pelo fato de o método qualitativo constituir-se em uma importante ferramenta de trabalho, uma vez que proporciona ao pesquisador elementos para compreender os desejos, as necessidades e as expectativas sociais manifestados pelos sujeitos⁴⁸.

Para Cortes (1999), uma variada gama de circunstâncias conduzem o pesquisador ao uso de técnicas qualitativas, dentre elas, pode-se destacar o fato de a pesquisa versar sobre questões teóricas críticas ou sustentar-se em abordagens teóricas que requerem o emprego dessas técnicas. Entende-se que este seja o caso em questão.

Em relação à utilização das técnicas qualitativas, pode-se dizer que o mais usual tem sido o emprego da observação, da coleta de documentos e a realização de entrevistas (CORTES, 1999).

3.2 O cotidiano da pesquisa

Nas próximas páginas, apresenta-se uma descrição dos procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa. Para efeito de exposição, eles serão apresentados em duas grandes etapas. A primeira refere-se ao registro e a coleta de dados. O trabalho de campo foi desenvolvido durante um período de

⁴⁸ Em relação à opção metodológica adotada, faz-se necessário um esclarecimento. Não faz parte dos objetivos deste trabalho afirmar a superioridade de uma metodologia em relação a outra, questão que se inscreve no interstício do debate quantitativo *versus* qualitativo. Entende-se que utilização de uma metodologia ou outra se deve ao tipo de problema a ser analisado e aos objetivos da pesquisa. Uma boa discussão sobre essas questões encontra-se em Souza Martins (2004).

26 meses, compreendidos entre os meses de outubro de 2007 e dezembro de 2009. Neste período, estabeleceu-se uma agenda de visitas que, até o final do ano de 2008, foram realizadas com uma frequência semanal. Posteriormente as visitas foram mais pontuais e de acompanhamento e tinham por objetivo monitorar possíveis alterações surgidas no campo empírico. A segunda etapa consiste na análise dos dados.

Como exposto, a primeira etapa caracteriza-se como o momento do trabalho de campo, ou seja, momento que “permite a aproximação do pesquisador da realidade social sobre a qual se formulou uma pergunta, mas também estabelecer uma interação com os atores que conforma a realidade” (MINAYO, 2009, p. 61). Nessa perspectiva, o *campo* pode ser entendido “como o recorte espacial que diz respeito à abrangência, em termos empíricos, do recorte teórico correspondente ao objeto de investigação” (p. 62). Essa etapa do trabalho contou com a colaboração do grupo de pesquisa *Atores sociais, política públicas e cidadania*⁴⁹ (composto a época por quatro bolsistas de iniciação científica e pelo autor deste trabalho⁵⁰) e ocorreu com a orientação geral do Prof. Dr. José Rogério Lopes.

Desse modo, as primeiras visitas tiveram por objetivo, tornar o campo empírico familiar ao grupo de pesquisa, verificar quais áreas apresentavam maior incidência de trabalho de rua e realizar as primeiras interações com os sujeitos da investigação. Considerando a dinâmica do mercado informal de rua, havia, naquele momento, no grupo de pesquisa, certo consenso de que havia maior incidência dessas atividades nas regiões centrais dos municípios⁵¹. Em decorrência, as primeiras visitas aconteceram na região central do município de São Leopoldo.

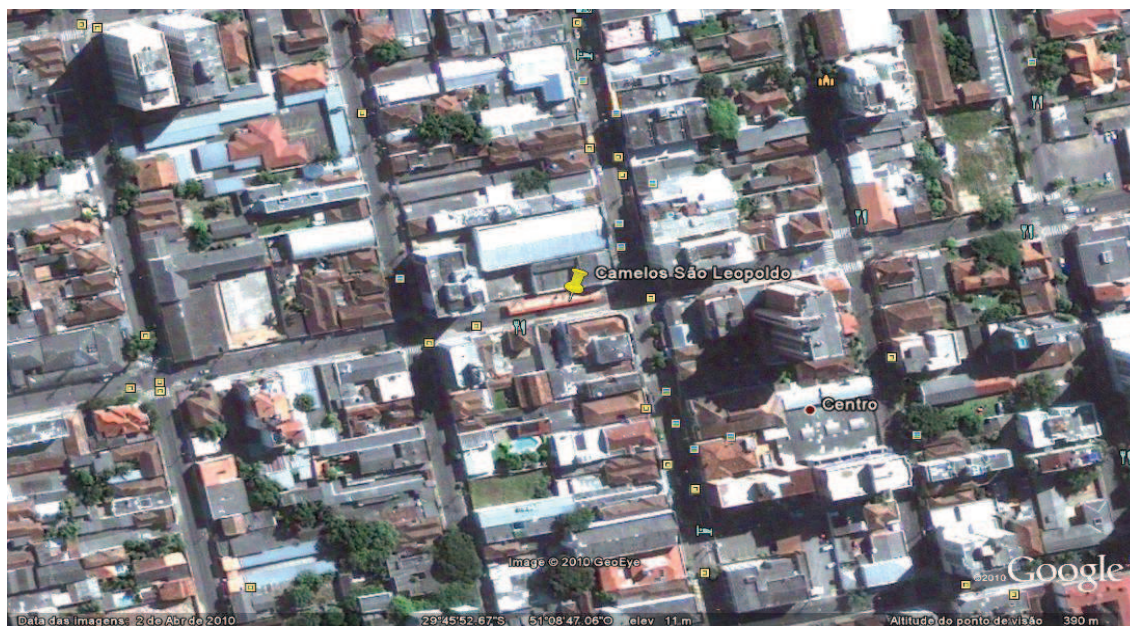
As primeiras incursões no campo indicaram as áreas do município prioritárias para o estudo, a saber: o *centro popular*, situado em frente à antiga sede da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e da rodoviária, o *camelódromo*, localizado nas proximidades da Avenida Independência

⁴⁹ Este grupo foi desativado no segundo semestre de 2009 dando origem ao grupo *Políticas públicas, direitos e cidadania*.

⁵⁰ Em relação a essa composição, deve-se esclarecer que foram citados os integrantes do grupo que estiveram, efetivamente, envolvidos com esta pesquisa e não a totalidade dos integrantes regularmente cadastrados no Diretório de Grupos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

⁵¹ Sobre a localização espacial de trabalhadores de rua, ver Lopes (2001), Itakawa (2006), dentre outros.

(principal rua comercial do município), a região conhecida como *triângulo* nas proximidades do Shopping Bourbon e as *estações do Trensurb: São Leopoldo e Unisinos*. Esta última situa-se em uma área próxima ao centro do município. Uma visualização espacial do campo empírico pode ser obtida nas figuras a seguir (5, 6, 7 e 8).



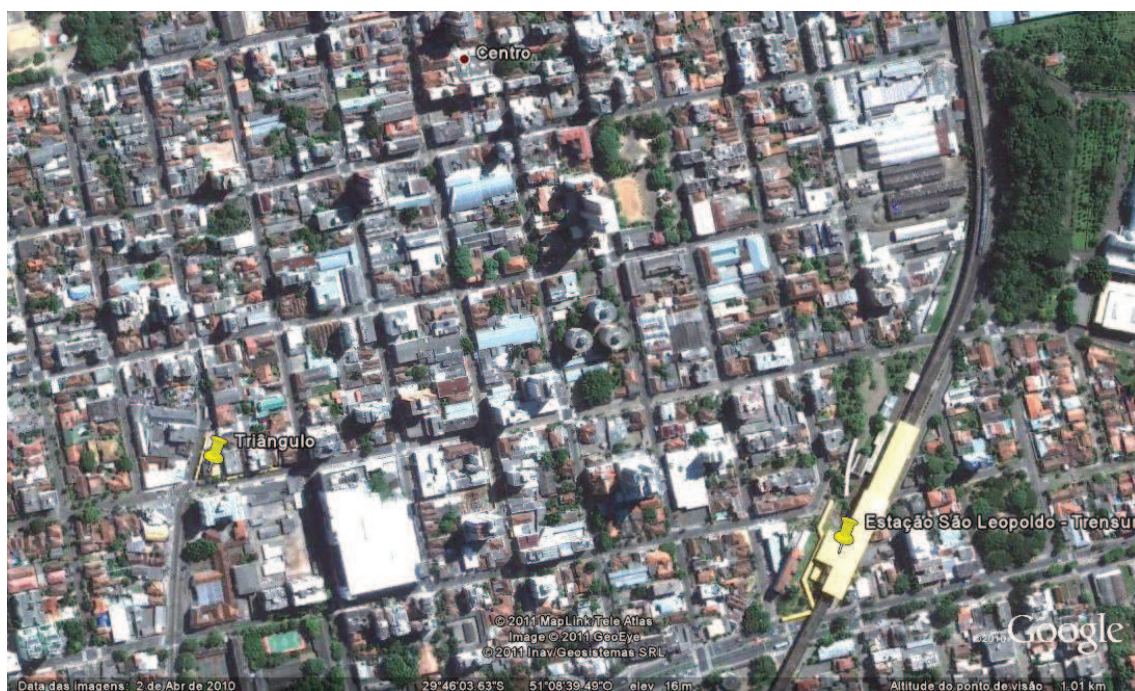
Fonte: Google Earth(2010)

Figura 5 – Camelódromo



Fonte: Google Earth (2010)

Figura 6 – Centro Popular



Fonte: Google Earth(2010)

Figura 7 –Triângulo e Estação São Leopoldo



Fonte: Google Earth (2010)

Figura 8I – Estação Unisinos

Após a escolha dessas áreas, iniciou-se um período de visitas, em que se realizavam observações sobre o cotidiano local, a organização e a distribuição espacial das bancas, os produtos comercializados, a circulação de pessoas, o perfil dos consumidores, dentre outros elementos. Esse fluxo de visitas possibilitou aos pesquisadores tornarem-se familiares aos sujeitos investigados. Desse modo, foi possível circular pela área com maior tranquilidade e estabelecer uma convivência mais próxima com os sujeitos, possibilitando fazer avançar o trabalho de campo.

Com essa possibilidade, procedeu-se à elaboração de um conjunto de questões que serviu de roteiro para a realização de entrevistas escritas⁵². Colognese e Mélo (1998) recordam que essa técnica se assemelha ao questionário. Para eles, “esta modalidade – de entrevista – é realizada a partir de um documento escrito (roteiro), em geral preenchido pelo próprio entrevistador, que questiona o entrevistado e registra suas respostas” (p. 145). Nessas áreas, foram realizadas 22 entrevistas (precedidas de um pré-teste⁵³), sendo 21 com trabalhadores de rua e 1 com gestor público⁵⁴ (Secretário Municipal de Desenvolvimento Econômico e Social – Semedes).

O roteiro de entrevistas (anexo I) foi construído tendo como premissa básica de “entender como conjuntos de significados são transmitidos e desenvolvidos, e como a ação humana é mediada por um projeto cultural no contexto das complexidades dos processos sociais” (FELDMAN-BIANCO, 2010, p. 25) e constava de 44 questões. As 12 questões iniciais, de caráter descritivo, tinham por objetivo traçar um perfil dos sujeitos investigados e apresentava variáveis, como sexo, religião, idade, estado civil, escolaridade, posição familiar, dentre outras. As questões seguintes, do número 13 a 26 do roteiro, tratavam de informações econômicas. Neste sentido, seus objetivos foram: delimitar o ingresso, em termos de renda e traçar um mapa das

⁵² A opção pela entrevista escrita deu-se quando se observou que o gravador causava certos constrangimentos a alguns dos sujeitos.

⁵³ Deve-se destacar que, além das entrevistas utilizadas nesta tese, o projeto original previa entrevistar outras categorias de trabalhadores informais, em feiras de economia solidária, e trabalhadores informais que prestam serviços domiciliares, como corte de grama e limpeza de calçadas, dispersos pelas cidades da região. O recorte específico dos trabalhadores utilizado nesta tese diz respeito ao tipo de visibilidade social que eles adquirem, no contexto urbano das relações de trabalho.

⁵⁴ Em relação às entrevistas realizadas com gestores, esclarece-se que, em virtude das condições de realização das entrevistas e das especificidades do contato, optou-se pela utilização do gravador.

atividades desempenhadas, em tempo e lugar. Nas questões subsequentes, de tipo aberto, os entrevistados foram convidados a refletir sobre as suas necessidades, desejos, sentimentos e expectativas, tendo como interface reflexiva o mundo do trabalho e elementos que compõem a questão social no Brasil⁵⁵.

Em relação à realização das entrevistas, alguns comentários devem ser tecidos, em específico, sobre as entrevistas realizadas com os camelôs. Por ocasião do início da pesquisa, o espaço que se observa na figura 5, estava em fase de instalação, e as bancas encontravam-se, até então, distribuídas na Av. Independência e no entorno do Shopping Bourbon. Tal situação gerava conflitos com os comerciantes estabelecidos na área, ao mesmo tempo que causava constrangimentos para a administração pública que tentava conciliar um governo voltado para as necessidades populares com os compromissos assumidos com os grupos empresariais⁵⁶.

Após o cumprimento das atividades no município de São Leopoldo, o trabalho de campo concentrou-se no município de Novo Hamburgo. Obedecendo a mesma sistemática, as visitas e a observação tiveram início na área central do município. Em decorrência, delimitaram-se dois pontos para a realização de observações e, posteriormente, as entrevistas: as ruas no entorno da antiga rodoviária do município e o entorno da Praça do Imigrante.

⁵⁵ Um aspecto deve ser enfatizado. O questionário resultou extenso e sua aplicação demorava em média uma hora, o que implicava uma atitude paciente e interessada dos pesquisadores, tendo em vista os contextos em que foram utilizados. As constantes interrupções, para que os camelôs atendessem a seus clientes, além de outras influências do ambiente, como espaços ínfimos de circulação das pessoas, entre as calçadas, tornaram a aplicação dos mesmos uma experiência etnográfica complementar aos procedimentos anteriores e posteriores de observação.

⁵⁶ Situações como as presenciadas quando da instalação do Shopping Bourbon são exemplos de compromissos assumidos pelo governo municipal junto a grupos empresariais. Na quele momento, o governo municipal se comprometeu em remover todos os camelos localizados nas ruas do entorno do shopping e áreas adjacentes.



Fonte: Google Earth (2010)

Figura 9 – Rodoviária Velha



Fonte : Google Earth (2010)

Figura 10 – Praça do Imigrante

Em Novo Hamburgo, diferentemente de São Leopoldo, houve dificuldades em identificar camelôs e outros trabalhadores de rua, uma vez que estavam dispersos nos espaços urbanos, em interstícios de lojas e recuos de

calçadas. Inexistiam concentrações de trabalhadores informais, como em outros centros, e as suas bancas confundiam-se com o entorno, integradas no ambiente, em razão de dois fatores predominantes: a conformação geográfica da cidade e a intervenção do governo municipal.

O primeiro fator explica-se pela descentralização e dispersão dos serviços urbanos, além de uma distribuição espacial dos estabelecimentos comerciais no tecido da cidade, gerando mais áreas de circulação de pessoas e dispersando a ação dos camelôs e outros trabalhadores de rua. O segundo deve-se ao fato de o governo local ter cadastrado os trabalhadores informais, distribuindo-os em locais integrados ao contexto urbano – em geral, barracas localizadas em pequenos vazios nos intervalos entre lojas ou em recuos de calçadas e praças.

Como a conversa com o gestor da cidade não pôde ser gravada, os motivos dessa intervenção e seus planos de ação ficaram obscurecidos para o pesquisador. Porém, pode-se supor, pelas entrevistas com os camelôs e pelas observações realizadas na cidade, que essa intervenção buscou diminuir o impacto visual do aumento do trabalho informal na cidade, após a crise no setor couro-calçadista de finais da década de 1990.

O fato concreto é que essa dispersão e a inserção controlada dos trabalhadores de rua inibem a formação de áreas de concentração de camelôs e outras categorias de trabalho de rua, obscurecendo os conflitos urbanos percebidos em outros centros.

Após essas delimitações, foram realizadas oito entrevistas com os trabalhadores informais e acrescida de uma conversa com o gestor municipal (Secretário de Desenvolvimento Econômico, Tecnologia, Trabalho e Turismo – Sedetur). O número reduzido de entrevistas deve-se ao fato de o município coibir a circulação de ambulantes pela cidade. As situações de observação, registro e coleta de informações foram realizadas sem nenhuma ocorrência extemporânea. A única ressalva a ser feita diz respeito à entrevista com o gestor. Para a realização da entrevista, os pesquisadores foram recebidos pelo secretário e por um diretor. Entretanto, o secretário não permitiu que a entrevista fosse gravada e solicitou que fosse deixado o roteiro para que ele o respondesse por escrito e, posteriormente, o devolvesse ao pesquisador. Entretanto, mesmo com inúmeras solicitações, nunca se obteve as respostas

referentes ao roteiro de entrevistas. As informações que serão objeto de comentários no próximo capítulo foram registradas no diário de campo do pesquisador, após o encontro.

Superada essa etapa, os olhares do grupo de pesquisa voltaram-se para o município de Sapucaí do Sul, onde foram repetidos os mesmos procedimentos descritos anteriormente. Como resultado das visitas iniciais, definiu-se a região composta pelo calçadão e pela Estação Sapucaia como o campo a ser pesquisado.



Fonte: Google Earth (2010)

Figura 12 – Estação Sapucaia e Calçadão

Observe-se, na figura 12, que esses espaços são contíguos, confirmando o que se observava em São Leopoldo: uma tendência de o trabalho informal de rua gravitar em áreas de concentração e circulação de pessoas. Além de o município ser de médio porte, mas integrado à Região Metropolitana de Porto Alegre, pelo Trensurb, essa concentração dificulta a intervenção do poder municipal e tende a se ampliar.

Em Sapucaia do Sul, foram realizadas onze entrevistas, sendo dez com trabalhadores de rua e uma com gestor (Secretário do Trabalho, Cidadania e Economia Solidária). Os procedimentos de observação, registro e

coleta de informações, como nos outros municípios, ocorreram nas condições normais de uma pesquisa.

3.4 Tratamento dos dados: as aplicabilidades do Nvivo9

A opção metodológica de tratamento dos dados coletados foi a utilização da análise de conteúdo. Trata-se de um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam a *discursos* extremamente diversificados. Seu objetivo consiste na manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo), para evidenciar os indicadores que permitam inferir uma outra realidade que não a da mensagem (BARDIN, 1997).

Segundo Bauer (2004), um grande número de pesquisa sociais se baseia na aplicação de entrevistas, pois é um método convenientemente estabelecido de pesquisa social. Nessa perspectiva, a análise de conteúdo, “nos permite reconstruir indicadores e cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos e compará-los entre comunidades” (p.192).

Por sua vez, a análise de conteúdo divide-se em dois tipos: qualitativa e quantitativa. A característica da análise qualitativa é a inferência ser fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem etc.) e, com base nela, descobrir os *núcleos de sentido* que compõem a comunicação, ao passo que, na análise quantitativa, é determinante é a frequência com que o índice se apresenta no discurso. De acordo com Setúbal (1999),

a análise de conteúdo tem como suporte instrumental qualquer tipo de mensagem, formas de expressão dos sujeitos sociais e, como produto, um conhecimento não linear, por conseguinte não espasmódico, já que sua derivação se dá pela observação social do objeto de estudo, onde o tempo e a circularidade da comunicação são considerados significativos. Constitui-se outra forma de olhar para as comunicações que, dependendo da postura teórica, política e cultural do pesquisador, poderá conduzir a produção de um novo conhecimento, onde a história e a cultura se fazem presentes (p. 59).

A organização da análise de conteúdo envolve três fases: a pré-análise, a exploração do material e, por fim, a análise e interpretação dos

resultados. Para dar conta dessas fases recorreu-se a utilização de um *software* aplicado à pesquisa qualitativa, o Nvivo 9.

A utilização de *softwares* aplicados à análise de dados de pesquisa não chega a ser uma novidade, pois nas últimas décadas observa-se uma intensificação do uso dessas tecnologias no meio acadêmico. O Nvivo 9 caracteriza-se por ser uma ferramenta aplicada à análise de material de pesquisa nos formatos de texto, imagem e som. Trata-se de um *software* capaz de fornecer tratamento a dados como o uso dos recursos de buscas, como o atributos, categorias, frequência, dentre outras. Três são suas instâncias de gerenciamento das informações: as fontes (que podem ser entrevistas, textos, discursos, músicas, etc.), os nós de codificação ou categorias de análise e os casos e atributos (que podem ser grupos, indivíduos, instituições e outros e suas características definidas, como sexo, por exemplo). A ferramenta permite ao pesquisador dinamizar o processo de organização do material, liberando-o dessa atividade para, de forma mais intensiva e profunda, realizar a análise, fazer cruzamentos, buscar recorrências, testar hipóteses, e outros, com maior flexibilidade e em menor tempo. Registre-se que se trata de uma ferramenta. O conhecimento que porventura se produza, por meio da sua utilização, não prescinde da capacidade analítica do pesquisador.

Por fim, esclarece-se que maiores detalhes (categorias de análise, uso de conceitos, dentre outros) acerca dos procedimentos de análise dos materiais, obtidos durante o trabalho de campo, serão explicitados com os resultados desta pesquisa.

CAPÍTULO IV

AS COLETIVIDADES AMBIVALENTES EM CONTEXTOS DE JUSTIÇA SOCIAL: NOTAS DE PESQUISA

Senhor Amleto Henrique Ferreira-Dutton:

Mas vejamos bem, que será aquilo que chamamos de povo? Seguramente não é essa massa rude, de iletrados, enfermiços, encarquilhados, impaludados, mestiços e negros. A isso não se pode chamar um povo, não era isso o que mostraríamos a um estrangeiro como exemplo do nosso povo. O nosso povo é um de nós, ou seja, um como os próprios europeus. As classes trabalhadoras não podem passar disso, não serão jamais povo. Povo é raça, é cultura, é civilização, é afirmação, é nacionalidade, não é o rebotalho dessa mesma nacionalidade. Mesmo depuradas, como prevejo, as classes trabalhadoras não serão jamais o povo brasileiro, eis que esse povo será representado pela classe dirigente, única que verdadeiramente faz jus a foros de civilização e cultura nos moldes superiores europeus – pois quem somos nós senão europeus transplantados. (João Ubaldo Ribeiro, em *viva o povo brasileiro*)

Iniciou-se esta tese com um debate sobre elementos que envolvem a justiça social. Por um lado, se verificou tratar-se de um assunto complexo que diz respeito tanto as atitudes que as pessoas dispensam umas a outras em interações cotidianas, como também, ao tratamento dispensado pelas instituições aos membros de uma sociedade. De outro lado, observou-se que a questão envolve, em igual medida, a distribuição de bens (materiais e simbólicos) entre os indivíduos ou grupos na sociedade. Neste sentido, o debate entre os teóricos diverge quanto aos objetos e quanto aos meios pelos quais se pode alcançar um patamar de justiça social aceitável. Como realidade histórica, o debate tendeu a polarizar-se entre aqueles que viam, nos aspectos relacionados à distribuição ou a redistribuição, o elemento central da justiça social e aqueles para que as questões relativas ao reconhecimento eram o objeto-mor da justiça social.

Em virtude dessas questões, realizaram-se delimitações em termos teóricos e empíricos, cujo objetivo foi dotar de maior precisão o objeto de conhecimento desta tese. Inicialmente, definiu-se que o debate sobre a justiça social seria abordado com base no tratamento institucional dispensado aos

grupos em sociedade. Para tanto, buscou-se em Fraser (2001; 2006; 2008) o princípio normativo de *paridade participativa*, que, para ela, representa a forma justa de tratamento a ser dispensado às pessoas. A paridade participativa possibilita que as pessoas interajam socialmente em igualdade de condições. Contudo, o próprio princípio sugere que situações de justiça social estão implicadas com a apropriação e a distribuição de bens. Assim, existe uma multiplicidade de bens e de métodos de distribuição que variam de acordo com a esfera em questão (WALZER, 2003). Em outras palavras, a justiça social não envolve um único bem, um *locus* específico ou uma forma única de compartilhar as riquezas sociais. Por fim, com Douglas e Isherwood (2009) percebeu-se a importância e as funções que os bens cumprem nas interações sociais. Em síntese, após percorrer esse percurso optou-se por uma pesquisa que envolvesse o trabalho informal de rua como o campo empírico, uma vez que o trabalho, como descrito no segundo capítulo surge como um importante bem de acesso quando se reflete acerca de uma sociedade justa.

Neste capítulo, apresentam-se os dados obtidos na pesquisa empírica, bem como as conclusões referentes ao debate. É conveniente recordar que a questão que balizou a coleta de dados, bem como a análise, se refere à suposição de que elementos que foram definidos como matrizes culturais, se encontram presentes nos discursos institucionalizados a respeito dos sujeitos e de suas possibilidades sociais. Esses discursos serviriam não só de suporte, mas também legitimação a constituição de hierarquias sociais que atuam de forma a não permitir a *paridade participativa* e, portanto, a manutenção dos patamares de desigualdade social no país. A análise dar-se-á em dois momentos. No primeiro, apresenta-se uma descrição do perfil dos trabalhadores de rua pesquisados. Essa análise inicial tem por objetivo permitir uma melhor visualização de quem são esses sujeitos, suas necessidades e suas demandas. Em virtude de uma opção de exposição dos dados, as questões mais relevantes ao estudo proposto serão abordadas no segundo momento, quando se tratará das expectativas, desejos e visão de mundo que esses trabalhadores possuem. Três são os pontos em destaque na segunda parte da análise: o discurso constituído no tocante à classe trabalhadora como matriz cultural, o trabalho como bem de acesso e o trabalho como categoria reflexiva.

4.1 Conhecendo os sujeitos da pesquisa

É de praxe na apresentação de dados de pesquisa iniciar-se pelos elementos descritivos, que têm por objetivo oferecer um perfil detalhado dos sujeitos que participaram do estudo. Neste trabalho, não será diferente. É sempre salutar verificar que a leitura de gráficos caracteristicamente descritivos suscitam questões importantes ao debate. Essa exposição inicia por uma delimitação de gênero e de faixa etária. Veja-se os gráficos abaixo.

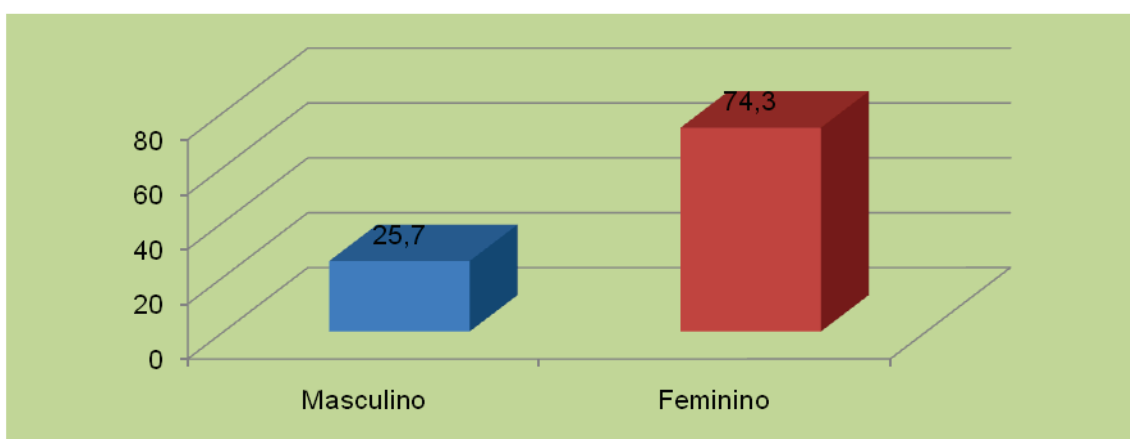


Gráfico 1 – Sexo dos participantes

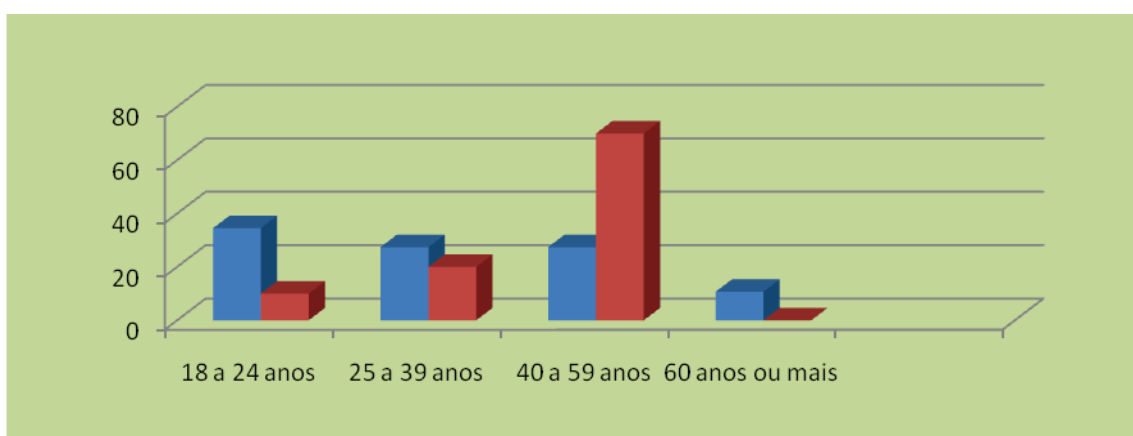


Gráfico 2 – Faixa etária dos participantes

A primeira questão que chama a atenção é a intensa participação das mulheres nas atividades de comercialização de produtos nas ruas do Vale do Rio dos Sinos⁵⁷. O gráfico 1, demonstra que 74,3% dos entrevistados são do sexo feminino, e para cada quatro trabalhadores entrevistados três eram mulheres. Os dados relativos ao sexo foram obtidos com base na soma do número total de entrevistados. Quando esses números foram desagregados por municípios, a proporcionalidade não se alterou significativamente nos municípios de Novo Hamburgo e São Leopoldo, ao contrário do que ocorreu com o município de Sapucaia do Sul, no qual as mulheres compõem a totalidade dos entrevistados.

Neste sentido suspeita-se que a inclusão do trabalho feminino no mercado informal, bem como a característica apresentada pelo município se encontra vinculadas às peculiaridades de sua economia e as políticas ali desenvolvidas. Por ocasião da análise dos dados referentes à renda, poderá se verificar a pertinência dessa suposição.

O trabalho informal de rua tem como *a priori* o desemprego estrutural característico do atual estágio do capitalismo global. Contudo, a inclusão das mulheres nessas ocupações apresenta elementos diferenciadores da inserção dos homens no mesmo universo. Observando o gráfico 2, verifica-se que a entrada das mulheres no mercado informal ocorre mais precocemente. Segundo os dados obtidos, 34,5% das mulheres que integraram o estudo encontravam-se na faixa etária entre 18 e 24 anos, e esse percentual sobe para 61,8% quando se estende a faixa etária para até 39 anos.

Trata-se de um dado relevante, pois corrobora as pesquisas que apontam uma desigualdade de gênero no acesso ao mercado formal de trabalho, uma vez que 70% dos homens que participam dessas ocupações situam-se na faixa etária entre 40 e 59 anos. Nota-se, que em relação aos homens, a sua entrada nesse universo laboral acontece, igualmente, como consequência de uma situação de desemprego estrutural e se acentua com a discriminação em relação à idade, à falta de qualificação, à baixa escolaridade,

⁵⁷ Neste sentido é importante atentar para a observação realizada no terceiro capítulo desta tese, o qual comenta que o estudo foi complementado por diversas atividades encontradas nas ruas e, por opção de recorte, foram delimitadas às atividades de camelôs, artesãos e vendedores ambulantes.

dentre outros⁵⁸. Essas constatações são respaldadas pelos dados do gráfico – 3, que trata do tempo de atuação no mercado informal.

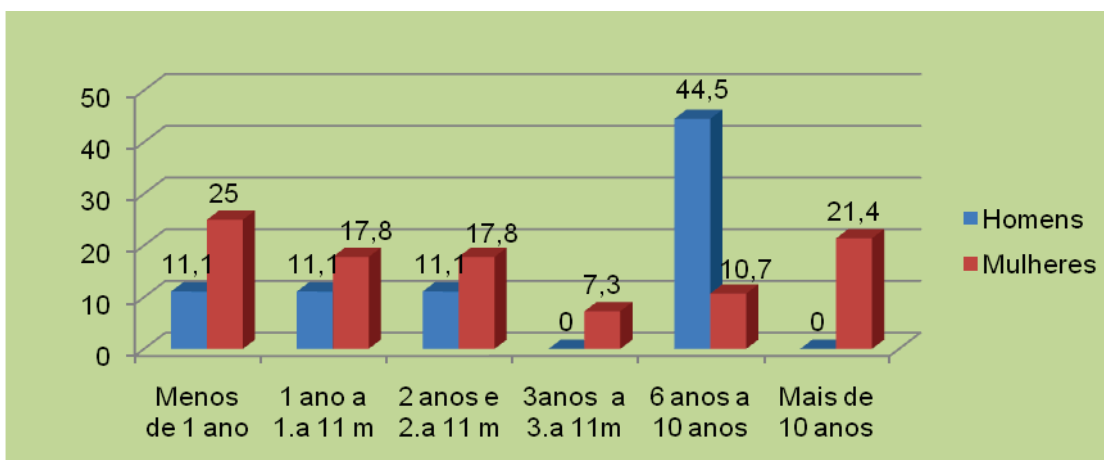


Gráfico 3 – Tempo de atuação no mercado informal

Pode-se observar que as mulheres apresentam uma maior taxa de permanência de ocupação nessas atividades. Em alguns casos, como os relatados no município de Sapucaia do Sul, a permanência na atividade envolve a mudança do local de trabalho. O fato de as mulheres serem a maioria no universo da pesquisa atribui um caráter de singularidade para a região, pois vai na contramão de pesquisas similares desenvolvidas em outras regiões do país⁵⁹. Por outro lado, as falas de algumas entrevistadas sugerem certa predisposição para a ocupação dessas atividades uma vez que, além da flexibilidade de horários, possibilita conciliar às atividades com as tarefas domésticas como cuidar dos filhos, por exemplo, como relatam dois entrevistados:

Pra mim é tudo, posso ficar em casa, cuido das minhas filhas, ganho mais. E é um investimento para minhas filhas (entrevista 20, São Leopoldo)

⁵⁸ Essas dificuldades encontram-se relatadas nas respostas abertas e são utilizadas pelos entrevistados para explicarem sua inserção nessas ocupações. Essas questões serão retomadas adiante, por ocasião dos comentários acerca das respostas abertas.

⁵⁹ Lopes (2001) apresenta a descrição de uma pesquisa realizada com a mesma temática (trabalho informal de rua) no município de Taubaté-SP. Nele, o autor demonstra a ampla predominância de homens incluídos nesses conjuntos de ocupações.

Adoro, carteira tem que obedecer todo mundo e sem carteira pode sair à hora que quer, mas eu queria carteira assinada com essa atividade que faço (entrevista 6, Sapucaia do Sul).

Pode-se especular outras explicações para a maior participação das mulheres no mercado informal de rua no Vale dos Sinos. Uma delas diz respeito ao fato de um contingente expressivo das entrevistadas encontrar-se na faixa etária de 18 a 24 anos de idade, ou seja, em idade com alta probabilidade de engravidar. Esse dado foi diagnosticado pela Secretaria Municipal de Políticas para Mulheres de São Leopoldo, em entrevista concedida ao Observatório de Indicadores e Políticas Públicas do Instituto Humanitas (Unisinos)⁶⁰. Segundo a secretária,

o mercado formal ainda é culturalmente colocado como o lugar de trabalho para os homens e não para as mulheres, uma vez que na idade entre 18 e 24 anos, elas estão no "pico" da possibilidade de engravidar, ou seja, serem mães, o que as tiraria do trabalho por 4 meses (HUMANITAS, 2010).

A fala da gestora municipal vai ao encontro com as preocupações manifestadas pelos representantes empresariais, quando da apreciação da lei federal que ampliou o prazo da licença maternidade de 120 para 180 dias. Segundo Dagoberto Lima Godoy, presidente do Conselho de Relações do Trabalho e Desenvolvimento Social da Confederação Nacional da Indústria (CNI),

é indiscutível a necessidade de proteger a saúde da mulher durante a gestação. Mas alertamos para o ônus que essa medida pode trazer tanto para as empresas quanto para as mulheres trabalhadoras, que podem ter seu acesso ao mercado de trabalho prejudicado. (GLOBO ONLINE, 18 out. 2007).

Essa questão será retomada adiante.

⁶⁰ HUMANITAS. O perfil dos trabalhadores do Vale dos Sinos. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=32069. Acesso em: 13 set. 2010.

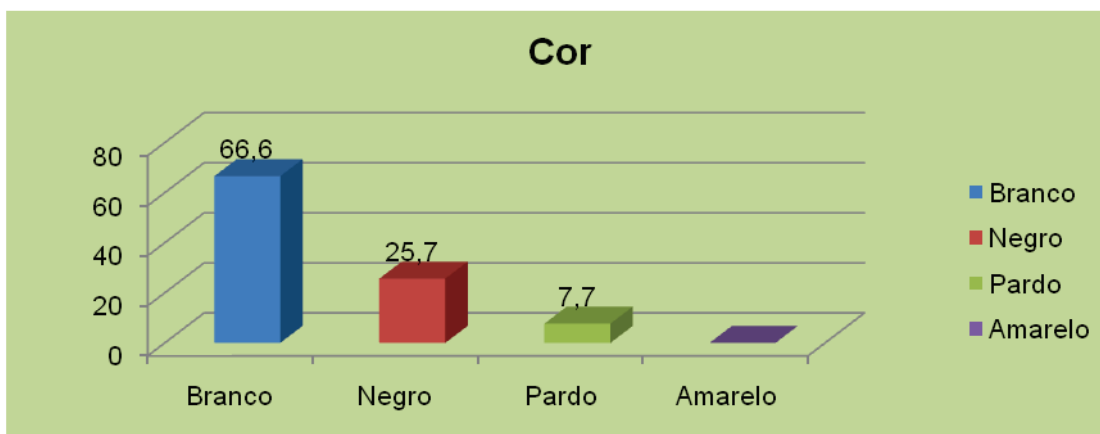


Gráfico 4 – Cor conforme declaração dos participantes

Em relação ao quesito cor, o gráfico 4 demonstra que 66% dos entrevistados autodenominaram-se brancos, e 35,4% definiram-se como negros ou pardos. Esses percentuais confirmam as tendências de ocupação da região. Como indicado anteriormente, os municípios pesquisados integram uma região de colonização eminentemente alemã, acrescida de uma população negra que foi inserida na região na condição de escravos ou, mais recentemente, pela mobilidade de trabalhadores atraídos por oportunidades de emprego e transferência.

Com o intuito de melhor conhecer esse grupo e compreender as estratégias adotadas por eles no seu cotidiano, elaboraram-se alguns gráficos cujos dados oferecem uma descrição de seus arranjos familiares. Essa delimitação é relevante porque, no conjunto das observações, elas podem ser indicativas de demandas e de estratégias na busca por melhores condições de trabalho e vida, como também de restrição de mobilidade e outros acessos.

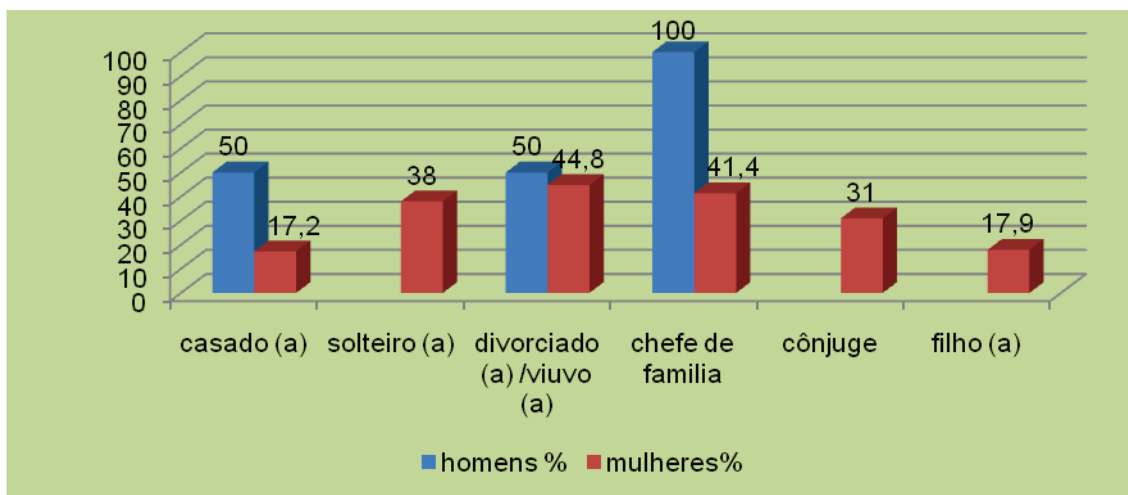


Gráfico 5 – Estado civil e posição familiar

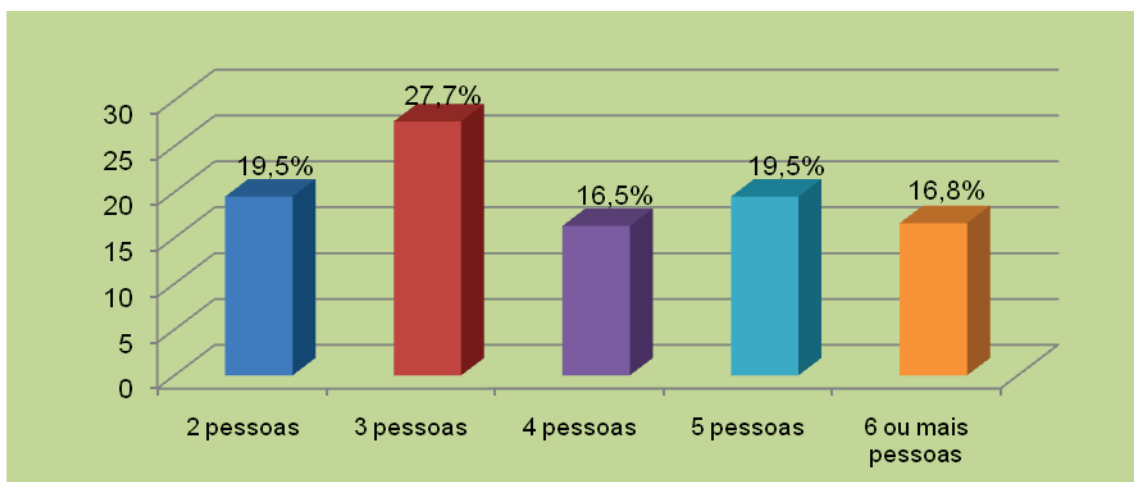


Gráfico 6 – Número de pessoas por domicílio

Tendo como referência os dados dos gráficos 5 e 6, pode-se depreender que os números apontam um universo de sujeitos que se constituem como formadores de núcleos familiares. Essa constatação confirma-se pelo elevado número de respondentes que se declararam como chefes de família e pelo percentual de 52,8% dos entrevistados que responderam que coabitam em grupos formados por quatro a seis ou mais pessoas. Neste sentido, é cabível afirmar que, diante das possibilidades de atendimento das necessidades familiares, um número maior de membros necessita contribuir para a renda familiar. Entretanto, em virtude das constantes dificuldades de ingresso no mercado formal, estabelecidas ora por

crises do setor, ora pelas exigências do mercado em termos de qualificação, o que se observa é o ingresso de sujeitos que desempenham outros papéis no núcleo familiar – cônjuges e filhos – no universo do trabalho informal de rua.

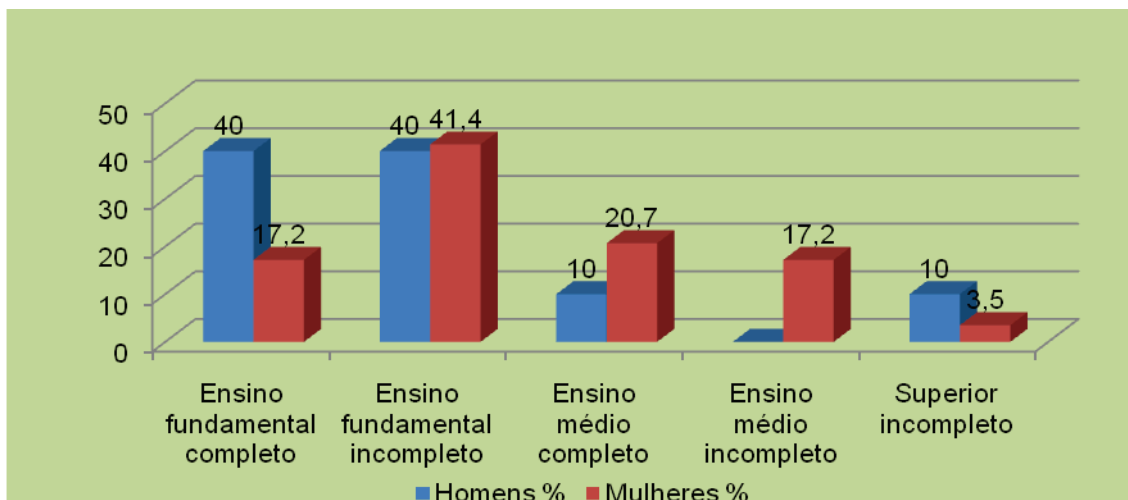


Gráfico 7 – Escolaridade dos participantes

Chama atenção as mulheres apresentarem um número maior de anos de estudo, sem que isso represente alguma vantagem para elas em termos de acesso ao mercado formal de trabalho. Essa questão pode estar relacionada às tradicionais opções de qualificação profissional oferecidas a esses sujeitos na região. Essa oferta baseia-se em uma demanda por profissionais em áreas de ocupação tradicionalmente ocupadas por homens, tais como matrizaria, torneiro mecânico, elétrica, dentre outras, e que são oferecidas na região por instituições como Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e as escolas técnicas tradicionais na região. Para as mulheres, reservam-se capacitações em termos de atendimento ao público, rotinas administrativas, área de saúde dentre outros, que representam nichos de mercado predominantemente ocupados por elas. Em geral, essas qualificações são ofertadas por instituições como o Serviço Social do Comércio (Sesc), o Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e outros⁶¹.

Esses aspectos encontram-se relacionados a determinações de papéis sociais construídos com base em atributos tidos como masculino e ou feminino.

⁶¹ Cabe ainda destacar as ações de capacitação engendradas pelo governo federal como as do Plano Nacional de Qualificação de Trabalhadores (PNQ) que contempla ambos os casos e, em geral, são ministrados pelo mesmo conjunto de instituições, cada qual em sua especialidade.

Pode-se dizer, então, que as ocupações no mercado formal são tipificadas por essas representações, as quais condicionam o seu acesso.

Neste sentido, os dados do gráfico 8 relativos às áreas de atuação anteriores ao ingresso no mercado de trabalho informal de rua, pode fornecer algumas pistas.

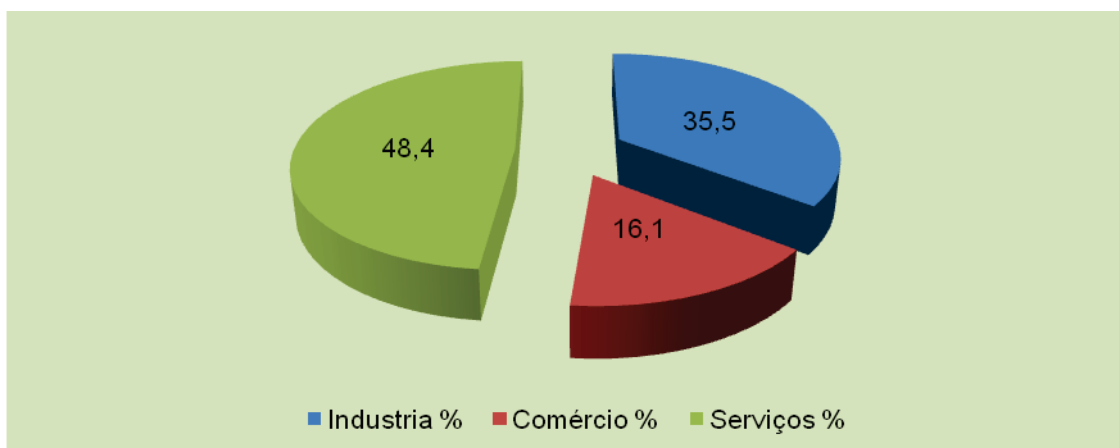


Gráfico 8 – Setor de atividade de origem

O fato de 48,4% dos entrevistados que já haviam trabalhado com carteira assinada serem provenientes do setor de serviços e não da indústria pode ser um indicativo da predominância dessas concepções na região. Tradicionalmente, tanto as atividades do setor de serviços como de comércio valorizam os elementos associados às características femininas. Aliás, pode-se dizer que a tendência de atribuir lugares sociais e profissionais com base em atributos de gênero provém de longa data⁶².

⁶² Vários são os exemplos a esse respeito, como o acesso da mulher ao ensino profissional que se deu por meio de dos cursos de magistério, uma das poucas atividades percebidas como adequadas às suas características.

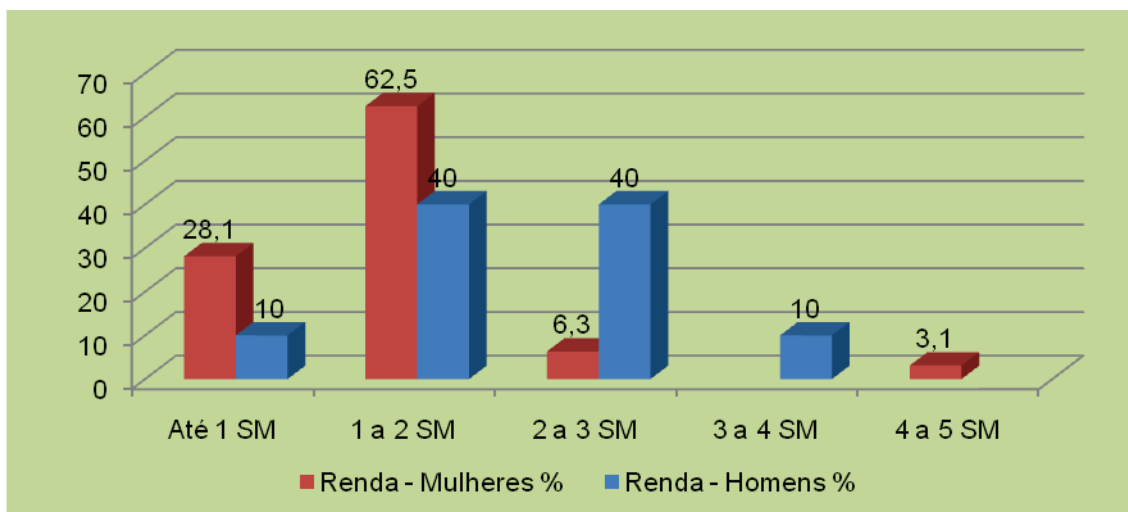


Gráfico 9 – Renda recebida pelos participantes

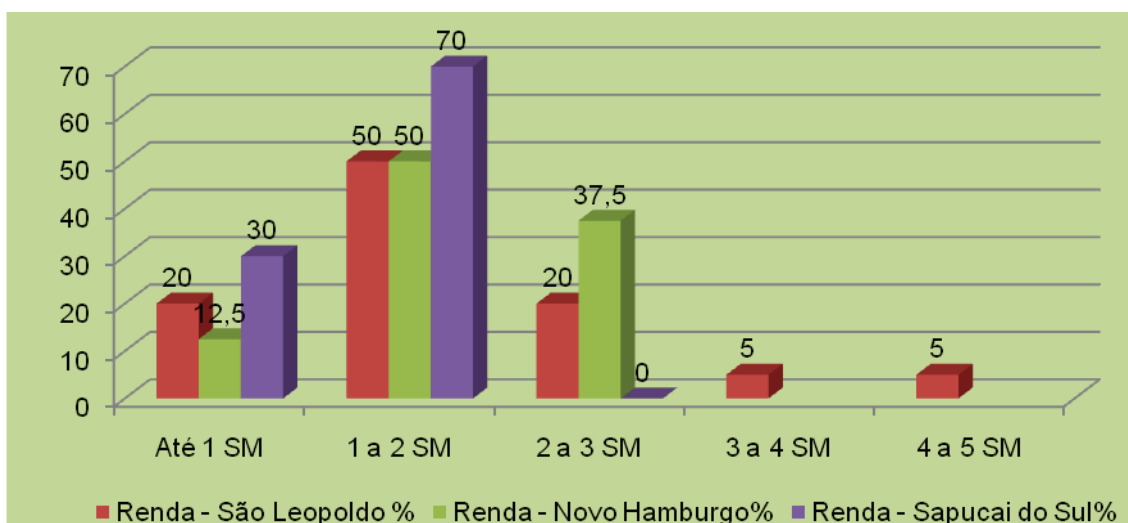


Gráfico 10 – Renda comparada por municípios

Por fim, quando se observam os gráficos 9 e 10 referentes à renda, verifica-se que as possibilidades de ganhos variam de acordo com o município. Tal questão repercute também na diferenciação de ganhos entre o que foi informado pelos entrevistados em relação a gênero. Nota-se que o município de Novo Hamburgo apresenta maiores possibilidades de ganhos, uma vez que, 87% dos entrevistados daquele município informaram receber mensalmente mensais entre um e três salários mínimos. Já nos municípios de São Leopoldo e Sapucaia do Sul, 80% e 100%, respectivamente, obtêm rendimentos mensais de até dois salários mínimos.

A possibilidade diferenciada de ganhos, não chega a causar surpresa, uma vez que é representativa do desempenho econômico diferenciado desses municípios. O que pode ser observado nos resultados apresentados pelos municípios em relação ao PIB. Neste sentido, os municípios ocuparam as seguintes posições em termos de desempenho econômico: Novo Hamburgo, 7º lugar, São Leopoldo, 12º e Sapucaia do Sul, 20º posição⁶³.

Com base na renda, outras questões podem ser levantadas. Uma delas diz respeito ao percentual de homens atuando no município de Novo Hamburgo e o contraste com a predominância feminina em Sapucaia do Sul. Esse contraste pode ser uma consequência da diferença de ganhos, sendo, neste sentido, representativo de um maior ingresso de homens em mercados que oferecem maiores possibilidades de ganhos mensais. Nesse caso, as mulheres teriam o acesso a esses mercados dificultado, ficando relegadas a trabalhos e mercados menos rentáveis.

4.2 As demandas em relação a atividade: conflitos e consequências

Pode-se dizer que, até o momento, as questões suscitadas se encontram relacionadas ao desenvolvimento econômico e social. Neste sentido, em diversas respostas de entrevistados o Estado é citado como o principal promotor do desenvolvimento. O discurso parece desafiar a máxima neoliberal que vê na iniciativa privada, mediada pelo livre mercado, o mote para o desenvolvimento econômico e social. Na visão dos entrevistados, cabe ao Estado, em suas diversas instâncias (municipal, estadual e federal), o papel de promover ações, apresentar soluções que viessem equacionar os problemas enfrentados pela sociedade. Percebe-se, então, uma manifestação do modelo de gerenciamento de Estado brasileiro que Rudá Ricci (2010) chama de *lulismo*, e uma das características centrais deste modelo é o papel do governo

⁶³ Para uma visualização de desempenho das economias municipais no Estado do Rio Grande do Sul, acessar o *site* da Fundação de Economia e Estatísticas (FEE): <http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/estatisticas/pg_pib_municipal_destaque_texto.php>. Acesso em 07 de set. 2010.

como promotor do desenvolvimento econômico e social. A esse respeito, afirmam alguns entrevistados:

O governo tem que investir nisto (entrevista 5, São Leopoldo).

Melhorar os salários e incentivar os pequenos empresários do mercado informal (entrevista 9, São Leopoldo).

É o principal responsável, abrir mais oportunidade de emprego na prefeitura (entrevista 12, São Leopoldo).

Falta de incentivo do governo com as empresas para que possam ampliar e ajudar os jovens a trabalharem, para serem bons cidadãos (entrevista 6, Novo Hamburgo).

Seria ir até os lugares mais pobres para perceber esta realidade. Tipo como você que esta fazendo esta pesquisa (entrevista 4, Novo Hamburgo).

Deveria investir na geração de emprego (entrevista 2, Sapucaia do Sul).



Gráfico 11 – Papel do governo

Na perspectiva esboçada, cabe à sociedade, o papel de reivindicar e fiscalizar a execução das ações implementadas pelo Estado. Os entrevistados têm certa consciência do papel que todas as pessoas possuem como sujeitos de direitos e deveres e como atores capazes de efetivar reivindicações para o atendimento de seus interesses. Entretanto, no dia a dia desses trabalhadores, isso não tem se traduzido, em igual medida, em benefícios e conquistas. Em situações de conflito com lojistas ou outras categorias profissionais pelo direito de ocupar o espaço público com o intuito de realizar o seu trabalho,

continuamente seus interesses são suplantados, como se observa na retirada dos camelôs das ruas adjacentes ao Shopping Bourbon em São Leopoldo ou como se verifica na fala de um trabalhador que destaca que “várias pessoas enfrentaram *conflitos*⁶⁴, por causa dos lojistas. Antes tinha uma feira e teve que acabar” (entrevista 21, São Leopoldo).

Em outras palavras, pode-se dizer que entre a consciência da ação e sua efetividade, há um hiato. Esse hiato parece relacionar-se com o reconhecimento, ou não, desses indivíduos ou grupos como sujeitos de direitos. O eco de suas falas tem um tom de denúncia em relação à consideração pública que não lhes é outorgada, ou seja, seus reclames carecem de legitimidade. A possível carência de legitimidade, entretanto, não é a única causa do descrédito atribuído a esses sujeitos. Em seu conjunto, a ação fiscalizadora e reivindicadora da sociedade deve enfrentar outro dilema, qual seja, a passividade apresentada pela população. Segundo a avaliação dos pesquisados, a população apresenta uma atitude passiva em decorrência da falta de sua consciência como sujeitos de direitos:

Tem que cobrar, tem que ir em cima, pensar antes de voltar, ir em frente (entrevista 6, São Leopoldo).

Exigir seus direitos (entrevista 9, São Leopoldo).

Se conscientizar mais, cuidar no momento de votar e escolher seus governantes (entrevista 1, São Leopoldo).

A sociedade deveria se unir na hora de votar. Escolher bem a pessoa, porém, se tivesse essa pessoa, fiscalizar (Entrevista 8, Novo Hamburgo).

Ninguém se une, ficam calados (entrevista 11, São Leopoldo).

As pessoas são de ficar quietas e não fazer nada, não procuram seus direitos (entrevista 16, São Leopoldo).

Essas manifestações, contudo, causam certa perplexidade quando pensadas em termos de conflitos, pois dizem respeito à constatação de que a falta de consciência reivindicatória também se encontra presente nos conflitos decorrentes do trabalho de rua. Neste sentido, quando questionados se eles haviam vivenciado situações de conflitos em decorrência do desempenho da

⁶⁴ Grifo meu.

atividade, 60% dos entrevistados afirmaram não as terem enfrentado. Já os 40% restantes relacionaram esses conflitos a situações que classificam como corriqueiras, e se referem a situações como fofocas, concorrência, fiscalização, discriminação e outras. A relevância destes elementos, para este estudo, encontra-se no fato de que, na análise, o conflito reaparece com outro formato.

4.2.1 As situações de conflito no trabalho de rua

Nesses microambientes, o conflito deixa de ter um caráter explícito e passa a apresentar-se de maneira difusa. Como visto anteriormente, adota-se o termo difuso para designar algo que se espalha em várias direções e não apresenta limites definidos.

Tendo isso claro, quando se analisaram as questões referentes ao conflito, percebeu-se que os entrevistados não percebem que as causas dos conflitos se encontrem no pacto social engendrado estruturalmente. Em outras palavras, a visão dos entrevistados sobre as situações de conflitos não remete a uma interpretação desses conflitos como relacionados aos interesses de grupos e ou às possibilidades diferenciadas de apropriação de recursos materiais e simbólicos que se manifestam na distribuição desigual das chances de vida.

Não há, nesse sentido, uma percepção capaz de conduzir a uma ação coletiva, tal como uma mobilização para obter melhores condições de trabalho, reivindicações de investimentos e outros. Mesmo a constatação de que existe uma apropriação diferenciada de recursos, do grupo formado pelos políticos, em comparação com a população, é capaz de produzir um sentimento de mobilização que se traduza em ação. Essa apropriação diferenciada da classe política é percebida na maioria das vezes como decorrência de situações de corrupção e vem acompanhada de um profundo descrédito que os entrevistados manifestam em relação aos políticos. Essas observações podem ser constatadas nas respostas a seguir:

O salário dos políticos, não pode um ter sete mil e outro ter só trezentos reais. Tem que mudar (entrevista 15, São Leopoldo).

O governo tem que investir nisto, mas só pensam em alimentar o bolso deles (entrevista 5, São Leopoldo).

O papel do governo era tentar melhorar, mas só querem a verba para eles e para os outros nada (entrevista 18, São Leopoldo).

Um monte de corrupção eles dão exemplo, são pessoas de cultura e não adianta. Isto incentiva e monta a quadrilha e pega *laranjas* (entrevista 14, São Leopoldo).

Além de o governo ganhar seu salário ele rouba o dos outros (entrevista 4, Sapucaia do Sul).

A corrupção no governo envolve muito dinheiro que, por exemplo, não é aplicado em melhorias como o salário mínimo. Com o Lula continua a mesma coisa (entrevista 8, Novo Hamburgo).

Pode-se dizer que o caráter difuso dos conflitos envolvidos na dinâmica das ocupações informal de rua se refere a certa opacidade que obscurece o entendimento dos sujeitos acerca da sua real localização. Assim, o debate sobre a questão na esfera pública acaba por inscrever os conflitos fora dos limites que envolvem as macroestruturas sociais e a possibilidade de expansão de uma cidadania que garanta a igualdade de condições e oportunidades para todos. Nesse contexto, as hierarquias sociais presentes nos conflitos ganha invisibilidade, ou seja, desaparece.

Essa situação é significativa, quando se sabe que “a distribuição desigual das chances de vida é resultado das estruturas de poder. *Onde* ⁶⁵, alguns são postos numa posição em que podem estabelecer a lei pela qual a situação dos outros será medida” (DAHRENDORF, 1992, p. 42). Observar-se a naturalização de uma visão que restringe os conflitos aos marcos do legal e do ilegal, em vez de situá-los no horizonte das possibilidades de vida. Essa maneira de perceber a questão encontra repercussão e legitimidade nos discursos dos gestores locais que diferenciam a ocupação informal da ilegal, tendo com referência situações de justiça e injustiça e a disposição dos sujeitos ao agir segundo os limites da lei. A entrevista com o gestor em São Leopoldo,

⁶⁵ Grifo meu.

Secretário Municipal de Desenvolvimento Econômico e Social (Semedes), baliza bem a questão, ao comentar a *lei do empreendedor legal*⁶⁶:

Essa *lei do empreendedor legal*, empreendedor individual ela justamente ela provoca uma justiça de mercado porque antes aquele ali que tem seu bar, seu aluguel, tem a sua porta, paga os seus impostos, tá começando com a atividade, tem esse ônus, ele tá disputando com o outro o que venda artefatos de couro, carteira, cinto, por exemplo, são lojas aqui na cidade, está disputando com outro que tá na rua sem custo nenhum, nem imposto nem aluguel nem nada vendendo o mesmo produto às vezes pela metade do preço e vendendo pela metade do preço tendo o dobro do lucro. Então esse é o primeiro fator, provoca uma injustiça nesse caso. Aí agora sim a fiscalização pode bater com bastante mais força em cima desse informal que está fazendo essa injustiça de mercado porque ele não está usando o recurso que ele pode usar. Ele tá ilegal, melhor dizendo, informal por uma questão não, não por uma situação passageira, é uma opção que ele adotou e que não tem mais justificativa. E a outra coisa que eu até fiz uma reflexão aqui, [...] é que devemos fazer uma distinção entre o ilegal, nós fazemos um treinamento sobre o ilegal e o informal. O ilegal é aquele que vende o produto de descaminho, nós tratamos dessa forma, que vende o cigarro contrabandeado, que vende esses produtos contrabandeados ou sem origem comprovada. O informal a gente entende que é aquele que produz em casa, faz alguma coisa em casa ou enfim, a família faz e ele sai pra vender isso aí, seja um doce, seja um salgadinho, um produto qualquer, um artefato de couro, então são duas situações diferentes. O ilegal é ilegal mesmo e não tem desculpa, tem que aprender e tem que fazer o que for necessário. O informal tem essa outra situação que eu coloquei, então fica fácil pra quem tá de fora, hoje fica mais fácil quem tá de fora, respondendo essa pergunta, porque é lógico, se o informal ele faz as coisas em casa sai pra vender e quer ficar nessa situação, ele corre o risco não mais justificado, hoje não tem mais justificativa. Ele tem dentro da legislação tem dentro das forças de governo aqui na cidade, orientação, apoio através do micro crédito, através de curso de capacitação que recebe pra se postar, para se posicionar como um pequeno empreendedor.

⁶⁶ O empreendedor legal refere-se à Lei Complementar nº 128, de 19 de dezembro de 2008, que criou condições especiais para que o trabalhador definido como informal possa se tornar um *empreendedor individual legalizado*. Dentre as vantagens oferecidas por essa lei, está o registro no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ), o que facilita a abertura de conta bancária, o pedido de empréstimos e a emissão de notas fiscais. Além disso, o *empreendedor individual* é enquadrado em um regime especial unificado de arrecadação, o Simples Nacional, ficando isento dos seguintes tributos federais: Imposto de Renda Retido na Fonte (IRRF), Programa de Integração Social (PIS), Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (COFINS), Imposto Sobre Produtos Industrializados (IPI), e Contribuição Social Sobre Lucro Líquido (CSLL). Disponível em: Portal do Empreendedor, <http://www.portaldoempreendedor.gov.br/modulos/entenda/oque.php>. Acesso em 13 nov. 2010.

Essa maneira específica de conceber os conflitos, coloniza o discurso na esfera pública e ganha maior legitimidade com sua incorporação pelos trabalhadores de rua. Quando os trabalhadores foram questionados sobre essas situações, ouviram-se frases do tipo:

Nenhum problema, pois não tem nada ilegal na banca (entrevista7, Sapucaia do Sul)

Nenhuma, mas quem vende CD e DVD pirata enfrenta (entrevista 8, Sapucaia do Sul).

Quando não consegui um lugar pra trabalhar e o fiscal me tirou. O camelô ficou, e eu tive que sair. Como que o camelô pôde ficar, ele que vende coisas contrabandeadas. Eu me senti humilhada (entrevista1, São Leopoldo)

Outra questão deve ser agregada a essas observações e se refere ao tratamento institucional dispensado ao trabalho de rua. Neste sentido, as alternativas oferecidas pelo Estado para o equacionamento das dificuldades inerentes ao desempenho da atividade, que podem ser tanto de ordem econômica – a necessidade de acesso a capital para investimento, por exemplo –, quanto de ordem legal – como a regularização da atividade – são oferecidas de maneira individualizada. Assim, o que se observa é a criação de canais de financiamento e outros, tratados de maneira individual, caso a caso (as ações do Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) podem ser enquadradas nesse rol). São poucas as situações tratadas coletivamente.

Essa forma de abordar a questão, adotada pelo Estado, apresenta uma consequência prática em relação às demandas, qual seja, ela despolitiza o conflito. Em outras palavras, o tratamento individualizado das demandas, com base em financiamentos individuais, apoio para a formalização das atividades mediante o microempreendedor, dentre outras, acabam por não favorecer uma conscientização dos trabalhadores que se traduza em ações coletivas. Percebe-se, então, o reforço de uma concepção individualista: o cuidar de si próprio. Dois entrevistados comentam:

*É necessária*⁶⁷ a conscientização do povo. A maioria daqui quer vender para lucro próprio (entrevista 13, São Leopoldo).

Cada um por si, não são unidos querem as coisas de mão beijada (entrevista 17, São Leopoldo).

Não se desconsidera a importância de tais ações, já que elas são um importante meio de acesso a recursos para manutenção e ampliação das atividades. Insiste-se, porém, que esse tipo de orientação apresenta um efeito colateral, o de fragmentar a ação, fazendo com que o encaminhamento tanto pelo Estado, quanto pelos trabalhadores seja individualizado. Esse fato por si só despolitiza as demandas, pois são percebidas pelos trabalhadores como problemas comuns a todos, mas cuja resolução se dá no plano individual. Neste sentido, pode dizer-se que as estratégias dos trabalhadores, como se verá adiante, envolve o estabelecimento de projetos individuais e não coletivos. Na prática, observa-se um reforço da ideia de que cada um sabe de si e é responsável por si próprio.

4.3 O que pensam os trabalhadores do mercado informal de rua: seus desejos, expectativas e valores compartilhados

Pôde-se constatar que as demandas dos trabalhadores de rua, em geral, envolvem situações de conflito, pois além da ocupação do espaço público, apresentam juízos de valor e representações acerca da atividade e dos sujeitos que delas participam. Na tentativa de realizar um diagnóstico mais preciso acerca dessas questões, optou-se por incluir no roteiro de entrevistas um conjunto de questões abertas em que os trabalhadores foram instigados a falar sobre suas expectativas, seus desejos, seus valores e visão de mundo, como percebem a atividade e qual imagem projetada sobre eles quando percebidos pelo olhar do outro. O gráfico 12 é representativo, da visão que os trabalhadores possuem acerca da sua atividade.

⁶⁷ Grifo meu.

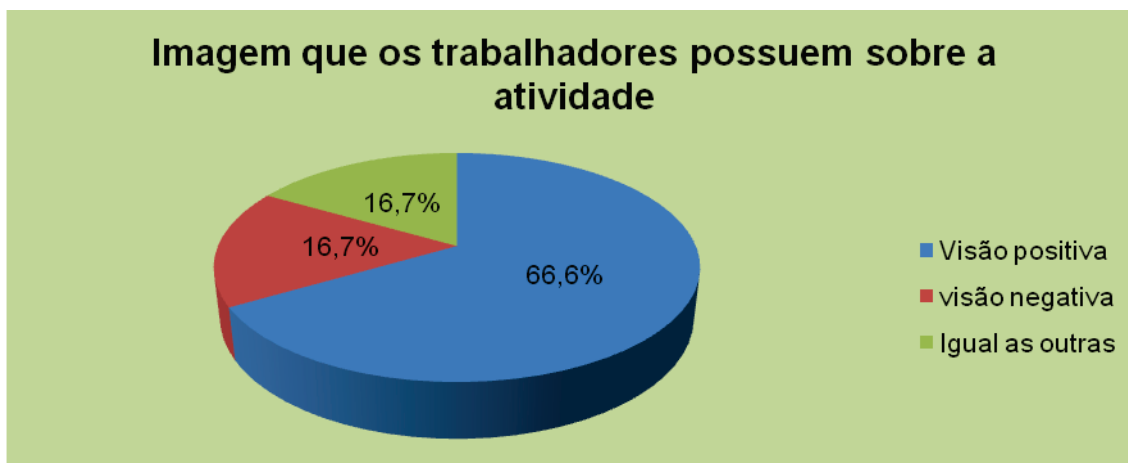


Gráfico 12 – Imagem que os trabalhadores possuem sobre a atividade

Como se pode observar, 83,3% dos trabalhadores possui uma visão positiva acerca da própria atividade ou a colocam no mesmo patamar das demais. Para esse contingente o trabalho de rua é percebido como um trabalho honesto, que se dá no interior de um mercado que oferece oportunidades e que as pessoas podem obter certa satisfação pessoal, o que pode ser constatado em algumas de suas falas:

Mercado promissor, eu gosto do que faço, faço com muito gosto (entrevista 7, São Leopoldo).

Boa. Tem melhor porque trabalhamos com sorte (entrevista 11, São Leopoldo).

Bom, o trabalho numa empresa explora mais (entrevista 16, São Leopoldo).

Importante, não é mais nem menos do que as outras (entrevista 1, São Leopoldo).

Normal. Não! Porque como estou trabalhando com o público ao voltar para a empresa se torna angustiante, ambiente fechado (entrevista 5, Sapucaia do Sul).

Contudo, essas respostas não esgotam a questão. Dos entrevistados, 16,7% apresentaram uma visão negativa em relação a esse tipo de trabalho, demonstrando um sentimento de desconfiança quanto ao real potencial e importância da atividade. Não raro, os entrevistados manifestam-se como discriminados, desvalorizados ou mesmo injustiçados:

O trabalho não é valorizado (entrevista1, São Leopoldo).

Cada pessoa teve chance, já eu não tive chance, com 11 anos tive que para de estudar (entrevista 4, Sapucaia do Sul).

Somos discriminados (entrevista 9, São Leopoldo).

A discriminação, entretanto, não se limita somente à da sociedade, mas faz-se presente no núcleo familiar. Chega, em alguns casos, a gerar situações de conflito pelo não reconhecimento do sujeito como trabalhador qualificado ou classificação da sua atividade como inexpressiva. Em alguns casos, a atividade não chega a atingir o *status* de atividade produtiva e é definida como atividade temporária ou mesmo como um biscate, ou seja, um trabalho de pouca importância. Por fim, a visão negativa completa-se diante da comparação com o trabalho formal e pela ausência de seguridade social:

Eu acho de carteira assinada melhor, é mais garantido, aqui tu não sabe como vai ser (entrevista 18, São Leopoldo).

Atividade sem segurança, nada é certo é serviço informal (entrevista 2, Novo Hamburgo).

As expectativas não são muitas, esse emprego é temporário só até o fim do ano, sem carteira assinada nada é certo (entrevista 7, Sapucaia do Sul).

Nessa perspectiva, para Castel (2005), as sociedades modernas fundam-se sobre o terreno da insegurança, uma vez que são sociedades de indivíduos que não encontram nem em si mesmo nem em seu entorno a capacidade de garantir sua proteção. Esse fato por si só pode conduzir a uma situação de vulnerabilidade uma vez que “ser protegido não é um estado natural. É uma situação construída, porque a insegurança não é uma peripécia que advém de maneira mais ou menos acidental, mas uma dimensão consubstancial à coexistência dos indivíduos” (p. 16). Quando questionados sobre a visão que a sociedade possui acerca do trabalho informal de rua, os números modificam-se.

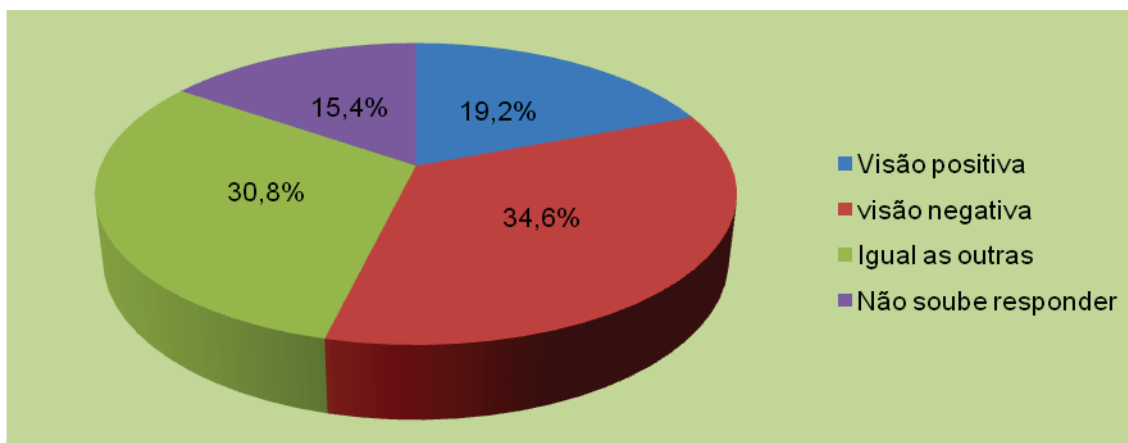


Gráfico 13 – Imagem que a sociedade possui sobre a atividade

Por fim, constata-se uma diferença de opiniões entre vendedores de feira de economia solidária e trabalhadores de rua.

Grande, quero vender mais, vender para fora em outros estados, quero ir para outras feiras (entrevista 14, São Leopoldo).

O cliente enxerga o produto e não o que você faz, escolhe e leva para casa. A valorização que tem nestas feiras é diferente (entrevista 15, São Leopoldo)

Essa diferença sugere uma tipificação distinta, à medida que o padrão de organização das feiras populares, promovidas pelo governo municipal, em geral, melhora a interação com o público. Por outro lado, o reconhecimento definido pela atitude do *outro* mostra ser mais objetivo e, com maior frequência, negativo.

Seguindo a análise, 50% dos entrevistados manifestaram que a sociedade apresenta uma visão positiva ou neutra em relação a essa modalidade de trabalho:

Como outra qualquer (entrevista 8, São Leopoldo).

Gostam, embora não dêem valor. Elogiam bastante o artesanato (entrevista 1, São Leopoldo).

Todo mundo gosta de mim, para conversar, pois tem uns que adoram camelô e outros odeiam (entrevista 6, Sapucaia do Sul).

Normal, tem uns clientes que são chatos, mas é assim em todos os comércios. E tem gente que não compra em camelô (entrevista 7, Sapucaia do Sul)

Entretanto, essa percepção não é partilhada por 34,6% dos entrevistados que manifestaram que a sociedade possui uma visão negativa em relação a esse tipo de trabalho. Nesse caso, a visão da sociedade, em relação a esses trabalhadores, reflete situações de conflito percebidas por meio de atitudes preconceituosas e discriminatórias.

Uma barbada, como fácil mas não é. As vezes fazer nada é muito difícil (entrevista nº 6 – São Leopoldo).

Sempre acham que queremos passar a perna, tirar vantagem (entrevista 9, São Leopoldo).

O cliente enxerga o produto e não o que você faz (entrevista 15, São Leopoldo).

Pessoas muito ignorantes, falam isso e aquilo, não sabendo valorizar este trabalho. Não é porque se trabalha em uma loja ou em banco que se tem mais dignidade que outras (entrevista 4, Sapucaia do Sul).

Serviço fácil, de vagabundo, mas é o que mais dizem e o que mais queriam fazer (entrevista 7, Novo Hamburgo).

Percebe-se que essas manifestações estão acompanhadas de juízos de valor que se apoiam em ideias há muito arraigadas na sociedade brasileira e refletem aspectos socioculturais que foram sendo disseminados ao longo dos tempos e que dizem respeito ao processo de modernização do país. Essa questão será melhor discutidas adiante, por enquanto, basta enfatizar que os juízos de valor também se encontram presentes nas representações dos trabalhadores em relação à sociedade.

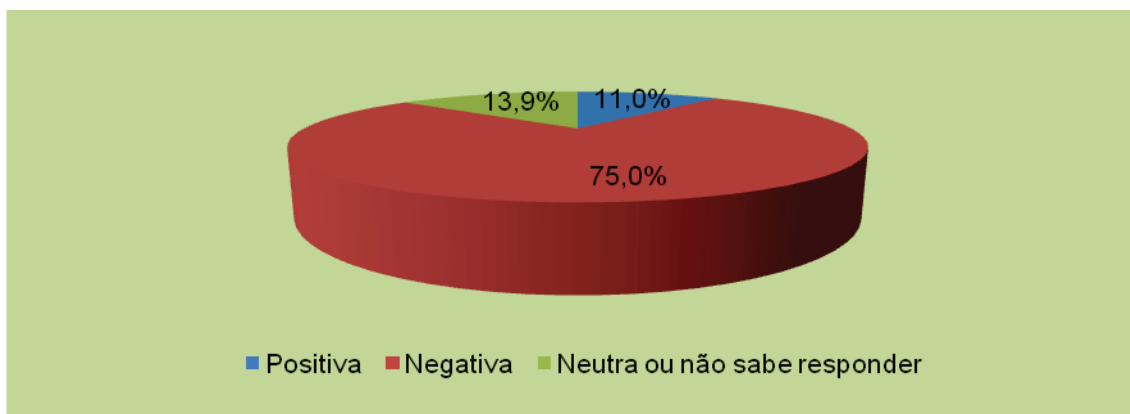


Gráfico 14 – Visão acerca da sociedade

Chamou a atenção o fato de 75% dos entrevistados apresentarem uma visão negativa acerca da sociedade. Essa visão negativa refere-se a constatação de que vivem em uma sociedade que valoriza a competição e a individualidade, apresenta atitudes egoístas e preconceituosas, e seus valores acabam por reforçar o tratamento desigual entre as pessoas.

As pessoas que têm sempre querem ter mais. Por exemplo, só querem vender não se importando com o outro. Cada um por si e o resto que se dane (entrevista 4, Sapucaia do Sul).

Muito competitiva e consumista as pessoas são egoístas, não se importam com os outros, é cada um por si (entrevista 18, São Leopoldo).

Competitiva, não tem igualdade entre as pessoas (entrevista 4, São Leopoldo).

Competitiva. Eu sou, mas sou honesta e não piso em ninguém (entrevista 8, São Leopoldo).

Desumana. Cada um por si, não são unidos querem as coisas de mão beijada. São tantas pessoas enganando as outras que a gente nem sabe em quem confiar (entrevista 17, São Leopoldo).

Sociedade fria, discriminação alguns acham que são mais, por causa da aparência e das diferenças (entrevista1, Novo Hamburgo).

Péssima, tudo é ruim, ninguém colabora com ninguém, uma falta de educação, transporte é ruim, falta de segurança e muito desemprego (entrevista 10, Sapucaia do Sul).

Observa-se que este conjunto de visões negativa e pessimista contrastam com questões anteriores, tais como a maneira positiva com que

eles percebem a atividade. A visão negativa acerca da sociedade completa-se com o diagnóstico que esses trabalhadores fizeram acerca dos problemas que a sociedade apresenta atualmente. Para eles, a falta de emprego e a desigualdade e pobreza corresponde às maiores mazelas sociais. Outras questões como a violência e a saúde pública também foram abordadas. Chama a atenção que a visão dos problemas sociais, bem como algumas questões já referidas, guardam relação com o mundo do trabalho e acesso a um conjunto de direitos associados ao contrato formal de trabalho.

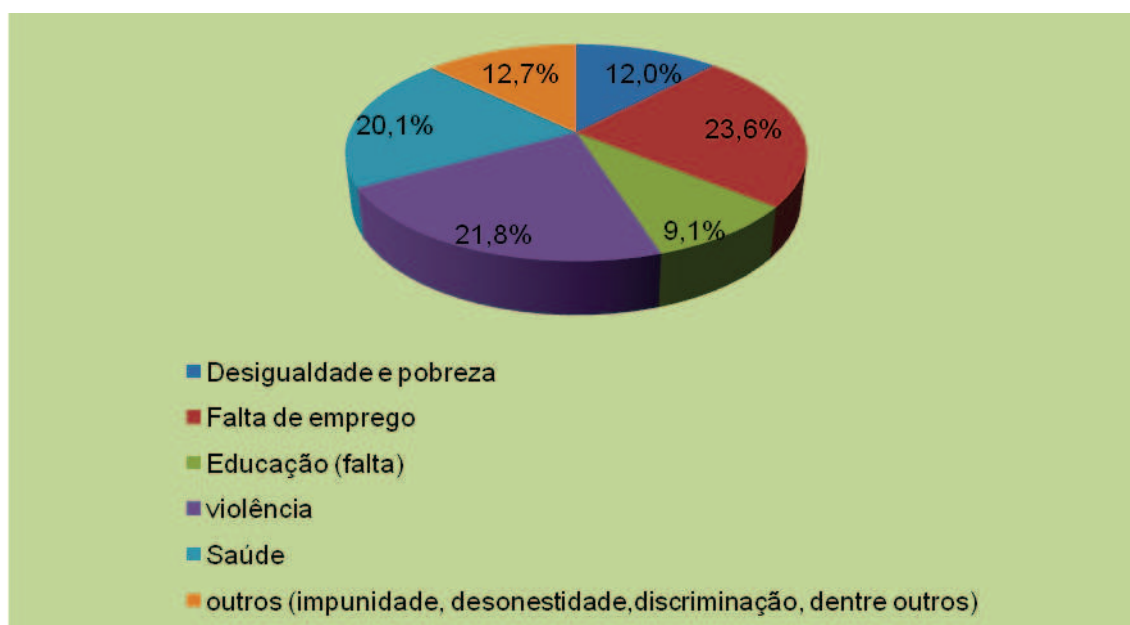


Gráfico 15 – Problemas da sociedade

Quando questionados sobre os fatores que estariam na origem desses problemas, a política e a falta de emprego foram apontados como as principais causas para esse conjunto de problemas. O padrão das respostas apresentadas ratificam o profundo descrédito que esses trabalhadores têm em relação à instituição política e àqueles que dela participam. Tais constatações podem ser evidenciadas em alguns exemplos de respostas obtidas:

Crise, se tivesse bom emprego com salário seria bom mas não temos nada (entrevista 4, São Leopoldo).

Falta renda e trabalho e não sabem o que fazer acabam se drogando e deixando os filhos por aí (entrevista 5, São Leopoldo).

O desemprego, as diferenças sociais, insatisfação do povo, conflitos familiares (entrevista1, São Leopoldo).

As pessoas dão voto para as pessoas erradas. Os políticos prometem mil e uma coisas, e não cumprem nada (entrevista 20, São Leopoldo).

Má administração é em geral. É a área da saúde, a habitação. É muita gente roubando e não ficando nada para os outros (entrevista 21, São Leopoldo)

A má gestão de quem podia resolver este problema (entrevista 7, Novo Hamburgo).

Mudança de governo. O governo municipal não da continuidade nos programas (entrevista 8, Novo Hamburgo).



Gráfico 16 – Causas dos problemas

Conforme a análise descrita, os trabalhadores foram questionados acerca de suas expectativas em relação ao futuro. Neste quesito, alguns se limitaram a apenas comentar que esperavam por melhoras ou não. Por outro lado, um contingente expressivo dos entrevistados, cerca de 28,6%, manifestaram-se otimistas em relação ao futuro. Entretanto, esse otimismo relacionava-se a obtenção de um trabalho formal. Esse conjunto de questões pode ser melhor percebido nas falas de alguns trabalhadores e no gráfico 17:

Arranjar um emprego melhor, faculdade de direito ou curso, aprender coisas novas (entrevista 6, São Leopoldo).

Ir para um lugar melhor, banca maior, rua melhor enfim crescer o negócio (entrevista 7, São Leopoldo).

Bom, ter condições de não depender de saúde pública, ter uma profissão, bom emprego no mercado de trabalho que consiga alcançar objetivos (entrevista 12, São Leopoldo).

Eu me vejo trabalhando em uma empresa, espero eu, numa sociedade melhor (entrevista 18, São Leopoldo).

Tende a piorar porque os problemas de hoje são decorrentes dos problemas do passado (entrevista 7, Novo Hamburgo).

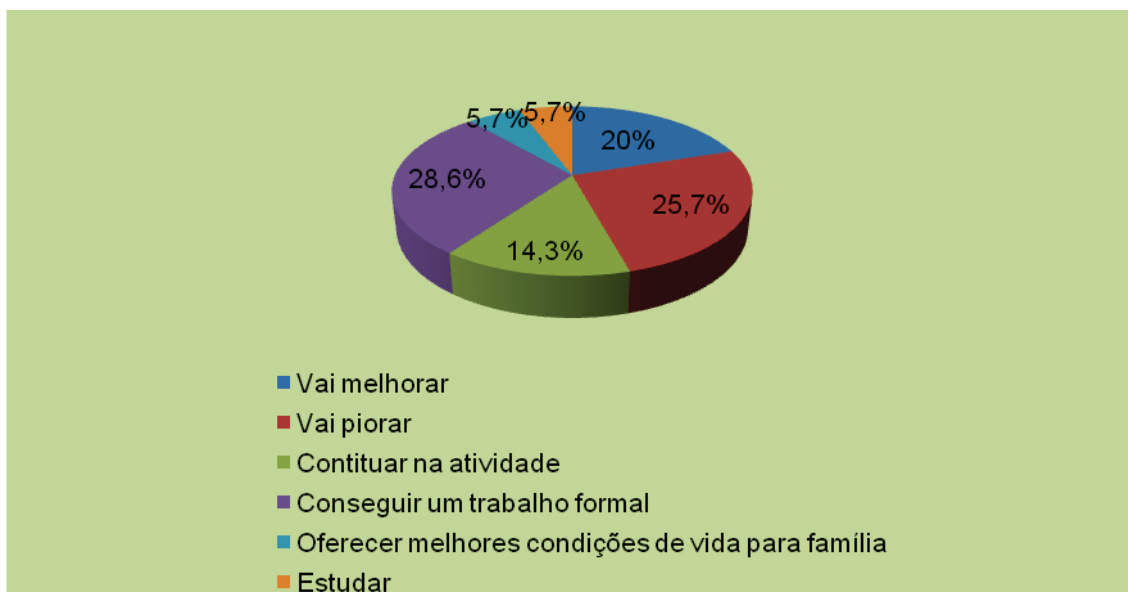


Gráfico 17 – Expectativas em relação ao futuro

O último ponto em destaque refere-se à percepção sobre o fenômeno da pobreza. Quando questionados se a pobreza é um problema que diz respeito ao sujeito ou à sociedade, 55% dos entrevistados entenderam tratar-se de um problema social. Contudo, chamou a atenção a tendência apresentada pelos outros 44,2% em relacionar a pobreza com a falta de atitude do sujeito, ou seja, culpando-o pela situação vivenciada. Condições e limitações herdadas, por exemplo, não explicam para esses entrevistados a permanência em situações de pobreza. A atitude crítica dos entrevistados aproxima-se em muito da visão conservadora vinculada ao conceito de *underclass* analisada por Kowarick (2003). Nela “a marginalização social e econômica passa a ser encarada como fraqueza peculiar a indivíduos ou grupos que, como tais, não possuem a perseverança ou o treinamento moral

para vencer na vida” (p. 63). As respostas são significativas, como se vê a seguir.

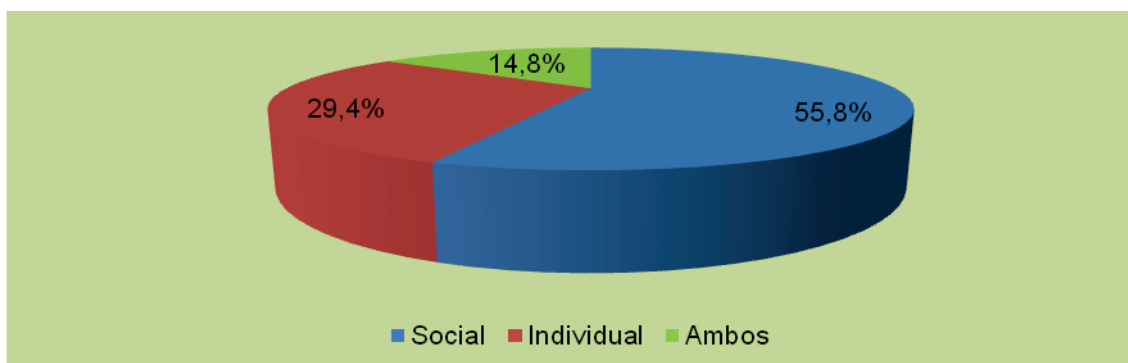


Gráfico 18 – Percepção sobre a pobreza

Individual, pois o pobre sendo trabalhador ele vai à luta (entrevista 5, São Leopoldo).

Social, é de tudo mundo (entrevista 6, São Leopoldo).

Só é pobre quem quer (entrevista 9, São Leopoldo).

Social. Se tivesse mais oportunidade, ninguém seria tão pobre. Então é social (entrevista 1, São Leopoldo).

Social com certeza. Desemprego é antes vem o preconceito, também a educação que depende das pessoas (entrevista 12, São Leopoldo).

Um pouco social e um pouco individuo tem gente que não vai à luta também (entrevista 14, São Leopoldo).

Individual, cada um faz a sua pobreza. Além de não ter dinheiro são pobres de espírito (entrevista 17, São Leopoldo).

Social porque a sociedade não se ajuda. As pessoas têm que pensar mais nós outros e não só nelas. A sociedade é muito cruel. Para conseguir emprego tem que estar bem vestida (entrevista 4, Sapucaia do Sul).

O problema é social e individual. Social porque o governo tem que dar mais oportunidade as pessoas sem experiência. Individual, porque as pessoas não sabem administrar o que tem, por isso, que passam por esse tipo de situação (entrevista 7, Novo Hamburgo).

Até então os esforços foram empreendidos com o intuito de, primeiro, apresentar uma caracterização dos sujeitos pesquisados e, segundo, oferecer uma visão ampla de como esses sujeitos percebem a dinâmica social e como eles se situam nesses contextos. Para tanto, apresentou-se um conjunto de

respostas que diz respeito tanto a sua visão de mundo quanto a seus desejos, seus valores e suas expectativas. Contudo, algumas questões ficaram em aberto e necessitam serem melhor analisadas. Nas próximas páginas, serão exploradas com mais afinco as questões que perpassam o padrão de respostas apresentadas. Nesse sentido, irá incorporar-se ao debate outro conjunto de respostas, que se encontram em conformidade com discursos interpretativos da realidade a muito difundidos no imaginário social.

4.4 As matrizes culturais e a paridade participativa: permanências de um Brasil moderno

Tal como destacado anteriormente, o padrão das respostas fornecidas pelos entrevistados quando manifestaram suas opiniões acerca dos dilemas cotidianos constitui importante elemento a ser analisado. Nesse aspecto, as respostas, em muitos casos, foram acompanhadas de juízos de valor que se originam em ideias que se encontram arraigadas há muito tempo na sociedade brasileira e refletem aspectos socioculturais que foram sendo disseminados ao longo dos tempos, os quais se encontram ligados ao processo de modernização país.

Observou-se que em diversas passagens, as falas dos sujeitos reafirmam e reproduzem a imagem social que é difundida a seu respeito. Essa imagem sustenta-se em um discurso que surge como constitutivo dos sujeitos, tecendo hierarquias e determinando lugares sociais. Abordaram-se em parte esses elementos no segundo capítulo desta tese. Comentou-se, naquele momento, que o final do século XIX e início do século XX se caracterizou por apresentar uma realidade ambígua. De um lado, havia a nação moderna que se queria construir, com uma elite alinhada com os valores e padrões culturais europeus. De outro, em contraste, encontrava-se um contingente expressivo formado, em especial, por aqueles sujeitos que só possuíam a sua força de trabalho para vender e sobreviver e que deveriam compor o povo que iria representar a nação (TELLES, 2001; BASTOS, 1991; IANNI 2004, 2002; PAOLI, 1985, dentre outros).

Esse projeto emergiu sustentado por um poderoso discurso, que acentuava a valorização do trabalho disciplinado como algo dignificante, o modelo de família nuclear, a abnegação aos valores morais, o cumprimento das leis, e outros, como os valores mais adequados ao desenvolvimento da nação. Em contraposição, surgiu um imaginário sobre os trabalhadores populares construído com base em estereótipos que retratam a indolência, a preguiça e a luxúria, dentre outros que se podem destacar⁶⁸.

Neste sentido, é importante recordar “que as ideias e valores constituem um aspecto importante da vida social” (DUMONT, 2000). O diagnóstico da época apontava setores sociais que deveriam ser objeto de atenção do Estado, acentuando a necessidade de que se empreendessem esforços para ajustar esses sujeitos aos padrões morais e de condutas adequados ao bom desenvolvimento do país. O Brasil modernizava-se e necessitava-se de uma classe trabalhadora apta a ocupar seu lugar na ordem social pretendida. Para o que interessa a este trabalho, pode-se dizer que aquele período presenciou a consolidação de um discurso que provinha das elites e do Estado o qual difundia a imagem de uma população imatura, desqualificada, indisciplinada e, em alguns casos, perigosa.

As ideias e valores articulados nesse discurso correspondem, ao que se denominou matrizes culturais. Elas gradativamente enraizaram-se no meio, transformando-se e se reatualizando pela interação em tempo e lugar⁶⁹. Um discurso construído em outra época chega aos dias atuais e se reproduz nas falas dos trabalhadores de rua. Contudo, ele não aparece mais na esfera pública do mesmo modo como o fazia no passado, pois ele se encontra resignificado. Pode-se dizer, a exemplo de Martin-Barbero (2008), que ele representa a passagem de dispositivos de dominação a consenso.

A resignificação, nesse caso, corresponde ao consenso. Os valores que se encontravam articulados ao discurso que legitimava uma ordem social hierarquizada entre superiores e inferiores, aos poucos foram sendo incorporados e reproduzidos por aqueles que eram objeto de atenção desse

⁶⁸ Uma melhor apreensão destas questões no pensamento social brasileiro pode ser encontrada em Ianni (2002).

⁶⁹ Não se desconhece que esses valores se encontram associados a outros tempos e lugares e ou instituições como a religião, por exemplo.

discurso. Um exemplo nesse sentido é ideia de informalidade como espaço de ilegalidade difundida pelos gestores e reproduzida pelos trabalhadores.

Essas concepções, ao adentrarem o universo dos trabalhadores como um discurso que pode ser por eles reproduzido, no que se refere a outros trabalhadores, faz que ele circule na esfera pública como fruto de certo consenso social, ou seja, os trabalhadores populares outrora definidos e estigmatizados por esses juízos de valores atualmente a aderem a eles e deles fazem uso. A repercussão desse fato pode ser observada, de um lado, na naturalização das assimetrias sociais. A desigualdade não é percebida como resultado de um pacto social que demarca lugares específicos na distribuição diferenciada de oportunidades e chances de vida, mas é percebida como reflexo de diferenças naturais entre os sujeitos e ou, do mérito e distinção.

De outro lado, a repercussão relaciona-se com a possibilidade de acesso aos benefícios e direitos sociais. Nesse caso, o debate sobre seu acesso é deslocado do marco institucional, reflexo da condição de cidadão, e reposto no âmbito de um contrato formal de trabalho ou, em outro marco legal: a microempresa. Assim, ganha importância a percepção que os valores culturais possuem quando envolvidos na constituição institucional da esfera econômica, mediados por interpretações do princípio do mérito e que repercute de forma particular na divisão do trabalho e na distribuição de *status*.

Essas questões são de extrema importância, pois repõem hierarquias e interferem na possibilidade de interação em paridade de condições na esfera pública, uma vez que os sujeitos entram em interação ostentando *status* diferenciados. Trata-se de hierarquias que se traduzem em estratificação. Neste sentido, uma sociedade como a brasileira em que a desigualdade reflete a distância existente entre o estrato superior e o inferior, as possibilidades da entrada de atores tão diversos em paridade de condições na esfera pública são pouco promissoras. Portanto é preocupante as conclusões apresentadas em estudo recente realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), em 2011.

Segundo os dados obtidos pela pesquisa, apesar da redução registrada nas taxas de desemprego e o aumento da taxa de ocupação, eles não foram suficientes para diminuir o nível de desigualdade social da população brasileira. Tendo como referência os dados da Pesquisa Mensal de

Emprego (PME) feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os técnicos do Ipea (2011) constataram que a diferença nas taxas de desemprego dos dois grupos, que em 2005, era de 11 vezes, passou a ser de 37 vezes em 2010. Além disso, a desigualdade entre os 10% que ganham mais e os 10% que ganham menos também aumentou, ao passo que o percentual de desempregados entre os trabalhadores mais bem remunerados baixou de 2,1% para apenas 0,9% do total e, entre os mais pobres, o índice subiu de 23,1% para 33,3% (IPEA, 2011).

Com diferenças tão gritantes, é pouco provável que ocorra uma interação em paridade de condições, como requer o modelo desenvolvido por Nancy Fraser (2006; 2008). É fácil perceber os obstáculos que os trabalhadores de rua enfrentam por ocasião da ocorrência de conflitos em que reivindicam melhores condições de trabalho ou mesmo a permanência ou ocupação de determinado espaço ou via pública. Normalmente contrastados com os comerciantes formais (lojas, bares, restaurantes, supermercados, dentre outros), eles não se encontram em uma posição que lhes garanta a independência e a voz do ponto de vista econômico. Ao mesmo tempo, não lhes é concedido, em muitos casos, um reconhecimento que lhes permita entrar como parceiro legitimado em debates públicos, uma vez que seu *status*, muitas vezes, é definido com base na ilegalidade ou na informalidade.

Alguns depoimentos coletados são emblemáticos neste sentido. O primeiro foi coletado com o Secretário de Desenvolvimento Econômico, Tecnologia, Trabalho e Turismo (Sedetur) do município de Novo Hamburgo. Quando questionado acerca da quase inexistência de vendedores ambulantes circulando pela cidade, ele se manifestou nos seguintes termos:

aqui a nossa população, pela cultura da cidade, não aceita esse tipo de pobreza. Aqui é uma cidade onde se investe na produção, no comércio, na geração de serviços, e não podemos permitir que quem investe na cidade, gera empregos, produz riquezas seja prejudicado. A via pública é um espaço para que as pessoas circulem e tenham acesso ao comércio em geral e não deve ser ocupada por esse tipo de atividade. Atuamos forte na fiscalização. Quando encontramos um sujeito comercializando produtos na rua abordamos ele, pedimos seus documentos para incluí-lo em um cadastro e explicamos a ele que esse tipo de atividade não é permitida na cidade, solicitamos que ele se retire e o avisamos que caso ele retorne a cidade para comercializar produtos nesta condição, todas as mercadorias e objetos relacionados serão apreendidos.

O outro exemplo provém do município de São Leopoldo e ocorreu quando ainda da preparação para a realização das primeiras entrevistas e diz respeito à instalação do Shopping Bourbon. Por ocasião da aquisição do Shopping São Leopoldo pela Cia. Zaffari, detentora da marca e rede Bourbon, ela apresentou um projeto de ampliação da área e solicitou que a gestão municipal removesse os camelôs que se encontravam nas ruas que contornam o *shopping*. Diante desta solicitação e do constante conflito com os lojistas da região, o governo municipal optou por remover os camelôs, concentrando-os em outra área. A decisão só acirrou o conflito de interesses em questão. A contenda encontrou guarida na mídia, que, com alguma frequência, procurou os camelôs para coletar depoimentos. Essa situação acabou tendo consequências para realização das entrevistas com esses sujeitos.

Naquele momento, a grande maioria dos camelôs comprometeu-se em conceder as entrevistas. Contudo, solicitaram que elas fossem realizadas quando eles se instalassem no camelódromo. Alegavam que muitas de suas declarações foram distorcidas pela mídia, e, por isso, se mostravam inseguros em relação ao fato de se manifestarem e sofrerem retaliações do governo municipal. Cabe recordar que no momento da criação do camelódromo em São Leopoldo, ficou definido pelo poder público que a atividade de comercialização de produtos dos camelôs só poderia ocorrer naquela área e quem ficasse de fora do camelódromo deveria abandonar a atividade ou realizá-la em outro município. Essa situação prejudicou a realização de entrevistas e não pôde ser contornada de imediato e elas só se realizaram no final do ano de 2008.

Na mesma perspectiva, o caso do casal de cegos que trabalham em uma banca próxima a porta de entrada da Ferragem Feldmann complementa a questão. Esse casal trabalho no local há mais de dez anos, e sua permanência só foi possível pela intervenção da referida loja que permitiu a continuidade da atividade no local. A constante negativa do casal em participar da entrevista ocorreu pelos mesmos motivos dos camelôs, ou seja, a preocupação em relação a uma possível repercussão negativa em relação à entrevista⁷⁰. Em todas as situações apresentadas encontram-se presentes elementos que impedem a independência e a voz dos trabalhadores como interlocutores

⁷⁰ A participação desse casal só foi possível pela intervenção pessoal do pesquisador que os conhecia.

reconhecidos em igualdade de condições na esfera pública. Nesses casos, seja pela condição de precariedade econômica ou pelo não reconhecimento dos sujeitos como trabalhadores com direitos, o diálogo em paridade participativa não se concretizou.

4.5 Trabalho: bem de acesso e categoria interpretativa da realidade

Encaminhando-se para parte final desta análise, serão examinados aspectos que surgiram de respostas sobre questões como vencer na vida, o que é uma boa vida e dignidade, mas que se encontram presentes, em grande medida, nas questões e respostas analisadas até o momento. A primeira questão refere-se à constatação de que as respostas obtidas a abordagem dos problemas sociais, os desejos desses trabalhadores, a visão que eles possuem da sociedade, dentre outras, invariavelmente encontravam-se mediadas pelo trabalho como categoria interpretativa da realidade.

Trata-se de um fato significativo, pois permite retomar elementos discutidos no segundo capítulo desta tese e que dizem respeito ao trabalho como bem. Comentou-se então que os bens cumprem funções sociais, dentre elas, a de oferecer um conjunto de informações aos parceiros de interação, uma vez que os bens são investidos de valores socialmente utilizados para mudar realidades e criar permanências. Nessa perspectiva, destacou-se que as pessoas utilizam-se dos bens para interpretar o que se passa à sua volta. Eis o ponto a que se pretendia chegar.

Observou-se nas respostas dos entrevistados que as suas interpretações, ou visão de mundo, são profundamente perpassadas pelos processos vivenciados em suas interações cotidianas com base ao mundo do trabalho. Situações de conflitos, conquistas pessoais, sentimentos de injustiça e outros, associados a ocorrências em suas trajetórias laborais são mobilizadas para exprimir julgamentos e emitir opiniões acerca da sociedade em que se vive, do mesmo modo que servem para balizar expectativas e estratégias em relação ao futuro.

Nesse momento, é conveniente introduzir o segundo aspecto a ser destacado porque ele é complementar às expectativas e estratégias. Trata-se do trabalho como bem de acesso. Para além da subsistência, o trabalho é, para os entrevistados, o principal meio para obter segurança social (CASTEL, 2005), seja pelo acesso a direitos e benefícios sociais, obtidos por meio do contrato formal de trabalho ou da legalização da atividade, seja, pela segurança contra os infortúnios possibilitados pela propriedade de bens como casa própria, carro e outros.

Nesse sentido, não deve causar surpresa o fato de mesmo apresentando uma visão positiva acerca das suas atividades como um trabalho digno, honrado, que possibilita satisfação e realização, esses trabalhadores apresentem no seu horizonte de expectativas o desejo de ocuparem um posto de trabalho formal. Essas observações complementam-se com as perspectivas apresentadas a seguir. As respostas acerca do que significa vencer na vida são indicadas no gráfico 19.

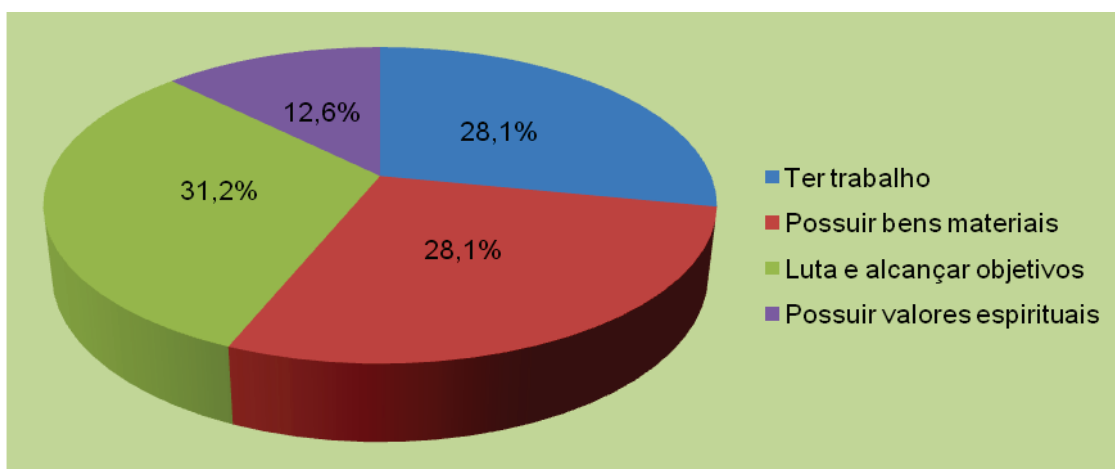


Gráfico 19 – O que significa vencer na vida

Uma síntese das respostas permite afirmar que, vencer na vida, para os trabalhadores de rua, encontra-se relacionado com a atitude individual de traçar objetivos e se empenhar em realizá-los. Esses objetivos envolve a posse de bens materiais que lhes garantam uma vida melhor, mas também que lhes sirvam de motes de proteção social. As maneiras de vencer na vida relacionam-se às condições oferecidas pelo trabalho. Essas questões são

reafirmadas quando os entrevistados se manifestam sobre quando uma pessoa pode dizer que possui uma vida boa. Apresenta-se algumas respostas:

Ter casa própria, ter salário e sobrar um pouco depois para pagar as contas (entrevista 4, São Leopoldo).

Quando tem tudo o que quer. Ter sua casa, seu emprego, se dar bem com a família. Não precisa ter muito luxo, ser feliz, se realizar profissionalmente (entrevista 6, São Leopoldo).

Quando tem um bom emprego, ou seja, uma renda razoável que pudesse ter um futuro melhor, uma vida estável (entrevista 12, São Leopoldo).

Tem um bom emprego, bem remunerado, poder fazer rancho, ter convenio (de saúde), uma boa assistência (entrevista 14, São Leopoldo).

Um bom emprego, um salário bom, pode tirar umas férias, se não tem um carro vai de ônibus até de avião, hoje dá pra parcelar em várias vezes (entrevista 19, São Leopoldo).

Em síntese, pode-se dizer que, no contexto dos entrevistados, o trabalho é necessário não só para garantir meios para subsistência, mas em igual medida, para que eles possam realizar interpretações acerca da realidade social em que se encontram inseridos. O trabalho permite-lhes situar-se no mundo, possibilitando, com suas interpretações, formularem projetos coletivos e individuais em um determinado campo de possibilidades⁷¹.

Nesse caso, observa-se que a disposição desses trabalhadores em modificar certas situações consideradas desfavoráveis depende da forma como encaram as oportunidades, avaliam os riscos e as limitações que se lhes apresentam. Um exemplo dessas questões pode ser observada nos antagonismos de duas respostas de entrevistados em relação à mudança e às dificuldades da atividade:

Não, tinha vontade de fazer cachorro quente, mas tenho medo de mudar e não dar certo (entrevista 6, Sapucaia do Sul).

⁷¹ Tanto a noção de campo de possibilidades, quanto de projeto têm sido desenvolvidas por Gilberto Velho (1994). Por campo de possibilidades, o autor entende o que é dado aos sujeitos, às alternativas construídas no processo sócio-histórico e o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura. Em outras palavras, podemos dizer que se trata de um espaço de formulação e implementação de projetos individuais e coletivos. Conforme tal entendimento o projeto lida com a performance individual ou coletiva, com as explorações, os desempenhos e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade. Para um maior detalhamento das possibilidades analíticas dessas propostas, ver Pizzio (2008).

O mercado está em expansão, o mundo digitalizado. A tendência é os olhos ficarem cada vez mais fracos e com isso as pessoas precisam de mais óculos, cada vez mais, vai melhorando, aumentando as pessoas que me procuram (entrevista 7, São Leopoldo).

Pode-se afirmar, então, que a capacidade de ação desses trabalhadores depende da amplitude de informações obtidas e das oportunidades estruturais que se lhes apresentam. Em outras palavras, é por meio do vivenciar o trabalho de rua, que esses sujeitos interpretam a realidade social e fazem projeções sobre suas perspectivas futuras, enquanto expectativas de superação de adversidades.

Os dados aqui apresentados reafirmam a ideia de que estamos vivendo uma realidade na qual os processos de inclusão e exclusão sociais definem espaços a serem ocupados pelos indivíduos, assim como as condições de ocupação. Entretanto essas imposições encontram-se travestidas pelas atribuições de natural, como determinadas por leis da natureza ocultando assim, o compromisso com o humano não considerando esse contexto da realidade, ou seja, a extrema desigualdade que domina a estrutura social, a degradação das condições de trabalho, a fragilidades dos suportes de sociabilidade entre outros, resultantes dos modos de produção e reprodução social, conduzindo uma parcela significativa da população a experimentar formas marginalizadas de inserção.

A compreensão desses elementos permite situar esses trabalhadores como sujeitos de sua história e não como mero objetos da história ou do mercado. Muitas questões foram destacadas na exposição dos dados de pesquisa, e o objetivo foi propiciar uma visão ampla do universo do trabalho de rua no Vale do Rio dos Sinos. Algumas questões, em virtude de sua relevância retornarão adiante quando das considerações finais

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese é fruto de uma pesquisa que pode ser caracterizada como de sociologia urbana e seu objetivo principal foi refletir sobre a justiça social, fundamentalmente no que se refere ao tratamento institucional dispensado a grupos e sujeitos quando da partilha de recompensas e ônus sociais. Nessa perspectiva, o ponto de partida para as discussões realizadas foi a constatação da existência, na sociedade brasileira, de hierarquias valorativas que ao classificar sujeitos e grupos, legitima uma distribuição desigual das possibilidades de vida.

Nesse contexto, faz-se necessário ampliar o debate para além das tradicionais reivindicações por redistribuição, passando a incorporar as demandas por reconhecimento. Neste sentido, recorreu-se ao princípio normativo de *paridade participativa*, formulado por Nancy Fraser (2006; 2008), por se entender ser um princípio capaz de dissolver as hierarquias e estabelecer situações em que os sujeitos e grupos possam interagir em condições de igualdade. Em suma, trata-se de um princípio que pode neutralizar as consequências das desigualdades sociais, conduzindo ao patamar de justiça social desejável. Contudo, mesmo com o aceno alvissareiro da história recente, expresso por meio dos avanços democráticos vivenciados no país, percebeu-se a existência de discursos que representam entraves quando se pensa na institucionalização de tal princípio. Assim, uma outra questão agregou-se ao estudo e passou a norteá-lo.

Trata-se da hipótese teórica de que matrizes culturais atuam no estabelecimento das hierarquias valorativas impedindo a paridade participativa e, ao contrário, atuando de forma a manter e reproduzir a desigualdade social. São ideias, ideais e imagens que encontravam-se presentes nos discursos do final do século XIX e início do século XX relacionados as condições de modernização do país. Então, é plausível dizer que, em relação às questões observadas, as matrizes culturais entram em cena como permanência de uma concepção de modernização há muito desejada, que alimenta juízos de valores acerca de sujeitos e situações, não possibilitando a equalização das desigualdades sociais mediante a paridade participativa.

O desenvolvimento teórico, combinado com os dados empíricos coletados, mostra que são bastante complexas as questões que envolvem o debate relativo à justiça social. Nele estão presentes atores e instituições diversas que tecem uma intrincada teia de relações sociais estabelecidas por meio de interesses diversos – em muitos casos, contraditórios. Matrizes culturais e bens atuam mediando a construção social de uma representação que orienta o sentido de uma vida que vale a pena ser vivida, por ser digna e justa. Sua concretização, para a grande maioria dos entrevistados, encontra-se nas possibilidades de reconhecimento da condição de cidadãos, por meio do trabalho.

Diante da constatação de que os bens possuem significados compartilhados, pode-se dizer que se obtém, por meio do trabalho de rua, um *status* desvalorizado, inferior. Dessa forma, o trabalho como bem de acesso lida com formas de dominação, expressa valores, constitui microambientes e se desdobra em uma relação dialética que repercute no *status* adquirido e atribuído a quem dele participa. Quando mediado pelos ditames do mercado, o trabalho legitima tanto as hierarquias ocupacionais quanto a estratificação dos sujeitos em ocupações consideradas mais importantes ou melhores e aquelas percebidas como de menor monta. Sua distribuição entre os sujeitos em geral é considerada justa, por parecer estabelecida pelo mérito pessoal. Nessa perspectiva, ele pode tanto constituir-se em um bem fundamental para a obtenção de um patamar de justiça social aceitável pelos sujeitos, como pode transmutar-se em um bem negativo, como o trabalho árduo, descrito por Walzer (2003).

Essa possibilidade permite que se façam alguns comentários em relação ao desejo manifestado por muitos entrevistados – o de possuírem um trabalho legalizado ou um emprego formal. Esse objetivo encontra-se relacionado, em menor medida, com o *status* superior atribuído a essas formas, e, em maior grau, com as demandas por eles apresentadas, no enfrentamento das vicissitudes da vida. Assim, são as proteções sociais construídas sob a égide do trabalho em uma sociedade baseada na relação salarial, que falam mais alto, pois o acesso à cidadania social, no Brasil, ocorre prioritariamente com a consolidação do contrato formal de trabalho.

Pode-se acrescentar que os trabalhadores pesquisados, na corrida pelo emprego, desejam a suposta segurança do trabalho formal (da qual estão estruturalmente excluídos), mas, objetivamente, incluem-se no mundo do trabalho informal – objeto de insegurança no que diz respeito à aquisição de condições básicas de sobrevivência, em razão das más condições de atuação e da discriminação que sofrem.

Essas questões tornam-se mais evidentes diante das expectativas dos trabalhadores em relação ao futuro. Elas se resumem no desejo de obtenção de melhores condições de vida e trabalho para eles próprios e seus familiares. Esses horizontes de expectativas representam o ideal de felicidade a ser alcançado. É no horizonte desses sonhos, desses desejos, que se decifra a importância da inserção social pelo trabalho na vida cotidiana desses sujeitos. Nessa perspectiva, os trabalhadores informais de rua estão sendo penalizados duplamente: por estarem excluídos da condição de uma atuação com garantias conquistadas pelos trabalhadores no passado e pela sua inclusão em formas de trabalho discriminadas e percebidas como destinadas a fracassados.

Pensando em termos de coletividades ambivalentes, constata-se que os trabalhadores informais de rua configuram-se como tais. Suas demandas referem-se, de um lado, a reivindicações de redistribuição, o que pode ser observado com base nas denúncias que explicitam a insuficiência de investimentos, a falta de capital de giro, dentre outros, e que se referem a possibilidades de melhores ganhos e também de acesso a mercados mais rentáveis. De outro lado, suas demandas vinculam-se a reivindicações por reconhecimento. Em relação a essa demanda, em geral, ela se manifesta no pleito pelo reconhecimento da condição de trabalhador.

Neste sentido, a falta de uma condição econômica que lhes permita enfrentar situações conflitivas ou mesmo sustentar um discurso em benefício próprio mostrou-se ser uma importante limitação, assim como o não reconhecimento da condição de trabalhador ou o *status* negativo da atividade surge como condição de desqualificação desses sujeitos. Portanto, suas reivindicações, em muitos momentos, adentram a esfera pública deslegitimadas, por serem oriundas de sujeitos definidos com referência a situações de informalidade ou de ilegalidade.

Nessas situações, a informalidade, percebida como condição social, é construída sobre a representação de um espaço que se mistura com a ilegalidade. O discurso constituído com referência à dicotomia informal/ilegal acaba por confundir o trabalhador que se encontra fora do contrato regular de trabalho com aquelas atividades que, embora rentáveis, ferem os princípios do elo social, como a criminalidade, por exemplo (KUYUJIAN *et al.*, 2001).

Em relação a todas essas questões, alguns comentários ainda necessitam ser agregados. Eles dizem respeito aos gestores públicos que se constituem em importantes atores no processo de atendimento a demandas e conflitos decorrentes do trabalho informal de rua. Assim, pode-se afirmar que, no cômputo geral, as ações propostas pelos gestores e destinadas a esse conjunto de trabalhadores referem-se à implantação de políticas orientadas pelo governo federal. No entanto, não se observou nos municípios pesquisados políticas concebidas no âmbito local, a não serem aquelas destinadas a coibir a ocorrência das atividades informais em determinadas áreas, as chamadas ações de fiscalização.

Quando consideradas as reivindicações de coletividades ambivalentes, percebe-se que as ações que pretendem o equacionamento de ambas as reivindicações, em grande medida, são concebidas e geridas separadamente. O diálogo entre os diversos órgãos responsáveis por implementar as ações não garante a necessária transversalidade do processo. Via de regra, verifica-se que políticas de gênero e raça ficam a cargo de secretarias especializadas, do mesmo modo que as secretarias de desenvolvimento são responsáveis pela implementação produtiva, e assim por diante. As poucas ações desenvolvidas em conjunto limitam-se à concessão de créditos ou capacitações específicas. Embora se entenda que essas ações devam andar *pari passu*, a execução conjunta parece mais uma estratégia discursiva do que uma prática efetiva.

Em virtude das complexidades que envolvem o trabalho informal de rua, cabe um comentário adicional acerca das ações empreendidas para limitar a ocorrência das atividades a pontos específicos do espaço público. Neste sentido, a política de administração do espaço urbano revela-se útil para os gestores locais permitindo, de um lado, um maior controle e fiscalização das atividades e dos sujeitos, e, de outro, constitui importante estratégia para silenciar grande parte das demandas e dos conflitos resultantes da ocupação

das ruas da cidade. Ao mesmo tempo, tem correspondido ao conjunto de interesses do empresariado local, garantindo a retirada dessas atividades de áreas consideradas nobres, sem que se discuta a privatização do espaço público, costumeiramente operada por eles. É nessa perspectiva que se pode falar do espaço público como lócus de materialização de desigualdades sociais no tocante ao acesso a recursos básicos com diferentes locais de divisão de atividades.

Encaminhando a parte final destas considerações, as possibilidades de obtenção de um patamar de justiça social, segundo a compreensão das expectativas dos trabalhadores informais de rua, permite um maior entendimento acerca de como os sentimentos de valor, força e dignidade pessoal desses sujeitos ou grupos podem ser acionados na tentativa de sobrepujar situações desfavoráveis, como as suas vivências no dia a dia. O trabalho informal de rua, com suas permanências e temporalidades, engendram situações marcadas pela segregação, pela incerteza e pela insegurança. Nesse contexto, a disposição dos sujeitos para melhorar sua condição depende de como encaram as oportunidades, os riscos e as limitações que se lhes apresentam.

É importante declarar que os dilemas e as questões que envolvem a obtenção de patamares de justiça social não se esgotam nos limites desta tese. Nada passou mais longe dos objetivos do seu autor do que tal compreensão. A multidimensionalidade dos aspectos que envolvem as situações de justiça social a tornam por demais complexas. Nessa perspectiva, a opção teórica metodológica adotada nesta tese teve por finalidade permitir uma análise que, em primeiro lugar, trouxesse ao centro do debate a questão do reconhecimento seja ele entendido como *status* (concepção de Fraser) seja ele compreendido como autoestima (concepção de Honneth).

Neste sentido, fica evidente a complementaridade de ambas as teorias quando aplicadas a estudos que retratem a realidade brasileira. Os dados empíricos demonstram a interdependência dessas concepções. Na prática, tanto a autoestima quanto o *status* encontram-se presentes e atuantes no cotidiano desses sujeitos. Não se trata, então, de realizar um debate sobre qual abordagem é mais eficiente, mas de perceber que a opção por uma ou outra decorre do objeto de estudo e do que se pretende conhecer.

Partindo da máxima de que todo trabalho de campo depende da teoria, ao mesmo tempo em que a alimenta, entende-se que a abordagem teórica conceitual realizada nesta tese atendeu aos objetivos propostos. Há várias maneiras de compreender a realidade social, todas, entretanto, são dependentes dos aportes teóricos metodológicos empregados. Pode-se afirmar, nessa perspectiva, que os conceitos utilizados neste estudo são muito mais que termos que nomeiam um objeto de conhecimento. Eles são unidades, elementos do pensamento que funcionam como instrumentos a serem utilizados em pesquisas, com os quais se busca conhecer e interpretar a realidade e os fenômenos nela presentes.

Nesse sentido, vale destacar que o debate sobre a justiça social no Brasil encontra-se em aberto. Para além das possíveis abordagens e esferas que se possa analisar e focar, o que se observa é que, para uma parcela significativa da população, as promessas da modernidade expressas no ideal de cidadania e na ideia de paridade participativa não se efetivam em sua totalidade. No caso específico dos trabalhadores informais de rua, essas questões encontram-se permeadas pela ideia de informalidade. Em outras palavras, obter uma inserção como cidadão em que os direitos sociais se concretizem de fato, significa deixar para trás a condição de informalidade. Embora, por motivos diferentes, a superação da informalidade representa um ponto de convergência entre os trabalhadores e os gestores municipais, fato esse que tem repercutido num esforço em prol da formalização das atividades informais de rua com base em uma concepção de trabalhador empreendedor.

Na prática, entretanto, esse esforço tem sido inócuo, uma vez que a resignificação das situações de trabalho (informal para legalizado) tem representado, para a maioria desses trabalhadores, a institucionalização da precariedade das relações sociais de produção e da proteção social. Sugere-se aqui que esse cenário associado ao caráter difuso dos conflitos representam, nesse momento, grandes entraves no processo de articulação e organização desses trabalhadores em torno de demandas coletivas.

Por fim, conclui-se ser o trabalho um bem fundamental na busca da superação das desigualdades sociais e na consolidação da justiça social. O trabalho, mais do que um bem de acesso, representa o meio pelo qual as pessoas se situam no mundo. Como mencionado anteriormente, o trabalho

oferece uma base racional para interpretação da realidade vivida e dos diversos arranjos presentes no *modus vivendi*. É por meio dele que as pessoas interpretam o que se passa a sua volta, elabora projetos e realiza a sua inserção social.

Assim, a divulgação dos resultados desta tese tem a intenção de estimular o debate acerca das condicionantes e da efetividade das ações empreendidas pelos e para os trabalhadores que buscam nas atividades informais de rua os meios para obter sua inserção social de maneira digna e justa. Cabe destacar que o trabalho ora apresentado remete a outros encaminhamentos investigativos. Considera-se que o debate por oportunidades de vida iguais por meio de negociação e discursos na esfera pública não se esgotou. O discurso é um procedimento em que conflitos de valores podem ser resolvidos consensualmente e devem resultar em normas e procedimentos aceitos por todos os envolvidos. Diante de tal cenário, a compreensão da influência da cultura nos processos de exclusão e inclusão social e na manutenção e superação das desigualdades sociais devem compor uma agenda de pesquisas futuras.

A realização de uma pesquisa implica em escolher entre fazer parte de um agrupamento de interesses privados (corporativismo acadêmico, empresarial, dentre outros) no qual o conhecimento só serve para gerar benefícios para um pequeno grupo, ou ser parte da coletividade social e, com ela, efetivamente contribuir para que o conhecimento não fique aprisionado, retido, mas retorne às comunidades que também o produziram. É necessário fazer opções metodológicas, teóricas, éticas, estéticas e políticas, e este pesquisador fez as suas.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Sérgio. A gestão filantrópica da pobreza. *São Paulo em Perspectiva*, Vol. 4, Nº 2, abri-jun, 1990.

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. 6ª ed. 8ª reimpressão. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008. (coleção primeiros passos).

ANTUNES, Ricardo. **Adeus trabalho**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez; Unicamp, 1995.

_____ **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

ARISTÓTELES. **Ética a nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

AVRITZER, Leonardo. Do reconhecimento do self a uma política institucional de reconhecimento: uma abordagem da polêmica entre Axel Honneth e Nancy Fraser In: 31º Encontro Anual da ANPOCS, 2007, Caxambu. ANPOCS, 2007.

BASTOS, Elide Rugai. A questão social e a sociologia paulista. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, nº 5 (1), p. 31-39, jan/mar, 1991.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. Em: BAUER, Martin, W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 3º ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p.189-217.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BÓGUS, Lúcia Maria Machado; PASTERNAK, Suzana. (Orgs). **Como anda São Paulo**. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **The logic of praxis**. Stanford: Stanford University Press, 1990.

BRANDÃO, Silvia Regina Rocha. A Vocação Humana: uma abordagem antropológica e filosófica. São Paulo. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/vidlib7/sb.htm>>. Acesso em: 13 nov. 2010.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: Promulgada em 5 de outubro de 1988. 4ª ed. São Paulo, Saraiva, 1990.

CAILLÉ, Alain. Reconhecimento e sociologia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, Vol. 23 nº. 66, p. 151-210, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v23n66/10.pdf>>. Acesso em 16 mar. 2010.

CASTEL, Robert. A insegurança social: o que é ser protegido. Petrópolis: Vozes, 2005.

CAMPBELL, Tom D. Justiça. Em: OUTTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do séc. XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1996. p. 406-407.

CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

COLOGNESE, Silvio Antônio; MÉLO, José Luiz Bica. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, V. 9, nº 9, 143-159, 1998.

CORTES, Soraya. Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 11-47, 1999.

COSTA, Lucia Cortes. Marx e a barbárie capitalista. material foi elaborado inicialmente para uma palestra, realizada na Universidade Estadual de Maringá/Pr, em outubro de 1999. Disponível em: <<http://www.uepg.br/nupes/marx.htm>>. Acesso em 23 nov. 2010.

DAGNINO, Evelina. **Sociedade civil e espaços públicos no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

DAHRENDORF, Ralf. **O conflito social moderno: um ensaio sobre a política da liberdade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; São Paulo: Edusp, 1992.

DEMO, Pedro. **Pobreza da pobreza**. Petrópolis: Vozes, 2003.

DOUGLAS, Mary. O mundo dos bens, vinte anos depois. Porto Alegre, Horizontes Antropológicos, Ano 13, nº. 28, 2007. p. 17-32.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos Bens: para uma antropologia do consumo**. 1ª ed. 2ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

DUBET, François. **Desigualdades multiplicadas**. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

DUMONT, Louis. O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

_____ **Homo aequalis**: gênese e plenitude da ideologia moderna. Bauru, SP: Edusc, 2000.

_____ **Homo hierarchius**: o sistema de castas e suas implicações. 2ª ed. 1ª reimpressão – São Paulo: Edusp, 2008.

EYSENCK, Hans Eugen. **A desigualdade do homem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1976.

ESTENSSORO, Luis. **Capitalismo, desigualdade e pobreza na América Latina**. 2003. 286 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2003.

FAUSTO, Boris. **Trabalho urbano e conflito sociais**. São Paulo: Difel, 1977.

FELDMAN-BIANCO, Bela (Org). **Antropologia das sociedades contemporâneas**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

FORTS, Rainer. **Contextos de Justiça**: filosofia política para além de liberalismo e comunitarismo. São Paulo: Boitempo, 2010.

FRASER, Nancy. **Escalas de Justicia**. Barcelona: Heder, 2008.

_____ Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça na era pós-socialista. Em: SOUZA, Jessé (Org). **Democracia hoje**: Novos desafios para a teoria democrática contemporânea. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. p. 245-282.

FRASER, Nancy. La justicia social en la era de la política de la identidad: redistribución, reconocimiento y participación. Em: FRASER, Nancy; HONNETH, Axel. **¿Redistribución o reconocimiento?** Madri: Ediciones Morata, 2006. p. 17-88.

FRASER, Nancy. A justiça social na globalização: Redistribuição, reconhecimento e participação. Coimbra: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 2002. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/063/063.php>>. Acesso em: 25 out. 2006.

FRIEDMANN, Georges. O objetivo da sociologia do trabalho. Em: FRIEDMANN, Georges; NAVILLE, Pierre. **Tratado de sociologia do trabalho**. São Paulo: Cultrix, 1973. p.19-44.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GODELIER, Maurice. Hierarquias nas sociedades primitivas e antropologia econômica. Em: AGUIAR, Neuma (Org.). **Hierarquias em classe**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. A sociologia dos mercados de trabalho, ontem e hoje. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, nº 85, p. 151-170, Nov,2009. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/nec/n85/n85a07.pdf>>. Acesso em 19 nov. 2010.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigação quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1984.

HELLER, Agnes. **Além da justiça**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

HELLER, Agnes; FEHÉR, Ferenc. **A condição política pós-moderna**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática dos conflitos morais. São Paulo: Editora 34, 2003.

HONNETH, Axel. Redistribución como reconocimiento: respuesta a Nancy Fraser. Em: FRASER, Nancy; HONNETH, Axel. **¿Redistribución o reconocimiento?** Madri: Ediciones Morata, 2006. p. 89-148.

_____ Trabalho e reconhecimento: tentativa de reconciliação. **Civitas**, Porto Alegre, V.8, nº 1, p. 46-67, Jan/abr, 2008.

HOUJIAISS. Dicionário eletrônico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

IANNI, Otávio. A questão social. Em: _____ Pensamento social no Brasil. Bauru-SP: EDUSC, 2004. p.103-122.

_____ Tipos e mito do pensamento brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, Vol. 17 nº 49, p. 5-10, jun, 2002.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. Políticas sociais: acompanhamento e análise- constituição vinte anos depois. Brasília: IPEA, 2009.

_____ Brasil chega a PIB per capita de US\$ 10 mil em 2010. E agora? Disponível em: <http://agencia.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2036> . Acesso em 13 de nov. 2010.

ITIKAWA, Luciana. Vulnerabilidades do trabalho informal de rua: violência, corrupção e clientelismo. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, V. 20, nº 1, p. 136-147, jan/mar, 2006.

JAEGGI, Rael. Repensando a ideologia. **Civitas**, Porto Alegre, V.8, nº 1, Jan – abr, p.137-165, 2008.

KLEY, Roland. Verbete Justiça. Em: **Dicionário de ética econômica**. Editado por Georges Enderle. São Leopoldo, Editora unisinos, 1997.

KOWARICK, Lúcio. **Trabalho e vadiagem**: a origem do trabalho livre no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____ Sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil: Estados Unidos, França e Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol 18, nº 51, fev, p. 61-85, 2003.

KRISCHKE, Paulo. Governo Lula: políticas de reconhecimento e de redistribuição. Florianópolis: **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar**, PPGICH-UFSC, 2003. Disponível em: <<http://www.pos.ufsc.br/arquivos/41010037/TextoCaderno47.pdf>>. Acesso em 14 jan. 2007.

_____ Democratização cultural e políticas de reconhecimento: notas sobre a trajetória do partido dos trabalhadores (PT). **Interthesis**, PPGICH-UFSC. Disponível em: <<http://www.interthesis.cfh.ufsc.br/interthesis3/artigo2.pdf>>. Acesso: em 07 nov. 2006.

KUYUMJIAN, Márcia M.; MELLO, Maria T. F. N.; SANTOS, Carolina C. B. Vivências cotidianas do trabalho informal em Brasília. **Ser Social**, Brasília, nº 9, p. 187-216, 2001.

KYMLICKA, Will. **Filosofia política contemporânea**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LAVALLE, Adrian Gurza. Cidadania, igualdade e diferença. **Lua Nova**, São Paulo, nº 59, p.75-93, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n59/a04n59.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2006.

LOPES, José Rogério. Processos sociais de exclusão e políticas públicas de enfrentamento da pobreza. **Cadernos CRH**, Salvador, V. 21, n. 53, p. 349-363, Maio/ago, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v21n53/a11v21n53.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

_____ **Políticas sociais e o enfrentamento do reordenamento institucional e público em regiões de desenvolvimento da sociedade brasileira**. São Paulo: Universidade de Taubaté, 2001. Relatório de Pesquisa.

MAMÃO, Gustavo; SANTOS, Euler. Onde está a inovação no Brasil? 2004. Disponível em: <http://www.institutoinovacao.com.br/downloads/artigo_200407_onde_esta_inovacao.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2010.

MARSHALL, T. H. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios as mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

MARTINS, José de Souza. **A exclusão e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.

MATOS, Patrícia. O reconhecimento, entre a justiça e a identidade. **Lua Nova**, São Paulo, nº 63. p. 143-161, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n63/a06n63.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2005.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MAZZARINO, Jane. A cidadania na tecelagem das interações comunicacionais-midiáticas do movimento sócioambiental: um estudo de caso do Centro de Educação Ambiental da Vila Pinto em Porto Alegre. São Leopoldo, RS. Tese de Doutorado. PPG em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 2005

_____ As matrizes culturais nas interações comunicacionais de uma organização de separadores de resíduos sólidos. **UNirevista**, Vol.1, Nº 3, p. 1-

11, Jul, 2006. Disponível em: <
http://www.alaic.net/ponencias/UNlrev_Mazzarino.pdf> Acesso em: 03/06/2007.

MENZ, Maximiliano M. Os escravos da feitoria do linho cânhamo: trabalho, conflito e negociação. Afro-Ásia, Salvador, nº 32, p. 139-158, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto de interação, observação e descoberta. Em: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28º ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 61-78.

MULLER, Telmo Lauro. **Antes 1824 depois**: a imigração alemã no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Museo Visconde de São Leopoldo, s/d. Disponível em: <http://www2.brasilalemanha.com.br/1824_antes.htm>. Acesso em 10 out. 2010.

NEVES, Paulo S. C.; LIMA, Marcos Eugênio O. Percepções de justiça social e atitudes de estudantes pré-vestibulandos e universitários sobre as cotas para negros e pardos nas universidades públicas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12 n. 34, p. 17-38, jan./abr, 2007. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/275/27503403.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2010.

NORONHA, Eduardo G. Informal, ilegal, injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol. 18 nº. 53 outubro, p.111-129, 2003. Disponível em: <http://socialsciences.scielo.org/pdf/s_rbcSOC/v1n53/scs_a09.pdf>. Acesso 29 mai. 2008.

OFFE, Claus. **Trabalho e sociedade**: problemas estruturais e perspectivas para o futuro da sociedade do trabalho. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

OGANDO, Ana Carolina; ASSIS, Mariana Prandini Fraga. Reconhecimento e direitos individuais: categorias em tensão e o caso das mulheres brasileiras. 2006. Disponível em: <http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/O/Ogando-Assis_34.pdf>. Acesso: 17 set. 2006.

OLIVEIRA, Francisco. Empregos globais, desemprego nacional: os empregos do ornitorrinco. **Ibase**, 2004. Disponível em: <<http://www.ibase.br/modules.php?name=Conteudo&pid=840>>. Acesso em: 04 ago. 2010

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO – OIT. Igualdade de gênero e raça no trabalho: avanços e desafios. - Brasília: OIT, 2010.

_____ Agenda nacional de trabalho decente. Brasília: OIT, 2006.

_____ Trabalho decente nas Américas: agenda hemisférica 2006-2015. Brasília: OIT, 2006a.

PAOLI, Maria Célia Pinheiro Machado. **Desenvolvimento e marginalidade: um estudo de caso**. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1974.

_____ Mulheres: o lugar, a imagem, o movimento. Em: FRANCHETO, Maria Laura et al. **Perspectivas antropológicas da mulher**. Rio de Janeiro Zahar, 1985.

_____ Trabalhadores e cidadania: experiências do mundo público na história do Brasil moderno. *Estudos Avançados*, 3 (7) 1989.

PAUGAM, Serge. **Desqualificação social: ensaio sobre a nova pobreza**. São Paulo: Educ & Cortez editora, 2003. 331 p.

_____ O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais: uma dimensão essencial do processo de desqualificação social. Em: SAWAIA, Bader. Org. **As artimanhas da exclusão: análise psicosocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 67-86.

PINTO, Celi R. J. Notas sobre a controvérsia Fraser-Honneth informada pelo cenário brasileiro. **Lua Nova**, São Paulo, nº 74, p. 35-58, 2008. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ln/n74/03.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2008.

PIZZIO, Alex. A qualificação social nos empreendimentos solidários de reciclagem. São Leopoldo: **ESAC Economia Solidária e Ação Cooperativa**, São Leopoldo, nº 2 (1), p. 23-34, jan/jun, 2007.

_____ As políticas sociais de reconhecimento como elemento de redução das desigualdades sociais. São Leopoldo: **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, nº 44 (1), p. 80-86, jan/abr, 2008.

_____ Desqualificação e qualificação social: uma análise teórico conceitual. Fortaleza: **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, V. IX, nº 1, p. 209-232, mar., 2009.

PLATÃO. **República**. São Paulo: Scipione, 2002.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (Pnud). **Relatório do desenvolvimento humano 2010**. Brasília: Pnud Brasil, 2010.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

RICCI, Rudá. Um fordismo tupiniquim que concilia interesses. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, ano X, nº 352, p. 8-10, 2010.

ROCHA, Everardo. Os bens como cultura: Mary Douglas e a antropologia do consumo. Em: DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos Bens: para uma antropologia do consumo**. 1ª ed. 2ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. p.7-18.

RODHEN, Fabiola. Natalidade, nação e raça no Brasil a partir das especialidades médicas em torno de sexo e reprodução. 2004. Disponível em: <<http://www.desafio.ufba.br/gt1-010.html>>. Acesso em: 10 mar. 2010.

RUPPENTHAL, Janis Elisa. **Perspectivas do setor couro do estado do Rio Grande do Sul**. 2001, 259 f. tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2001.

SADER, Eder. **Quando os novos personagens entram em cena**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____ Do pós-moderno ao pós-colonial e para além de um e outro. Coimbra: Centro de Estudos em Ciências Sócias, 2004. Disponível em: <www.ces.fe.uc.pt>. Acesso em: 20 mai. 2009.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 5ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Wanderley Guilherme. **Razões da desordem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SETÚBAL, Aglair Alencar. Análise de conteúdo: suas implicações nos estudos das comunicações. Em: MARTINELLI, Maria Lúcia. (ORG). **Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras Editora, 1999. p.59 – 86.

SHORE, Cris. Comunidade. Em: Em: OUTTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do séc. XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1996. p. 115-117.

SILVA, Luis Antônio Machado. Cidadania, democracia e justiça social. Texto apresentado no Encontro Nacional do Fórum Nacional de Reforma Urbana, realizado de 6 a 8 de junho, no Instituto dos Arquitetos do Brasil, Rio de Janeiro 2003. Disponível em: <http://www.ibase.br/anexos/ibase_dvb_capitulo3.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2010.

SILVA, Josué Pereira. Teoria Crítica na Modernidade Tardia: sobre a relação entre redistribuição e reconhecimento. Caxambu, **Anais do XXIX Encontro Anual da ANPOCS**, 2005.

_____ Cidadania e reconhecimento. Em: AVRITZER, Leonardo; DOMINGUES, José Mauricio. Orgs. **Teoria social e modernidade no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

SILVA, Zélia Lopes. **A domesticação dos trabalhadores nos anos 30**. São Paulo: Marco Zero, 1990.

SOUZA, Jessé. A gramática social da desigualdade brasileira. Brasília: **Revista de Ciências Sociais**, São Paulo, N° 54, p. 79-96, 2004. Disponível em: <redalyc.uaemex.mx/pdf/107/10705405.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2005.

_____ Uma teoria crítica do reconhecimento. **Lua Nova**, São Paulo, N° 50, p.133-158, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n50/a08n50.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2007.

_____ Raça ou Classe. **Lua Nova**, São Paulo, n° 65, mai/ago, p. 43-69, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64452005000200003&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 11 de out. 2005.

_____ **Democracia hoje**: novos desafios para a teoria democrática contemporânea. Brasília: Editora UNB, 2001.

_____ **Modernização seletiva**: Uma reinterpretação do dilema brasileiro. Brasília: Editora UNB, 2000.

SOUZA MARTINS, Heloisa Helena T. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, V. 30, n° 2, p. 289-300, maio/ago, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07/pdf>>. Acesso em 05 fev. 2010.

TAYLOR, Charles. **Multiculturalismo examinando a política de reconhecimento**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

_____ **As fontes do self**: a construção da identidade moderna. São Paulo: Edições Loyolas, 1997.

_____ **Argumentos filosóficos**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

TELLES, Vera da Silva. **Pobreza e cidadania**. São Paulo: editora 34, 2001.

_____ **Direitos sociais: afinal do que se trata?** 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

TOSS, Luciane Lourdes Webber. **Taylor e Walzer e a política de reconhecimento: meios de inclusão dos grupos sócio-culturais ao status de exercício da cidadania**. Porto Alegre: Dacasa Editora, 2006.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

VELLOSO, João Paulo dos Reis (Org). **A questão social no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1991.

WALZER, Michel. **Esferas da Justiça**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. A questão social no contexto da globalização: o caso Latino-americano e Caribenho. Em: CASTEL, Robert; WANDERLEY, Luiz Eduardo W.; BELFIORE-WANDERLEY, Mariangela. **Desigualdade e a questão social**. 2ª ed. São Paulo: Educ, 2004. p.51-162.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

YOUNG, Iris Marion. **Inclusion and democracy**. New York: Oxford University Press, 2000.

OUTRAS FONTES

<http://www.cnpq.br>

<http://earth.google.com/intl/pt/>

www.fenac.com.br

www.fee.tche.br

<http://www.hagah.com.br/rs>

<http://www.museuhistoricosl.com.br/>

www.novohamburgo.rs.gov.br

www.saoleopoldo.rs.gov.br/

www.sapucaiaodosul.rs.gov.br

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil>

APÊNDICE A

Roteiro de entrevista

Nº.:

Local: _____ Data: ____ / ____ / ____

Entrevistador: _____

1. Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome):

2. Sexo: Masculino () Feminino ()

3. Cor: Branco () Negro () Amarelo () Pardo ()

4. Qual sua religião?

5. Data de nascimento: ____ / ____ / ____ Município onde nasceu:

6. Estado civil: Casado () Solteiro () Outro () especificar

7. Possui filhos: Sim () Não () Quantos?

8. Posição na família:

Chefe () Cônjuge () Filho () Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil

9. Município em que reside:

10. Residência é própria? Sim () Não ()

11. Há quanto tempo reside no endereço atual?

12. Em relação à escolaridade:

Está estudando () série atual

Não está estudando () Até que série estudou

13. Atividade que desempenha atualmente

14. Já foi empregado (carteira assinada)? () Sim () Não

15. Onde?

16. Quanto tempo?

17. Quanto recebia de média de salário recebida? R\$

18. Possui outras atividades profissionais (especificar):

19. Há quanto tempo está realizando está atividade?

20. Em que trabalhava anteriormente?

21. Qual o rendimento médio da atividade? R\$

22. Possui outros rendimentos? Quais?

23. Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham?

24. Qual a renda familiar? R\$

25. Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

() Sim () Não (se sim) quantos?

26. Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar está atividade?

27. Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.)

28. O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores?

29. Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho?

30. Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral)
31. Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual?
32. Você pensa em mudar de atividade? Por quê?
33. Como você avalia a sociedade em que vivemos?
34. Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos)
35. Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas?
36. Qual o papel do Governo frente a estes problemas?
37. Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas? O que seria necessário para solucioná-los?
38. Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas?
39. O que significa para você a expressão vencer na vida?
40. Você se considera um vencedor?
41. Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual?
42. Quando uma pessoa pode dizer que tem boa vida?
43. Quando uma pessoa perde sua dignidade?

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: _____

Cep: _____ Fone _____

convencional: _____

Celular: _____

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO DE PESQUISA

Você está sendo convidado a participar da pesquisa: *“Ajustes globais, novos condicionamentos sociais e políticas públicas: um estudo do contexto econômico regional do Vale do Rio dos Sinos-RS.”* A pesquisa tem por objetivo estudar os trabalhadores em suas relações com o mercado informal de trabalho. A participação nessa pesquisa não trará nenhum tipo de implicação institucional ou legal. Como se trata de uma pesquisa de cunho acadêmico, sua realização foi aprovada pelo órgão responsável da Universidade do vale do Rio dos Sinos-UNISINOS, tendo como responsável o Prof. Dr. José Rogério Lopes. Sua participação é totalmente voluntária e você poderá recusar-se a responder alguma questão ou abandonar o estudo sem qualquer prejuízo pessoal. Fica assegurado que sua identificação será preservada e as informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para os fins deste estudo. Toda e qualquer dúvida poderá ser esclarecida pelo entrevistador.

Eu,.....

.concordo em participar voluntariamente desta pesquisa. Declaro que li e entendi os termos deste consentimento.

São Leopoldo,.....

Assinatura do Entrevistado

APÊNDICE B

Entrevistas São Leopoldo

Entrevista N°.: 1

Local: Feira Popular – Feitoria

Entrevistador: Everson

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Elaine

Sexo: Masculino () Feminino (x)

Cor: Branco (x) Negro () Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Cristã

Data de nascimento: 10/ 08/42 **Município onde nasceu:** Alegrete

Estado civil: Casado (x) Solteiro () Outro () especificar

Possui filhos: Sim (x) Não () Quantos? um

Posição na família:

Chefe () Cônjuge (x) Filho () Outro parente () Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Filha	23	Não	Ens. Médio Completo	Solteira
Marido	59	Não	Ens. Fund. Completo	Casado

Município em que reside: São Leopoldo

Residência é própria? Sim () Não (x)

Há quanto tempo reside no endereço atual? 5 meses

Em relação à escolaridade:

Está estudando () série atual

Não está estudando (x) Até que série estudou: Ensino Médio Completo

Atividade que desempenha atualmente: aposentada / artesã

Já foi empregado (carteira assinada)? () Sim (x) Não

Onde?

Quanto tempo?

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$

Possui outras atividades profissionais (especificar): não

Há quanto tempo está realizando esta atividade? 40 anos

Em que trabalhava anteriormente? funcionária pública

Qual o rendimento médio da atividade? R\$ 200,00

Possui outros rendimentos? Quais? Aposentadoria.

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? Nenhuma.

Qual a renda familiar? R\$ 800,00

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal? () Sim

(x) Não (se sim) quantos?

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar esta atividade? Quis trabalhar em POA e não tinha endereço de lá. Os grupos estão formados pra trabalhar e não consegui entrar. Tudo funciona por grupos formados/fechados para estranhos.

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.) Eu gosto, o que agente ganha é ilusão. Mas não pensando assim, em [crescer]. O trabalho não é valorizado.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados? Melhores oportunidades pra entrar nas feiras, menos burocracia atendendo as necessidades.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho? Importante, não é mais nem menos do que as outras. Põe amor no que tu fazes, não visando só lucro. Tem interação, te distrai, conhece pessoas...

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? Gostam, embora não dêem valor. Elogiam bastante o artesanato; É incentivado.

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? Quando não consegui um lugar pra trabalhar e o fiscal me tirou. O camelô ficou e eu tive que sair. Como que o camelô pode ficar, ele que vende coisas contrabandeadas. Me senti humilhada.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê? Não, já estou um pouco velha. A não ser por problema de saúde. Eu gosto.

Como você avalia a sociedade em que vivemos? Terrível; falta educação; pessoas egoístas, só nos seus interesses; está um caos a saúde; a roubalheira.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? Violência, custo de vida, os que roubam se dão bem, impunidade; a saúde.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas? O desemprego, as diferenças sociais, insatisfação do povo, conflitos familiares.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas? Importantíssimo pra fazer alguma coisa pra muda. Investir na educação pro povo melhorar, e na saúde.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas? Se conscientizar mais, cuidar no momento de votar e escolher seus governantes. Educar mais os filhos.

O que seria necessário para solucioná-los? As coisas que já disse, oportunidade de emprego, a justiça ser mais vigorosa.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas? Deixo pra Deus, gostaria de tudo que é bom. Não sei, até se fosse mais jovem... da pra fazer muita coisa ainda...

O que significa para você a expressão vencer na vida? Viver bem e com saúde, ter perto as pessoas que ama, ser tolerante com as pessoas; vencer as frustrações. Não é só ter muito dinheiro. Suportar os problemas/dificuldades.

Você se considera um vencedor? Sim, uma guerreira. Muita gente me chama. Eu luto muito, sou persistente.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual? Social. Se tivesse mais oportunidade, ninguém seria tão pobre. Então é social.

Quando uma pessoa pode dizer que tem boa vida? Quando tem saúde, vontade de lutar, poder aquisitivo que dê pra sobreviver também é importante.

Quando uma pessoa perde sua dignidade? Quando rouba, quando faz coisas contrárias sua vontade.

Entrevista
Nº.: 2

Local: Feira Popular – Feitoria

Entrevistador: Everson

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Liane

Sexo: Masculino () Feminino (x)

Cor: Branco (x) Negro () Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? luterana

Data de nascimento: 21/ 03/64 **Município onde nasceu:** São Leopoldo

Estado civil: Casado (x) Solteiro () Outro () **especificar**

Possui filhos: Sim (x) Não () **Quantos?** três

Posição na família:

Chefe () Cônjuge (x) Filho () Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Filho	18	Sim	8º série – EJA	Solteiro
Filhos	14	Sim	7º série	Solteiro
Filha	12	Sim	5º série	Solteira
Marido	42	Não	Ens. Médio Completo	Casado

Município em que reside: São Leopoldo

Residência é própria? Sim (x) Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? 21 meses

Em relação à escolaridade:

Está estudando () série atual

Não está estudando (x) Até que série estudou: 1º ano do ensino médio

Atividade que desempenha atualmente: artesã

Já foi empregado (carteira assinada)? Sim Não

Onde? Multitrafic. Despachos Int. - NH

Quanto tempo? 6 anos

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$ 3 salários

Possui outras atividades profissionais (especificar): não

Há quanto tempo está realizando esta atividade? 18 anos

Em que trabalhava anteriormente? Idem questão 15

Qual o rendimento médio da atividade? R\$ 300,00, variável

Possui outros rendimentos? Quais? Avon, Natura

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? duas

Qual a renda familiar? R\$ 1.200,00

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

Sim Não (se sim) quantos?

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar esta atividade?

Muita gente fazendo a mesma coisa, fica difícil. Muita gente faz pano de prato, p. exemplo. Um ajuda o outro... quando um não vende, vai o outro e compra.

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.)

Pra nós vai melhorar; agente faz cursos pra melhorar. O pessoal se empenha a aprender mais.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores? Parceria com... o custo da matéria-prima é caro. Parceria que conseguisse os materiais pela metade do preço.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho? Não posso me queixar. Tu não trabalhas sob pressão. Faz nas tuas horas vagas, trabalha e casa. Não tem ninguém te mandando; Uma pessoa toda hora em cima. Tu fazes, tu inventas.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? Acham que é caro, não valorizam o trabalho. Tudo é caro.

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? As vezes dá, a gente vê com outros...

Você pensa em mudar de atividade? Por quê? Não. Quero é melhorar, aquilo que sei fazer.

Como você avalia a sociedade em que vivemos? Em geral, muita pobreza, violência. Tem coisas que aconteceram que a gente não sabe... roubo, governo.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? Pobreza, violência, corrupção, essas coisas de rico.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas? Isso já vem há anos. Desde o descobrimento do Brasil. Nem sei te dizer.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas? O que eles tinham que resolver, não resolve.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas? Se manifestar; o que mais se manifesta é o pobre. É dificultoso, pobre chega lá e não vai falar nada.

O que seria necessário para solucioná-los? Muda tudo, desde Brasília até o RS. o povo se conscientiza que está votando errado.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas? Se eu não trabalhar, eu não tenho. Progredir, vamos ver se o povo ajuda. A vida do artesão não é fácil.

O que significa para você a expressão vencer na vida? Tem que batalhar. Quando tu tens aquilo que tu quiseste realizar ser realizado.

Você se considera um vencedor? Sim. Por tudo que eu fiz, que faço, que hei de fazer. Já estar trabalhando é uma realização.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual? As duas coisas. Tem pessoas que não se ajudam. O emprego é difícil, mas não fazer nada? Tem gente que não quer aprender a trabalhar. Se todo mundo fizesse alguma coisa, não ia ter tanta pobreza. As pessoas têm que se conscientizar de fazer algo.

Quando uma pessoa pode dizer que tem boa vida? Mesmo que tu trabalhes, tendo salário mínimo, já tem. Mesmo se for pouco dinheiro. Tendo saúde...

Quando uma pessoa perde sua dignidade? Quando rouba, a mentira em primeiro lugar. Aí já perde a confiança. Roubo é pior ainda.

Entrevista

Nº.: 3

Local: Feira Popular – Feitoria

Entrevistador: Everson

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Ester

Sexo: Masculino () Feminino (x)

Cor: Branco () Negro (x) Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Evangélica.

Data de nascimento: 04/ 02/85 **Município onde nasceu:** Sobradinho.

Estado civil: Casado () Solteiro (x) Outro () especificar

Possui filhos: Sim () Não (x) Quantos?

Posição na família:

Chefe () Cônjuge () Filho (x) Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Irmão	19	Não	2º ano Ens. Médio	Solteiro
Mãe	44	Não	Ens. Médio Completo	Casada
Pai	43	Não	7º série	Casado
Primo	32	Não	Ens. Fund. Completo	Casado
Prima	13	Sim	6º série	Solteira
Prima	9	Sim	4º/5º série	Solteira

Município em que reside: São Leopoldo

Residência é própria? Sim (x) Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? 15 meses

Em relação à escolaridade:

Está estudando (x) série atual: Ensino Sup. Incompleto

Não está estudando () Até que série estudou

Atividade que desempenha atualmente: artesã

Já foi empregado (carteira assinada)? (x) Sim () Não

Onde? Mercado BIG

Quanto tempo? 1a e 6 meses

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$ 300,00

Possui outras atividades profissionais (especificar): atendente

Há quanto tempo está realizando está atividade? 3 meses

Em que trabalhava anteriormente?

Qual o rendimento médio da atividade? R\$ 400,00

Possui outros rendimentos? Quais? Atendente - estagiária

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? quatro

Qual a renda familiar? R\$ 3,000,00

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

() Sim (x) Não (se sim) quantos?

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar está atividade? Renda inicial pra começar. Por enquanto nenhuma mais.

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.)

Para o ano que vem abrir alguma coisa, uma loja de artesanato.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores? Uma renda/alguém pra dar o disparo pro trabalho.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho? Coisa nova, que não tem no mercado ainda. As pessoas não conhecem, começou a pouco tempo em São Leopoldo.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? Elas gostam, acham bonito, material novo.

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? Não.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê? Não, porque comecei agora.

Como você avalia a sociedade em que vivemos? Trabalhadores que tentam buscar uma forma pra viver. Batalhando seu espaço, construindo seu futuro.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? Desemprego, que eu mesmo senti.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas? Industrialização, o mercado tem máquinas que substituem a mão de obra.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas? Tentar procurar soluções. O governo não se une, acusa o outro. Não se preocupa com a sociedade pra resolver e melhorar o país.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas? Esta desacreditada com o governo de hoje. São tantas promessas. Já não luta nem contra o governo. Entra governo, sai governo, continua a mesma coisa.

O que seria necessário para solucioná-los? Os partidos deveriam se unir e resolver questões internas do país. Emprego poderia resolver problemas de fome, é uma parte. Outras estratégias de feiras populares...

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas? Casa própria, emprego garantido.

O que significa para você a expressão vencer na vida? Realizar seus sonhos.

Você se considera um vencedor? Sim, tenho minha família do lado, estou numa universidade, de estar aqui agora expondo meu trabalho.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual? As duas. Tem haver com a sociedade, mas também individual, da pessoa não ir atrás pra mudar sua condição econômica.

Quando uma pessoa pode dizer que tem boa vida? Não falta comida, o vale pra ir onde quer, familiares perto, contar com amigos... não tanto a questão financeira.

Quando uma pessoa perde sua dignidade? Ter um problema grande, não conseguir solução pra resolver e te obrigar a fazer algo pra resolver que tu consideras injusto pra ti e pra sociedade.

Entrevista

Nº.: 4

Local: Free Shop

Entrevistador: Raquel

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Plácida Rodrigues

Sexo: Masculino () Feminino (X)

Cor: Branco (X) Negro () Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Católica.

Data de nascimento: 01/09/1928 **Município onde nasceu:** Erechim

Estado civil: Casado () Solteiro () Outro (X) **especificar** viúva

Possui filhos: Sim (X) Não () **Quantos?** Dois

Posição na família:

Chefe (X) Cônjuge () Filho () Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Filha	40	-	2 grau completo	Solteira

Município em que reside: São Leopoldo

Residência é própria? Sim (X) Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? 20 anos

Em relação à escolaridade:

Está estudando () série atual

Não está estudando () Até que série estudou__4ª serie do 1º Grau

Atividade que desempenha atualmente: comerciante que vende comida

Já foi empregado (carteira assinada)? (X) Sim () Não

Onde?Na cidade de São Paulo, ficou 3 anos no total trabalhando como vendedora

Quanto tempo? faz 61 anos

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$ não lembra, mas era pouco, era outro dinheiro...Faz tempo.

Possui outras atividades profissionais (especificar): Não

Há quanto tempo está realizando está atividade? faz 10 anos

Em que trabalhava anteriormente? do lar

Qual o rendimento médio da atividade? R\$ 500,00

Possui outros rendimentos? Quais? não

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? Duas

Qual a renda familiar? R\$ é separado o dinheiro, não sabe quanto a filha ganha

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

() Sim (X) Não (se sim) quantos?

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar está atividade? Falta de dinheiro para investir e pouco retorno (lucro)

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.) Poucas, tenho fé que melhore.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores? Não sei. Todos prometem mas ninguém ajuda.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho? Outros são supérfluos é difícil mas as coisas de miudezas também, a comida é alimento.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral) Não sei responder isto, só sei de mim, posso pular?

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? Sou de boa paz.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê? não, a hora que fechar isto vou ficar em casa.

Como você avalia a sociedade em que vivemos? Péssima, cada dia pior, estão diminuindo tudo de bom e aumenta a violência. De bom é emprego, dinheiro para comprar suas coisas, essas coisas...estamos numa crise.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? Política, falar e não fazer.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Crise, se tivesse bom emprego com salário seria bom mas não temos nada.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas? Não sei

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas? Não sou muito ligada com isto, vou de cada pro trabalho, não sei muito de casa pra saber dos outros

O que seria necessário para solucioná-los? Não sei.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas? Nenhuma, não penso nisto.

O que significa para você a expressão vencer na vida? É muito difícil, posso pular? Não sei responder, não quero.

Você se considera um vencedor? Sim, com 80 anos trabalho o dia inteiro.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual? Social, não sei por que é, não é só de uma pessoa. Que complicado

Quando uma pessoa pode dizer que tem boa vida? Ter casa própria, ter salário e sobrar um pouco depois para pagar as contas.

Quando uma pessoa perde sua dignidade? Não sei.

Entrevista
Nº.: 5

Local: Free Shop **Data:** 08/02/2008

Entrevistador: Raquel

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Márcia

Sexo: Masculino () Feminino (X)

Cor: Branco () Negro (X) Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? africanista

Data de nascimento: 15/08/1948 **Município onde nasceu:** _São Leopoldo

Estado civil: Casado () Solteiro (X) Outro () especificar

Possui filhos: Sim (X) Não () Quantos? 6

Posição na família:

Chefe (x) Cônjuge () Filho () Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Filha	32	Faculdade em Santa Maria (publica)	-	Casada
Filho	31	-	2º grau	Casado
filha	28	Faculdade em São Leopoldo (privada)	-	Ajuntada
filho	25	-	Técnico mas não tem certeza que acabou	Casado
filha	22	-	2º grau	Solteira
filha	19	-	2º grau	Solteira

Município em que reside: São Leopoldo

Residência é própria? Sim () Não (X)

Há quanto tempo reside no endereço atual? 6 meses

Em relação à escolaridade:

Está estudando () série atual

Não está estudando () Até que série estudou: 7ª serie do 1º grau

Atividade que desempenha atualmente: Cozinheira

Já foi empregado (carteira assinada)? (X) Sim () Não

Onde? Cobradora de injeção

Quanto tempo? 10 anos

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$ 3 salários mínimos

Possui outras atividades profissionais (especificar): Não

Há quanto tempo está realizando esta atividade? Quase 2 anos

Em que trabalhava anteriormente? Na portaria da UBAM, fiquei 2 anos como cargo de confiança.

Qual o rendimento médio da atividade? R\$

Possui outros rendimentos? Quais? Não trabalhava da manhã a noite.

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham?

Qual a renda familiar? R\$ recebe de 3 a 4 SM.

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

() Sim (X) Não (se sim) quantos?

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar está atividade? Não tem mais serviço, discriminação depois dos 40 anos de quem contrata

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.)

Vai piorar, por causa do desemprego e do salário, concorrência e pouco dinheiro.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores? Terminar com o preconceito racial no atendimento público.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho? Confortável, sempre de olho aberto mas tem o povão.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? Sentem minha falta, não acho que vêem problema

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? Na repartição pública com preconceito e no restaurante com bêbados que não respeitam.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê? Sim, eu gosto da área da saúde, de lidar com pessoas

Como você avalia a sociedade em que vivemos? Uma droga, não temos segurança, nem saúde, nem emprego. Que sociedade é essa?

Quais são os principais problemas que enfrentamos? Falta de dinheiro, emprego e crianças se drogando.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas? Falta renda e trabalho e não sabem o que fazer acabam se drogando e deixando os filhos por aí.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas? O governo tem que investir nisto, mas só pensam em alimentar o bolso deles.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas? Tem parte da culpa. Fazer projetos isolado, dão uma sacola de comida num dia depois somem e não dão emprego, dão as coisas mastigadas e o povo não aprende a trabalhar.

O que seria necessário para solucioná-los? Dar emprego, mostrar mais como se pode ter dinheiro em vez de fazer vagabundos, dar serviço. Botar na obriga!

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas? Se eu não fizer por mim ninguém faz, eu to correndo atrás de volta a ser CC.

O que significa para você a expressão vencer na vida? Mostrar que pode ser alguém, que pode construir, fazer.

Você se considera um vencedor? Sim, já passei muita coisa difícil.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual? Individual, pois o pobre sendo trabalhador ele vai a luta.

Quando uma pessoa pode dizer que tem boa vida? Bem de saúde, não depender de ninguém para fazer as coisas.

Quando uma pessoa perde sua dignidade? Quando não tem respeito por si próprio. Nada interessa não tem respeito pelo próximo e nem por si.

Entrevista

Nº.: 6

Local: Free Shop - frente **Data:** 15/02/08

Entrevistador: Raquel

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Fábria

Sexo: Masculino () Feminino (X)

Cor: Branco (X) Negro () Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Evangélica luterana

Data de nascimento: 22/09/1988 **Município onde nasceu:** São Leopoldo

Estado civil: Casado () Solteiro (X) Outro () especificar

Possui filhos: Sim () Não (X) Quantos? _____

Posição na família:

Chefe () Cônjuge () Filho (X) Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Mãe	61	-	1º grau completo	Solteira
Irmão	40	-	7ª série do 1º Grau	Solteiro
Irmã	29	-	2º grau completo	Solteira

Município em que reside: São Leopoldo

Residência é própria? Sim (X) Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? 19 anos

Em relação à escolaridade:

Está estudando () série atual

Não está estudando () Até que série estudou: 2º completo pelo supletivo

Atividade que desempenha atualmente: Comerciante que vende livros usados e novos.

Já foi empregado (carteira assinada)? (X) Sim () Não

Onde? Mac Donalds.

Quanto tempo? Faz 8 meses, ficou lá 7 meses.

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$ quase 1 salário de 350,00.

Possui outras atividades profissionais (especificar): Não

Há quanto tempo está realizando está atividade?

Em que trabalhava anteriormente? Mac Donalds.

Qual o rendimento médio da atividade? R\$ 800,00, mas daí tiro o aluguel.

Possui outros rendimentos? Quais?

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? Uma

Qual a renda familiar? R\$ meu irmão ganhar mais 1 salário de 380,00 daí soma os 800,00.

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

(X) Sim () Não (se sim) quantos? 2, mãe e irmão.

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar está atividade? Sim, minha família porque tem algumas brigas familiares (eles trabalham juntos)

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? Quero sair, queria ficar sozinha, aqui que consigo trabalhar melhor as também penso em sair quando der. Por enquanto fico aqui que não tem como botar alguém de fora porque é difícil saber quanto ganha e saí da casa o dinheiro.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores? Mais organizado, não ter parente, ou pessoas muito intimas, os livros não estão nas estantes.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho? Monótona, muito parado.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? Uma barbada, como fácil mas não é. As vezes fazer nada é muito difícil.

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? Só conflitos familiares, mais pessoais.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê? Sim. Para ter carteira assinada e experiências novas.

Como você avalia a sociedade em que vivemos? Competitiva, não tem igualdade entre as pessoas.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos) Educação. Se tivesse educação iria resolver tudo. Desemprego, corrupção.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas? Má administração, mais não é só culpa do governo, é culpa de todo mundo também, falta planejamento familiar, é culpa da sociedade em si.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas? Administrar melhor, colocar pessoas mais estudas para governar, investir mais nestes problemas. Muita gente ganha dinheiro e não precisa tem o bolsa família que incentiva a meninas a engravidar dando dinheiro para que está esperando filho aí ate ajuda a minha amiga que tá grávida mas acaba incentivando quem não tem dinheiro para não ter filho ou de repente até engravida para ter dinheiro do bolsa família. É uma verba que não é bem administrada podia ser para a escola para o posto.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas? Tem que cobrar, tem que ir em cima, pensar antes de voltar, ir em frente.

O que seria necessário para solucioná-los? Qualificar melhor os profs., ter mais professores, pagar melhor, incentivar os jovens para ser professorº, melhorar a qualidade das escolas.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas? Arranjar um emprego melhor, faculdade de direito ou curso, aprender coisas novas.

O que significa para você a expressão vencer na vida? Ser feliz, ter suas coisas, ser independente. (ter dinheiro).

Você se considera um vencedor? Não, ainda não tenho muita coisa ainda para fazer, ainda dependo da minha família.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual? Social, é de tudo mundo.

Quando uma pessoa pode dizer que tem boa vida? Quando tem tudo o que quer. Ter sua casa, seu emprego, se dar bem com a família. Não precisa ter muito luxo, ser feliz, se realizar profissionalmente, ter paz.

Quando uma pessoa perde sua dignidade? É comprada, é chantageada, faz coisas para agradar os outros, é humilhada, para ter vantagem dos outros. Ou quando rouba, assalta ou coisas assim ilegais.

Entrevista Nº.: 7

Local: Free Shop

Entrevistador: Raquel

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Gil

Sexo: Masculino (X) Feminino ()

Cor: Branco (X) Negro () Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Católica

Data de nascimento: 01/04/66 **Município onde nasceu:** Santa Maria

Estado civil: Casado (X) Solteiro () Outro () especificar

Possui filhos: Sim (X) Não () Quantos? 2

Posição na família:

Chefe (X) Cônjuge () Filho () Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Menina	16	2º grau	*não lembra qual a série*	solteira
Menino	17	2º grau	*não lembra qual a série*	solteiro

Município em que reside: São Leopoldo

Residência é própria? Sim (X) Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? 5 anos

Em relação à escolaridade:

Está estudando () série atual

Não está estudando () Até que série estudou: 3º grau incompleto – fisioterapia.

Atividade que desempenha atualmente: Trabalha com óculos.

Já foi empregado (carteira assinada)? () Sim (X) Não

Onde?

Quanto tempo?

Quanto recebia de média de salário recebida?

Possui outras atividades profissionais (especificar): Não.

Há quanto tempo está realizando esta atividade? 7 anos

Em que trabalhava anteriormente? Com polimento de ferro.

Qual o rendimento médio da atividade? R\$ mais ou menos 200,00

Possui outros rendimentos? Quais

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham Qual a renda familiar? R\$ 1200,00

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

() Sim (X) Não (se sim) quantos?

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar esta atividade? Nenhuma, só me qualifiquei, fiz curso.

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? O mercado está em expansão, o mundo digitalizado. A tendência é os olhos ficarem cada vez mais fracos e com isto as pessoas precisam de mais óculos, cada vez mais, vai melhorando, aumentando as pessoas que me procuram.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores? Expandir os clientes, de repente se o espaço for maior e der pra atender mais gente, até daria para contratar ajudante mas pra isto precisa de mais clientes.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho? Mercado promissor, eu gosto do que faço, faço com muito gosto e por isto nem paro para pensar nos outros.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? Depende da cultura, cada cabeça tem um jeito de pensar, nunca falaram nada para mim. Cada um vê de uma maneira eu não sei como posso falar no geral, tem quem gosta, tem quem não gosta, depende da cultura.

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? Nunca.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê? Não, penso em trabalhar em um lugar maior. Fazendo o mesmo que é mexer com óculos e armação.

Como você avalia a sociedade em que vivemos? Média, é uma cidade que tem muito pra melhorar mas não posso me queixar tem muita violência como qualquer outra cidade, os mesmos problemas, mas eu não me queixo.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? A diferença de classes é uma, rede a saúde que não funciona porque tem pouca gente, não tem emprego porque não tem educação.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas? É uma máquina, tem gente que tá ganhando com isto. É um sistema que se alimenta quem tá no INSS, tá no privado. Há maldade nas pessoas com o capitalismo. É só lucro. O médico que não te atende no SUS, atende no provado se pagar. Então não tem como te falar de uma coisa, tá tudo ligado.

Tem gente sempre lucrando com o problema por isto é que alimentamos o problema.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas? Não faz o papel de governar, só ilude o povo.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas? É muito eclético, tem gente boa, mas tem gente faturando. Tá falida é só circo na tv e não vê mais nada. Cada um quer resolver o seu problema.

O que seria necessário para solucioná-los? Não sei, “bom é meu tempo” é assim que meu pai dizia para mim e eu agora digo pro meu filho, tá cada vez mais difícil pensar em solução. Não sei realmente.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas? Ir pra um lugar melhor, banca maior, rua melhor enfim crescer o negocio.

O que significa para você a expressão vencer na vida? É uma harmonia de tudo, começa na saúde e depois se acrescenta, tem gente que quer saúde espiritual tem gente que quer saúde física, cada um vai acrescentando com sua cultura, com o que quer.

Você se considera um vencedor? Sim, não posso me queixar. Tenho um pouco de tudo.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual? Um pouco de cada coisa, mistura.

Quando uma pessoa pode dizer que tem boa vida? Ter uma boa saúde, fazer o que gosta, ser feliz. Principalmente estar se sentindo feliz com o que tem.

Quando uma pessoa perde sua dignidade? Aceita coisas ou submete-se a coisas que não estão certas. Mulher que fica submetida e apanha em casa por causa do dinheiro dele, não tem coragem para lutar por sim por seus princípios.

Entrevista

Nº.: 8

Entrevistador: Mirian

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Rosa

Sexo: Masculino () Feminino (x)

Cor: Branco (x) Negro () Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Católica

Data de nascimento: 17/08/75 **Município onde nasceu:** Novo Hamburgo

Estado civil: Casado () Solteiro () Outro (X) especificar

Possui filhos: Sim () Não (X) Quantos?

Posição na família:

Chefe () Cônjuge (x) Filho () Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Noivo	35	Faz técnico		solteiro

Município em que reside: São Leopoldo

Residência é própria? Sim () Não (x)

Há quanto tempo reside no endereço atual? 2 anos

Em relação à escolaridade:

Está estudando () **série atual**

Não está estudando () **Até que série estudou:** 2 ano do 2º grau

Atividade que desempenha atualmente: Sócia da banca

Já foi empregado (carteira assinada)? (x) **Sim** () **Não**

Onde? Fábrica de calçados em Novo Hamburgo

Quanto tempo? Mais ou menos 10 anos

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$ uns 2 salários e meio

Possui outras atividades profissionais (especificar):

Há quanto tempo está realizando está atividade? 2 anos

Em que trabalhava anteriormente? Revisora

Qual o rendimento médio da atividade? R\$ mais ou menos 1000,0 depende do mês.

Possui outros rendimentos? Quais

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? Duas

Qual a renda familiar? R\$ 1600,00

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

() **Sim** (x) **Não** (se sim) quantos?

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar está atividade? Conseguir a licença foi o mais complicado.

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? Crescer e ter outras bancas.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores? Respeito dos políticos e das pessoas.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho? Sou autônoma, tenho que trabalhar para ter no fim do mês.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? Como outra qualquer.

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? Não

Você pensa em mudar de atividade? Por quê? Não, vivo bem.

Como você avalia a sociedade em que vivemos? Competitiva. Eu sou, mas sou honesta e não piso em ninguém.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? Concorrência desonesta. Alguns pagam para ter vantagem.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas? Corrupção

Qual o papel do Governo frente a estes problemas? Que governo? O governo só dá péssimo exemplo.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas? Mudar os governantes

O que seria necessário para solucioná-los? Votar mais conscientemente.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas? Votar mais conscientemente.

O que significa para você a expressão vencer na vida? Ser digna e amiga dos amigos.

Você se considera um vencedor? Sim e sei que vou longe ainda.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual? Nunca pensei sobre isso.

Quando uma pessoa pode dizer que tem boa vida? Quando alcança seus sonhos e valoriza seus desejos.

Quando uma pessoa perde sua dignidade? Quando se vende.

Entrevista

Nº.: 9

Local: Estação Unisinos

Entrevistador: Mirian

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Raul

Sexo: Masculino (X) Feminino ()

Cor: Branco (X) Negro () Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Católico

Data de nascimento: 23/09/51 **Município onde nasceu:** São Leopoldo.

Estado civil: Casado (X) Solteiro () Outro () especificar

Possui filhos: Sim (X) Não () **Quantos?** 4

Posição na família:

Chefe (x) Cônjuge () Filho () Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Esposa	50	-	7ª série	casada
Filha V	19	X	2º Grau	Solt.
Filha N	17	X	2º grau	Solt.
Filho	13	X	7ª série	Solt.

Município em que reside: São Leopoldo.

Residência é própria? Sim (X) Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? 9 anos

Em relação à escolaridade:

Está estudando () série atual

Não está estudando () Até que série estudou: 8ª série

Atividade que desempenha atualmente: Dono de banca

Já foi empregado (carteira assinada)? (X) Sim () Não

Onde? Novo Hamburgo

Quanto tempo? 13 anos

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$ 2 salário mínimos na época

Possui outras atividades profissionais (especificar): não

Há quanto tempo está realizando está atividade? 9 anos

Em que trabalhava anteriormente? Calçados (fábrica)

Qual o rendimento médio da atividade? R\$1000,00

Possui outros rendimentos? Quais? Não

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? 3

Qual a renda familiar? R\$ 2500,00

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

(X) Sim () Não (se sim) quantos? 1 esposa

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar está atividade? Ser respeitado como trabalhador

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.) Crescer e ter outra banca

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores? Menos impostos

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho? Somos discriminados

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral) Sempre acham que queremos passar a perna, tirar vantagem. Alguns respeitam.

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? Bem no início, mas pela concorrência, hoje um ajuda o outro.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê? Não. Só se ganhar na megasena.

Como você avalia a sociedade em que vivemos? Competitiva e um pouco preconceituosa.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos) Desigualdade social

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas? Baixos salários.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas? Melhorar e os salários e incentivar os pequenos empresários do mercado informal.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas? Exigir seus direitos

O que seria necessário para solucioná-los? Ter políticos honestos e um povo exigente

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas? Vejo coisas boas. Ter filhos estudando, eu e minha mulher trabalharemos. Não posso me queixar.

O que significa para você a expressão vencer na vida? Trabalhar honestamente. E não dever nada pra ninguém.

Você se considera um vencedor? Acho que sim.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual? Só é pobre quem quer.

Quando uma pessoa pode dizer que tem boa vida? Nunca

Quando uma pessoa perde sua dignidade? Quando deixa de ser honesto

Entrevista

Nº.: 10

Local: Estação Unisinos

Entrevistador: Mirian

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): José Flávio

Sexo: Masculino (X) Feminino ()

Cor: Branco () Negro () Amarelo () Pardo (X)

Qual sua religião? Evangélico

Data de nascimento: 16/01/67 **Município onde nasceu:** Rio Pardo

Estado civil: Casado (X) Solteiro () Outro () especificar

Possui filhos: Sim (X) Não () Quantos? *não consta no Entrevista*

Posição na família:

Chefe (X) Cônjuge () Filho () Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Esposa	34	Não	5ª serie	casada

Município em que reside: São Leopoldo

Residência é própria? Sim (X) Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? 11 anos

Em relação à escolaridade:

Está estudando () série atual

Não está estudando () Até que série estudou: 2º grau

Atividade que desempenha atualmente: administra a banca

Já foi empregado (carteira assinada)? (X) Sim () Não

Onde? Nova era cosméticos

Quanto tempo? 12 anos

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$

Possui outras atividades profissionais (especificar): encarregado de depósito

Há quanto tempo está realizando está atividade? 4 anos

Em que trabalhava anteriormente? vila plast.

Qual o rendimento médio da atividade? R\$1200,00

Possui outros rendimentos? Quais? Não

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? Duas

Qual a renda familiar? R\$ 1600,00 **Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?**

(X) Sim () Não (se sim) quantos? 1

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar está atividade? Clima, tempo, quando chove fica difícil.

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? Construir umas lojas no metrô na parte inferior.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores? Contatos com a presidência do local de trabalho (trensurb)

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho? Um ramo que dá pra viver em relação aos outros. Não somos ricos mas dá pra viver em relação a outro as profissões.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral) As pessoas acham que somos inferiores

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? No início! Não tinha ponto pago, agora é pago o aluguel. R\$ 100,00 ao mês. Antes tinha que correr da prefeitura.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê? Só abrir algo (porta) melhor ou oportunidade que valoriza.

Como você avalia a sociedade em que vivemos? As pessoas estão sendo Surge um fato e voltar para o foco e esquecem os demais. (ex TAM)

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos) Falta de dialogo. Na educação do povo, as que tem sabedoria e está no lugar errado.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas? A falta de educação

Qual o papel do Governo frente a estes problemas? Deveria investir mais em educação nos pequenos, principalmente sem instruções.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas? O povo não te interesse, pois está conformado. O momento é conformista.

O que seria necessário para solucioná-los? Investir na educação. Orientação sobre o que está acontecendo . Educação mais orientação da família, é um contexto.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas? Coisas melhores vai vir. Acho que vai melhorar. Já um incentivo na diminuição da cota do INSS, o futuro é...

O que significa para você a expressão vencer na vida? Está realizado. Ter família, um lar, abençoado com saúde, uma esposa legal, seguindo na religião na fé de Jesus, é estar completo e realizado.

Você se considera um vencedor? Por tudo que passei. Sim, me considero. 90% sim. Tenho uma família, salário, em uma vida honesta e junta. Todo da luta.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual? Individual. A pessoa faz a pobreza. Se ela vai a luta e trabalha ela vence. Se torna social porque todos se acomodam.

Quando uma pessoa pode dizer que tem boa vida? Quando se sente realizada. Ter uma boa família, uma vida reta.

Quando uma pessoa perde sua dignidade? Quando machuca o próximo, passa o outro pra trás.

Entrevista Nº.: 11

Local: Free Shop

Entrevistador: Raquel

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Antonio

Sexo: Masculino (X) Feminino ()

Cor: Branco (X) Negro () Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Católica

Data de nascimento: 15/04/1975 **Município onde nasceu:** Missões

Estado civil: Casado () Solteiro (X) Outro () especificar

Possui filhos: Sim () Não (X) Quantos?

Posição na família:

Chefe (X) Cônjuge () Filho () Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Mulher	38	-	-	Solteira
Filho da Mulher	16	2º grau (não sabe a série)		Solteiro
Filha da Mulher	15	2º grau (não sabe a série)		solteira

Município em que reside: São Leopoldo

Residência é própria? Sim () Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? 12 anos

Em relação à escolaridade:

Está estudando () **série atual**

Não está estudando () **Até que série estudou.** 5ª série do 1º grau

Atividade que desempenha atualmente autônomo

Já foi empregado (carteira assinada)? () **Sim** () **Não**

Onde? Calçadista

Quanto tempo? 5 anos

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$4 salários na época

Possui outras atividades profissionais (especificar): Lá também era autônomo

Há quanto tempo está realizando esta atividade?

Em que trabalhava anteriormente?

Qual o rendimento médio da atividade? R\$

Possui outros rendimentos? Quais? Sim, na rua vendendo

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? 2 (mulher + ele)

Qual a renda familiar? R\$ 2000,00

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

() **Sim** () **Não** (se sim) **quantos?** 1 que trabalha com ele.

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar esta atividade? Janeiro e fevereiro é ruim, poucas pessoas compram.

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.) Se piorar vou ir para outro ramo, vender.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores? É relativo, se locassem mais barato.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho? boa. Tem melhor porque trabalhamos com sorte.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral) Difícil falar pelos outros mas importante é que eu trabalho, pé um trabalho, tem muita gente que não tem trabalho.

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? Não. Até agora me dou bem com todos. Sabem que vendo vale mas a policia nunca incomodou.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê? Não, mas com o cartão eletrônico talvez precise. Na verdade o que dá renda é o vale que não é legal sei que vou ter que mudar de ramo um dia. O comércio não sustenta, mas por enquanto fico. Sei que vai precisar um dia sair aí abro em outro lugar.

Como você avalia a sociedade em que vivemos? Gosto, mas não saio a noite por causa da violência.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos) Impostos altos, urbanização foi uma briga, aluguel alto e ficamos com pouco dinheiro, não queriam arrumar a entrada (*caminho em frente ao free shop) a prefeitura não se responsabiliza, mas depois de brigar conseguimos.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas? Cada vez mais gente, mais devastamentos da natureza isto tudo influencia na vida

Qual o papel do Governo frente a estes problemas? Isto leva anos para mudar. Um governo não vai mudar, o que vários não fizeram.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas? Cada um pensa pra si, e não ajuda, finge que não vê. A igreja tenta ajudar mas ninguém se une, ficam calados.

O que seria necessário para solucioná-los? Não sei responder. Mais emprego, mas é difícil. É muita coisa, nem sei, se tivesse emprego melhor seria melhor.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas? É rezar para Deus me dar saúde porque o resto é bobagem.

O que significa para você a expressão vencer na vida? Suar mais a camiseta, um pouco de sorte e de oportunidade e fazer a coisa certa.

Você se considera um vencedor? Sim, sempre andei de pé no chão, nunca precisei de ninguém nem logrei.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual? Social- oportunidades da sociedade. O cara pode querer, correr atrás mas precisa de oportunidade, de sorte da sociedade.

Quando uma pessoa pode dizer que tem boa vida? Quando tem saúde.

Quando uma pessoa perde sua dignidade? Pra não perder deve falar a verdade. Indigna é aquela que te usa, pede emprestado e se some.

**Entrevista
Nº.: 12**

Local: Free Shop- frente

Entrevistador: Raquel

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Vanessa

Sexo: Masculino () Feminino (X)

Cor: Branco () Negro () Amarelo () Pardo (X)

Qual sua religião? Católica

Data de nascimento: 20/11/1986 **Município onde nasceu:** São Leopoldo

Estado civil: Casado () Solteiro (X) Outro () especificar

Possui filhos: Sim () Não (X) Quantos?

Posição na família:

Chefe () Cônjuge () Filho (X) Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Pai	67	-	5ª série	Casado
Mãe	53	-	8ª série	Casada
irmão	37	-	2ª do 1º grau (tem surdez)	Solteiro

Município em que reside: São Leopoldo

Residência é própria? Sim () Não (X)

Há quanto tempo reside no endereço atual? 10 anos

Em relação à escolaridade:

Está estudando () série atual

Não está estudando () Até que série estudou: 2º grau

Atividade que desempenha atualmente? comerciante

Já foi empregado (carteira assinada)? (X) Sim () Não

Onde? Na loja C e A.

Quanto tempo? 2 anos ficou lá, faz 1 ano que saiu.

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$470,00

Possui outras atividades profissionais (especificar): -/- só estuda

Há quanto tempo está realizando está atividade? 1 ano

Em que trabalhava anteriormente? C e A como vendedora

Qual o rendimento médio da atividade? R\$700,00

Possui outros rendimentos? Quais? Não

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? 2

Qual a renda familiar? R\$ Não sei... mais ou menos 2100,00 (2x 700)

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

(X) Sim () Não (se sim) quantos?

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar está atividade? Não enfrentei nenhum.

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.)

Vai melhorar, o comercio ta se expandindo, tem mais concorrência mas acho que ta bem.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores? A reforma prometida pelos administradores do local.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho? Eu gosto do que faço, é bom.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral) Não sei.

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? Vários. Por troco errado de alguns “espertinhos” que querem te passar a perna

Você pensa em mudar de atividade? Por quê? Sim, eu gosto do que faço mas comércio não tem...não sei explicar mas quero algo mais formal, que tem mais...

Como você avalia a sociedade em que vivemos? Bem desigual, como a gente é desligado!

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos) Desemprego, não temos acesso à posto de saúde, a saúde em geral.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas? Falta de oportunidade, até para varrer tem que ter estudo, falta de oportunidade de estudo, acham que sem curso você não pode fazer nada mas pode! Não precisa fazer curso para poder varrer mas precisa de curso para terem uma oportunidade de varrer.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas? É o principal responsável, abrir mais oportunidade de emprego na prefeitura.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas? Acho que colaborar faz parte do problema.

O que seria necessário para solucioná-los? Proporcionar mais emprego, o SUS é muito criticado. Tem que ter mais agilidade no atendimento, as vezes ta morrendo e exame é para 2 meses.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas? Bom, ter condições de não depender de saúde pública...ter uma profissão bom emprego no mercado de trabalho que consigam alcançar objetivos.

O que significa para você a expressão vencer na vida? Alcançar os seus objetivos, ter coragem para enfrentar obstáculos, ter capacidade de progredir

Você se considera um vencedor? Sim, não sei explicar o porquê não sou fracassada

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual? Social com certeza. Desemprego é antes vem o preconceito, também a educação que depende das pessoas.

Quando uma pessoa pode dizer que tem boa vida? Quando tem um bom emprego, ou seja, uma renda razoável que pudesse ter um futuro melhor, uma vida estável. Paz, amor, alegria, harmonia com os outros.

Quando uma pessoa perde sua dignidade? Deixa de ser honesta, quando a pessoa mente.

Entrevista

Nº.: 13

Local: Feira de Economia Solidária Feitoria

Entrevistador: Raquel

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Cleia

Sexo: Masculino () Feminino (X)

Cor: Branco (X) Negro () Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Jesus

Data de nascimento: 06/09/53 **Município onde nasceu:** Rosário do Sul

Estado civil: Casado () Solteiro () Outro (X) **especificar:** Viúva

Possui filhos: Sim (X) Não () **Quantos?** 2 adotivos

Posição na família:

Chefe (X) Cônjuge () Filho () Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Filho	25	7ª do 1º		Solteiro

Município em que reside: São Leopoldo

Residência é própria? Sim (X) Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? 17 ou 18 anos

Em relação à escolaridade:

Está estudando () série atual

Não está estudando () Até que série estudou: até a 5ª, só existia isto na escola de rosário na época.

Atividade que desempenha atualmente: no artesanato

Já foi empregado (carteira assinada)? (X) Sim () Não

Onde?

Quanto tempo?

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$

Possui outras atividades profissionais (especificar):

Há quanto tempo está realizando está atividade? 11 anos

Em que trabalhava anteriormente? 1 salário mínimo se trabalhar 4 horas por dia.

Qual o rendimento médio da atividade? R\$

Possui outros rendimentos? Quais?

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? Só ela.

Qual a renda familiar? R\$ 300,00

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

() Sim (X) Não (se sim) quantos?

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar está atividade? A primeira vez que vem, é difícil de vender ter que ser simpática, fazer trabalhos diferentes.

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.) grandes, com tudo

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores? Conscientização do povo. A maioria daqui quer vender para lucro próprio.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho?(não considera um trabalho, mais um hobby) é ótima, pra mim é uma terapia. Até a pouco eu não tinha noção. Mudei das miçangas para as sementes, tanta coisa guardada dentro da gente.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral) boa, principalmente com sementes que ajudam o meio ambiente.

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? Não

Você pensa em mudar de atividade? Por quê? Não

Como você avalia a sociedade em que vivemos? Que o povo precisa ser reeducado em todos os aspectos, quanto servir ao próximo. É educado, precisa ser reeducado.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos) Segurança. Educação, saúde.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas? A disputa política entre os governos, políticos, uns resolvem mas os outros não fazem, não continuam

Qual o papel do Governo frente a estes problemas? Botar uma lei que seja cumprida ou as leis que tem.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas? Tinham que se integrar, se unir. Quando catar lixo vem o colega. Se todos cooperarem não teria tanto gasto para prefeitura que podia gastar em questões de emergência.

O que seria necessário para solucioná-los? Re-educação. Cumprir as leis, ser rígido, por ordem do governo e com quem fossem acatadas sem seleção de pessoas.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas? Gostaria que fosse realidade com todos, educação infantil, meio ambiente.

O que significa para você a expressão vencer na vida? Ter muita fé em Deus e botar o pé na lama, acreditar que vai vencer.

Você se considera um vencedor? Sim, já ralei muito na vida, tive 2 filhos adotivos e vão me ajudar também, são lindo, maravilhoso, o que semeie to colhendo.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual? Social, tem tanta gente, com tanto e os que tão bem não dividem, depende da capacidade de dividir.

Quando uma pessoa pode dizer que tem boa vida? Tendo um lar, saúde, acho que é isto.

Quando uma pessoa perde sua dignidade? Quando não tem fé e mente, e torna-se fútil e sem interesse para com as outras.

Entrevista

Nº.: 14

Local: Feira de Economia Solidária – Feitoria

Entrevistador: Raquel

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Jodete Lopes

Sexo: Masculino () Feminino (X)

Cor: Branco () Negro (X) Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Católica

Data de nascimento: 20/07/51 **Município onde nasceu:** Santa Maria

Estado civil: Casado (X) Solteiro () Outro () especificar

Possui filhos: Sim (X) Não () Quantos?

Posição na família:

Chefe (X) Cônjuge () Filho () Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Filho	30	1ª do 2º Grau		Solt.
Marido	61	1º incompleto		Casado

Município em que reside: São Leopoldo há 24 anos

Residência é própria? Sim (X) Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? 18 anos

Em relação à escolaridade:

Está estudando () série atual

Não está estudando () Até que série estudou: 7ª

Atividade que desempenha atualmente: artesã

Já foi empregado (carteira assinada)? (X) Sim () Não

Onde? doméstica

Quanto tempo?

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$400,00 e pouco

Possui outras atividades profissionais (especificar):

Há quanto tempo está realizando está atividade? Atelier de roupas

Em que trabalhava anteriormente? idem 15

Qual o rendimento médio da atividade? R\$800,00 no total

Possui outros rendimentos? Quais? Não

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham?

Qual a renda familiar? R\$800,00

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

() Sim () Não (se sim) quantos?

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar está atividade? Financeira. O material é caro. Quero coisa boa.

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.)

Grande, quero vender mais, vender para fora em outros estados, quero ir para outras feiras.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados?

Financeiro, e mais oportunidade de feira popular. Mais clientes nas feiras, ir à feira de Santa Maria, na feira do MERCOSUL.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho? Boa, carinho e dá um resultado bom.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral) Sou bem elogiada, bem recompensada, como um incentivo pro ego

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? Não, sou da paz. Conflitos entre colegas se puder ajudar estar na frente. Tem que ter paz. Se tirassem a família, como seria? Foram forçados pela criação e não sabem ser da paz. Mas eu sou da paz.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê? Não, em aposentar...e atirar de cabeça neste comercio. Acho que ta no sangue, gosto de fazer bonecas.

Como você avalia a sociedade em que vivemos? O Ser humano tinha que ter mais amor, tem muita maldade, não tem Deus no coração se tivesse se importariam mais com outros. As religiões deviam se unir e ir em busca do povo, a miséria da muitas desavenças.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos) Desigualdade. Tem 5 ou 6 filhos e moram num barraco enquanto outros tem uma casa com 10 peças. Não dá de graça não, dá um trabalho, pra adquirir as coisas.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas? A desunião, não pensamos nos outros. E a tendência é piorar!

Qual o papel do Governo frente a estes problemas? Um monte de corrupção eles dão exemplo, são pessoas de cultura e não adianta. Isto incentiva e monta a quadrilha e pega "Laranjas".

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas? Por causa do preconceito doente, velho, jovem, como vai formar uma pessoa? Tem que dar uma oportunidade, é tudo discriminado, é discriminação.

O que seria necessário para solucioná-los? Eles (governo) olhar bem de perto isto aí e dá uma reviravolta. Mas o governo vai ter igualdade. P poder si lembra das pessoas quando precisa não é por aí, tem que dar emprego, escola ensinar a costurar, a bordar, carpintaria e informática. Quanta inteligência tem na beira da “canao”? crianças em drogas em vez de fazer coisas e aproveitar.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas? Trabalhar bastante e exportar meu trabalho para fora do país. Enquanto for possível, sou velha.

O que significa para você a expressão vencer na vida? Vencer é a coisa mais maravilhosa do mundo, fui criada no meio do mato, aí de tamanco, tinha que encarar...tenho minha casa, minha família, não tenho uma vida de rico, é Deus e nossa Sra. Aparecida que me ajudam.

Você se considera um vencedor? Sou, uma vencedora, tenho muita fé e não baixar a cabeça e consegue vencer.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual? Um pouco social e um pouco individuo tem gente que não vai a luta também.

Quando uma pessoa pode dizer que tem boa vida? Tem um bom emprego bem remunerado, pode fazer rancho, tem convenio (de saúde), uma boa assistência.

Quando uma pessoa perde sua dignidade? Quando rouba, cai numa prostituição, quando mata uma pessoa e cabe a família recuperar.

Entrevista Nº.: 15

Local:Feira Economia Solidária Feitora

Entrevistador: Raquel

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Ruben

Sexo: Masculino (X) Feminino ()

Cor: Branco (X) Negro () Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Católica

Data de nascimento: 16/01/68 **Município onde nasceu:** Argentina

Estado civil: Casado (X) Solteiro () Outro () especificar

Possui filhos: Sim (X) Não () Quantos? 1

Posição na família:

Chefe () **Cônjuge** () **Filho** () **Outro parente** () ele e esposa são os chefes

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil

Filho	07	2ª do 1º Grau		Solt.
Esposa	42		Bióloga	Casada

Município em que reside: São Leopoldo

Residência é própria? Sim (X) Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? 7 anos

Em relação à escolaridade:

Está estudando () série atual

Não está estudando () Até que série estudou 1º grau completo

Atividade que desempenha atualmente: agrônomo

Já foi empregado (carteira assinada)? (X) Sim () Não

Onde? na argentina

Quanto tempo?

Quanto recebia de média de salário recebida? U\$ 2000,00

Possui outras atividades profissionais (especificar): não

Há quanto tempo está realizando está atividade? 7 anos que entrou no circuito de feira

Em que trabalhava anteriormente? Comercio

Qual o rendimento médio da atividade? R\$ 1.200,00 a 1500,00

Possui outros rendimentos? Quais? Não

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham?

Qual a renda familiar? R\$ mais ou menos 3000,00

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

() Sim (X) Não (se sim) quantos?

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar está atividade? País estrangeiro e aceitação

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.) Boa, sempre penso de uma forma positiva. O futuro de qualquer coisa depende de nós, temos que correr atrás.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados? O nível econômico. O salário dos políticos, não pode um ter 7 mil e outro ter só 300 reais. Tem que mudar.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho? Maravilhosa, porque com as plantas, natureza, um trabalho que me dá prazer. Trabalho que me dá satisfação.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral) O cliente enxerga o produto e não o que você faz, escolhe e leva para casa. A valorização que tem nestas feiras é diferente.

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? Sim, no principio uma discriminação por ser estrangeiro, de ser mal visto.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê? Não, porque dá um prazer muito grande. Se recebeste uma proposta de maior dinheiro não largaria aqui. Por que eles me respeitam, vejo uma confiança destes seres que eu trabalho (plantas).

Como você avalia a sociedade em que vivemos? É difícil avaliar, estamos num mundo violento mas mesmo assim tem gente honesta. Tem 99% de gente boa.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos) Desemprego, tem tanto problema, a desigualdade e falta de emprego.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas? Muitas, mais grave é a população que cresce e ninguém faz nada. É um mundo difícil, não tem alimentação, as vezes tem propaganda mas não é suficiente. O governo dá bolsa família pra que?

Qual o papel do Governo frente a estes problemas? Tem que mudar para entender as pessoas, comprar e produzir pra que seja consumido ao invés de dar dinheiro ao povo, pensar em toda estrutura se não mudar muito mais violência teremos.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas? Não se interessa, mas tem que se interessar em resolver o problema. É um problema de todos, não é somente ser solidário a única solução é criar meio de trabalho, o governo deve comprar os produtos. Exemplo: rede de supermercado. _porque não incentivar a produção de micro agrônomos e o governo comprar os produtos e vender?

O que seria necessário para solucioná-los? Incentivar as pessoas em todos os níveis de instrução, criar outro caminho.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas? Com meu trabalho também quero um futuro melhor a todos, apesar de parecer um futuro pior que estamos vendo, eu quero um futuro melhor pra mim, meus filhos e para todos

O que significa para você a expressão vencer na vida? Acho que é lutar, ir em frente para fazer o que gosta mesmo

Você se considera um vencedor? Sim, porque principalmente fui muito corajoso sair de um país para o outro de língua diferente, cores, cultura diferente e pude fazer uma família, não só o material, mas um amor que é mais importante

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual? Social que ninguém se importa. Quem se importa só faz publicidade e não tem noção do que é isto, não vão atrás do problema para ver cada situação e solucionar cada caso.

Quando uma pessoa pode dizer que tem boa vida? A família, estar bem com a família, um relacionamento saudável, o resto vamos batalhando para ter uma boa vida, as outras coisas.

Quando uma pessoa perde sua dignidade? Quando acontece uma coisa muito desesperadora, é uma doença que é possível catalogar. Uma coisa horrível, não sei expressar...que faz com que saia na rua e não seja digna, talvez o reconhecimento da sociedade Dados para contato com o entrevistado.

**Entrevista
Nº.: 16**

Local: Feira de economia solidária - Feitoria

Entrevistador: Raquel

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Fabiana

Sexo: Masculino () Feminino (X)

Cor: Branco (X) Negro () Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Católica

Data de nascimento: 03/04/72 **Município onde nasceu:** São Leopoldo, RS

Estado civil: Casado (X) Solteiro () Outro () especificar

Possui filhos: Sim (X) Não () Quantos? 4

Posição na família:

Chefe (X) Cônjuge () Filho () Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Filho	14	7ª do 1º		Solt.
Filho	08	1º do 1º		Solt.
Esposo	36		6ª do 1º	Casado

Município em que reside: São Leopoldo

Residência é própria? Sim (X) Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? Há mais ou menos 14 anos.

Em relação à escolaridade:

Está estudando () série atual

Não está estudando () Até que série estudou: 1º do 2º grau

Atividade que desempenha atualmente: artesã

Já foi empregado (carteira assinada)? (X) Sim () Não

Onde? Motel Quanto tempo? 6 anos

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$800,00 quase 900,00

Possui outras atividades profissionais (especificar): Não

Há quanto tempo está realizando está atividade? Já exerce há 8 anos

Em que trabalhava anteriormente? auxiliar administrativa de motel

Qual o rendimento médio da atividade? R\$ mesmo 900,00

Possui outros rendimentos? Quais? Não

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? Esposo, moram 3.

Qual a renda familiar? R\$ mais ou menos 1500,00

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?
() Sim (X) Não (se sim) quantos?

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar está atividade? Não teve dificuldades

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.) Sempre penso no melhor, mais espaço pro artesanão

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados? Mais divulgação

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho? Bom, o trabalho numa empresa explora mais.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral) Gosta muito, tem elogiado meu trabalho

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? Não, nunca tive, procuro até passar meu conhecimento pros outros.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê? Não, gosto do que faço trabalho dentro da empresa tem muito. É rígido. Aqui, faço com prazer.

Como você avalia a sociedade em que vivemos? É difícil

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos) Melhorar a saúde

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas? Na própria administração da prefeitura

Qual o papel do Governo frente a estes problemas? Exigir mais das pessoas

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas? Regular, as pessoas são muito de ficar quietas e não fazer nada, não procuram seus direitos

O que seria necessário para solucioná-los? na saúde deveria fazer uma investigação e ver onde está o problema

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas? Pelo meu lado profissional cada vez mais melhorar o meu trabalho

O que significa para você a expressão vencer na vida? Se eu conseguir, se fiz pro merecer, por ter vencido meus objetivos.

Você se considera um vencedor? Sim, não totalmente mas sou

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual? Social, ainda tem muita pessoa que pensa mais em si e não pensa nos outros.

Quando uma pessoa pode dizer que tem boa vida? Alcançou os objetivos, tem tudo o que quer as vezes tem tudo e não tem nada. Felicidade que tem que ter.

Quando uma pessoa perde sua dignidade? Se corromper, uma pessoa egoísta que só pensa em si própria, só preocupa com ela própria.

Entrevista

Nº.: 17

Local: Estação São Leopoldo

Entrevistador: Carlos Baum

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Paula

Sexo: Masculino () Feminino (x)

Cor: Branco () Negro () Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Kardecista

Data de nascimento: 29/04/84 **Município onde nasceu:** Sapucaia

Estado civil: Casado () Solteiro (x) Outro () especificar

Possui filhos: Sim () Não (x) Quantos?

Posição na família:

Chefe () Cônjuge () Filho () Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil

Município em que reside: Sapucaia

Residência é própria? Sim (x) Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? 1 ano

Em relação à escolaridade:

Está estudando (x) série atual 6ª série

Não está estudando () Até que série estudou

Atividade que desempenha atualmente Vendedora

Já foi empregado (carteira assinada)? (x) Sim () Não

Onde? Fábrica de Calçados

Quanto tempo? Seis meses

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$ Um salário mínimo

Possui outras atividades profissionais (especificar): Manicura, pedicura...

Há quanto tempo está realizando está atividade? 1 mês

Em que trabalhava anteriormente? Vendendo na rua,

Qual o rendimento médio da atividade? R\$ 1 salário e meio.

Possui outros rendimentos? Quais?

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham?

Qual a renda familiar? R\$

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

() Sim () Não (se sim) quantos?

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar está atividade? Não confiam/ As pessoas desconfiadas (contrabando)

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.) As Coisas estão piorando, mas a esperança é a última que morre.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores?

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho? Gosto, amo muito o que faço. Não adianta ganhar bem e não fazer o que se gosta.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral) Inveja, ciúme, raiva

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? Fofoca para a patroa. Discussão com “vizinhos” de banca

Você pensa em mudar de atividade? Por quê?
Montar um salão de beleza. Gosto de mexer em cabelo também

Como você avalia a sociedade em que vivemos? Desumana. Cada um por si, não são unidos querem as coisas de mão beijada. São tantas pessoas enganando as outras que a gente nem sabe em quem confiar

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos)
As pessoas não se esforçarem para trabalhar, para terem as coisas.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas? Exigência de estudo

Qual o papel do Governo frente a estes problemas? Deveria incentivar as empresas a educar seus funcionários.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas? Se todo mundo fizesse, se as pessoas se unissem mais

O que seria necessário para solucioná-los? Atitude de todos, governo, pessoas, todo mundo. Fazer mais do que falar.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas? Muito bom espero montar meu próprio negócio, terminar meus estudos.

O que significa para você a expressão vencer na vida? Conquistar o que eu quero, ajudar as pessoas.

Você se considera um vencedor? Sim, superei várias coisas na vida

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual? Individual, cada um faz a sua pobreza. Além de não ter dinheiro são pobres de espírito

Quando uma pessoa pode dizer que tem boa vida? Quando ela olha pra si mesmo e gosta. Problemas todos têm.

Quando uma pessoa perde sua dignidade? Quando mente demais, é vulgar, não se dá ao respeito.

Entrevista

Nº.: 18

Local: Feira de economia Solidária

Entrevistador: Carlos Baum

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Camila

Sexo: Masculino () Feminino (x)

Cor: Branco (x) Negro () Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Católica

Data de nascimento: 11/06/1992 **Município onde nasceu:** São Leopoldo

Estado civil: Casado () Solteiro (x) Outro () especificar

Possui filhos: Sim () Não (x) Quantos?

Posição na família:

Chefe () Cônjuge () Filho (x) Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Pai	37	Não	1º ano	Casado
Madrasta	29	Sim	Curso superior (8º semestre)	Casada

Município em que reside: São Leopoldo

Residência é própria? Sim (x) Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? 2 anos

Em relação à escolaridade:

Está estudando (x) série atual: Segundo ano do ensino médio

Não está estudando () Até que série estudou

Atividade que desempenha atualmente: estudante e vendedora

Já foi empregado (carteira assinada)? () Sim (x) Não

Onde?

Quanto tempo?

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$

Possui outras atividades profissionais (especificar):

Há quanto tempo está realizando está atividade? 3 anos

Em que trabalhava anteriormente?

Qual o rendimento médio da atividade? R\$ 100,00

Possui outros rendimentos? Quais?

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? 3

Qual a renda familiar? R\$ 1500,00

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

(x) Sim () Não (se sim) quantos? 1

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar está atividade? Locais distantes e de difícil acesso

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.) Tem piorado, acho que vai melhorar, tem muita concorrência

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores? Mais organização, metas, menos barracas com o mesmo produto

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho? Eu acho de carteira assinada melhor, é mais garantido, aqui tu não sabe como vai ser.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral) Acho que elas pensam a mesma coisa

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? Não...

Você pensa em mudar de atividade? Por quê? Sim, quero subir na vida, trabalhar de carteira assinada. Faço curso de administração e quero trabalhar na área

Como você avalia a sociedade em que vivemos? Muito competitiva e consumista as pessoas são egoístas, não se importam com os outros, é cada um por si

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos) Violência, educação, falta de emprego. Necessidade de experiência e falta de oportunidade para o primeiro emprego.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas? As pessoas só pensam em dinheiro, só querem mais e mais.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas? O papel do governo era tentar melhorar, mas só querem a verba para eles e para os outros nada.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas? Trabalhar para gerar dinheiro.

O que seria necessário para solucioná-los? Não ter tanta corrupção no governo, entrar pessoas novas e ter mais oportunidade para jovens

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas? Eu me vejo trabalhando em uma empresa, espero eu, numa sociedade melhor.

O que significa para você a expressão vencer na vida? Conseguir conquistar as tuas metas, o que tu quer. Conseguir uma casa, um carro. Ou, também, dar a volta por cima

Você se considera um vencedor? ainda não. Mas to fazendo de tudo para ser.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual? Social (tem gente que não faz por si) muitas pessoas não tem oportunidade.

Quando uma pessoa pode dizer que tem boa vida? Quando não passa necessidades, tem comida na mesa, água e luz.

Quando uma pessoa perde sua dignidade? Quando ela faz coisas erradas pra atingir seus objetivo. Mentir, roubar, etc.

Entrevista Nº.: 19

Local: Triângulo

Entrevistador: Carlos Baum

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Jorge

Sexo: Masculino () Feminino ()

Cor: Branco () Negro () Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Católico

Data de nascimento: 24/08/1953 **Município onde nasceu:** São Leopoldo

Estado civil: Casado () Solteiro () Outro () especificar

Possui filhos: Sim () Não () Quantos? 3

Posição na família:

Chefe () Cônjuge () Filho () Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Esposa	55	Não		Casada
Filha	17	Sim	3º ano	Solteira
Filho	28	Não		Solteiro
Filha	26	Não	Segundo grau completo	Solteira

Município em que reside: São Leopoldo

Residência é própria? Sim () Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? 32 anos

Em relação à escolaridade:

Está estudando () série atual

Não está estudando () Até que série estudou: 8ª série

Atividade que desempenha atualmente: vendedor

Já foi empregado (carteira assinada)? () Sim () Não

Onde? Control

Quanto tempo? 13 ano (28 anos de trabalho de carteira assinada no total)

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$ 600,00

Possui outras atividades profissionais (especificar): usinagem

Há quanto tempo está realizando esta atividade? 2 anos

Em que trabalhava anteriormente? Usinagem

Qual o rendimento médio da atividade? R\$400,00

Possui outros rendimentos? Quais?

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? 1

Qual a renda familiar? R\$ 1.000,00

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

() Sim () Não (se sim) quantos?

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar esta atividade? Não queriam liberar a licença, burocracia, muitos documentos, demora.

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.)

Antigamente dava mais dinheiro, mas to animado, acho que pode melhorar.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores? As pessoas ganharem mais dinheiro, hoje com 50 anos as pessoas estão na rua, demitem ela.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho? Eu to nisso porque não arranjei serviço em firma, procurei, mas não encontrei. Na firma tem estabilidade, o direito da esposa.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral)

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? Nunca tive problemas antes quem cuidava de tudo isso era uma mesma família.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê? Não, muito difícil, pouco dinheiro pra investir, sem dinheiro não dá pra fazer nada.

Como você avalia a sociedade em que vivemos? A gente tem que ter esperança, mas com o Lula aí... O pessoal tá sem emprego.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos) Falta de emprego, não contratam pessoas mais velhas, a poluição do rio (dos Sinos) não acontece nada. Ninguém é punido.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas? Tecnologia, as máquinas tomaram o lugar das pessoas.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas? Não sei se dá pra baixar os impostos. Não sei o que eles fazem.

Qual é o papel da sociedade em relação a estes problemas? A sociedade tem que se reunir. Uma associação se juntou e conseguiu um campo, agora mesmo, disseram que vai ter esporte. (um campo de futebol)

O que seria necessário para solucioná-los? Vender mais, produzir mais, as empresas contratarem mais gente.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas? Vai piorar, nossa água vai piorar, não tem segurança, tem corrupção. Só se acontecer uma revolta muito grande.

O que significa para você a expressão vencer na vida? Trabalhar, ter saúde, comer bem. Conseguir as coisas que quer.

Você se considera um vencedor? Acho que sim, a gente tem saúde, come bem, Não dá pra ir pra praia, mas tudo bem.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual? Social, as pessoas vão pra rua, não conseguem emprego, eu tenho pena das pessoas que passam fome, mas não posso dar mais tenho que repor o milho.

Quando uma pessoa pode dizer que tem boa vida? Um bom emprego, um salário bom, pode tirar umas férias, se não tem um carro vai de ônibus até de avião, hoje dá pra parcelar em várias vezes.

Quando uma pessoa perde sua dignidade? Quando começa a roubar, matar por bobagem, por ciúme.

Entrevista Socioeconômico Nº.: 20

Local: Feira de Economia Solidária

Entrevistador: Carlos Baum

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Jane

Sexo: Masculino () Feminino (x)

Cor: Branco () Negro () Amarelo () Pardo (x)

Qual sua religião? Batista

Data de nascimento: 23/02/1976 **Município onde nasceu:** São Leopoldo

Estado civil: Casado () Solteiro (x) Outro () especificar

Possui filhos: Sim (x) Não () **Quantos?** Dois

Posição na família:

Chefe (x) Cônjuge () Filho () Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Filha	13	Sim	5ª	
Filha	2			

Município em que reside: São Leopoldo

Residência é própria? Sim (x) Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? 2 ou 3 anos

Em relação à escolaridade:

Está estudando () série atual

Não está estudando (x) Até que série estudou 6ª série.

Atividade que desempenha atualmente. Vendedora.

Já foi empregado (carteira assinada)? (x) Sim () Não

Onde? Restaurante.

Quanto tempo? 2 anos

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$ 600,00

Possui outras atividades profissionais (especificar):

Há quanto tempo está realizando está atividade? 2 anos

Em que trabalhava anteriormente? Restaurante

Qual o rendimento médio da atividade? R\$ 1800,00

Possui outros rendimentos? Quais? Não

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? Três.

Qual a renda familiar? R\$

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

() Sim (x) Não (se sim) quantos?

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar está atividade? Filha (Falta de creche da prefeitura), tempo, falta vaga perto.

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.) Pretende investir, pra melhorar (sic), tem tudo pra dar certo.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores? As feiras serem em locais melhores. Mais investimento da prefeitura. Locais próprios, com mais movimento.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho? Para mim é tudo, posso ficar em casa, cuido das minhas filhas, ganho mais. E é um investimento para minhas filhas.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral) Várias pessoas gostariam de estar aqui. Mas não tem coragem de arriscar.

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? Sim, com pessoas de mais tempo de feira, com medo da concorrência.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê? Não, só evoluir. Não quero mais trabalhar de funcionária. Quero trabalhar pra mim.

Como você avalia a sociedade em que vivemos? Bem egoísta, difícil de conviver. Querem descartar quem está do lado. A feira é de economia solidária, mas não tem nada disso. Ninguém quer dividir nada

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos). Segurança, educação, saúde. Não consigo consulta faz três meses. Tem muito pouca creche pública.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas? As pessoas dão voto para as pessoas erradas. Os políticos prometem mil e uma coisas e não cumprem nada.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas? Cumprir com as promessas feitas. Podiam contratar mais pessoas, como médicos.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas? Mais respeito entre as pessoas, são mal educadas, grossas. Por coisas simples elas saem agredindo, saem matando. Tu sai de casa e não sabe se vai voltar.

O que seria necessário para solucioná-los? Isso depende de cada um, ter mais informação, mais diálogo, mais compreensão, mais estudos as pessoas são muito ignorantes.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas? Me aposentar, ter uma vida digna, ficar só com a loja, pretendo voltar a estudar.

O que significa para você a expressão vencer na vida? Continuar com meu trabalho, ter uma casa boa, uma vida digna.

Você se considera um vencedor? Eu sim, tenho 32 anos, sempre trabalhei. Tenho casa própria, tenho tudo que preciso dentro de casa, posso dar o necessário pras minhas filhas (e eu arrisco).

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual? Os dois, tem pessoas que se acomodam, ficam esperando o governo ajudar. Tem gente que pega um pedaço de papel e faz coisas incríveis, a gente tem que correr atrás.

Quando uma pessoa pode dizer que tem boa vida? Quando tem uma casa pra morar alimentação necessária, pode trabalhar.

Quando uma pessoa perde sua dignidade? Quando a pessoa deixa de se importar com ela mesma, ou se acomoda.

**Entrevista
Nº.: 21**

Local: Estação UNISINOS

Entrevistador: Carlos Baum

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Nilva

Sexo: Masculino () Feminino (x)

Cor: Branco () Negro (x) Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Umbandista

Data de nascimento: 04/04/70 **Município onde nasceu:** Canoas

Estado civil: Casado (x) Solteiro () Outro () especificar

Possui filhos: Sim (x) Não () **Quantos?** dois

Posição na família:

Chefe () **Cônjuge** (x) **Filho** () **Outro parente** ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Marido	45	Não	2º grau completo	Casado
Filho	11	Sim	5ª série	Solteiro
Filha	2	Não		Solteira

Município em que reside: São Leopoldo

Residência é própria? Sim (x) Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? 17 anos

Em relação à escolaridade:

Está estudando () **série atual**

Não está estudando (x) **Até que série estudou.** 1º completo

Atividade que desempenha atualmente. Vendedora

Já foi empregado (carteira assinada)? (x) Sim () Não

Onde? Companhia de exportação

Quanto tempo? 6 anos

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$ 35000,00

Possui outras atividades profissionais (especificar):

Há quanto tempo está realizando está atividade? Quatro meses.

Em que trabalhava anteriormente? Do lar.

Qual o rendimento médio da atividade? R\$ 600,00

Possui outros rendimentos? Quais?

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? Uma.

Qual a renda familiar? R\$ 3100,00

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

() Sim (x) Não (se sim) quantos?

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar está atividade? "Burocracia do Trem" (empresa trensurb).

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.) A tendência é melhorar.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores? Muita política, trem é só política, daí fica complicado.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho? Muito bom, não tenho nada a dizer.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral) Eu ganho muito elogio, aparenta ser com bons olhos, elogiam a qualidade. Agora, se estão sendo sinceras, é outros quinhentos.

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? Eu não, mas várias pessoas enfrentaram, por causa dos lojistas. Antes tinha uma feira e teve que acabar.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê? Por enquanto não, só ampliar o negócio.

Como você avalia a sociedade em que vivemos? Precária, tinha que mudar muita coisa.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos) É tudo. Policiamento, habitação, burocracia pra tudo. O pobre não tem direito. Só classe média pra cima.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas? Má administração é em geral. É a área da saúde, a habitação. É muita gente roubando e não ficando nada para os outros.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas?

O governo só quer roubar, o governo é tudo. Se eles não passassem tanto o pessoal para trás.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas? Se a sociedade explodisse, se unisse ia melhorar bastante. A sociedade tem muita força mas não se manifesta.

O que seria necessário para solucioná-los? Se houvesse mais união das pessoas já seria um caminho.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas? Se continuar assim o futuro dos meus filhos não vai ser muito melhor que o que vivemos hoje. Disso para pior.

O que significa para você a expressão vencer na vida? Ter fé, ter saúde. Tudo é baseado nisso. Se tu tem fé, tem esperança; e se tu tem saúde, trabalha para vencer. E tudo ta tão difícil.

Você se considera um vencedor? Eu me considero.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual? Eu vejo como problema individual, eu acredito em reencarnação. Então, acho que se a pessoa vem pra resolver alguma coisa, certamente ela já teve muito dinheiro e deixou a desejar.

Quando uma pessoa pode dizer que tem boa vida? Quando não existe doença na família, tu ganha dinheiro para pagar tuas contas, não é caloteiro e tudo que tu tem é com suor do teu trabalho, nunca enganando os outros.

Quando uma pessoa perde sua dignidade? Quando mente, trapaça, pisa sobre os outros. Pessoas cínicas, falsas.

Entrevista Gestor São Leopoldo

Pesquisador: Quais são os programas que hoje o Município possui pra geração de trabalho e renda, pra estimular a economia, como é que eles funcionam, em linhas gerais?

Secretário: Nós temos algumas, algumas dessas atividades focadas nesse sentido aqui pelo Município, nós temos através, nós temos quatro diretorias aqui na Secretaria de Desenvolvimento, que é a Secretaria de Desenvolvimento Empresarial, as micro e pequenas empresas, temos a Turismo e tem a Diretoria de Economia Solidária. Essa diretoria ela tem um papel bem, bem importante porque ela tenta trabalhar o público que na realidade não faz parte das estatísticas que são aqueles que são artesãos, a economia que eu não entendo como ela informal, mas é economia popular que são aqueles que estão fazendo o seu bordado, os artesãos que produzem sua, produzem alimentos em suas residências e botam em caixinhas, em (...) digamos assim, e saem a vender pros seus vizinhos, vendendo lanche nos comércios, participando de pequenas feiras aqui acolá, então ali eles na geração de trabalho e renda eles tem um papel um muito importante e que tem um fato muito grande na cidade. Através dessa Diretoria nós também temos as feiras populares que são organizadas em quatro pontos da cidade uma vez por ano e ali tenta fazer, incentivar a economia local daquela região. As pessoas, por exemplo, que são da Zona Norte não pode ir á na Zona Leste da cidade comercializar essas feiras são para os moradores daquela região.

Pesquisador: Daquela região.

Secretário: Exato. Com a exceção daqueles que fazem parte dos grupos organizados de economia solidária, quando eles estão reunidos num grupo de economia solidária, eles daí tem direito de freqüentar todas as feiras, mas pra aqueles que estão trabalhando assim de forma autônoma, não fazem parte de algum grupo, esses sim só podem comercializar naquela região. Nós tivemos esse ano por conta do desequilíbrio econômico, nós não realizamos quatro feiras, somente duas. Mês que vem nós teremos a da Zona Leste que é da feitoria dessa região toda, que é uma das grandes feiras, reúne muita gente, muitos vendedores, muitos artesão, enfim, mas ano que vem a previsão é voltar a ter de novo as quatro feiras porque ela tem um impacto muito grande na economia. Essa é uma das ações que são geradas ali na Diretoria de Economia Solidária, depois nós temos as outras que são tocadas pelas outras Diretorias, por exemplo, a Diretoria de Pequenas e Micro Empresa que é a do Fabio. Nós nesta Diretoria há um incentivo muito grande à formalização dos empreendimentos que hoje eles estão na informalidade que é o, por exemplo, o torneiro mecânico que tá lá ele tem um torneio pequeno, ele nunca buscou a formalização, a gente especialmente a partir deste ano a gente tá com uma ideia de incentivo pra que ela saia da informalidade e venha para a formalidade, registre a sua empresa, tenha Nota Fiscal e tudo. Estamos agora em fase da implantação da EI, do empreendedor individual que é o Projeto de Lei criado e incentivado pelo Governo Federal que é um projeto com um

impacto muito grande na economia porque ele tem um fim, ele trás pra inclusão social muitos empreendimentos que o cara nunca pensou em ter Nota Fiscal, nunca pensou em abrir uma empresa e hoje ano vai gastar, não vai gastar sessenta reais por mês e vai ter a empresa dele aberta com Nota, com pagamento do, da contribuição previdenciária, faz a sua contribuição para o Município e para o Estado, então é importante. Nós estamos colocando à disposição deste público diversos cursos de qualificação na área e informática, nós estamos concluindo agora uma turma que são de vinte e cinco, são cinquenta pequenos empreendedores, os cursos são dados, são duzentas horas de formação, as duas turmas estão se formando agora este mês, eles tiveram aqui um curso muito interessante na área de Gestão, princípios de Gestão, são nove etapas se eu não estou errado e os cursos são dados aqui na Secretaria pra ajudar eles a tomar aquela base pra que ele possa toca a diante o seu pequeno empreendimento. Nós temos nessa Diretoria também a, o micro-crédito que é um setor dentro da Diretoria de Micro e Pequenas Empresas que coloca à disposição pequenos recursos que vão assim de quinhentos, mil reais, mil e quinhentos reais pra que ele possa bancar seu pequeno negócio, e o público alvo nosso é aquele pequeno, micro, micro empreendedor que tá na periferia da cidade que é o cara lá que produz bolacha e precisa comprar um forno novo pra ele, o forno, ele faz essas bolachinhas e bota pra cozinhar no fogão dele, então ele vem aqui ele pode pegar de uma forma bem facilitada um empréstimo de mil, mil e quinhentos, oitocentos reais e vai e compra.

Pesquisador: Um capital de giro não é?

Secretário: É. Só a gente não, a gente não usa ele pra capital de giro, ele tem que comprar um bem.

Pesquisador: Tem que comprar um bem?

Secretário: Tem que comprar um bem, exato, pra que gere riqueza e partir disso ele possa fazer o reembolso do empréstimo dele, ele é um crédito acompanhado.

Pesquisador: Eu recordo que quando eu trabalhava na Prefeitura, no Pás, acho que nós fizemos uma compra dumas, essas cânceres adaptadas, o pessoal lá no Santo Marta...

Secretário: Isso. Pra, pra fazer...

Pesquisador: Foi via micro crédito. Na época se eu não me engano teve um aval solidário, uma coisa assim. Alguns titulando cadastro, de fazer diretamente no seu nome. Hoje essas questões funcionam, vocês flexibilizam dentro do possível?

Secretário: É. Sim, a gente tenta, tenta buscar condições pra que ele, que ele tenha condições de tirar. O problema que parte dos recursos colocados à disposição tenha a participação do Município, e outros vêm dos bancos, porque tem uma Lei que diz que dois por cento dos empreendimentos dos

bancos precisam ser colocados à disposição pra serem usados como micro crédito. Então hoje o nosso grande parceiro é a Caixa RS, a Caixa RS não permite com que o captador dos recursos tenha problema de crédito. Nós tínhamos a parceria da Cred Sol, que era uma Instituição de fomento de Porto Alegre aonde eles permitiam que o captador dos recursos tivesse, que fosse alguma restrição era feita análise dessa restrição e daí era liberado o crédito. Mas eu não sei se por conta disso ou não eles estão com problema financeiro de gestão deles e não estão mais colocando recursos à disposição, entendeu? Mas enfim, é uma das ferramentas que nós temos, nós em três anos de execução desse projeto nós já fizemos quase seiscentos negócios, quase seiscentas pessoas, porque às vezes as pessoas repetem, tiram, pagam, tiram de novo. Então nós fizemos quase seiscentos negócios e colocamos no mercado quase que um montante de um milhão de reais só com esses pequenos créditos, eu não tenho dúvidas de que isso geralmente trás e gera algum impacto na economia local com a geração de emprego. Posso usar lá o exemplo do Seu Lucindo na Vila Brás, ele era, ela era um ex funcionário de uma empresa ligada ao calçado. Desempregou-se não conseguiu mais entrar no mercado, virou captador. Uma visita que eu fiz na casa dele, sabia disso e eu vou tentar ‘mas tu não quer voltar de novo?’ ele disse ‘bah, mas eu não tenho chance’, então a gente trouxe ele aqui ele teve contato com o micro crédito e ele comprou uma, com o pequeno recurso que ele tirou ele comprou uma máquina pra, ele faz palmilhas, ele terceiriza trabalhos pra uma empresa de calçados, ali ele dobra palmilha, eu não sei como é o nome desse processo e hoje por incrível que pareça ele tem, ele é de uma família muito grande, acho que são, ele deve ter uns oito filhos. E os filhos dele estão hoje trabalhando numa pequena fabriquetinha que ele tem impulsionando com o micro crédito. Com esse processo ele comprou uma máquina hoje já, eu sei que agora a empresa pra qual ele, uma das empresas pediu pra que ele melhorasse as condições, ele já fez nos fundos da casa dele uma pequena edificação, quase que um pavilhão, mas é uma sala que deve ter uns, que deve dar acho que uns sessenta, acho que uns cem metros quadrados mais ou menos na nova construção dele e foi parece que impulsionado por aquilo, porque ele tinha que ter uma máquina pra fazer pra fazer um processo que senão a empresa que hoje dá o trabalho pra ele não poderia mais dar, então foi o micro crédito que deu condições a ele adquirir uma máquina usada e dessa máquina ele já comprou outras coisas, enfim, mas tem filho dele, tem nora e genros dele que já estão trabalhando junto ali impulsionados, e assim a gente poderia começar a dizer inúmeros outros negócios que a gente sabe que são impulsionados pelo micro crédito aqui e que o micro crédito também tem o viés da formação e da qualificação. Por exemplo, o público que participa deste curso que nós temos que são duas turmas que nós temos, o público foi buscado dentro dos captadores do micro crédito, foi ali buscado as pessoas pra participar aqui, as pessoas que participam dos cursos de Introdução à Informática são das pessoas que vem captar recursos ali e tal, então a gente quer realmente trabalhar na qualificação desse pessoal.

Pesquisador: Esse curso da Informática tem relação com PNQ ou não?

Secretário: Não. Ele, nós temos um laboratório, um centro e informática que é da Prefeitura e a gente fez uma solicitação pra que eles colocassem à

disposição um numero de vagas pra gente convidar esse pessoal, esse nosso público do micro crédito pra ter uma formação porque a gente identificou algumas necessidades, por exemplo, nós buscamos o acompanhamento de quem tá de crédito porque a gente quer que o investimento dele tenha o resultado e o objetivo que ele vem aqui. Então como a gente faz é acompanhando ele e identificamos alguns problemas. A gente identificou que ali grave problema é de gestão, o cara compra um forminho de fogão, faz as bolachinhas, mas ele não faz, não sabe fazer a gestão, então por isso a gente ofereceu isso. Outra necessidade que foi apontada ali dentro e que o pessoal tem dificuldade na questão da informática, muitos não sabem usar a informática e hoje ela faz parte da nossa vida, então a gente buscou algumas alternativas gratuitas de curso de formação e qualificação na área de informática, então... E o Município oferece nesses, profissionais da própria Prefeitura e são cursos sem investimentos e...

Voz de mulher: E essas pessoas que tem acesso a esses programas da informática são quem, aqueles que vieram buscar...

Secretário: Aqueles que vieram buscar o micro crédito, exato. E são o nosso público alvo, pra nós é nosso público alvo porque a gente tem o endereço, a gente sabe a condição socioeconômica dele, então a gente talvez, a gente dedica algumas demandas porque o micro crédito ele vai na casa dele buscar ele tá? Vou usar o cara da bolacha, mas eu podia usar outros exemplos, mas o cara da bolacha ele vem aqui dizer que ele quer comprar o forno, o forno pra fazer a bolachinha dele, o nossos agente de micro crédito que tem uma preparação dada pela Caixa eles vai na casa dele, eles vão lá ver pra quem eles vendem, vão visitar o comprador da bolacha pra saber se realmente ele produz a bolacha, vende, eles visitam o vizinho do lado, em torno pra saber se o cara produz bolacha, e talvez o cara esteja querendo pegar o capital pra usar de outro, depois ele ganha o dinheiro e nosso agente vai lá acompanhar pra ver se ele comprou forno e se ele ta conseguindo gerar a riqueza através do ensino, se melhorou a rentabilidade dele no negócio, então a gente acompanha e aí que a gente pega o publico...

Voz de Mulher: Identifica essas necessidades.

Secretário: Identifica essas necessidades. O grande problema hoje nosso é a gestão, gestão do seu pequeno negócio.

Pesquisador: É isso que eu ia te perguntar assim. Qual é a, quais as principais dificuldades que vocês tem observado ao operacionalizar os programas pra efetivar a política?

Secretário: Pra alguns, alguns programas acontecem no Centro da cidade. Eu sou um que tenho insistido muito com nosso povo aqui de descentralizar algumas ações porque a pobreza maior tá na periferia, então esse curso de gestão que nós estamos dando aqui, a gente conseguiu no mínimo dar um incentivo de, eles tem um lanche que eles fazem aqui, eles tem todo material gratuito e eles tem ajuda de custo pra pagamento da passagem porque a gente teve que fazer esse curso aqui, na Secretaria aqui no Centro. Eu queria que ele

fosse na periferia, mas como a gente teve oportunidade, o tempo era muito rápido senão a gente ia perder esse curso e todos esses benefícios, então a gente tinha aqui o espaço e fizemos aqui. Então é a garantia do deslocamento do cara lá da periferia pra vir pro centro, essa é uma das dificuldades tá, ele, se o curso pudesse ir até ele era melhor, isso que eu falei da dificuldade de gestão, o despreparo dele, a desqualificação dele é ruim, ele vende pra trinta reais no dia ele vai lá e compra pra trinta reais de comida, ele não sabe que ele tem que separar dos trinta ele tem que separar no mínimo vinte reais pra pagar a farinha, o leite, o açúcar de quem forneceu pra ele, então essas coisas que são muito básicas, muito básicas onde a gente precisa ensinar pra esse público, a esses pequenos, pequenos empreendedores como eles que estão ainda na informalidade. Então algumas coisas assim que a gente acha muito ridículo que pra nós, pra quem tem um mínimo assim de noção, mas pra eles, eles não entendem esses processos e se confundem assim muito grande, e assumem compromissos que depois eles não conseguem assumir. Então o despreparo, o despreparo é bem, é uma das marcas desse público e que através do micro crédito dessa Diretoria a gente consegue ajudar, enfim. A gente tem também agora, isso é um público que tá bem na informalidade, a gente também que até por um acaso, eu não sabia do quê que vocês iam tratar, MS nós temos um Projeto de Lei, um Projeto de Lei não, um programa aqui de nossa Secretaria que é o Empreendedor Legal, que quer incentivar o cara que já esta com sua produçãozinha, tá com torno, tá fazendo alguma coisa, pra que ele se formalize, pra que ele exista, pra que todos saibam que ele tá aí vivo. Então eu antes de vir pra reunião avisei o, a Diretoria, aqui o Jorge Chega que é o da fiscalização e o Fabio que é diretor de pequenas e micro, eu quero ter uma reunião com eles depois pra nós implementar o projeto, o Programa do Empreendedor Legal, por quê? Eu poderia pegar os agentes hoje de fiscalização, ir pros bairros da cidade, e olha, não quer dizer nada, mas eu acho a cada dez empreendimentos no mínimo cinco são ilegais, o cara não tem alvará, não tem Nota, tem gente trabalhando com ele na informalidade, sem carteira assinada, se eu quisesse eu podia mandar o fiscal lá, autua, notifica e acabou, ele que se vire, nós podemos fazer um programa, criar um programa que a gente já tem discutido e implementar ele agora que é ter um reais educativo, de ir lá dizer pra ele da importância de legalizar, o resultado social que isso vai gerar tanto pra eles quanto pra aqueles que estão no empreendimento dele, seja um filho dele, seja um vizinho dele que tá lá ajudando ele a fazer a oficina mecânica de carro dele lá, mas se o cara tiver registrado, der algum problema ele tem um amparo social, enfim, todas essas coisas e, mas a gente quer colocar à disposição dele algumas ferramentas que a gente possa ajudar ele, que ele também tem esse conhecimento. Exemplo disso, nós fomos buscar com o Sindicato dos Contadores, a gente já ta num debate bem avançado de se ele é uma oficina de carro, ele quer registrar a empresa dele, se ele buscar no Sindicato dos Contadores parceria pra que isso aconteça, o sindicato vai colocar à disposição dele um conjunto de escritórios de Contabilidade, o Sindicato vai dizer quantos são, um numero por seguinte bem animado que vão senão dar gratuitamente a abertura da empresa dele quase que gratuitamente, vão da um desconto especial ao longo de vinte e quatro meses nos honorários, as despesas mensais pra ele tocar a contabilidade dele, enfim, ali algumas coisas. Nós queremos através da nossa Secretaria, se ele quiser entrar no programa colocar algumas palestras de

formação, de qualificação pra ele também. Nós queremos colocar à disposição do micro crédito nosso pra que se ele precisar pegar algum recurso e a gente tá trazendo uma novidade no micro crédito, a gente tá botando um valor à disposição agora na hora pra que a empresa ou pra quem vai abrir uma empresa, pra quem tem que é um imposto que pode sair do cinco mil e ir até os quinze mil reais, porque se eu for só lá e cobrar dele a regularização é a atitude mais fácil que o poder público pode ter, ele tira dele a responsabilidade de ajudar esse empreendedor, eu acho que isso é muito fácil de fazer, é só reunir os fiscais e dizer 'olha, hoje vocês vão entrar em tal rua, tal rua, tal rua e o cara tem tudo, quem não tiver alvará eles fazem o cara se regularizar, o quê que se vai fazer? Vai fazer todos ou continuam na informalidade ou fechem porque eles nem sabem como fazer. Eu preciso dizer da importância que tem da formalização do negócio dele, mas dar...

Pesquisador: Dar condições.

Secretário: Dar condições, estender a mão pra ele fazer. O empreendedor individual que a Lei Federal, porque muitos desses empreendimentos na periferia da cidade não tem um faturamento muito grande. Pra um empreendimento ser considerado um empreendimento individual ele só pode faturar três mil reais por mês ou trinta e seis mil reais ao longo de doze meses. Se eu for pra periferia, esses pequenos negócios muitos deles não chegam a três mil reais por mês, então eu quero convidar o cara pra vir legalizar, ele não paga nada, entendeu. Os escritórios de Contabilidade tá na, a empresa individual que é a EI, os escritórios de Contabilidade que fizeram no passado a opção pelo simples nacional, os escritórios de Contabilidade tá muito nesse, fizeram a opção pelo simples nacional eles assinaram um termo de ajuste aonde eles se comprometeram em fazer a prestação de serviço para as empresas individuais que é a EI gratuitamente, eles nem podem cobrar, entendeu? Por qual motivo o cara vai continuar na informalidade, não tem motivo, sabe? Ele paga sessenta reais por mês, tem a contribuição do INSS, cinco da Prefeitura e mais um real pro Governo do Estado, é tudo que ele paga durante o mês indiferente se ele faturou mil ou quinhentos ou três mil reais, sabe? Só que isso gera uma cadeia produtiva que ele na informalidade ele ia comprar matéria prima dele e não pedia Nota Fiscal, ele não pedia Nota Fiscal porque era informal. Agora ele vai lá busca o produto dele na ferragem, no fornecedor, ele vai pedir a Nota Fiscal porque ele tá formalizado e isso vai ter reflexos na economia, não tenho dúvidas disso. Se ele tem um ajudante, porque ele pode ter um funcionário na empresa individual, se ele tem filho dele ou filho do vizinho ele vai querer formalizar esse cara, ele vai assinar a carteira dele, o cara vai tá correto, ele tem benefício previdenciário, então eu preciso dizer, eu preciso trabalhar no viés da informação, da educação, eu preciso ir pra rua e começar dizer isso pra esses caras que estão na informalidade que ele pode se formalizar hoje e que o Poder Público Municipal é um grande parceiro dele, não um grande inimigo como muitas vezes é anunciado.

Pesquisador: Pra que eles possam vender também pra aqueles que não podem, porque tem empresas que exigem Nota em prestar o serviço pra alguém que hoje a empresa não tem como...

Voz de mulher: Ele não tem Nota.

Pesquisador: Exato. Então não tem como. Deixa eu te perguntar uma coisa que estão, tem muitas coisa que estão mudando, tem algumas ações mais específicas ou alguma (...) que digam respeito a (...) da diversidade ou alguma coisa mais focal no gênero ou na questão de dia, porque tem às vezes as políticas mais afirmativas pra encaminhar grupo ou (...)?

Secretário: Nós, nas nossas ações elas são, as nossas ações a gente não trabalha nesse viés de gênero, de raça, fica difícil até pra nós porque elas são um pouco globais, é até difícil a gente trabalhar nisso. O que a gente tá tentando fazer agora é buscar um público com afinidade de atividade, voltando de novo ao micro crédito tá?! O micro crédito por mais que a gente divulgue nem todos sabem, então o que nós precisamos agora, a gente já tá com um material de publicidade praticamente pronto, eu vou ter dentro do micro crédito uma linha de crédito que é igual ao que a gente já tem, só que a gente vai dar uma publicidade a ela para as atividades culturais. No ângulo que nós estamos colocando, hoje o nosso programa de micro crédito é Mão na roda, um programa mão na roda, coloca à disposição o micro crédito pra todo mundo. Nós estamos fazendo o Mão (...), ele vai ter um ponto específico dele que a gente vai começar a distribuir para aqueles que produzem cultura na cidade, que ele não sabe que ele pode vir na minha Secretaria um cantor de, um produtor que vai na, que vai nas pizzarias tocar violãozinho e precisa comprar uma mesa de som com câmara de eco pra fazer um trabalho melhor, ele não precisa de juntar mais mil e quinhentos reais. Então ele vai poder vir aqui tirar mil e quinhentos reais através desse programa, alguém que, uma pequena escola de dança, quer montar um (...), fazer uma produção que vai fazer uma apresentação eles podem vir aqui tirar quinhentos reais pra montar uma gratificação, montar um cenário, só que eles não sabiam disso, a gente monta um programa pra eles, eles ganham muito mais com marketing porque o programa faria, mas eles não sabiam. Nós estamos montando agora, a gente não deu o nome certo, mas a gente acha que Mão na Terra, nós temos na nossa cidade pequenos produtores rurais, nós estamos fazendo agora o diagnóstico disso, nós temos a ideia, a quantidade a gente já sabe tá?! Nós temos cento e cinco pequenos produtores rurais em nossa cidade. Nós estamos visitando um por um e fazendo o diagnóstico socioeconômico deles, nós vamos saber o quê que ele produz, quanto ele produz, quanto são beneficiados na sua família, se é atividade principal ou não é, vou saber em detalhes, separar o que ele produz tudo. E eu vou dizer pra ele que eu tenho crédito pra ele, se ele precisar comprar lá uma chocadeira, sei lá o quê, ele vai ter, eu vou criar caminho, um folder de divulgação, o nome do programa nós vamos colocar eu acho que é Mão na Terra e vou um por um desses pequenos produtores 'ah meu amigo, se tu precisar comprar um grão pra ti plantar lá que tu não tá conseguindo dinheirinho, tu quer melhorar teu ordinariozinho, porque alguns tem produção de galinha, fazer um galpãozinho, uma estufa lá não muito grande, eu tenho um dinheiro bem fácil pra ti tirar.

Pesquisador: Sem a burocracia.

Secretário: Sem a burocracia. Eu tive na semana passada, na quarta passada em reunião com o Sindicato Rural e eles bah, ficaram emocionados quando souberam disso, mas tem , sempre existiu, há quatro anos a gente já tem isso.

Pesquisador: Só que o pessoal não sabe.

Secretário: Só que eles não sabem, então se eu dividir isso seria bom pra ele, por afinidade de atividade eu consigo ter um impacto maior de problema direto, mas isso eu não preciso separar por gênio, por raça, talvez algum momento, mas ele não tem essa distinção.

Pesquisador: Às vezes tinha as atividades, na Prefeitura, o Governo tem a Coordenadoria da Mulher, a Secretaria da Mulher.

Secretário: Sim. Assim como tem a da Igualdade Racial também, e eles têm programas dirigidos pra seu público e que envolvem as Semedes também às vezes, ensino de carpintaria que ensina as mulheres à benfeitoria ensina as mulheres a trabalhar com madeira, os instrutores e a coordenadoria, a Coordenação Técnica disso, a gestão disso corre por aqui pela Semedes, e sempre nós como ferramentas, não que nós tenhamos segmentado cem por cento.

Pesquisador: Mas essa questão assim tipo, o pessoal do micro crédito, nós temos o micro crédito, dentro nós temos uma linha que é digamos só de mulheres, (...)?

Secretário: Não. Me chamou atenção pra uma coisa. Eu não fiz levantamento, mas se eu pegar no micro crédito o perfil, definir o perfil do público que acessa o micro crédito, eu não tenho dúvidas de que o numero maior dos nossos parceiros são mulheres.

Pesquisador: Mas principalmente se pegar o pessoal da Economia Solidária as mulheres é que começam seus empreendimentos?

Secretário: Exato. Se tu pega o nosso público da Economia Solidária...

Pesquisador: Os homens se agregam mais tarde. Um negócio que começou a funcionar fica assim meio que...

Secretário: Sestroso.

Pesquisador: É. Fica ali espiando, 'vamos ver se vai dar certo'. A coisa começa...

Secretário: Isso. Esse termômetro com a ponta ele digamos não tem um incentivo assim pras mulheres, mas o público...

Pesquisador: E assim, como é que você acha que as pessoas que estão de fora, não somente aí a questão do poder público, enxerga essa atividade? A gente vê muitas vezes, (...) contou na relação de conflito, por exemplo, o vendedor ambulante está na cidade, o cara tá na calçada, o

empresário do outro lado (...), paga imposto, então do tipo a via pública é pública, não pode tá ali, mas ao mesmo tempo vem um cara, um bar, ele fecha uma parte da calçada, meio que privatiza ela. Então há uma relação de interesse e há um certo conflito. Como é que você percebe a visão dos outros em relação à atividade informal?

Secretário: Eu ia emendar, fazer um gancho, comentário de tempo inteiro que vai direto pra essa resposta aí. Essa Lei do Empreendedor Legal, empreendedor individual ela justamente ela provoca uma justiça de mercado porque antes aquele ali que tem seu bar, seu aluguel, tem a sua porta, paga os seus impostos, tá começando com a atividade, tem esse ônus, ele tá disputando com o outro o que venda artefatos de couro, carteira, cinto, por exemplo, são lojas aqui na cidade, está disputando com outro que tá na rua sem custo nenhum, nem imposto nem aluguel nem nada vendendo o mesmo produto às vezes pela metade do preço e vendendo pela metade do preço tendo o dobro do lucro. Então esse é o primeiro fator, provoca uma injustiça nesse caso. Aí agora sim a fiscalização pode bater com bastante mais força em cima desse informal que está fazendo essa injustiça de mercado porque ele não está usando o recurso que ele pode usar. Ele tá ilegal, melhor dizendo informal por uma questão não, não por uma situação passageira, é uma opção que ele adotou e que não tem mais justificativa. E a outra coisa que eu até fiz um laudo agora (...) aqui, é que devemos fazer uma distinção entre o ilegal, nós fazemos um treinamento sobre o ilegal e o informal. O ilegal é aquele que vendo o produto de descaminho, nós tratamos dessa forma, que vende o cigarro contrabandeado, que vende esses produtos contrabandeados ou sem origem comprovada. O informal a gente entende que é aquele que produz em casa, faz alguma coisa em casa ou enfim, a família faz e ele sai pra vender isso aí, seja um doce, seja um salgadinho, um produto qualquer, um artefato de couro, então são duas situações diferente. O ilegal é ilegal mesmo e não tem desculpa, tem que aprender e tem que fazer o que for necessário. O informal tem essa outra situação que eu coloquei, então fica fácil pra quem tá de fora, hoje fica mais fácil quem tá de fora, respondendo essa pergunta, porque é em lógico, se o informal ele faz as coisas em casa sai pra vender e quer ficar nessa situação, ele corre o risco não mais justificado, hoje não tem mais justificativa, ele tem dentro da legislação tem dentro das forças de Governo aqui na cidade orientação, apoio através do micro crédito, através de curso de capacitação que recebe pra se postar, pra se posicionar como um pequeno empreendedor.

Secretario: Complementando também a sua pergunta, o Sergio já falou, se eu pegar hoje como exemplo o Centro da cidade, alguns adultos que são, nós podíamos passear nós cinco agora passeando pela independência, nós iríamos enumerar dezenas de desvios de conduta por parte de quem compra pra comercializar uma coisa que seja (...), mas a própria ineficiência do poder público e do gestor público em definir algumas regras e uma política para uso desse espaço que permite com que os caras ultrapassem seus limites não é? Um dia foi dito, ele veio aqui, sei lá, tirou licença pra botar cadeira na frente da calçada, tem um alargamento da calçada dele, dá condições de ele botar uma cadeira ali, uma mesinha tranqüilo, só que tu chega sete horas da noite ele espalhou cadeira ao longo da calçada e ocupa a calçada do primeiro, segundo e do terceiro vizinho dele e não dá limite às vezes pra um pedestre passar. Aí

tu me perguntas, ele paga alguma coisa pra isso? Não paga nada. Ele tá usando um espaço que é mantido pelo poder público, aí ele pensa que ele é do poder público, nós tivemos a revitalização da independência das calçadas para com o dinheiro público e ele não contribui em nada, só cria problema na realidade em algum momento, ele gera posses de trabalho ali, gera entendeu? Tudo isso a gente sabe. Só que ele suja as calçadas, ele vai com a mesa e a cadeira dele até o outro estabelecimento, o pessoal suja com x lá no chão, derrama a cerveja, tem gente que faz as necessidades na porta das lojas, quem é que vai depois limpar é o pessoal que faz a limpeza pública, é o estabelecimento do lado, mas a gente não define algumas regras pra isso. Se a gente pegar o Centro da cidade de São Leopoldo que há dez anos tinha glamour, trazia pessoas que vinham até de Porto Alegre pra freqüentar a noite leopoldense porque era bonita, era legal, hoje a gente não faz mais isso, porque a gente deixou, a gente perdeu esse glamour, entendeu? Tem muitos outros exemplos bem bobos, mas tu passas num bar tem cadeiras brancas, amarelas, vermelhas, de uma cervejaria de outra cervejaria, tu vais pra outra é uma outra bagunça, se o poder público dissesse, 'não, nós vamos permitir o uso desse espaço, a gente acha interessante ter uma fonte de riqueza, um desenvolvimento, só que a partir de agora nós vamos ter o seguinte, ter o padrão de uso, ter um limite na calçada de uso, tem um padrão que a gente quer que os nossos bares tenham, nós não vamos mais permitir que tu feches', porque tem gente se tu for a alguns bares tu vai ver que eles tem aqueles, tipo uma sanfona, sei lá como chamam aquilo, eles baixam e fecham, aquilo ali é um abuso.

Pesquisador: Como se tivesse fechando uma parede não é?

Secretario: Exato. Ah e tem uma opção no uso público daquele espaço indiscriminadamente, indiscriminadamente. Aí tu precisas, o poder público precisa intervir aí e precisa dar regras e essas regras podem gerar desenvolvimento, riqueza, intervenção social, não tem problema, ela necessariamente não precisa ser proibitiva, mas ela pode dizer como vai ser o uso e dar as limitações a partir disso. Isso é (...) básicas, a gente pode montar outras, outra práticas que existem no Centro da cidade assim que são abusivas.

Pesquisador: Deixa eu fazer umas perguntas mais gerais assim. Como é que tu avalia a sociedade que nós vivemos hoje?

Secretario: Que aspecto que é?

Pesquisador: (...) que eu vejo um outro (...) assim.

Secretario: Não sei se eu vou responder no viés que tu quer, na linha que tu quer. Mas eu entendo, eu vejo assim que a gente muitas vezes não vemos os direitos que nós temos enquanto cidadãos e a gente não cobra esses direitos. Ontem, eu não gosto de dar carteiraso, poucos lugares não digo que eu sou Secretario, não digo que eu sou vereador, não faço... Ontem passando pela Independência tinha um cara fazendo uma manutenção num luminoso e eu cheguei ao bar, quando cheguei no bar dele ele sacudindo uma sujeira que tinha dentro, caía em cima de todo mundo, e caía em cima, caía em cima de mim, aí eu olhei com cara feia pra ele, não disse nada, daí ele parou de fazer aquilo eu segui daí ele começou a me xingar, começou me xingar, daí eu olhei pra traz, olhei pra ele e perguntou pra mim 'o quê que tu tá olhando?', eu disse uns palavrões que não posso dizer aqui. Aí eu disse pra ele 'olha, eu só acho, eu enquanto cidadão reconheço o meu direito de tu tá me fazendo uma

agressão jogando isso em cima de mim e de todos que estão passando aqui, tu não isolou o lugar e eu to me admirando da tua falta de educação, só isso', virei as costas e fui embora. Essas coisas, sai ontem passei, sai numa faixa de segurança de pedestre, na saída quando eu sai da faixa de pedestre e ingressei na calçada um bar tinha empilhado umas cadeiras ali e não, deixava parte do acesso tava interrompido. Eu fui lá chamei o cara do bar disse ' ah meu irmão, a rua em cima' 'ah, mas eu tenho direito', 'mas aonde tu colocou é a rua', 'mas então eu vou botar no cantinho vai atrapalhar'. Daí passei cinco minutos depois ele tirou todas as suas cadeiras aonde tava mal colocada e botou realmente num lugar onde não causava nenhum problema, mas a gente precisa brigar pelos nossos direitos e quando a gente briga pelos nossos direitos nós também temos algumas obrigações, exemplo, eu fico bravo quando passo na faixa de segurança os carros não param, mas eu to me educando a eu parar com o meu carro, que eu tinha dificuldade de fazer isso, eu fico bravo quando eu quero passar, mas não paro quando outra pessoa, entendeu? E eu to me educando, aos poucos eu to me educando pra isso. Então essas coisas a gente tem direito que a gente precisa acima de tudo enquanto cidadão começar cobrar e pedir aplicação disso, mas a gente tem uma carga muito grande que nos obriga também a cumprir algumas coisas que muitas vezes a gente não faz e isso vem da educação, da preparação da população pra isso, e isso não cai por acaso. Aquela que todos brincaram em Porto Alegre quando o Prefeito de Porto Alegre agora começou aquela campanha do respeito das faixas de segurança que o pessoal quis botar mão, usaram de chacota, 'ah, vou botar mão vou atravessar e quem é que vai me pagar o hospital depois'? Mas não é isso que ele tá, o cérebro dessa campanha não é isso, entendeu?! É de mostrar importância que tem o respeito pela faixa de segurança, se é botando a mão se não é botando, só que a gente precisa criar campanha que mostre da importância da faixa de segurança a todos, pra quem tem que parar na frente da faixa e pra quem vai passar pela faixa de segurança. Então a educação, a conscientização ser fundamental nisso aí.

Pesquisador: Quais são os principais problemas que tu achas que nós enfrentamos hoje na sociedade?

Secretario: São vários. São vários os nossos problemas. E eu aponto um de novo é a questão da educação como um dos problemas bem grandes que nós temos. Um dos grandes aliados pra gente poder reverter isso aí são os investimentos públicos em educação isso é fundamental, mas têm outros que a gente poderia ter são as campanhas que poderiam ser enviadas pelos meios de comunicação de forma maciça. Eu não gosto, mas oitenta por cento da população assiste novela. Porque não usar e não trabalhar ali algumas campanhas que entram na cabeça porque toda noite o cara vai ali uma hora na frente da televisão e tu pode entrar com uma campanha de doação de órgãos, campanha de doação de sangue, campanha de respeito à faixa de segurança e tu pode ter inúmeras outras campanhas que tu pode fazer hoje, então a falta de educação é muito grande. Na frente da minha oficina eu comecei a plantar flores e tinha uns carros, não era lá um carro ruim de ver e iam voltar, de carros que passavam viam as flores paravam o carro lá e arrancava as flores e levavam embora, entendeu? A falta de educação das pessoas para fazerem

isso, e a gente insistiu, insistiu e a gente foi chato nisso, eles acabam de plantar, acabam de plantar, eles vêm e te rouba. Então é uma falta de educação muito grande, se a gente conseguir ali a melhoria das condições sociais da nossa população com a educação eu acho que a gente vai dar um avanço muito grande, se tornar uma grande nação realmente como éramos antes todos nós, mas sem educação, sem inserção social.

Pesquisador: Na tua opinião, o quê que gerou o quê que ocasionou essas mudanças, essa falta de educação que nós vemos aí na população? Pode ter alguma causa específica?

Secretario: É a falta de investimentos, uma das coisas é a falta de investimento, a priorização da educação, nós ainda nessas questões somos um país de terceiro mundo, somos um país que temos muito que avançar ainda, mas muito, muito, muito mesmo pra avançar na questão da educação, mas a gente é culto dos investimentos que são feitos. Os governantes agora começam a ver isso com olhos diferentes, não é partidarismo, mas é impossível que a educação pública no nosso Estado tenha qualidade quando tu colocas numa sala de aula cinqüenta, quarenta e cinco, sessenta alunos nas series iniciais, na educação fundamental, no ensino médio, não tem qualidade, pó melhor que seja um professor, que seja um artista, não vai gerar qualidade de ensino ali. Então precisa fazer uma opção, eu preciso dizer que educação é prioridade e precisa fazer os investimentos necessários pra reverter isso. Saneamento básico é importante, essas coisas que ao longo de muitos anos a gente deixou de aportar recursos hoje a gente paga o preço, mas cabe a esses trabalhos que vocês fazem de tentar a conscientização e a multiplicação disso da gente poder reverter se não quiser, não educar aqueles que estão sendo informados hoje da importância disso e criar condições e botar dinheiro, tu não faz educação sem dinheiro, tu não faz mestrado, tu não faz uma pesquisa se tu no tiver dinheiro, tu precisa ter dinheiro pra fazer a pesquisa, o Pesquisador precisa ser pago, os estudantes que estão ajudando o Pesquisador precisam ter algum benefício, algum incentivo, isso só acontece com algum investimento, se tu não priorizar isso o dinheiro não cai do céu. Tu precisas dizer em algum momento que é prioridade e botar dinheiro pra esses casos.

Pesquisador: Então o Governo aí seria fomentar esses investimentos.

Secretario: Fomentar. Ele tem obrigação de fomentar. Nós precisamos garantir, por exemplo, a manutenção dos nossos Pesquisadores no nosso país. Não adianta nós formarmos eles e depois permitir que eles vão pra Europa, Estados Unidos, países desenvolvidos aplicar o conhecimento que foi gerado aqui no nosso país.

Pesquisador: E qual que tu acha que é o papel da sociedade em relação a isso?

Secretario: Qual é o papel da sociedade. De grande compensação diante disso. De fazer, eu acho que a gente precisa enquanto cidadão respeitar, como é que eu poderia explicar isso melhor?! A gente muitas vezes quer mudar todo mundo, ah, não faz isso, o prefeito não sei o quê entende isso, a governadora

faz isso, mas quando é pra fazer o meu papel eu deixo de fazer, eu toco lixo nessas pequenas coisas, eu toco lixo no chão, eu passo no meu carro, como um salgadinho jogo pra fora, eu faço uma limpeza no meu pátio, jogo as coisas todas na rua, eu sou um empreendedor, tenho uma empresa e parte daquilo que eu vendo eu tiro com Nota, mas eu não tiro, eu não tiro com Nota somando os impostos da empresa, então tem as atribuições de não inerentes dos cidadãos, faz parte de toda sociedade ter as suas contas, e cabe ao cidadão respeitar isso, regras de uso comum, utensílios de todas as coisas, e fazer cumprir elas, não tirar vantagem de tudo enfim. Eu acho que a gente tinha que ser uma cidade mais fraterna que respeitasse mais os cidadãos, eu sou muito pro lado uma das coisas, eu acho que a gente precisa resgatar acima de tudo a importância da família, eu acho que a família é a razão da sociedade, da importância da gente fomentar cada vez mais (...) e quando eu disse antes que eu não gosto muito de novela, eu acho que a novela não tem uma ferramenta pra ajudar na educação, na qualificação do convívio do ser humano, que quando eu vejo alguns departamentos que são anunciados, vendidos aos quatro cantos do nosso país nas novelas que um quer matar o outro, um quer fazer sacanagem com o outro, um quer destituir o cara lá do seu emprego, das coisas, o vínculo familiar totalmente dissolvido em muitos relacionamentos mostrados pelas novelas, eu acho que isso é um desserviço pra sociedade, e enquanto aquilo ali poderia mostrar outras relações bem melhores, poderiam ajudar muito mais e a história da água mole e pedra dura tanto bate até que fura, isso começa, a gente começa faltando pouco pra duvidar, será que realmente a família é isso, será que realmente isso é assim, será, entendeu? Aquilo que pra nós era convicção de tanto ensinar, mostrar, mostrar, tu começa a ter dúvida se aquilo ali é importante mesmo. Então a consolidação das relações familiares eu acho que é uma base muito interessante na nossa sociedade.

Pesquisador: Qual a tua expectativa em frente ao que tu colocou pro futuro? Como que tu enxerga ele? Acha que vai mudar piorar, esses problemas talvez algum dia, outro...?

Secretario: Não sou nenhum idealista, sonhador. Eu acho que nossa sociedade, o Brasil, tá num processo bem acelerado de crescimento econômico, de grandes avanços sociais, de um crescimento num todo. Eu acho que enquanto sociedade nós vamos evoluir muito, nós vamos crescer muito. Acredito muito nas instituições, seja ela governamentais ou não, indiferentes de partido, indiferentes de raça. Eu acredito muito, eu acredito no meu país, acredito na minha cidade, acredito no Estado, acredito nos professores, nos Pesquisadores, naqueles que estão se formando hoje. Então eu tenho um sonho assim que a gente vai, que eu vou viver o resto numa sociedade bem melhor no meu país, especificamente voltado hoje pro meu país, ou ainda faço um esforço muito grande em cumprir o meu papel enquanto cidadão como quanto gestou público hoje, tenho uma preocupação muito grande em desempenhar muito bem o meu papel enquanto gestor, enquanto cidadão pra que eu possa deixar pros meus filhos, pra minha família, pros meus netos, pra minhas duas filhas uma sociedade melhor, às vezes eu possa deixar uma sociedade mais justa que eu (...). Eu nasci em meio ao regime militar aonde os direitos dos cidadãos foram totalmente formados, nós usamos hoje um deleito

de democracia, em algum momento a gente não tá sabendo usar bem essa democracia, mas enfim, que bom que a gente pode xingar, brigar, antes a gente não podia. Quando eu nasci a gente não podia nem dar um sorriso bem maldoso que alguém poderia interpretar isso mal, mas eu tenho uma esperança muito grande, a gente vive um processo bem acelerado de crescimento em todos os sentidos. E eu acredito que vou poder experimentar isso, um pouco dessa...

Pesquisador: Fortalecimento emocional.

Secretaria: Esse. Isso não é tão rápido, a gente uma herança muito grande, nós temos uma conta muito cara pra pagar pra população brasileira, a sociedade tem uma conta muito grande pra ser paga e vai levar muito tempo pra ser paga. Mas eu já vejo chance assim da gente poder pagar essa conta e devolver pra todos do nosso país uma sociedade no mínimo as condições dignas de assim uma expectativa. Eu não tenho expectativa em me tornar rico nem que meu filho se torne rico, mas eu espero que eles e todos aqueles que vivam nesse país possam ter uma vida bem digna com todos os seus direitos e suas garantias respeitadas que é a educação, a saúde, condição de morar, saneamento básico, direito ao trabalho, direito a habitação, que todas essas coisas assim, que o mínimo seja garantido.

Pesquisador: O quê que significa pra ti a expressão *vencer na vida*?

Secretario: Vencer na vida. Quer que eu diga a minha ou a do Secretario? A minha vencer na vida, a minha pessoal, pessoal minha eu tenho uma família legal e eu acho isso muito legal, de eu poder deitar de noite, levantar de manhã muito tranquilo de que de noite eu saber que cumpri o meu papel e desempenhei ela bem e de manhã acordar e saber que eu tenho um desafio muito grande a ser vencido naquele dia, nos próximos dias. De dar minha contribuição pra diminuir as desigualdades, isso daí eu tenho um papel público hoje que me ensina também enquanto cidadão porque é muito importante pra fazer e se eu conseguir ajudar, contribuir que seja um pouquinho eu sei que tô fazendo já a minha parte e se todo mundo fizer a sua um pouquinho a gente vai conseguir. Então essas coisas assim pra mim eu seria um cara realizado. Eu pessoalmente não tenho ambição assim pessoal de ter grandes posses. Eu comprei agora meu terreno, ontem assinei meu terreninho. Grande sonho na minha vida agora é ter minha casa, eu vou levantar daqui uns quatro anos ainda, tenho que terminar de pagar o terreno agora, se eu puder ter minha casa que é minha de novo e tal, eu me realizo. Mas eu não vejo assim as minhas ambições, as minhas realizações atreladas só aquelas assim à realização dos meus sonhos, e eu acho que eu tenho um compromisso que é um compromisso enquanto cidadão e ver se encontro um cristão e pra mim ajudar os outros de poder realizar os seus sonhos, de estar do lado pra ajudar, é muito bom essas coisas, eu penso que eu vou me realizar se eu puder essas ações bem simples mesmo, mas eu puder ajudar as outras pessoas a realizar os seus sonhos.

Pesquisador: Tu achas que a pobreza é um problema social ou é um problema individual?

Secretario: Como é que eu vou te falar? Um problema social acima de tudo é um problema individual. Eu digo individual porque eu posso gerar a minha ação individual, pode ter um impacto positivo ou um impacto negativo na regressão do quadro social posto hoje. Eu posso fazer a minha contribuição pessoal pra ajudar isso pra melhorar ou pra piorar, então ela é uma questão social. Se todos os seres humanos, todos os brasileiros, todos dos poderes fizessem a sua parte a gente já traria muito benefícios numa regressão bem grande disso. Mas é também uma forma degenerada de convívio da sociedade quando a sociedade como um todo e parte dela degradada sem ter o que comer e não faz alguma coisa é uma questão social assim de o individuo faz a sua parte e a sociedade organizada faz outra parte e os gestores públicos, os governantes também precisam assumir isso como sua responsabilidade.

Pesquisador: E o sujeito tu achas que ele tem, ele em si é uma responsabilidade dele viver na (...) ou é todo um contexto que colocou ele lá?

Secretario: Olha, eu acho que é fruto da sociedade a gente ser resultado disso, e a própria sociedade às vezes ajuda ele a achar que isso, o próprio sistema às vezes engana o próprio pobre, mas é fruto da nossa sociedade. Eu duvido que alguém queira aprender na situação que ta de pobreza, se a gente quiser a gente poderia botar na mesa aí várias coisas, o cara ganhou lá uma lotérica, ele ganhou lá uma casinha e ficou lá um mês e vendeu a casinha dele por cinco mil reais e voltou pra beira do ralo, mas porque que ele voltou? Tu achas que ele gosta de mora no (...)? Fica correndo aí toda do noite do rato querendo morder ele, opção dele obrigou ele a de novo vender aquilo ali e voltar pra lá enfim, às vezes ele não tinha o que comer, precisava pagar um remédio, sei lá por *n* razões, mas se ele tivesse condição de ficar onde ele tava ele não tinha saído. Eu acho que é (...) social que obriga ele (...), uma pressão exercida pela própria condição.

Pesquisador: O sistema.

Secretario: É. O sistema joga ele pra rua.

Pesquisador: Quando que uma pessoa pode dizer que tem uma boa vida?

Secretario: Ele pode dizer que ele tem uma boa vida quando as condições, as condições mínimas dele de subsistência estão garantidos, é ter comida pra ele e pra sua família, ter um lugar onde morar, aquelas garantias mínimas, direito ao trabalho, de ter um dia de folga, direito ao trabalho mesmo que tu perca em algum momento o teu trabalho vai de novo buscar e volta de novo, mas ter garantido o direito de educação, saúde, moradia, comida, direito ao trabalho, direito ao lazer que muitas vezes a gente não tem, mas se nós fazermos, se resume a olhar uma televisão, que trazer (...) que seja, não deixa de ser, mas ter essas condições assim...

Entrevistas de Novo Hamburgo

Entrevista

Nº.: 1

Local: Calçada Osvaldo Cruz – Novo Hamburgo

Entrevistador: Deise S. Costa

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Maria

Sexo: Masculino () Feminino (X)

Cor: Branco (X) Negro () Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Católica

Data de nascimento: 16 / 09/ 1960

Município onde nasceu:

Guaporé

Estado civil : Solteiro () Outro (X) especificar: Casada

Possui filhos: Sim (X) Não () Quantos? Dois (2)

Município de nascimento: Novo Hamburgo

Posição na família:

Chefe () Cônjuge (X) Filho () Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Marido	46	não	Ensino médio compl.	Casado
Filho	16	sim	8º série	Solteiro
Filho	22	não	Ensino médio compl.	Solteiro

Município em que reside: Novo Hamburgo

Residência é própria? Sim (X) Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? 41 anos

Em relação à escolaridade:

Está estudando () série atual

Não está estudando (X) Até que série estudou 7º série

Atividade que desempenha atualmente Comerciante

Já foi empregado (carteira assinada)? (X) Sim () Não

Onde? Calçados Fibra – último emprego

Quanto tempo? Três anos (3)

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$ dois salários mínimos

Possui outras atividades profissionais (especificar): não

Há quanto tempo está realizando esta atividade? Sete anos (7)

Em que trabalhava anteriormente? Na produção (calçados)

Qual o rendimento médio da atividade? R\$ 1000,00

Possui outros rendimentos? Quais? Sim, meu marido é fiscal de segurança

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? Das quatro três trabalham

Qual a renda familiar? R\$ 2500,00

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

(X) Sim () Não (se sim) quantos? Apenas um dos meus filhos

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar está atividade?

Nenhuma é bem tranquilo

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.)

Vai melhorar com certeza, tem que melhorar

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados?

O pessoal ter mais dinheiro, poder aquisitivo para comprar.

Pois nos últimos anos a concorrência aumentou.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho?

Vejo como uma atividade boa, pois tenho vantagens, faço o produto que vendo e tem um preço melhor.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral)

O pessoal vê minha atividade bem, gostam vende bem.

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual?

Nenhuma, cada um no seu espaço.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê?

Não. Eu penso em mudar de lugar, ter uma loja, mas com esta atividade.

Como você avalia a sociedade em que vivemos?

Sociedade fria, discriminação alguns acham que são mais, por causa da aparência e das diferenças.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos)

Um dos problemas é a falta de emprego, por exemplo, meu filho trabalha comigo informal.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas?

Os jovens têm dificuldades de entrar no mercado de trabalho, como é o caso do meu filho

Qual o papel do Governo frente a estes problemas?

O governo deveria facilitar a vida dos jovens para o primeiro emprego

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas?

Não tem o que fazer, pois os salários são baixos, os impostos são altos e falta emprego

O que seria necessário para solucioná-los?

As empresas de calçados voltarem a funcionar, ai Novo Hamburgo volta a crescer.

E na minha época os jovens com 14 anos trabalhavam.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas?

O futuro cada vez melhor; vou ir para minha loja e crescer.

O que significa para você a expressão vencer na vida?

Todo muito desejei isso. Sentir realização, pois lutei e venci.

Você se considera um vencedor?

Ainda não, porque não consegui tudo que quero, mas vou conseguir

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual?

Um problema social, o governo deveria controlar a natalidade, onde tem menos filho não há tanta pobreza

Comentários adicionais do entrevistado (a)

Acho que hoje os jovens começam a trabalhar muito tarde, por causa da lei que não permite e isso acaba impedindo eles de entrarem no mercado de trabalho.

Observações do entrevistador sobre a realização da entrevista

Apesar de a entrevistada salientar que faz todos os produtos, alguns não são feitos por ela, tem preço mais baixo que as lojas porque alguns produtos são "piratas" e não por serem artesanais somente.

Entrevista

Nº.: 2

Local: AV. Julio De Castilhos – Novo Hamburgo

Entrevistador: Deise S. Costa

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Alcides

Sexo: Masculino (X) Feminino ()

Cor: Branco (X) Negro () Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Católico

Data de nascimento: 25 / 07 / 1967 **Município onde nasceu:** Planalto

Estado civil : Solteiro () **Outro (X) especificar:** Casado

Possui filhos: Sim (X) Não () **Quantos?** Três (3)

Município de nascimento: Taquara

Posição na família:

Chefe (X) Cônjuge () Filho () Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Esposa	46	não	5° série	Casada
Filho	19	não	7° série	Solteiro
Filho	12	sim	6° série	Solteiro
Filho	12	sim	6° série	solteiro

Município em que reside: Novo Hamburgo

Residência é própria? Sim (X) Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? Quatro anos

Em relação à escolaridade:

Está estudando () série atual

Não está estudando (X) Até que série estudou: 5° série

Atividade que desempenha atualmente? Vendedor de passagens

Já foi empregado (carteira assinada)? (X) Sim () Não

Onde? Lancheria Taquara

Quanto tempo? Quatro anos

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$ 400,00

Possui outras atividades profissionais (especificar): Não

Há quanto tempo está realizando esta atividade? Sete anos

Em que trabalhava anteriormente? Balconista de lancheria

Qual o rendimento médio da atividade? R\$ 600,00

Possui outros rendimentos? Quais? Não

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? Nenhuma

Qual a renda familiar? R\$ 600,00

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

() Sim (X) Não (se sim) quantos?

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar esta atividade?

Problemas com a fiscalização, apreensão de mercadorias e ser trabalho “frio”.

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.)

Vai piorar, com esse cartão eletrônico de passagens.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores?

Se os cartões eletrônicos não funcionassem...

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho?

Atividade sem segurança, nada é certo e é serviço informal.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral)

Com discriminação

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual?

Sim, com a polícia militar e fiscalização que apreenderam o material.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê?

Sim, pois essa atividade está terminando, mas falta oportunidade.

Como você avalia a sociedade em que vivemos?

O povo está ficando “nervoso”, revoltado, sem dinheiro e os políticos não fazem nada.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos)

Drogas, desemprego e falta de segurança.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas?

O desemprego.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas?

Dar oportunidade de emprego para os jovens e idosos, investir em segurança e saúde.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas?

A sociedade tem que estudar, se aprimorar, não parar no tempo – primeiro lugar o estudo.

O que seria necessário para solucioná-los?

Abrir mais postos de trabalho – resolve 30% destes problemas, investirem na indústria para não aumentar os furtos.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas?

Desanimado, não vejo mais melhoria, pois é muita promessa e nada se resolve; ninguém acredita mais.

O que significa para você a expressão vencer na vida?

Quanto se atingi as expectativas, uma luta que conseguimos vencer.

Você se considera um vencedor?

Sim, tenho saúde e estou lutando até hoje, não desanimei, fiquei longe das coisas ruins.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual?

50% social e 50% individual, pois pobres todos são e temos que ir a luta; e é social porque não há oportunidade

Comentários adicionais do entrevistado (a)

Não há como me colocar de novo no mercado de trabalho, pois não tenho oportunidade, já sou mais velho e não tenho estudo. Depois que passa dos 30 anos de idade a gente já não serve.

Observações do entrevistador sobre a realização da entrevista

O entrevistado teve diversas vezes as passagens (produto) apreendidas, e disse que o mercado informal de outras mercadorias também é fiscalizado, mas que os das passagens é considerado por todos ilegal

Entrevista

Nº.: 3

Local: AV. Bento Gonçalves – Novo Hamburgo

Entrevistador: Deise S. Costa

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Everton

Sexo: Masculino () Feminino ()

Cor: Branco () Negro () Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Não tem

Data de nascimento: 28 / 12 / 1981 **Município onde nasceu:** Porto Alegre

Estado civil : Solteiro () Outro () **especificar:** Casado

Possui filhos: Sim () Não () **Quantos?** Um (1)

Município de nascimento: Novo Hamburgo

Posição na família:

Chefe () **Cônjuge** () **Filho** () **Outro parente** ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Esposa	26	Não	Ensino médio incompleto	Casada
Filho	5	Não	Começa a estudar 2010	

Município em que reside: Esteio

Residência é própria? Sim () Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? Doze anos

Em relação à escolaridade:

Está estudando () **série atual**

Não está estudando () **Até que série estudou:** 6º série

Atividade que desempenha atualmente? Vendedor de passagens

Já foi empregado (carteira assinada)? () Sim () Não

Onde? Big supermercados

Quanto tempo? Oito meses

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$ 600,00

Possui outras atividades profissionais (especificar): Não

Há quanto tempo está realizando está atividade? Doze anos

Em que trabalhava anteriormente? Promotor de vendas

Qual o rendimento médio da atividade? R\$ 800,00 a 1000,00

Possui outros rendimentos? Quais? Sim, minha esposa trabalha

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? Uma, minha esposa

Qual a renda familiar? R\$ 1500,00

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

() Sim () Não (se sim) quantos?

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar está atividade?

Problemas com a fiscalização.

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.)

Vai piorar, com esse cartão eletrônico de passagens.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores?

Voltar as passagens...

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho?

Trabalhar “por conta” é muito complicado, pois é bem difícil.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral)

Não imagino.

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual?

Sim, com os próprios “colegas” e com a fiscalização.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê?

Eu acho que o desemprego não está tão ruim.

Como você avalia a sociedade em que vivemos?

As drogas, criminalidade e falta de competência dos políticos.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos)

Drogas, desemprego e falta de segurança.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas?

A falta de comando dos políticos, que não fazem nada e isso afeta as famílias.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas?

Criar mais atividades para os jovens, exemplo, estimular o esporte para a juventude.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas?

Acho que não há muita coisa para fazer.

O que seria necessário para solucioná-los?

Leva anos para resolver; deve-se trabalhar mais em cima da sociedade, pois a política é feita para os grandes empresários.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas?

Espero melhorias, ter uma empresa, montar um negocio.

O que significa para você a expressão vencer na vida?

Sucesso no trabalho, fazer o que gosta, pois tudo que é feito com prazer traz sucesso.

Você se considera um vencedor?

Sim, porque de onde eu venho posso dizer que estou vencendo, é devagar mais está vindo.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual?

É social, todo mundo quer trabalhar e não tem oportunidade, querem que a família tenha condições.

Entrevista
Nº.: 05

Local: Av. 5 de Abril – Novo Hamburgo
Entrevistador: Adimilson Renato da Silva
Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Maristela
Sexo: Masculino () Feminino (X)
Cor: Branco () Negro (X) Amarelo () Pardo ()
Qual sua religião? Católica
Data de nascimento: 23/02/1989 **Município onde nasceu:** Novo Hamburgo
Estado civil () Solteiro (X) Outro () especificar:
Possui filhos: Sim () Não (X) **Quantos?**
Município de nascimento:
Posição na família:
Chefe () Cônjuge () Filho (X) Outro parente ()
Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
--------------------	-------	----------------	-----------------------------	--------------

Município em que reside: Novo Hamburgo
Residência é própria? Sim () Não (X)
Há quanto tempo reside no endereço atual? Quatro anos.
Em relação à escolaridade:
Está estudando () série atual
Não está estudando (X) Até que série estudou? Ensino Fundamental Completo.
Atividade que desempenha atualmente? Vendedora
Já foi empregado (carteira assinada)? () Sim (X) Não
Onde?
Quanto tempo?
Quanto recebia de média de salário recebida? R\$
Possui outras atividades profissionais (especificar): Não
Há quanto tempo está realizando está atividade? Nove meses
Em que trabalhava anteriormente? Vendedora
Qual o rendimento médio da atividade? R\$ 520,00
Possui outros rendimentos? Quais? Não
Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham?
Qual a renda familiar? R\$
Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?
(X) Sim () Não (se sim) quantos? Uma (irmã)

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar está atividade? Não

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.)

Não tenho nenhuma expectativa porque tenho pretensão de sair desta profissão.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores?

Assinarem minha carteira.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho?

Algumas são melhores, outras são piores.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral)

Não tenho nenhuma opinião.

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? Não

Você pensa em mudar de atividade? Por quê? Sim. As pessoas são muito ignorantes, Tem que se ter muita paciência.

Como você avalia a sociedade em que vivemos? Não tá boa. Se fosse falar teria muita coisa para dizer.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos)

Falta de respeito. Discriminação. Falta de igualdade.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas?

Os pais não sabem ensinar os seus filhos direito. Desde quando são pequenos este problema existe.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas? O governo não é confiável. Não tenho opinião sobre o papel do governo.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas?

As pessoas poderiam melhorar um pouquinho. Sempre tem uma segunda vez, uma segunda chance.

O que seria necessário para solucioná-los?

Já falei que as pessoas teriam que melhorar.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas?

Trocar de profissão. As melhores possíveis.

O que significa para você a expressão vencer na vida?

Construir uma família, ter renda fixa. Ter um negócio próprio. Ser feliz acima de tudo.

Você se considera um vencedor?

Sim

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual?

Social. Não tem mais distinção de classe. Não tem mais pobre? É tem mais pobres do que antes. Só tem classe média.

Observações do entrevistador sobre a realização da entrevista

Em off, a vendedora declarou que tem muito interesse de abrir um salão de beleza com sua colega de trabalho. No início da entrevista ela se mostrava pouco disposta à responder o Entrevista. Ora preocupada com a quantidade de perguntas, ora preocupada em continuar a responder as perguntas no momento em que atendia os clientes que transitavam pela loja.

Entrevista

Nº.: 6

Local: Novo Hamburgo

Entrevistador: Deise S. Costa

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Neli

Sexo: Masculino () Feminino (X)

Cor: Branco (X) Negro () Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Católica

Data de nascimento: 17 / 08 / 1970 **Município onde nasceu:** Feliz

Estado civil : Solteiro () Outro (X) **especificar:** Divorciada

Possui filhos: Sim (X) Não () **Quantos?** Um (1)

Município de nascimento: Novo Hamburgo

Posição na família:

Chefe (X) Cônjuge () Filho () Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Filho	13	Sim	7º série	solteiro

Município em que reside: Novo Hamburgo

Residência é própria? Sim (X) Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? Dezesesseis anos

Em relação à escolaridade:

Está estudando () série atual

Não está estudando (X) Até que série estudou: 7º série

Atividade que desempenha atualmente? Autônoma

Já foi empregado (carteira assinada)? (X) Sim () Não

Onde? Viess - Restaurante

Quanto tempo? Dez anos

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$ 380,00

Possui outras atividades profissionais (especificar): Não, no momento só essa.

Há quanto tempo está realizando está atividade? Dez anos

Em que trabalhava anteriormente? Auxiliar de cozinha

Qual o rendimento médio da atividade? R\$ 420,00

Possui outros rendimentos? Quais? Não

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? Não trabalham

Qual a renda familiar? R\$ 420,00

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

() Sim (X) Não (se sim) quantos?

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar está atividade?

Algumas por causa da carteira que não é assinada, mas agora comecei a pagar. Se a gente está empregada o patrão paga!

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.)

Que melhore, a tendência é melhorar.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores?

Alguns materiais mais práticos – objetos para a máquina de churros.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho?

Como qualquer outra atividade.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral)

Como um trabalho livre para todos os públicos.

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual?

Nenhuma.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê?

No momento não, porque gosto e está dando o retorno que esperava.

Como você avalia a sociedade em que vivemos?

Muito desemprego, pouca ação no sentido de todos que podem ordenar não ordenam.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos)

Financeiro que é o desemprego, muitos jovens na rua, e para isso deveria ter mais emprego para os jovens. Eu entrei em uma empresa com 14 anos, hoje os jovens “passam” sem aprender nada, agora não conseguem trabalho.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas?

Mudando a idade para se poder trabalhar, demora muito tempo para conseguir um trabalho.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas?

Falta de incentivo do governo com as empresas para que possam ampliar e ajudar os jovens a trabalharem, para serem bons cidadãos.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas?

Votar melhor nos governantes e escolher melhor os candidatos.

O que seria necessário para solucioná-los?

Ingressarmos em uma política melhor.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas?

Sempre trabalhando.

O que significa para você a expressão vencer na vida?

Adquirir tudo aquilo que eu planejei.

Você se considera um vencedor?

Sim

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual?

Individual, porque depende da originalidade de cada pessoa.

Observações do entrevistador sobre a realização da entrevista

A entrevistada estava sem saber comparar a sua atividade com as outras.

Entrevista

Nº.: 7

Local: Novo Hamburgo

Entrevistador: Adimilson Renato da Silva

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Gabriel Cardoso de Oliveira

Sexo: Masculino (X) Feminino ()

Cor: Branco () Negro (X) Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Igreja Evangélica Deus é Amor

Data de nascimento: 09/06/1987 **Município onde nasceu:** Novo Hamburgo

Estado civil () Solteiro () Outro (X) especificar: Casado

Possui filhos: Sim (X) Não () **Quantos?** Uma filha

Município de nascimento: Novo Hamburgo

Posição na família:

Chefe (X) Cônjuge () Filho () Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Esposa	19	Não	Ensino Fundamental	Casada
Filha	3	Não	Não	Solteira

Município em que reside: Novo Hamburgo

Residência é própria? Sim (X) Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? Quatro anos

Em relação à escolaridade:

Está estudando () série atual

Não está estudando (X) Até que série estudou? Ensino Fundamental Completo

Atividade que desempenha atualmente? Vendedor

Já foi empregado (carteira assinada)? (X) Sim () Não

Onde? Emprego atual, este é seu primeiro emprego

Quanto tempo?

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$

Possui outras atividades profissionais (especificar): Não

Há quanto tempo está realizando esta atividade? Quatro anos

Em que trabalhava anteriormente? Não trabalhava

Qual o rendimento médio da atividade? R\$ 700,00.

Possui outros rendimentos? Quais? Não

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? Esposa

Qual a renda familiar? R\$ 1400,00

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

() Sim (X) Não (se sim) quantos? Os dois trabalham de carteira assinada.

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar esta atividade? Falta de experiência

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.)

Vai melhorar.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores? Aumentar a renda das pessoas.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho? Serviço fácil.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral)

Serviço fácil, de vagabundo, mas é o que mais dizem e o que mais queriam fazer.

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? Já, ignorância.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê? Sim, melhorar o rendimento, melhorar a situação financeira.

Como você avalia a sociedade em que vivemos? Sociedade hipócrita, pessoas ignorantes.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos)?

Segurança e econômico.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas?

A má gestão de quem podia resolver este problema.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas?

Prestar mais atenção, investindo desde cedo nas crianças, criar mais creches, garantindo que os filhos fiquem em bom lugar.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas?

Contribuir para não gerar mais problemas do que existe.

O que seria necessário para solucioná-los?

Resposta difícil. Cada um tem uma necessidade. Cada um cumprindo o seu papel.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas?

Tende a piorar porque os problemas de hoje são decorrentes dos problemas do passado.

O que significa para você a expressão vencer na vida?

Ter vida própria, sem ter que depender do outros. Depender de si próprio.

Você se considera um vencedor? Ainda não, porque tem objetivos que ainda não foram realizados.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual?

O problema é social e individual. Social porque o governo dar mais oportunidade as pessoas sem experiência. Individual, porque as pessoas não sabem administrar o que tem, por isso, que passam por esse tipo de situação.

Observações do entrevistador sobre a realização da entrevista:

O entrevistado ficou um pouco constrangido quando lhe foi perguntado sobre se tinha ou não carteira assinada, cochichando neste momento com sua esposa, que neste momento também estava trabalhando com ele.

Entrevista

Nº.: 08

Local: Av. 1º de Março – Novo Hamburgo

Entrevistador: Adimilson Renato da Silva

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Airton da Silva

Sexo: Masculino (X) Feminino ()

Cor: Branco (X) Negro () Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Igreja Evangélica Anunciando a Cristo

Data de nascimento: 12/07/1951

Município onde nasceu: Novo

Hamburgo

Estado civil () Solteiro () Outro (X) especificar: casado

Possui filhos: Sim (X) Não () **Quantos?** Três filhos

Município de nascimento: Novo Hamburgo

Posição na família:

Chefe (X) **Cônjuge** () **Filho** () **Outro parente** ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Esposa	48	Não	5ª série	casada
Filho	24	Não	Ensino médio	casado
Filho	22	Não	Ensino Médio	casado
Filha	16	Sim	2º ano do Ensino Médio	solteira

Município em que reside: Novo Hamburgo

Residência é própria? Sim (X) Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? Vinte e dois anos.

Em relação à escolaridade:

Está estudando () **série atual**

Não está estudando (X) **Até que série estudou?** 5ª série

Atividade que desempenha atualmente? Vendedor

Já foi empregado (carteira assinada)? (X) Sim () Não

Onde? Indústria Calçadista- Novo Hamburgo

Quanto tempo? Trinta e cinco anos

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$ 2500,00.

Possui outras atividades profissionais (especificar): Não

Há quanto tempo está realizando está atividade? Um ano

Em que trabalhava anteriormente? Fabricação de calçados

Qual o rendimento médio da atividade? R\$2.500,00.

Possui outros rendimentos? Quais? Sim, Aposentado

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? Esposa

Qual a renda familiar? R\$ 2400,00

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

(X) Sim () Não (se sim) quantos? Uma

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar está atividade? Começou a desempenhar esta atividade porque a empresa na qual trabalhava fechou.

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.)

No geral a situação não esta boa, as vendas caíram, por isso, sua expectativa em melhor se dará na diversificação de seus produtos.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores?

Aumento do emprego no município, pois os clientes especulam, porém, não compro. Na minha visão os clientes não têm dinheiro para pagar.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho? Uma diferença incrível, pois se não vender não tenho dinheiro, quando trabalhava era o patrão quem vendia.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral) Especulam sobre a mudança de ramo, demonstram interesse, porém quando observam as atividades que envolvem esta comercialização desistem. Eu e meu filho vamos a São Paulo e Paraguai comprar as mercadorias.

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? Sim, devoluções na quebra dos produtos.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê? Penso em ficar até o fim porque não tem mais opção de emprego na área de trabalho anterior.

Como você avalia a sociedade em que vivemos? Muito boa.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos) Saúde. Tinha convênio com uma clínica e agora só resta o atendimento no SUS. Porém a sociedade continua sendo boa.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas? Mudança de governo. O governo municipal não da continuidade nos programas.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas? O governo não é confiável. A corrupção no governo envolve muito dinheiro que, por exemplo, não é aplicado em melhorias como o salário mínimo. Com o Lula continua a mesma coisa.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas?

A sociedade deveria se unir na hora de votar. Escolher bem a pessoa, porém, se tivesse essa pessoa, fiscalizar as propostas prometidas.

O que seria necessário para solucioná-los?

União do povo e fiscalizar. Organizar comissões de dez pessoas e ir ao prefeito para discutir as dificuldades, como a faixa nobre, que é R\$ 1,00 à hora, porém se exceder, vinte minutos custa R\$5,00.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas?

Trabalhar muito mantendo a esperança que irá melhorar o governo e as vendas. Se fosse o dono já tinha enlouquecido, teria que aumentar o poder aquisitivo do povo.

O que significa para você a expressão vencer na vida?

Vitória em relação às conquistas dos planos.

Você se considera um vencedor?

Sim.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual?

Social porque uns tem muito e outros pouco, mal dividido.

Comentários adicionais do entrevistado (a)

Falei das dificuldades e das vendas. Gostaria muito que se realizasse a comissão, porém não é político, e as promessas do governo municipal não se cumprem.

Observações do entrevistador sobre a realização da entrevista

O comércio é de propriedade do seu filho de vinte e quatro anos, sendo que não tem carteira assinada, nem o estabelecimento consta em alguma formalidade.

Entrevista Nº.: 04

Local: Av. 5 de Abril – Novo Hamburgo

Entrevistador: Adimilson Renato da Silva

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Ana Caroline Breier

Sexo: Masculino () Feminino (X)

Cor: Branco () Negro (X) Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Igreja Evangélica Luterana

Data de nascimento: 23/08/1991 **Município onde nasceu:** Estância Velha

Estado civil () Solteiro (X) **Outro** () **especificar:**

Possui filhos: Sim () Não (X) **Quantos?**

Município de nascimento:

Posição na família:

Chefe () **Cônjuge** () **Filho** (X) **Outro parente** ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
--------------------	-------	----------------	-----------------------------	--------------

Município em que reside: Resido um pouco com minha mãe em Novo Hamburgo, e um pouco com meu pai em Estância Velha.

Residência é própria? Sim (X) Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? Desde que nasceu.

Em relação à escolaridade:

Está estudando () **série atual**

Não está estudando (X) **Até que série estudou?** Ensino Médio Completo.

Atividade que desempenha atualmente? Vendedora

Já foi empregado (carteira assinada)? (X) Sim () Não

Onde? Filmagem e decorações de festas.

Quanto tempo? Quatro meses.

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$ 370,00

Possui outras atividades profissionais (especificar): Não

Há quanto tempo está realizando esta atividade? Um ano e quatro meses.

Em que trabalhava anteriormente? Decoração e filmagens de festas.

Qual o rendimento médio da atividade? R\$ 400,00

Possui outros rendimentos? Quais? Não

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? Duas pessoas

Qual a renda familiar? R\$ 900,00

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

(X) Sim () Não (se sim) quantos? Uma (pai)

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar está atividade? Não, porque faço o que gosto.

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.)

Pode melhorar. Vai de cada um se quiser melhorar.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores?

Melhor salário. Não tenho melhor desempenho em ocasião do baixo salário.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho?

Gosto do meu trabalho. Gosto de trabalhar com o público, com pessoas. Gosto de trabalhar nesta atividade mais do que se fosse trabalhar em um ambiente fechado.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral)

Acham que é um trabalho escravo. Domingo trabalho o dia inteiro, bem mais que as sete horas normais.

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual?

Sim. Conflito com cliente. Conflito com o dono da loja por defender alguém. Peguei as dores de outra pessoa.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê?

Queria continuar, porém, penso em abrir um salão de beleza com a minha amiga (colega de trabalho).

Como você avalia a sociedade em que vivemos?

A sociedade não tem opinião própria. Falam o que o governo fala, e os outros abaixam a cabeça.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos)

A pobreza.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas?

Corrupção. Acho que tiram dinheiro das pessoas e acaba faltando para investir nas escolas.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas? O governo não é confiável.

Seria ir até os lugares mais pobres para perceber esta realidade. Tipo como você que esta fazendo esta pesquisa.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas?

A sociedade não se impõe, pois se fosse “a sociedade” não teria tanto problema assim.

O que seria necessário para solucioná-los?

Dialogo. Não é o caso de só o governo conversar, mas sim ter dialogo, construir espaço para todos debaterem sobre os problemas.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas?

São as melhores. Eu acho que cada vez melhor. Tem muito aperfeiçoamento tecnológico. Coisas que agora são complicadas vão melhorar.

O que significa para você a expressão vencer na vida?

Conseguir tudo o que quer. Alcançar meus objetivos.

Você se considera um vencedor?

Não. Não consegui tudo o que quero. Não tenho ainda a minha moto!

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual?

Individual. Ninguém é pobre, pobre. Se não tem emprego se cria. Se em vez de ficarem pedindo as coisas, fossem fazer qualquer coisa que seja, iriam melhorar.

Entrevistas Sapucaia do Sul

Entrevista

Nº.: 1

Local: Sapucaia

Entrevistador: Adimilson Renato da Silva

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Ana Paula

Sexo: Masculino () Feminino (X)

Cor: Branco (X) Negro () Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Igreja Evangélica Deus é Amor

Data de nascimento: 23/02/1987 **Município onde nasceu:** Esteio

Estado civil () Solteiro () **Outro** (X) **especificar:** Casada

Possui filhos: Sim (X) Não () **Quantos?** Dois filhos

Município de nascimento: Sapucaia

Posição na família:

Chefe (X) **Cônjuge** () **Filho** () **Outro parente** ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Esposo	20	Não	Ens. Médio Incompleto	Casado
Filho	3	Não	Não	Solteira
Filho	9 meses	Não	Não	Solteira

Município em que reside: Sapucaia

Residência é própria? Sim () Não (X)

Há quanto tempo reside no endereço atual? Nove anos

Em relação à escolaridade:

Está estudando () série atual

Não está estudando (X) Até que série estudou? Ensino Médio Completo

Atividade que desempenha atualmente? Vendedor

Já foi empregado (carteira assinada)? () Sim (X) Não

Onde?

Quanto tempo?

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$

Possui outras atividades profissionais (especificar): Não

Há quanto tempo está realizando esta atividade? Dois anos

Em que trabalhava anteriormente? Dona de Casa

Qual o rendimento médio da atividade? R\$ 600,00.

Possui outros rendimentos? Quais? Não

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? Uma

Qual a renda familiar? R\$ 2.000,00

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

(X) Sim () Não (se sim) quantos? Esposo

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar esta atividade? Não enfrentou nenhuma dificuldade.

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.)

Vai melhorar, penso positivo

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores? Melhorar o movimento, pois está muito fraco.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho?

Bom porque vende de tudo.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral)

Acham que o trabalho é fácil, porém, é difícil.

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? Já. Um cliente veio reclamar de um relógio que tinha comprado dias atrás, dizendo que este estava com o vidro quebrado, mas a troca não pode ser efetuada. Outro problema é em relação à ocupação do espaço da área de vendas. Uma banca é ao lado da outra, e se alguém ultrapassa o limite que separa as bancas, mesmo que seja um espaço muito pequeno, o vizinho se coloca a reclamar da invasão.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê?

Sim, porque queria era um emprego de carteira assinada.

Como você avalia a sociedade em que vivemos?

Péssima. Sapucaia esta uma coisa porque não temos um hospital.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos)?

Falta de saúde. O hospital está ruim. Certas ruas são impossíveis entrar.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas?

O problema foi se dando com o tempo. Os políticos são muito corruptos.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas?

Roubar menos e fazer mais.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas?

A sociedade fica limitada frente aos problemas. Para o governo nós não somos nada.

O que seria necessário para solucioná-los?

Não tem mais solução.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas?

Sobre o futuro a única certeza que tenho é que as pessoas que se envolverem com a política vão se beneficiar.

O que significa para você a expressão vencer na vida?

Crescer através das tentativas.

Você se considera um vencedor? Sim**Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual?**

A pobreza é um problema da sociedade. Falta oportunidade para pessoas sem experiência em carteira.

Observações do entrevistador sobre a realização da entrevista: O ambiente aonde foi aplicado o Entrevista se encontra junto ao calçadão da Estação do Metro Sapucaia. Este lugar esta sobre um constante monitoramento da Semig, órgão fiscalizador da prefeitura municipal ao qual é encarregado de controlar o fluxo de vendedores ambulantes nesta localidade, bem como, novas instalações de barracas que são proibidas legalmente.

Entrevista

Nº.: 2

Local: Sapucaia

Entrevistador: Adimilson Renato da Silva

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Rosemeire Linhares

Sexo: Masculino () Feminino (X)

Cor: Branco (X) Negro () Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Católica

Data de nascimento: 28/11/1969 **Município onde nasceu:** Santiago

Estado civil () Solteiro () Outro (X) **especificar:** Casada

Possui filhos: Sim (X) Não () **Quantos?** Três filhos

Município de nascimento: Sapucaia

Posição na família:

Chefe () **Cônjuge** (X) **Filho** () **Outro parente** ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Esposo	41	Não	Ens. Médio Completo	Casado
Filha	21	Sim	Téc. Enfermagem	Solteira
Filho	17	Sim	2º ano do ensino médio	Casado
Filha	13	Sim	5ª série do ensino fund.	Solteiro

Município em que reside: Sapucaia

Residência é própria? Sim () Não (X)

Há quanto tempo reside no endereço atual? Três anos

Em relação à escolaridade:

Está estudando () **série atual**

Não está estudando (X) **Até que série estudou?** Ensino Médio Completo

Atividade que desempenha atualmente? Vendedor

Já foi empregado (carteira assinada)? (X) Sim () Não

Onde? Encarregada de lazer.

Quanto tempo? Quinze anos.

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$ Salário mínimo

Possui outras atividades profissionais (especificar): Sim, Saladeira.

Há quanto tempo está realizando está atividade? Três anos

Em que trabalhava anteriormente? Encarrega de lazer.

Qual o rendimento médio da atividade? R\$ 800,00.

Possui outros rendimentos? Quais? Diarista

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? Duas

Qual a renda familiar? R\$ 2.000,00 de gasto.

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

() Sim (X) Não (se sim) quantos?

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar está atividade? Não

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.) Imagino sempre o melhor.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores? Melhorar as condições.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho? Adora trabalhar com o público, conversar.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral)

Devem achar estressante, como uma atividade normal igual as outras.

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? Nenhum, pois sempre trabalhou com o público.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê?

Penso. Quero ter meu negócio próprio, minha loja.

Como você avalia a sociedade em que vivemos?

Uma droga.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos)?

Muito egoísmo, mentira, ambição. Ninguém ajuda ninguém, cada um por si.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas?

A inflação, o desemprego das pessoas, a falta de trabalho.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas?

Deveria investir na geração de emprego.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas?

Teria que ser mais humilde e mais humano. As coisas estão indo para um lugar complicado.

O que seria necessário para solucioná-los?

Ter mais emprego.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas?

Do jeito que as coisas estão indo, o futuro também vai ficar mais precário.

O que significa para você a expressão vencer na vida?

Adquirir bens materiais.

Você se considera um vencedor? Consegui educar dois filhos mostrando a lês o que seria a realidade.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual?

A pobreza é um problema individual, pois cada um deveria fazer por si não só recebendo asa coisas de mão beijada.

Observações do entrevistador sobre a realização da entrevista: Neste caso, o segundo Entrevista aplicado nas proximidades da estação Sapucaia, uma das coisas que me veio chamar atenção foram placas de numeração observadas acima da entrada das bancas. Estas bancas estão localizadas ao lado da murada de proteção dos trilhos do metro. Uma das coisas que

começou a evidenciar-se foi a existência de uma rede de comércio ao qual integra junto a um proprietário várias bancas.

Entrevista

Nº.: 3

Local: Sapucaia **Data:** 04/11/2009

Entrevistador: Adimilson Renato da Silva

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Margarete

Sexo: Masculino () Feminino (X)

Cor: Branco (X) Negro () Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Evangélica

Data de nascimento: 02/09/1962 **Município onde nasceu:** São Leopoldo

Estado civil () Solteiro () Outro (X) **especificar:** Casada

Possui filhos: Sim (X) Não () **Quantos?** Cinco filhos

Município de nascimento: Sapucaia

Posição na família:

Chefe (X) **Cônjuge** (X) **Filho** () **Outro parente** ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Esposo	53	Não	1º grau incompleto	Casado
Filho	30	Não	1º grau completo	Casado
Filho	28	Não	1º grau incompleto	Casado
Filho	25	Não	1º grau incompleto	Casado
Filha	22	Não	2º grau incompleto	Casada
Filho	20	Não	1º grau incompleto	Solteiro

Município em que reside: Sapucaia

Residência é própria? Sim (X) Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? Vinte e Cinco anos

Em relação à escolaridade:

Está estudando () **série atual**

Não está estudando (X) **Até que série estudou?** Primeiro Grau Incompleto

Atividade que desempenha atualmente? Vendedor

Já foi empregado (carteira assinada)? (X) Sim () Não

Onde? Paramount têxteis

Quanto tempo? 2 anos e 9 meses e depois 3 anos e 9 meses.

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$ 600,00

Possui outras atividades profissionais (especificar): Estava fazendo faxina e vendia Avon.

Há quanto tempo está realizando esta atividade? Um ano

Em que trabalhava anteriormente? Faxina

Qual o rendimento médio da atividade? R\$ 1 salário e meio.

Possui outros rendimentos? Quais? Não

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? Três pessoas

Qual a renda familiar? R\$ 4 salários.

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

() Sim (X) Não (se sim) quantos?

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar esta atividade? Lugar precisaria um ponto, pois terá que sair em decorrência da construção do camelódromo.

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.)

Até conseguir um emprego de carteira assinada vai continuar trabalhando com vendas.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores? Precisaria de um lugar fixo para colocar seus produtos, uma lojinha.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho? Muito bom, porém não tem garantia de nada, não tem um fixo.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral)

Comentam a minha coragem porque não fico parada, procuro sempre novidades. O que mais vendo é produtos destinados à crianças. (ENTREVISTADOR: comentou a diferença de outra banca que não atende a demanda dos clientes a não inovar seus produtos).

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? Não, porque quando a Smig (fiscalização) apareceu eu me mudei do calçadão como foi solicitado, os outros vendedores se acorrentaram no calçadão.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê?

Sim. Por enquanto até conseguir um lugar fixo com alvará , ficarei aqui e depois deixarei minha irmã quando conseguir um emprego.

Como você avalia a sociedade em que vivemos?

A sociedade esta deixando muito a desejar. Tem muito drogado nas ruas, sendo que estes obrigam as pessoas a darem dinheiro.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos)?

A droga.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas?

A sociedade não concede as oportunidades para estas pessoas (os drogados). Na minha opinião desde crianças essas pessoas teriam que desenvolver alguma atividade.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas?

Dar mais oportunidade para as pessoas de rua e melhorar a saúde pública.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas?

A sociedade deveria ajudar fazendo a sua parte.

O que seria necessário para solucioná-los?

Ter uma casa de apoio. Ter mais postos de saúde, pois as vezes tenho que tirar fixa em uma vila aonde existem drogados usando entorpecentes tornando este lugar muito perigoso.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas?

Pensando um futuro melhor para mim. Agora que não tenho filho pequeno pretendo voltar a estudar, fazer alguns cursos porque nunca é tarde.

O que significa para você a expressão vencer na vida?

Tudo, o mais importante, sem pisar em ninguém, conseguindo as coisas com meus próprios esforços.

Você se considera um vencedor? Sim. Já realizei todos os meus sonhos. Tem um marido fiel, e sou também fiel. Além disso, tenho um filho preso, mas, me considero vencedora porque ele se converteu.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual?

Social. Deveriam oferecer mais emprego. Meu filho vai sair do presídio e quem iria dar emprego a ele.

Entrevista

Nº.: 4

Local: Sapucaia

Entrevistador: Adimilson Renato da Silva

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Helena

Sexo: Masculino () Feminino (X)

Cor: Branco (X) Negro () Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Igreja Católica

Data de nascimento: 01/09/1964 **Município onde nasceu:** Santa Rosa

Estado civil () Solteiro () Outro (X) especificar: Divorciada

Possui filhos: Sim (X) Não () **Quantos?** Seis filhos

Município de nascimento: Santa Rosa

Posição na família:

Chefe (X) Cônjuge () Filho () Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Filha	26	Não	Ensino Médio	Casada
Filha	23	Não	Ensino Médio	Casada
Filho	19	Sim	2º do Ensino Médio	Casado
Filha	17	Não	2º do Ensino Médio	Solteira
Filho	15	Sim	1º do Ensino Médio	Solteiro
Filho	11	Sim	4ª do Ensino	Solteiro

			Fundamental	
--	--	--	-------------	--

Município em que reside: Sapucaia

Residência é própria? Sim (X) Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? Cinco anos

Em relação à escolaridade:

Está estudando () série atual

Não está estudando (X) Até que série estudou? Ensino Fundamental

Atividade que desempenha atualmente? Vendedora

Já foi empregado (carteira assinada)? (X) Sim () Não

Onde? Escola de dança

Quanto tempo? Dois anos

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$ Salário mínimo

Possui outras atividades profissionais (especificar): Sim. Faxina e cuidado de idosos.

Há quanto tempo está realizando esta atividade? Um ano e seis meses.

Em que trabalhava anteriormente? Escola de dança

Qual o rendimento médio da atividade? R\$ 700,00

Possui outros rendimentos? Quais? Varia muito. Com todos os trabalhos uns 700 e pouquinho.

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? Nenhuma. A filha já trabalhou três meses, mas teve que sair para cuidar do irmão.

Qual a renda familiar? R\$.

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

() Sim (X) Não (se sim) quantos?

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar esta atividade? Tive muita dificuldade porque fui trabalhar na praia e roubaram tudo de dentro da minha casa. Porém, para desenvolver este trabalho que estou atualmente não tive grandes dificuldades porque todos já conhecem meu trabalho.

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.)

Um dia melhora, outro dia piora. A crise é muito grande. As pessoas especulam muito o preço e tenho que ter muito jogo de cintura, sabendo aonde pode ser dado o desconto.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores?

Em primeiro lugar teriam que dar mais chances aos adolescentes, por exemplo, minha filha não pode trabalhar porque é uma adolescente. Se tivesse trabalho eles teriam seu próprio dinheiro.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho?

Cada pessoa teve chance, já eu, não tive chance, com 11 anos tive que parar de estudar.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral)

Pessoas muito ignorantes, falam isso e aquilo, não sabendo valorizar este trabalho. Não é porque se trabalha em uma loja ou em banco se tem mais dignidade que outras.

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? Não

Você pensa em mudar de atividade? Por quê?

Sim. Se voltasse a estudar queria ajudar as pessoas que mais necessitam. Trabalharia com idosos, pois percebo que outras pessoas sentem nojo deles. Eu faria de coração.

Como você avalia a sociedade em que vivemos?

As pessoas que tem sempre querem ter mais. Por exemplo, só querem vender não se importando com o outro. Cada um por si e o resto que se dane.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos)?

Violência.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas?

Falta de emprego. Falta de abrir alguma coisa para as crianças e para adolescentes trabalharem ou fazerem algum curso. Um lugar para tirar esses jovens todos da rua.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas?

É só ele não roubar muito. Se ele fosse dividir o salário com os outros dando sexta básica. Além de o governo ganhar seu salário ele rouba o dos outros. É o caso do roubo do...

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas?

As pessoas têm que se unir. Dividir o que tem com os que não têm. Nem todos pensam assim. Quanto mais tem, mais querem não se preocupando com os outros.

O que seria necessário para solucioná-los?

O governo saber administrar, o prefeito, os cabeças. Se eles se unissem e pensassem mais nas pessoas que precisam.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas?

Vai melhorar. Tenho pensamento positivo, corro atrás, batalho, luto pelo o que eu quero. Ser honesto. O que vem fácil também vai fácil. Se fosse depender dos outros estaria morando de aluguel. Tem que correr atrás.

O que significa para você a expressão vencer na vida?

Saber o que quer. Cada coisa que consigo, coloco na cabeça que tenho que batalhar para conseguir. As pessoas que moram comigo me ajudam e eu ajudo elas.

Você se considera um vencedor?

Sim. Consegui criar os filhos. Estão casados, estudando, tem casa própria.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual?

Social porque a sociedade não se ajuda. As pessoas têm que pensar mais nós outros e não só nelas. A sociedade é muito cruel. Para conseguir emprego tem que estar bem vestida.

Entrevista

Nº.: 5

Local: Sapucaia do Sul **Data:** 03/12/2009

Entrevistador: Adimilson Renato da Silva

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Elisandra

Sexo: Masculino () Feminino (X)

Cor: Branco (X) Negro () Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Não tenho.

Data de nascimento: 04/01/1982 **Município onde nasceu:** Sapucaia

Estado civil () Solteiro (X) **Outro** () **especificar:**

Possui filhos: Sim (X) Não () **Quantos?** Quatro

Município de nascimento: Sapucaia

Posição na família:

Chefe (X) **Cônjuge** () **Filho** () **Outro parente** () É viúva há seis meses

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Filho	11	Sim	4ª do Ensino Fundament	Solteiro
Filho	07	Sim	1ª do Ensino Fundament	Solteiro
Filho	05	Não	Não	Solteiro
Filha	01	Não	Não	Solteira

Município em que reside: Sapucaia

Residência é própria? Sim (X) Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? Vinte e quatro anos. Sempre morei com meus pais.

Em relação à escolaridade:

Está estudando () **série atual**

Não está estudando (X) **Até que série estudou?** 7ª do Ensino Fundamental

Atividade que desempenha atualmente? Vendedora

Já foi empregado (carteira assinada)? (X) Sim () Não

Onde? Endler Fábrica de Salsichas.

Quanto tempo? Dois anos

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$ 550,00

Possui outras atividades profissionais (especificar): Não

Há quanto tempo está realizando esta atividade? Um anos

Em que trabalhava anteriormente? Fábrica de Salsicha

Qual o rendimento médio da atividade? R\$ 600,00.

Possui outros rendimentos? Quais? Não

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? Nenhuma

Qual a renda familiar? R\$ 600,00 mais a aposentadoria dos pais.

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

() Sim () Não (se sim) quantos?

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar esta atividade? Não sabia fazer troco direito, não tinha papo para vender.

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.)

São as mesmas porque vou voltar a trabalhar numa firma, aonde posso até ganhar menos, mas tenho mais garantia.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores?

Mais emprego para as pessoas poderem comprar. De todas as pessoas que eu conversei, pelo menos 60 % estão desempregadas.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho?

Normal. Não! Porque como estou trabalhando com o público ao voltar para a empresa se torna angustiante, ambiente fechado.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral)

Difícil. As pessoas com quem eu conversei dizem que tem vergonha de trabalhar com o público. Eu antes de trabalhar na fábrica, já vendia pano de prato, DVD.

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? Sim. Às vezes o POE (pelotão de operação especial) aparece e complica porque vendo cigarros e óculos. A situação que ocorre é esconder os produtos, pois já foram vários apreendidos.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê?

Sim. Conseguir trabalho numa firma. Esta atividade que desempenho não é futuro. O meu seguro desemprego está acabando e o trabalho na firma possibilita conseguir empréstimo.

Como você avalia a sociedade em que vivemos?

Mais ou menos.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos)?

Desemprego.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas?

Fechamento das firmas.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas?

Gerar mais empregos abrindo mais firmas.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas?

Umhas pessoas trabalham e outras ficam na malandragem.

O que seria necessário para solucioná-los?

.Gerar mais emprego.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas?

Tendo um emprego e saúde já está muito bom, o resto não importa.

O que significa para você a expressão vencer na vida?

Trabalhar, criar os filhos. Sei lá, não penso muito nisso.

Você se considera um vencedor?

Sim porque criei quatro filhos.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual?

Social, sei lá, não sei.

Entrevista

Nº.: 6

Local: R: Capitão Camboim – Sapucaia do Sul

Data: 04/11/2009

Entrevistador: Deise S. Costa

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Edi

Sexo: Masculino () Feminino (X)

Cor: Branco (X) Negro () Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Católica

Data de nascimento: 10/09/1963

Município onde nasceu: Porto Alegre

Estado civil : Solteiro () Outro (X) especificar: Casada

Possui filhos: Sim (X) Não () Quantos? Cinco (5)

Município de nascimento: Guaíba

Posição na família:

Chefe () Cônjuge (X) Filho () Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Marido	51	Não	3º série	Casado
Filho	31	Não	1º ano do ensino médio	Casado
Filho	28	Não	8º série	Casado
Filho	26	Não	2º ano do ensino	Casado

			médio	
Filha	23	Não	Ensino fundamental compl.	Casada
Filho	21	Não	Ensino fundamental compl.	Casado

Município em que reside: Sapucaia do Sul

Residência é própria? Sim () Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? Dez anos

Em relação à escolaridade: Está estudando () **série atual**

Não está estudando () **Até que série estudou:** 3° série

Atividade que desempenha atualmente? Camelô

Já foi empregado (carteira assinada)? () Sim () Não

Onde? Empresa evolução – serviços de diaristas

Quanto tempo? Dois a três anos

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$ 460,00

Possui outras atividades profissionais (especificar): Não

Há quanto tempo está realizando esta atividade? Sete anos

Em que trabalhava anteriormente? Doméstica

Qual o rendimento médio da atividade? R\$ 500,00

Possui outros rendimentos? Quais? Marido trabalha (biscate)

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? Três pessoas

Qual a renda familiar? R\$ 500,00 a 600,00, pois meu marido não é sempre que consegue um bico

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

() Sim () Não (se sim) quantos? Meu marido

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar esta atividade?

Nenhuma dificuldade

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.)

Queria que melhorasse, mas só um milagre para vender mais.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados?

Ir para outro lugar, não tem muito movimento aqui, mas dá pra quebrar o galho

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho?

Adoro, carteira tem que obedecer todo mundo, e sem carteira pode sair à hora que quer, mas eu queria carteira assinada com essa atividade que faço.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral)

Todo mundo gosta de mim, para conversar, pois tem uns que adoram camelô e outros odeiam.

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual?

Nunca enfrentei nada

Você pensa em mudar de atividade? Por quê?

Não (acho) tinha vontade de fazer cachorro quente, mas tenho medo de mudar e não dar certo.

Como você avalia a sociedade em que vivemos?

A coisa que eu acho ruim são os drogados, mas a sociedade está boa.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos)

Falta de dinheiro, falta de oportunidade (de 32 anos pra cima não arruma mais emprego), assalto – falta de segurança, as drogas e a saúde esta um caos.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas?

Falta de trabalho, por isso que roubam e se drogam, não tem emprego e agora os jovens com 14 anos não podem trabalhar.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas?

Internar os “drogados”, ter mais policiamento, criar empregos, mais educação (em primeiro lugar), arrumar a saúde (dos drogados inclusive) botando mais pessoas nesta área e mais professores.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas?

O governo que tem que dar um jeito, nós não podemos fazer nada.

O que seria necessário para solucioná-los?

Se o governo olhasse cada coisa e resolvesse, por exemplo, a saúde a gente vai aos hospitais e é um caos, se fossem lá iam ver a situação, talvez investigar e pesquisar para revolver um problema de cada vez.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas?

A coisa vai estar feia se não melhorar, os assaltos e os drogados vão estar cada vez mais horríveis.

O que significa para você a expressão vencer na vida?

Lutar, ter uma casa linda, um sitio e um carro para passear.

Você se considera um vencedor?

Estou lutando, mas esta difícil.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual?

Social, pois tem muita gente que luta e luta e nunca consegui nada.

Comentários adicionais do entrevistado (a)

Estou muito preocupada com as pessoas que usam drogas, a saúde esta péssima.

Entrevista

Nº.: 7

Local: Avenida Sapucaia - Sapucaia do Sul

Data: 25/11/2009

Entrevistador: Deise S. Costa

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Michele
Sexo: Masculino () Feminino (X)
Cor: Branco (X) Negro () Amarelo () Pardo ()
Qual sua religião? Católica
Data de nascimento: 26 / 07 / 1985 **Município onde nasceu:** são Leopoldo
Estado civil : Solteiro () **Outro (X) especificar:** “mora junto”
Possui filhos: Sim (X) Não () **Quantos?** Dois (2)
Município de nascimento: Sapucaia do Sul
Posição na família:
Chefe () Cônjuge (X) Filho () Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Marido	24	Não	4º série	Casado
Filho	6	Sim	Pré	
Filho	4	Não		

Município em que reside: Sapucaia do Sul
Residência é própria? Sim (X) Não ()
Há quanto tempo reside no endereço atual? Um ano e seis meses
Em relação à escolaridade:
Está estudando () série atual
Não está estudando (X) Até que série estudou: 1º do ensino médio
Atividade que desempenha atualmente? Vendedora
Já foi empregado (carteira assinada)? () Sim (X) Não
Onde? nenhum
Quanto tempo?
Quanto recebia de média de salário recebida? R\$ em outro emprego informal recebia 28,00 reais por dia
Possui outras atividades profissionais (especificar): Não
Há quanto tempo está realizando está atividade? Dois meses nesta banca, mas já faz dois anos que trabalho em banca.
Em que trabalhava anteriormente? Em outra banca
Qual o rendimento médio da atividade? R\$ 15,00 para trabalhar seis horas
Possui outros rendimentos? Quais? Meu marido trabalha
Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? Só meu marido
Qual a renda familiar? R\$ 700,00
Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?
() Sim (X) Não (se sim) quantos?

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar está atividade?

Nenhum problema, pois não tem nada ilegal na banca.

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.)

As expectativas não são muitas, esse emprego é temporário só até o final do ano, sem carteira assinada nada é certo.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores?

Arrumar um emprego melhor com carteira assinada para ter direitos.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho?

Boa, mas nas lojas é melhor porque tem os direitos.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral)

Normal, tem uns clientes que são chatos, mas é assim em todos os comércios. E tem gente que não compra em camelô.

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual?

Só com os colegas, eu vendia mais e eles não gostavam.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê?

Sim, mas quero continuar no comércio só que com carteira assinada.

Como você avalia a sociedade em que vivemos?

As drogas estão “em alta, roubo e muito desempregados.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos)

Desemprego e saúde.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas?

Muitas vezes as pessoas não querem trabalhar e outras têm dificuldades para conseguir, e a saúde é muita burocracia, quando se paga as coisas funcionam.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas?

O governo deveria dar mais em cima dos prefeitos para funcionar.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas?

Cooperar, dar mais em cima, exigir e manter as coisas que tem.

O que seria necessário para solucioná-los?

O prefeito sempre em cima, eles mesmos fiscalizarem e visitarem.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas?

Que vai melhorar. Que tivesse mais emprego e saúde essas coisas.

O que significa para você a expressão vencer na vida?

Conseguir tudo que se quer, ver os filhos crescer e ter bastante saúde.

Você se considera um vencedor?

Sim, pois não passo necessidade, tenho saúde e corro atrás do que quero.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual?

Individual, porque quem quer corre atrás.

EntrevistaNº.: 8

Local: Avenida Sapucaia - Sapucaia do Sul

Data: 25/11/2009

Entrevistador: Deise S. Costa

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Daniela

Sexo: Masculino () Feminino (X)

Cor: Branco (X) Negro () Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Católica

Data de nascimento: 14 / 05 / 1976 **Município onde nasceu:** São Leopoldo

Estado civil : Solteiro (X) Outro () especificar:

Possui filhos: Sim (X) Não () **Quantos?** Um (1)

Município de nascimento: São Leopoldo

Posição na família:

Chefe (X) Cônjuge () Filho () Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Filha	17	Sim	Ensino médio	Solteira

Município em que reside: Sapucaia do Sul

Residência é própria? Sim () Não (X)

Há quanto tempo reside no endereço atual? 20 anos

Em relação à escolaridade:

Está estudando () série atual

Não está estudando (X) Até que série estudou: ensino fundamental completo

Atividade que desempenha atualmente? Vendedora

Já foi empregado (carteira assinada)? (X) Sim () Não

Onde? Estacionamento – paquímetro

Quanto tempo? Quatro anos

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$ um salário mínimo

Possui outras atividades profissionais (especificar): Não

Há quanto tempo está realizando está atividade? Um ano

Em que trabalhava anteriormente? Monitora de estacionamento

Qual o rendimento médio da atividade? R\$ um salário mínimo

Possui outros rendimentos? Quais? Bolsa família da minha filha

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? Nenhum

Qual a renda familiar? R\$ um salário mínimo

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

() Sim (X) Não (se sim) quantos?

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar está atividade? Nenhuma, mas quem vende cd e DVD pirata enfrenta.

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.)

Tem que melhorar, pois o movimento está fraco, o pessoal não tem dinheiro – ficaram presos ao cartão.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse resultados melhores?

Falta o pessoal ter o dinheiro, mas teve essa crise.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho?

Normal, pois gosto de trabalhar com o público, eu já tive uma banca e vendi.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral)

Acho que gostam pelo menos ninguém nunca reclamou.

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual?

Nenhuma, as mercadorias são nacionais.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê?

Não, está bem assim, eu mesmo pago o INSS.

Como você avalia a sociedade em que vivemos?

Muita violência falta um pouco de humanidade o pessoal esta sem consciência.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos)

Falta de dinheiro (desemprego), subiram muito os preços, o pessoal vive só para comer, para adquirir algo a mais é difícil.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas?

Tanto a gente quanto o governo. As drogas (a pedra) aumentam a violência e isso fica fora de controle.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas?

Ter mais fiscalização em relação as drogas e tentar tirar as pessoas do mundo das drogas.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas?

Ajudar o governo a fiscalizar.

O que seria necessário para solucioná-los?

“Matar todos os ladrões”, prender não adianta, não tem mais como controlar.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas?

Talvez as crianças sejam um futuro melhor, essa é a esperança.

O que significa para você a expressão vencer na vida?

Lutar contra essa guerra do tráfico, ai o futuro será melhor e ser um vencedor.

Você se considera um vencedor?

Sim, pois tenho emprego, família, pouco dinheiro, mas aí a gente corre atrás.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual?

Social, por causa das dificuldades dos empregos formais, pela idade e porque essas pessoas que são mais velhas não têm estudo, fica difícil arrumar emprego.

Comentários adicionais do entrevistado (a)

A entrevista salientou que tinha muita saudade do antigo emprego.

Entrevista

Nº.: 9

Local: Avenida Sapucaia - Sapucaia do Sul **Data:** 14 /12/2009

Entrevistador: Deise S. Costa

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Sandra

Sexo: Masculino () Feminino (X)

Cor: Branco (X) Negro () Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Católica

Data de nascimento: 09 / 09 / 1966 **Município onde nasceu:** Esteio

Estado civil : Solteiro (X) Outro () especificar:

Possui filhos: Sim (X) Não () **Quantos?** Cinco (5)

Município de nascimento: Sapucaia do Sul e Porto Alegre

Posição na família:

Chefe (X) Cônjuge () Filho () Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Filha	26	Não	Ensino fund. Completo	Solteira
Filho	25	Não	3ª série	Solteiro
Filho	18	Não	7ª série	Solteiro
Filho	10	Sim	Esta na 4ª série	
Filha	6	Sim	1ª série	

Município em que reside: Sapucaia do Sul

Residência é própria? Sim (X) Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? 3 anos

Em relação à escolaridade:

Está estudando () série atual

Não está estudando (X) Até que série estudou: 4ª série

Atividade que desempenha atualmente? Vendedora

Já foi empregado (carteira assinada)? (X) Sim () Não

Onde? Hotel em Porto Alegre

Quanto tempo? Um ano e três meses

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$ 700,00

Possui outras atividades profissionais (especificar): Não

Há quanto tempo está realizando esta atividade? Duas semanas

Em que trabalhava anteriormente? Camareira e recepcionista
Qual o rendimento médio da atividade? R\$ um salário mínimo
Possui outros rendimentos? Quais? não
Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? não
Qual a renda familiar? R\$ um salário mínimo
Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?
 Sim Não (se sim) quantos?

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar esta atividade? Um pouco envergonhada, pois é a primeira vez que trabalho de vendedora, mas estava precisando trabalhar.

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.)

Ter a minha própria banca, conseguir juntar experiências.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores?

Aumentar o movimento.

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho?

Não é a melhor, não tem segurança, pois não tem carteira assinada.

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral)

Acham bom, tem tudo e é mais barato que nas lojas. .

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual?

Não.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê?

Sim, quero trabalhar na minha profissão de recepcionista e ter carteira assinada

Como você avalia a sociedade em que vivemos?

Média, em geral a política é horrível só prometem e não cumprem.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos)

Segurança, as drogas estão espalhadas e os políticos não fazem nada.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas?

Falta de policiamento, a violência só aumenta e as drogas que estão nas portas das casas e das escolas e assim gera toda essa violência.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas?

Aumentar o policiamento principalmente nas vilas com maior numero de drogados.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas?

Cuidar e orientar os filhos mostrando o caminho e explicando desde cedo.

O que seria necessário para solucioná-los?

Uma policia mais competente, a maioria é corrupta e mantêm as coisas funcionando (o trafico)

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas?

“Negro”, por causa das drogas que está tomando conta.

O que significa para você a expressão vencer na vida?

Um salário que eu pudesse manter minha família, morar em um lugar bom, saúde e segurança.

Você se considera um vencedor?

Sim, porque eu nunca desisti e nunca tive medo de lutar.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual?

Individual, pois é pobre quem se acomoda e o povo é um pouco acomodado

Observações do entrevistador sobre a realização da entrevista

Está entrevista foi feita na banca que fica junto ao metrô. A entrevistada trabalhava na banca há pouco tempo, perguntei se tinha sido contratada por causa do natal e ela disse que não e que não era temporário, mas ela demonstrou pouco interesse em continuar desenvolvendo aquela função, queria muito voltar a exercer sua antiga profissão. Enquanto eu a entrevistava a vendedora da banca ao lado se ofereceu para me dar uma entrevista, pois queria dizer que ganhava mal, mas que só poderia responder se fosse logo, antes da dona da banca chegar; infelizmente não pude entrevista-la, pois a dona da banca logo chegou, mas achei interessante a forma como ela colocou o problema do salário baixo, pois queria relatar a sua indignação.

Entrevista

Nº.: 10

Local: Avenida Sapucaia - Sapucaia do Sul

Data: 14 /12/2009

Entrevistador: Deise S. Costa

Nome do Entrevistado (a) (somente 1º nome): Daiane

Sexo: Masculino () Feminino (X)

Cor: Branco (X) Negro () Amarelo () Pardo ()

Qual sua religião? Católica

Data de nascimento: 15 / 09 / 1989 **Município onde nasceu:** Sapucaia do Sul

Estado civil : Solteiro () Outro (X) especificar: Casada

Possui filhos: Sim (X) Não () Quantos? um (1)

Município de nascimento: Sapucaia do Sul

Posição na família:

Chefe () Cônjuge (X) Filho () Outro parente ()

Ficha familiar:

Posição na família	Idade	Está estudando	Série que estuda ou estudou	Estado civil
Marido	21	Não	1 ano do ens. Médio	Casado
Filho	3	Não		

Município em que reside: Sapucaia do Sul

Residência é própria? Sim (X) Não ()

Há quanto tempo reside no endereço atual? 2 anos

Em relação à escolaridade:

Está estudando () série atual

Não está estudando (X) Até que série estudou: 7ª série

Atividade que desempenha atualmente? Vendedora

Já foi empregado (carteira assinada)? () Sim (X) Não

Onde? Trabalhou sem carteira em outra banca

Quanto tempo? Um ano

Quanto recebia de média de salário recebida? R\$ 20,00 por dia

Possui outras atividades profissionais (especificar): Não

Há quanto tempo está realizando esta atividade? Um mês nesta banca

Em que trabalhava anteriormente? Vendedora em banca (camelô)

Qual o rendimento médio da atividade? R\$ 600,00

Possui outros rendimentos? Quais? A renda do marido

Quantas pessoas da família (que moram juntos) trabalham? O marido trabalha

Qual a renda familiar? R\$ 1000,00

Outras pessoas da sua casa trabalham no mercado informal?

() Sim (X) Não (se sim) quantos?

Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para desempenhar esta atividade?

Só de ter que deixar o filho para trabalhar.

Quais são suas expectativas em relação a sua atividade? (vai melhorar, piorar etc.)

Vai melhorar, porque aqui eu ganho melhor.

O que teria de ocorrer para que você obtivesse melhores resultados melhores?

Ter um espaço maior

Como você vê a sua atividade comparativamente a outras atividades de trabalho?

Acho pior, pois os outros têm mais facilidades no pagamento, em relação a ser funcionária é ruim porque não tem carteira assinada, mas aqui eu recebo melhor do que em loja

Como você acha que as outras pessoas vêem esta atividade? (Visão geral)

Algumas não gostam e reclamam na prefeitura por não ter espaço na calçada.

Você já enfrentou alguma situação de conflito em decorrência desta sua atividade? Qual? Não.

Você pensa em mudar de atividade? Por quê?

Sim, porque quero um lugar que eu ganhe mais e tenha carteira assinada.

Como você avalia a sociedade em que vivemos?

Péssima, tudo é ruim, ninguém colabora com ninguém, uma falta de educação, transporte é ruim, falta de segurança e muito desemprego.

Quais são os principais problemas que enfrentamos? (socioeconômicos)

Lixo nas ruas, falta de segurança e desemprego.

Em sua opinião o que ocasionou estes problemas? Quais são as suas causas?

A cidade nunca ter tido um bom prefeito e o país um bom presidente.

Qual o papel do Governo frente a estes problemas?

Botar policiais nas ruas e os políticos pararem de roubar, já dava para investir em muita coisa.

Qual o papel da sociedade em relação a estes problemas?

Ajudar a cuidar do município.

O que seria necessário para solucioná-los?

As pessoas e o governo deveriam se unir, eles fazem e nós mantemos.

Como você vê seu futuro? Quais suas expectativas?

Melhor, porque vai mudar o governante ano que vem.

O que significa para você a expressão vencer na vida?

Conseguir trabalho, casa e ter um bom dinheiro no banco.

Você se considera um vencedor?

Ainda não, pois não tenho tudo que pretendo ter.

Você acha que a pobreza é um problema social ou é um problema individual?

Individual, pois cada um tem que fazer por si.